



✓

29606

H. 101.



Caylor Institution.

M  
1895









Vertical line on the left side of the page.

**VERSOS**  
**DE**  
**FILINTO ELYSIO.**



**VERSOS**  
DE  
**FILINTO ELYSIO.**

---

---

Tomo VII.º - VIII

---

---

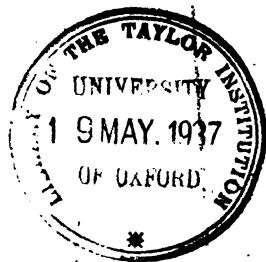
~~~~~

**PARIS,**

**Chez BARROIS, Libraire, quai  
Voltaire N.º. 5.**

---

**Anno de 1806.**



21137

---

O D E

AO ILL<sup>mo</sup>. E EX<sup>mo</sup>. COMMENDADOR

JOZÉ MANOEL PINTO,

EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM ROMA:

---

Ad summam, sapiens uno minor est Jove.

*Horat. lib. 1, ep. 1.*

---

QUAM cegos, quam errados no caminho  
Da sólida verdade,  
Forão esses mortaes, que imaginaraõ,  
Que em lettras expozeraõ  
Serem de tóscos tronços produzidos  
Os homens; (1) e inda agóra

---

(1) Arcades huic veteres, astris lunaque priores  
Agmina fida datis, nemorum quos stirpe rigenti  
Fama satos, cum primùm pedum vestigia Tellus  
Admirata tulit. Nondum arva, domusque neque

( Urbes

Connubique modus: quercus, laurique ferebant  
Cruda puerperia, ac populos umbrosa creavit  
Fraxinus, et fætâ puer excidit orno.

*Statius.*



Conservarem da origem tósca os rasgos !  
Tam bronco é Homéro , ou Newton ?  
Jazem na mente de Rosseau divino  
Brutézas d'uma enzinha ?  
Quem pôde compassar giros dos Orbes ;  
Quem dar semblantes , géstos  
A idéias incorpóreas , fingidas ,  
Vem de rayzes brutas ?  
Tu de árvore Celéste só poderás  
Ser , Rousseau , descendente :  
Que só rompem dos tronços do alto Olympo  
Tal sizo , e táes virtudes . (1)  
Sim , de árvore Celéste vem os homens ;  
Que como tu , oh Pinto ,  
Compreendem co'a alta mente o vasto cerco  
Das Artes , das Sciencias ,  
E que ornaõ co'a grinalda das Virtudes  
Quanto a sciencia abrange .

---

(1) Digne de l'âge d'or , et de l'antique Rome ,  
Protecteur de l'enfance et de l'humanité ,  
L'apôtre précurseur de notre liberté .

*Prolog. du Philinte de Molière.*

---

## E P I T A P H I O.

AQUI jaz, mui contente de seu Fado,  
Jacinto Palmeiraõ ; (1)  
Que quatro lindas vezes foi cazado,  
E quatro foi cabraõ.  
Cazou pobre ; e morreu rico, e faceira. (2)  
Quanto val ter mulher bella, e Loureira. (3)

---

(1) O nome mudei-lho eu aqui por não ofender a sua memoria ; mas a verdade do Epigramma podem abona-la muitos, que como eu, o conheceraõ. O tal cabraosinho, com tanto que a mulher, ou mulheres, com quem cazou ( que todas lhe conheci formosas, e elle como taes as escolhia para o trato ) lhe recheassem a algibeira, para galear a seu gosto, nunca perguntou d'onde lhes vinha o ganho.

(2) Vejaõ, no Anatômico jocososo, a definição de *Faceira*.

(3) *Loureiras* chama D. Francisco Manoel ( na Guia de cazados ) as mulheres, que os francezes chamaõ *femmes galantes*. Creio que a razão de lhes dar esse titulo é tirada do costume dos taverneiros, que põem louro à porta, como signal ; e que na Lógica, que eu aprendi, chamaraõ *ex instituto*.

---

O D E  
A' LIBERDADE,  
DEDICADA  
AO ILL<sup>mo</sup>. E EXC<sup>mo</sup>. SENHOR  
MARQUEZ DE BOMBELLES,  
EMBAIXADOR DE S. M. CHRISTIAISSIMA  
EM PORTUGAL:

---

Jupiter illa piæ secrevit littora genti.  
*Horat. Epod. 16.*

---

QUE é o que eu ouço , oh Deoses !  
A minha eburnea Iyra ,  
Que reponza , depois que a clara gloria  
Cantei soberbo , do Albuquerque duro ,  
Naõ toccada resôa ,  
E , do Vate incurioso , a maõ convida ?

\* \* \*

Respeitavel Prodigio ,  
Acceito o auspicio fausto :  
Feitos altos , a Musa , que te excita ,

Em grandiloquo métre me aparelha:  
Já me assinala as cordas,  
E ao meu sujeito ouvido o canto ajusta:

\* \* \*

Qual ; da Sicyonia praia ,  
Parte o Agenorio (1) incerto ,  
Buscando a linda Irman , mal-confiada  
No fallaz touro de nevada fronte ;  
E dôbra ancioso as crespas  
Pontas dos alongados promontorios :

\* \* \*

Por insólitos mares ,  
Calcando insanos medos ,  
D'alem Colomb , daqui o inclito Gama  
Vaõ tremolar Occidentâes bandeiras  
Entre povos , que ajoelhaõ  
Ante homens Numes , dos trovoês Senhores:

---

(1) Cum pater ignarus, raptam perquirere Cadmo  
Imperat, et pœnam, si non invenerit, addit  
Exilium, facto pius, et sceleratus eodem.  
Orbe pererrato (quis enim deprendere posset  
Furta Jovis?) profugus patriamque, iramque  
Vitat Agenorides. (parentis

*Ovid. Metamorph. lib. 3, ad init.*

Os Tritões insolfridos ,  
Que os não rompidos mares ,  
Com desatado arrojo , assim devasse  
Do extremo Occaso o morador affeito ,  
Depoem á ingrata nova  
Ante o trono do céruo Tyranno.

\* \* \*

Neptuno enfurecido  
Do sòlio se arremessa ,  
E c'ò braço potente abala o fundo  
Do mar , que se amontoa , e se espedaça ;  
Que encapellado atira  
De serra a serra , os descorados lenhos.

\* \* \*

Eis ja , Cabral , descòbres  
Os Brazis não buscados :  
C'os salgados vestidos gotejando , (1)  
Pezadô bejas as douradas praias ;  
E , aos Pòvos , que te-hospédaõ  
Ígnaro do vindouro , os grilhoês lanças.

\* \* \*

A: Bondade , a Innocencia :

---

(1) Com o marulho das ondas embatidas trazia os vestidos humidos , e pezados quando desembarcou.

( 7 )

Que immemoriaes impéraõ  
Nos Reinos naõ avaros de aurea veyã ,  
Dos costumes da Europa espavoridas ,  
As gentes desamparaõ  
Miserandas. . . Éntam a Liberdade ,

\* \* \*

As azas , naõ manchadas  
De baixa tyrannia ,  
Solton izenta pelos ares livres ;  
Mal que avistou a Escravidãõ ao longe ,  
Roupas trajando sanctas ,  
Vir estes climas demandar ditosos.

\* \* \*

Ao vento se desfraldaõ ,  
E as velas já branquejaõ ,  
Que as leis escuras trazem , sanguinosãs ,  
Trazem cordas , grilhaõs , trazem segõtes ,  
( Da Liberdade em troco )  
Para as Naçoës , que o crime mal conhecem

\* \* \*

Géme a America ao pézo ,  
Que insolente lhe aggrava :  
Dos Vicios a cohorte maculosa : (1)

---

(1) Maculosum nefas. — *Horat. lib. 1, ed. 5,*

O veneno da Europa se derrama ,  
E os mudos valles trôão  
C'o trémulo fragor do bronze rouco.

\* \* \*

Themis , co' as mãos ao rosto ,  
Subito os olhos cerra ,  
Quando encara as fogueiras flammejando ,  
O Rei maniatado , o algoz-sedento ,  
Peló ouro mal-devoto (1)  
Decepando as cabeças innocentes.

\* \* \*

Mas... Que doce violencia  
Me retira de tanta  
Scena de horrores? Qual me esparges néctar ,  
Musa , pelos mortáes , pezados membros;  
Que mal tócco , ligeiro ,  
As azuladas , transparentes ondas ?

\* \* \*

Deste licor banhado ,  
O dulcisono Orpheo ,  
Assim seguia a pròvida Calliope ,

---

(1) Que não tinha sido até entam empregado  
em pagar missas , e outras devoções.



( 9 )

Desde os mares da Grecia, ao Nilo ignoto ;  
Quando o mysterio Egyptio  
Quiz registrar , do alto saber avaro.

\* \* \*

Salve , copado Bosque ,  
Salve , plaoido Azylo  
Da casta , foragida Liberdade.  
Là vejo o Templo seu aprico , imenso ,  
Que encerrar-se não deixa ( 1 )  
De bronzeas portas , artozoados téctos.

\* \* \*

Là vejo , inda entalhado  
Nessa arvore robusta ,  
Do humanissimo Pen o nome grato :  
Inda os costumes saõs , que elle plantara ,  
Recendem nestas veigas ,  
Orvalhados de amiga tolerancia.

\* \* \*

Aqui , nos terroës toscos  
Sentados , acceitavaõ  
Os Selvagens indigenas o preço

---

(1) Como antigamente se não fechavaõ em  
Roma as portas das Cazas , em que moravaõ os  
Tribunos do Povo.

\*

Da terra ja alem-dada : (1) exemplo insigne,  
Que inculpirá infamia  
Nos que as plagas naé suas captivaraõ !

\* \* \*

Naõ mais, naõ mais, oh Musa ;  
Naõ mais furor me accénda.  
Sinto o sangue correr atropellado,  
O cerebro assaltar-me aguda chamma  
De fatidico incendio :  
Nã, do futuro, a Jove arranco as chaves.

\* \* \*

Como risonha, e déstra  
Treze Regioés discorre :  
Como co' as alvas maõs lhes québra o jugo,  
E as toma, a Liberdade, em annel firme !  
Como as dextas lhe enlaça,  
Sópra em seus peitos brios, esperanças !

\* \* \*

Soltaõ-se os pendoés livres  
Ao teu sizudo aceno,  
Philosopho Francklin, que arrebataste

---

(1) Veja se o Diccionnario dos Homens Il-  
lustres na palavra Penn.

Aos Céos o Rayo, o Sceptro a Tyrannia; (1)  
E ao teu aviso, em Boston  
O Lyrio (2) ajudador tremôla, ovante.

\* \* \*

De honra e valor armado,  
Washington, alli te érgues,  
E ao Congresso indeciso a sé abonas.  
Tu és sua muralha, e seu escudo;  
Qual, outrôra no Lacio,  
O Fabio tardador, (3) à afflicta Roma.

\* \* \*

Os Socios protegidos,  
Os Tyrannos exhaustos  
São eternos braços da tua gloria,  
Que cresce triumphal na redondeza,  
Como os circulos crescem  
Em lago, que no centro foi ferido.

\* \* \*

Neste limpo terreno

---

(1) Eriquit cœlo fulmen, sceptrumque tyrannis.

*Verso de M. r Taylor e Francklin.*

(2) A armada Franceza, que foi em seu socorro.

(3) Vistricisque moras Fabii, — *Propert.*

Virá assentar seu throno  
A san Philosophia , mal acceita ;  
E Leis mais brandas regerão o mundo ,  
Quando homens mais kumanos ,  
C'è rayo da Verdade, a luz espalhem.

\*  
\* \*

Já de Sapiencia ricos ,  
Enxames Philadelphios  
Vaõ conquistar com almo ensine a Europa ;  
Sem bayonetas , sem canhoës escravos ,  
Vaõ plantar geneçosos  
Ramos da restaurada Liberdade :

\*  
\* \*

Quáes , do florido Hymetto ,  
Mellificas abelhas ,  
Entre as azas do Zephyro amparadas ,  
Vaõ demandar , com vôo dezejoso ,  
As remotas devézas ,  
Que haõ-de adoçar c'os fabricandos favos.

---

L Y R A S.

---

V é como brilhão no azulado tecto  
As nitidas estrellas,  
Que nas pouzadas bellas  
Engastou o riquissimo Architecto.

Lá vem , Marfisa , por detraz do monte ,  
A Lua prateada ,  
Que deixa desmayada  
De tanto astro a luz , co' a clara fronte.

Verás da Aurora o apavonado riso  
Revestindo as campinas ,  
E às tochas diamantinas  
D'outro splendor maior trazer o aviso :

E n'um coche flammivomo , o Monarcha  
Da luz vivificante ,  
Alagar radiante  
Os Céos , a terra que estendido abarca.

Sò naõ verás ( o porque estou ansiando )  
Nos teus olhos formosos ,  
Dous sóes máis graciosos  
Abrir-se para mim , amor rayando.

---

---

ODE

A O S E N H O R

AUGUSTO MARQUET D'URTUBISE.

---

**V**ERDADE austera me resôa ná alma-  
Mortal , ouve o teu Mestre-  
Sobre as asas das Musas remontada ,  
Bebi liçoês augustas ;  
Ella me nomeou , ella me envia ,  
De suas leis constantes , pregoeiro.

\*  
\* \*

Ordem guardaõ nas rápidas campinas ,  
Esmaltadas de estrellas ,  
Exercitos de mundos , que navegão  
Espaços sem medida ;  
Nas ordenadas órbitas rodando ,  
Espreitaõ dô alto Nume o antigo aceno.

\*  
\* \*

Ordem mantêm , quanto elle tem creado :  
Ella rege sobrana  
Zephyros brandos , Euros tormentosos ;

Nas mãos tem a cadeya  
Que até o verme arrastado pela terra,  
Ao Rei soberbo, que dispoem do mundo.

\*  
\*\*

O Bem geral da vasta imbellè Pròle  
É nossa lei primeira.  
Feliz serei, se não quebranto iniquo,  
Com eriminoso insulto,  
A tranquilla ventura dos Humanos,  
Unico bem, para que à luz fai dado;

\*  
\*\*

Se, contra o meu Dever, não lottaõ na álma  
Paixões descomedidas;  
Se esse interesse vil, que as esporéa;  
Que levanta as querélas,  
Me não tóma no peito alto dominio,  
E a captiva Razaõ c'os pes-naõ calca.

\*  
\*\*

O cujo Charco dos brutáes deleites,  
Com amarga peçonha,  
Embebe os tãlos das viçosas plantas:  
Enfastiadás horas  
Vem embotar o gume do Desejo,  
E dos marmóreos Paços foge o Somno.

\*  
\*\*

Sê desata a Alegria limpas fontes



No coração, que é puro :  
Pelas portas das lóbregas masmorras  
Mette serenos dias  
O puro irrefragavel testemunho  
Da benefica vida, ao Crime adversa.

\*  
\* \*

Com quanto não me expobre atroz remorso  
Maléficas lembranças,  
Que me importa que os Bens, a Vida, a Fama  
Sejaõ lançaõ do Embuste ?  
Que pelo põ me arraste, desvalido,  
A traidora Fortuna, caprichosa ?

\*  
\* \*

Duro não peço ao soberbaõ piedade,  
Nem quartel ao injusto :  
Aggravado, innocente, mal-punido  
Tenho de ser ditoso,  
Co' a paz suave, na cabana humilde,  
Entre os braços do puro Regozijo.

\*  
\* \*

Porque heide cobiçar os bens sobejos  
De que desdenha o Sabio,  
E porque tanto o imprudente anhela ?  
Assim, por léves nadas,  
Câhem dos olhos, lagrimas mimosas  
Aos ignorantes, ávidos meninos.

Próvido Fado o Bem , o Mal reparte :

Ora meigo nos leva

Por prados , que de rozas nos tapiça ;

Ora , para arrancar-nos

Da mão ferrenha do contente Vicio ,

Por verédas de abrolhos nos empucha.

\*  
\* \*

Da lotta audaz c'o indocil Appetite

Te lembrarás com gosto ,

Quando se abrir um dia à tua mente

Esta Harmonia , esta Ordem

Que , do futuro austéro o véo nublado ,

A nossos olhos temerarios véda.



---

## ASTUCIA CONTRA AMOR.

VINHA Amor resolute a assettear-me :  
Eis, que eu lhe opponho um Odre aos cégos ti-  
Farpaõ sobre farpaõ cuida encravar-me, (ros-  
Ouvindo astutos , languidos suspiros.  
Quando vazia a aljava ,  
E a voz morta me sente,  
A vér o estrago o Atirador chegava ,  
E as feridas contar na réz jacente.  
Mas , do meu conto , pelas azas cruas  
Colho o Daninho ;  
Nas nalgas nuas  
Pezadas mãos colérico lhe assento.  
O Coitadinho ,  
No seu tormento ,  
Em vão me chóra ,  
Piedade implora ;  
Que eu surdo a rogos , surdo a terno pranto ,  
Por me vingar de tanto insulto e tanto ,  
Que em minha vida ,  
Este homicida  
Me fez acintemente ,  
Com ira incontinente ,  
No odre , que me amparou , sanhudo o affõgo ,  
Onde deu um arranco , e morreu lógo.

---

O D E

A' MINHA MUSA  
APPETITOSA DE CORRER MUNDO.

---

Tu, nisi ventis debés Indibrium,  
Cave. . . . Horat. lib. 1, od. 14.

---

**M**USA, que te affontaste a vér comigo,  
( Mal acceita na patria ) estranhas terras,  
Hoje sem mim te vás, desamparada,  
Tentar incantos Climas.

Naõ confies na arajem lisongeira,  
Nem nas azúes campinaas pergniçosas;  
Retalhados cachopos se te escondem  
Nas fementidas aguas.

Tême o estrangeiro Céu, tême as tormentas  
Desse pégo famoso por naufragios:  
Máis possantes baixeis, de louro ornados,  
Fraquearaõ rendidos,

A's severas rajadas; e rompidas  
As mal-colhidas vélas, uma sérra  
De agoa encurvada acapellou trementes  
Os descorçoados bordos.

Naõ convem aos humildes (1) a affoiteza ;  
E as praias coalhadas de destroços .  
Te vedaõ os arrojos ; nos alheios  
Te inculcaõ que escarmentes.

Dorindo , que bonanças te encarece ,  
Naõ acomette os mares , nem permite  
Que as suas nãos seguras , e alterosas  
Desafferrem do porto .

---

(1) — — Operosa parvus

Cármina fingo. — *Horat. lib. 4, od. 2.*

Naõ m'o attribua o Leitor a falsa , e ambi-  
ciosa modestia ; nunca eu menos cazo fiz de  
meus versos , que agora , privado ( pela ausencia )  
dos meus , do uso da minha lingua , e dos Clas-  
sicos della ; sem Quintilio , sem Pisoës , que me  
aconselhem , me censurem , etc. etc. etc.

Na Carta ao meu mui estimavel Amigo  
Avellar , que reimprimi , puz de propósito por  
inteira toda a passagem de Petronio que pertence  
aos que entraõ na Carreira poetica ; porque  
sirva de espelho , em que os Alumnos se mirem.  
Os que sentirem em si as qualidades requisitas ,  
estampem aquellas sentenças na memoria , para  
nunca se esgarrarem da Vereda alli apontada.  
E os que naõ acharem sua alma disposta como  
Petronio a requer , tómem outro caminho , e  
seremos menos inundados de máos versos. Eu  
devia tomar esse conselho para mim. Mas sem-  
pre tive má cabeça.

S O N E T T O

M O T T E

A magica Poesia os Céos encanta.

G L O S S A.

Co'a dextra avermelhada Jove horrendo  
Quiz alluir dos Orbes a structura ,  
E ao bárathro lançar a prole impura  
Do lôdo vil , mil rayos devolvendo.

Já nas entranhas do Ethna está gemendo ,  
Aos golpes do martello , a massa dura ,  
Já nos ares se espessa a nuve' escura ,  
Que ha-de fender-se com fragor tremendo...

Em tanto se ergue aos Céos um som Divino ,  
Que das Musas entoa a turba Sancta. — —  
Lá rompe o firmamento cristallino ;

Esfria a Jove o rayo , iras quebranta.  
Que valia não tens, Aonio Hymno !  
A magica Poesia os Céos encanta.

---

---

---

## AD GALLOS,

Quum orsis inter Magistratus dissidiis, acceptisque  
in Italia cladibus, nova belli civilis incendia  
nuntiarentur.

ANNO VII.

QUAE vesania, quis furor!  
Quàm cæco miseri turbine volvimur!  
Sors brutis melior feris  
Si nullo regitur gens moderamine.  
At quò, quò ruitis? novæ  
Cur cristæ galeis, telaque, et impie  
Astantur manibus faces?  
Ardebitne squâ Gallia dexterâ?...  
Eheu! jam satis et super  
Certatum est odiis exitiis;  
Cives parcite civibus,  
Atque iras acies vertite in hosticas...  
Pallent; nec moniti audiunt,  
Feralique premunt ora silentio.  
Errandine necessitas,  
Aut erroris amor desipientium  
Turbam præcipientem trahit?  
Nec jam certa Rei nec Ducibus fides;  
Expers Curia consili  
Delirat, populus plectitur innocens.



---

## T R A D U Ç A Õ .

OH desatino ! oh furia !  
Qual ( tristes ! ) cégo vortice nos volve ?  
Se aos homens nada enfreia ,  
Sorte melhor aos brutos coube. Onde ides  
Assomados ? Que novos  
Cocares embébeis (1) nos capacetes ?  
Que lanças , que fogachos  
Empunháes co' essas mãos despiçadas ?  
Será , quem ponha o fogo  
A' França a dextra vossa ? Ay ! máis que muito  
Com stragadores odios  
Se combateu téqui. Poupai , magnanimos  
Sangue Frances , Franceses  
Vertei na hostile cohorte as vossas iras.  
Infiãõ... nem já-escutaõ  
Avisos meus. Mortal silencio lhe áta  
Os labios. — No despenho  
Lança , a esse bando nescio , ansia de errarem ?  
Ou lhes faz o Erro força ?  
Nos Cabos , na Republica a Confiança  
Vacilla : de prudencia  
Falta , delira a Curia. Paga-o o Povo  
Innocente. Oh Discordia ,  
Onde impelles as mentes transviadas ?

---

(1) *Embébe a sétta no arco disse Vieyra.*

Quò Discordia devias  
 Mentis proripiet ? Numquid adhuc parùm  
     Fusum est sanguinis , et piget  
 Trites imperii reliquias suis  
     Non convellere sedibus ?  
 Ergo fumeribus funera , ( proh dolor ! )  
     Accedet nova stragibus  
 Strages , oppositæ læta Britannia !  
     Tectis squalida dirutis ,  
 Oppressisque silent artibus oppida :  
     Desertis dolet in viis  
 Pubes immeritis orba parentibus ;  
     Indignoque terit pede  
 Fraternalis silices cædibus ebrias ;  
     Et cultore carent suo  
 Versis in gladios arva lignonibus.  
     Urget dedecus additum  
 Damnis , inque dies vix medicabili  
     Gliscit pernicies malo ,  
 Dum rerum bona pars irrita defluit.  
     Ingens præsidium et jubar  
 Sublatum ex oculis quaerimus anxii :  
     Adsit qui velit improbas  
 Fraudes , et rabiem tollere civicam ;  
     Adsit qui PATRIAE STATOR (1)

---

(1) Quo sensu dicatur STATOR declarat Cicero ,  
 de Fin. Lib. III. « Atque etiam Jovem quum  
 » optimum et maximum dicimus, quumque eum-

-Não é inda bastante  
O'já vertido sangue ? E bem vos péza  
    Não ter desarraygado  
Do sitio os tristes restos deste Império ?  
    Cumpre ( oh mágoa ! ) que às mórtes  
Mórtes se unaõ , e a estrágos máis estrágos ?  
    Delicias de Albion invida !  
Esqualidas as villas em-mudecem ,  
    Esbroadas as Cazas ,  
As Artes opprimidas : as Crianças  
    Nas érmãs ruas , orphans  
Choraõ dos Páes as mórtes naõ-devidas ;  
    Com pé sanhudo , as pédras  
Roxas do sangue fraternal , pisando.  
    Forjados em alfanjes  
Os enxadaõs , de seu Cultor carecem  
    As geiras. Sobre posta  
Carréga sobre as Perdas , a Deshonra.  
    No mal , quasi-incursavel  
D'um dia em outro , o extremo damno caia ;  
    Em quanto embalde escõa  
Bõa parte dos bens. O esteio ingente ,  
    O splendor , que dos olhos  
Nos desviarãõ , ansiosos inquirimos.  
    Acuda quem destrúa  
Improbas fraudes , Civicas vinganças.  
    Acuda quem se atréva  
A ter nome de Páe da Patria ; e às rédeas  
    Aos devassos terrores

Seribi , ac terrificam strenuus audeat  
    *Refrænare licentiam* , et  
Libertate novâ luxuriantibus  
    Metas figere ahenas ;  
Præsens Ille suis carus et exteris.  
    O Navis , tibi creditum  
( Seram orbis requiem , fataque postera )  
    Serves depositum , precor :  
Quamvis remigio nudaque linteis ,  
    Tot defuncta periculis ,  
Mauros ó utinam , ritè faventibus  
    Euris , effugias sinus ;  
Spem gentisque bonam votaue sospites !

---

» dem Salutarem , Hospitalem , *Statorem* ; hoc  
» intelligi volumus salutem hominum in ejus  
» esse tutela. »

Et SENECA , de Beneficiis , Lib. IV. « Et Jo-  
» vem illum optimum ac maximum ritè dices et  
» Tonantem et *Statorem* , qui non ( ut historici  
» tradiderunt ) ex eo quòd post votum susceptum  
» acies Romanorum fugientium stetit , sed quòd  
» stant beneficio ejus omnia , *Stator* stabili-  
» torque est. »

---

Encolher alentado ; e pôr ballas  
De bronze aos desmandados  
Co' a Liberdade nova, aos seus ( presente ) (1)  
Amado assumpto, e a estranhos.  
Rogo-te , oh Não , que salves a confiança  
Em ti depositada  
( Tardo Socêgo do Orbe , e extrêmos Fados ! )  
Bem que desarvorada  
De mastos, e velâme ; e tantos p'rigos  
Hajas corrido. Oh praza  
A Deos, que às prayas Mouras bons Favonios  
Te escondaõ , e nos rimas  
Da França o anêlo , e as esperanças boas !

---

## E F F E I T O S

### DO AMOR MAL-CORRESPONDIDO.

QUANDO uma Mocetona lhe resistê ,  
O soberbaõ Inglez crê que ella o offende ;  
O Italião chora , e se arrepende :  
Nada há hã que console o Hespanhol triste ;  
O Allemaõ cóme , bébe , e se consola ,  
Para o Francez — repudio é carambola.

---

(1) Præsens divus habebitur Augustus.

*Horat. lib. 2, od. 5.*

---

O D E  
A LA FORTUNE,  
DE M. J. - B. ROUSSEAU.

**F**ORTUNE , dont la main couronne  
Les forfaits les plus inouis ;  
Du faux éclat qui t'environne  
Serons-nous toujours éblouis ?  
Jusqu'à quand , trompeuse Idole ,  
D'un culte honteux et frivole  
Honorons-nous tes autels ?  
Verra-t-on toujours tes caprices  
Consacrez par les sacrifices ,  
Et par l'hommage des mortels ?

Le Peuple dans ton moindre ouvrage  
Adorant la prospérité ,  
Te nomme Grandeur de courage ,  
Valeur , Prudence , Fermeté ,  
Du titre de Vertu suprême  
Il dépouille la Vertu même ,  
Pour le Vice que tu chéris :  
Et toujours ses fausses maximes  
Érigent en Héros sublimes  
Tes plus coupables Favoris.

---

O D E  
A' FORTUNA,  
DO SENHOR J.-B. ROUSSEAU,

QUERES co' a falsa luz que te rodeia,  
Sem termo, deslumbrar-nos,  
Fortuna, que os flagícios mais estranhos,  
Com cega mão corôas ?  
Até quando haõ-de honrar os teus azares;  
Idolo fraudulento,  
A ti rendidos os mortaes insanos;  
E pródigos de victimas,  
Com vengonhoas, frivolas respeitoas,  
Adesar teus caprichos ?

No teu menor Feitura acõta e Povo  
O teu prospere Numen :  
Valor te chama, generoso Brio,  
Sizo, Constancia chama.  
Para enfeitar o Vicio que perfilhas,  
Vás despir a Virtude  
De seus mais nobres, mais altivos fóras.  
Falso discorre, e exalta  
Os mais facinorosos teus validos  
Come os Herões egregios.

Mais , de quelque superbe titre  
Dont ces Héros soient revêtus ,  
Prenons la Raison pour arbitre ,  
Et cherchons en eux leurs Vertus.  
Je n'y trouve qu'extravagance ,  
Faiblesse , injustice , arrogance ,  
Trahisons , fureurs , cruautés.  
Étrange Vertu , qui se forme  
Souvent de l'assemblage énorme  
Des Vices les plus détestés :

Apprens que la seule Sagesse  
Peut faire les Héros parfaits ;  
Qu'elle voit toute la bassesse  
De ceux que ta faveur a faits :  
Qu'elle n'adopte point la gloire  
Qui naît d'une injuste victoire ,  
Que le Sort remporte pour eux :  
Et que devant ses yeux Stoïques ,  
Leurs Vertus les plus héroïques  
Ne sont que Crimes heureux.

Quoi ! Rome et l'Italie en cendre  
Me feront honorer Sylla ?  
J'admirerai dans Alexandre  
Ce que j'abhorre en Attila ?  
J'appellerai Vertu guerrière ,  
Une Vaillante meurtrière



Embora os o  
Aos  
Venha a Rai  
Co'  
Lá lhe aponta  
Fra  
Vejo traçoês  
Que  
Bruto parto  
Dos

Sabê, oh De  
Prod  
Que ella aoti  
Por  
Nem brazoês,  
Tem  
O Acaso os gr  
E tá  
Com vista stôic  
Entr

Honrarei Sylla  
Mett  
Louvarei de A  
Que  
Queres que el  
Os b

Qui dans mon sang trempe ses mains ?  
Et je pourrai forcer ma bouche  
A louer un Héros farouche ,  
Né pour le malheur des humains ?

Quels traits me présentent vos Fastes ,  
Impitoyables Conquerans ?  
Des vœux outrés , des projets vastes ,  
Des Rois vaincus par des Tyrans ;  
Des murs que la flâme ravage ,  
Des Vainqueurs fumans de carnage ;  
Un Peuple au fer abandonné ,  
Des Mères pâles et sanglantes ,  
Arrachant leurs Filles tremblantes  
Des bras d'un Soldat offensé.

Juges insensés que nous sommes ,  
Nous admirons de tels exploits !  
Est-ce donc le malheur des Hommes  
Qui fait la Vertu des grands Rois ?  
Leur gloire féconde en ruines ,  
Sans le meurtre et sans les rapines  
Ne saurait-elle subsister ?  
Images des Dieux sur la Terre ,  
Est-ce par des coups de Tonnerre  
Que leur Grandeur doit éclater ?

Mais je veux que dans les allarmes  
Réside le solide Honneur.

Que as brutas mãos ensopão no meu sangue ?  
Não dobrarei a Lyra  
A que entôe um Herôe feroz , nascido  
Para estrago dos homens.

Abro os vossos annaes, Leoês sedentos ;  
Daqui, dalli descubro  
Sobejas ambiçoês ; largos projectos.  
Aqui razas muralhas ,  
Là Reis atropellados por tyrannos. —  
Do golpeado povo  
Em sangue quente o Vencedor fumêa ;  
E as Mãe sem côr , e esquelidas  
Dos braços do soldado infrene arrancao  
As tremebundas Filhas.

Insensatos Juizes admirâmos  
Taes feitos , taes ruinas !  
Faz a virtude pois os Reis preclaros  
Co' as desditas dos homens ?  
Nem seus louros fecundos de destrôços ,  
Sem mortes , sem rapinas  
Não se pôdem soste'r ? Deoses da terra ,  
Imagens dos do Olimpo ,  
Quereis patentear e peder vosto  
No estampido , nos rayos !

Surja embora da guerra , e das conquistas  
A perduravel Honra.

Quel Vainqueur ne doit qu'à ses armes  
Ses triomphes et son bonheur ?  
Tel qu'on nous vante dans l'Histoire ,  
Doit peut-être toute sa gloire  
A la honte de son Rival.  
L'inexpérience indocile  
Du Compagnon de Paul-Émile  
Fit tout le succès d'Annibal.

Quel est donc le Héros solide ,  
Dont la gloire ne soit qu'à lui ?  
C'est un Roi que l'Équité guide ,  
Et dont les Vertus sont l'appui :  
Qui prenant Titus pour modèle ;  
Du bonheur d'un Peuple fidèle  
Fait le plus cher de ses souhaits ;  
Qui fuit la basse Flatterie ;  
Et qui , Père de sa Patrie ,  
Compte ses jours par des bienfaits.

Vous chez qui la guerrière Audace  
Tient lieu de toutes les Vertus ,  
Concevez Socrate à la place  
Du fier meurtrier de Clitus.  
Vous verrez un Roi respectable ,  
Humain , généreux , équitable ,  
Un Roi digne de vos autels.  
Mais à la place de Socrate ,  
Le fameux Vainqueur de l'Euphrate  
Sera le dernier des Mortels.

Qual vencedor deven à méra lança  
Os felices triumphos ?  
Quanto Herde não ganhou na Historia quadro ,  
A quem rendeu mais gloria  
O desar do rival , que o proprio esforço ?  
O indocil e inexperto  
Varraõ , co' infausta intrepidez de Cannas ,  
Esclareceu a Annibal.

Mas qual é , Musa , o Herde que em si só funda  
Da sua gloria a baze ?  
Lá vejo um Rey , que firme na virtude ,  
Toma por Mestre a Tito ;  
E na Equidade os olhos encravando ,  
Poem seu mais doce anhelo  
Em bem-afortunar o leal poyo ;  
Que espanca a vil Lizonja ,  
E véro Pai da Patria , com bondades  
Assinalla os seus dias.

Tu , ante quem a bellica affoutca  
Vale as virtides todas ,  
No ange do féro mattador de Clyto  
Poem Socrates benigno ;  
Verás um Rey grandioso , respeitavel ,  
Um Rey humano e justo ,  
Digno de teus altares : mas o altivo  
Conquistador do Euphrates  
Será , se o poês de Socrates no posto ,  
O repúdio dos homens.

Héros cruels et sanguinaires ,  
Cessez de vous enorgueillir  
De ces lauriers imaginaires ,  
Que Bellone vous fit cueillir.  
Envain le Destructeur rapide  
De Marc-Antoine et Lépidé  
Remplissait l'Univers d'horreur :  
Il n'eût point eu le nom d'Auguste ,  
Sans cet Empire heureux et juste  
Qui fit oublier ses fureurs.

Montrez-nous, Guerriers magnanimes ,  
Votre Vertu dans tout son jour ;  
Voyons comment vos cœurs sublimes  
Du Sort soutiendront le retour.  
Tant que sa faveur vous seconde ,  
Vous êtes les Maîtres du Monde ,  
Votre gloire nous éblouit.  
Mais au moindre revers funeste ,  
Le masque tombe : l'Homme reste ;  
Et le Héros s'évanouit.

L'effort d'une Vertu comintine  
Suffit pour faire un Conquerant.  
Celui qui dompte la Fortune ,  
Mérite seul le nom de Grand.  
Il perd sa volage assistance ,  
Sans rien perdre de la constance

Herões cruéis , Herões sanguinolentos ,  
Cessai de empavonar-vos  
Dos chimericos louros , mal colhidos  
Nos campos de Bellona.  
Em vão o Destruidor arrebatado  
De Lépido , e de Antonio ,  
De horror cubria o mundo ; que de Augusto  
Nunca alcançara o nome ,  
Se os seus furores não lavara manso  
Com justo , almo governo.

Exponde à clara luz vossa virtude ,  
Magnánimos Guerreiros ;  
Volva a Fortuna a rôda. — Como a aguardaõ  
Esses peitos sublimes ?  
Em quanto ella as proezas vos bafeja ,  
Senhores sois do mundo ;  
Co' brilho nos cegais. Mas se os azares  
Despêde carrancuda ,  
Cabe a mascara aos pés , desfaz-se o Herói !  
E que nos resta ? O Homem.

Para um Conquistador sobeja esforço  
De trivial virtude :  
Mas só merece bem de Grande o nome ,  
Quem subjuga a Fortuna ;  
Quem perde os seus affagos , sem que torça  
Da rígida constancia ,

Dont il vit ses honneurs accrus :  
Et sa grande ame ne s'altère  
Ni des triomphes de Tibère,  
Ni des disgraces de Varus.

La Joie imprudente et légère  
Chez lui ne trouve point d'accès ;  
Et sa crainte active modère  
L'ivresse des heureux succès.  
Si la Fortune le traverse,  
Sa constante Vertu s'exerce  
Dans ses obstacles passagers.  
Le Bonheur peut avoir son terme :  
Mais la Sagesse est toujours ferme,  
Et les Destins toujours légers.

Envain une fière Déesse  
D'Énée a résolu la mort ;  
Ton secours , puissante Sagesse ,  
Triomphe des Dieux et du Sort.  
Par Toi Rome , après son naufrage ,  
Jusques dans les murs de Carthage ,  
Vengea le sang de ses Guerriers ;  
Et suivant ses divines traces  
Vit au plus fort de ses disgraces ,  
Changer ses Cyprés en Lauriers.

---



Cô'm que sôstêve as cumuladas honras ;  
Nem lhe vêrga a alma illustre:  
C'o triumpho invejoso de Tiberio ,  
Nem co' a rôta de Varo-

A's imprudentes , léves alegrias  
Fecha as modestas portas ;  
E o desatino das ditosas quadras  
Rege c'o argos receio ;  
Quando a Fortuna a vêza com revêzes ,  
O affan robusto emprêga  
Contra os empêços , que em seu rumo tôpa.  
Eneurte-se-lhe a dita :  
Que elle , c'os pés seguros na Sapiencia ,  
Zomba dos léves Fados.

Em vão a altiva Deosa decretára  
A morte a Eneás pio.  
Tu , potente Sapiencia , o defendeste  
Da Fortuna e dos Deoses.  
Por ti vingou a naufragante Roma ,  
Nos muros de Carthago ,  
A affronta de Varraão , de Emilio o sangue ;  
E os passos teus trilhando ,  
Mudar vio , no rigor de seus desastres ,  
Em loaros os cyprestes.

---

---

## A P R I M A V É R A .

---

**S**ALVE, oh Divina, oh rósea Primavera,  
Que a Terra visitar, donosa Virgem  
Vens, para a cumular de benefícios!  
Vem, que abhorridos, longo tempo os Campos  
Esperando-te está. Vem; que as florestas  
Solitárias muito há que te dezejaõ.

Parecida c'os Zephyros livianes,  
Chegas apenas, que co' a aérea planta  
Vás animando os prados, que discortes.  
Das pégadas te bróta, oh Mãe de flores,  
E ri, nascendo, a molle Violéta.

Mal chegas, vem contigo as gorgeiadas  
Alvoradas dos bósques; Mayo lindo  
Primogénito do Anno, coroado  
De fastosas grinaldas multicores,  
Te vái fazendo alegre comitiva.

Com meiga luz rayando a alégre Aurora  
Debruça o dia dos erguidos montes;  
Acclamada dos mates, das Campinas,  
Saúda os prados, que alma enriquecera  
Co' a renascente espiga, que se nutre  
Para a ansiada foice do Ceifeiro.

Não espalha inda o Sól do meio-dia  
Crestado ardor, nem fende inda o seu rayo  
Da Terra o seio, nem as frescas sombras.  
Busca a Juvenca ainda; entre o florido  
Trévo, accessa em desejos, olha, e hérra.

Possante Primávera, remoçado  
Sente o redil lamoso o teu influxo,  
Pelas rélvias do arroyo alegre pula;  
Com mór ruído as torrentes vem rodando  
A despenhar-se nos umbrosos valles.

Os pastios fecundos se alentaraõ,  
Os altivos Narcisos, régias Tulipas.  
Ouviraõ tua voz. Já se embalangaõ,  
Chegaõ-se, amogaõ-se, e por Ti creadas  
Te obedecem, amando, e sendo amadas.

Diligente o Cochicho alteia o vóo  
Ousado aos ares, e e' o Canto inspira  
Na alma do Lavrador contentamente.  
Ay! que não sente as artes pérfidas dos homens;  
Que suaves cantigas não desarmaõ.

Ao téрно Rouxinol a mágica arte  
Da melodia és tu quem lh'a ensinaste;  
De ouvi-lo pasmaõ os auritos bósques.  
Seus modulados hymnos entraõ na alma,  
E a preparaõ do Amor aos meigos tóques.

No delicado ramo do Espinheiro  
Recem-florido , embalançar se deixa  
Do bocejo do Zephyro , e lá solta  
Brillantes sons , que lavraõ na espessura.  
Suspensa busca em vão vê-lo a Pastora,  
Que, a ouvir-lhe o canto , vê que o Amor o inspira.

Dás novo lustre às faces das donzellas,  
Que as Graças dõtaõ de p'rigoso agrado ;  
Na alma dos Jovens brotaõ os dezejõs  
Vivido nõvo ardor , que lhes emina  
A adivinhar suspiros amorosos.

Já vagar vejo ombeõsas vistas  
De tudo conquistar : vejo õlhos prẽtos ,  
Que brilhaõ , subjugando os mãis rebeldes :  
Azues languidos õlhos , que sem custo  
Triumphãõ da izençaõ por feiticeiros ?

Na flor da idade , como o teu influxo  
Deixarei de sentir ? Tua viva flamma  
Me arrẽda da Cidade, e seu bulicio.  
Louco bulicio ! A Ti , oh Primavera  
Busco no camponez sagrado azylo.

Vejo-te, e em brincaõ bando Risos , Jõcos ;  
Vejo Vénus , c'o seu maldoso Filho ;  
Vejo as Nymphas , co'as Graças meio-nuas ,  
Que ora fõgem dos pẽrfidos Cupidos ,  
Ora lèves traz elles vãõ correndo.

Deitado á sombra de entrançadas Tílias  
 Cada dia virei vér-te , e encostar-me  
 Nas margens deste arroyo , té que o somno ,  
 Guiado pelas mãos do Amor , me enleve ,  
 E me encante c'am sonho deleitoso.

Vós , que ao véro deleite dáes valia ;  
 Que immoláes os prazeres da Cidade  
 A gozos máis suaves , vindes ; as Terras  
 Primavera fugaz curto-visita.  
 Gozái do breve prazo , que ella outorga.

E vós , Moças formosas , vinde vé-las  
 As sombras namoradas , onde esperaõ ,  
 Suspirãõ vossa vista Amantes meigos.  
 A rósea Primavera vos inveje  
 Do rosto as rosas , sejaõ feiticeiro premio  
 Mil térnos coraçõs a vós submissos. (1)

---

(1) Esta Primavera , com as suas tres Irmãs ,  
 são obra traduzida por desenfado meu , e para  
 estímulo de nóvos Poetas. Que não sei que a  
 lingua Portugueza lógre ainda , como as linguas  
 estrangeiras , Poema descriptivo das quatro Es-  
 tações do Anno. Lançai-vos , até que o haja , oh  
 Moços de talento , á traducção de Thompson , ou  
 de St.-Lambert. Mas considerai antes , e pezai ,  
 como diz Hor: eio — *quid valeant humeri* , — e  
 depois persuadi-vos bem destes dous versos de  
 Boileau :

Sans la langue , en un mot , l'auteur le plus divin  
 Est toujours , quoiqu'il fasse , un méchant écrivain.

O D E  
A FELIZ ACCLAMAÇÃO  
DA FIDELÍSSIMA RAINHA  
DE PORTUGAL,  
A SERENÍSSIMA SENHORA  
D. MARIA I.ª

*No dia 15 de Mayo, do anno 1777.*

---

Em quanto apacentar o largo Pólo  
As estrellas, e o sol dér luz ao mundo,  
Onde quér que eu viver, com fama e gloria  
Vivirê teus louvores na memoria.

*Barreto, lib. 1, estanc. 13s.*

---

**E**is descem as Camenas  
Do bifido Parnasso,  
Num puro vaso de aguas consagradas,  
Que traz nas mãos Calliope,  
Verstíca virtude,  
Apollinea ousadia ardentes fervem.

A que mortal sequioso,  
Musa, o licor destinas?  
Com que altos hymnos vãs a alma abraçar-lhe?  
Que Herde de claros feitos  
Quêres, com nova gloria  
A Alcides comparar, ao divo Achilles?

» Bêbe ( me diz ) esgota,  
Ousado, a grande taça:  
Banha de almo licor o esquivo seyo:  
Que tens de volver hoje  
Divinos pensamentos  
Na atropellada bocca altisonante.

» Queremos que hoje-Elysia,  
Com nunca ouvido Canto,  
Celêbre a nunca vista Soberana;  
Que o tempestuoso léme  
Do governo manéa  
Ella, o primeiro Rei, (1) do Reino Luso.

» Para mais animar-te  
Aqui tiro do peito  
O fatidico livro, a inteisa folha,  
Que as accoês de Maria  
Encerra em Lettras faustas.  
Lê-as; e nega-te a cantar, se o podes.»

---

(1) *Moriamur pro Rege nostro Maria Theresia* juraraõ os Hungaros, etc.

Vid. Journal des Débats, 3o Marsal an 11.

Póvos , ouvi attentos  
Oraculos divinos ,  
Que beberaõ meus olhos assombrados.  
Que grande luz se espalha  
Na mente , e ao peito desce  
Doce , e suave , e de prodigios cheia !

Eis os tempos ditosos,  
Dezejados dos Lusos.  
Que em folhas ; na Cumés (1) lapa ondearaõ.  
Comsigo as éras de ouro ,  
No peito , e no semblante  
Nos traz ao throno a candida Rainha.

No assento Magestoso  
Quam bella representa  
As sans virtudes , que lhe pulsaõ na alma !  
Nunca no throno Assyrio  
Semiramis famosa :  
Ganhou taes cultos do vencido Oriente.

Já correm a amparar-se  
Da sua regia sombra !  
As Artes , as Sciencias desvalidas.

---

(1) Mas a folhas não sejaõ commettidas  
Respostas de tam gran merecimento  
Para que turbadas , e movidas  
Não vaõ em por esse ar, ludibrio ao vento.

Barretto , lib. 6 , estanc. 17.



Oh quam bem que entenderão !  
Já, com mão bemfeitora,  
Lhe abre na patria pródicos asylos.

Os portos franqueados,  
Vem depór na Ulysséa  
Veli-vagos baixéis do Orbe as riquezas ;  
E as Quinas vão usanas  
Nos hombros de Neptuno,  
Levar a ambos os Pólos, teus louvores.

Vem, século ditoso,  
Dos bens enriquecido,  
Affortunar os fortes Lusitanos :  
Outras graves conquistas,  
Outras pazes honrosas  
Venhaõ com nõvos Gamas, e Alboquérques.

Do teu formoso rosto,  
Dos ólhos refulgentes  
Trasbórda o amor dos teus vassallos :  
Das tuas mãos grandiosas  
Já cãhem cento a cento  
As benignas mercês, bem-repartidas.

Teu Povo, affortunado  
Aos Cãos envia as graças  
Da Rainha, antes Mãe, mãis que Rainha :  
E as arredadas gentes  
Buscaõ na Elysia abrigo,  
Do teu brando governo convidadas.

Aos vãosos Monarchas  
Darás roedora inveja ,  
Porás grilhões à lingua da Calumnia ,  
Que exprobrava odiosa  
Ser fraca a mão feminea  
Para as rédeas sostér d'um grande imperio.

Tu , de Princepes dignos  
Benemerita herdeira  
Os passos pizarás , que elles correrão :  
Na strada da Victoria ,  
Do Mérito no templo  
Tens por Norte os Avos , o Páe por Mestres  
Já n'um lugar excélso  
O sólio te preparão  
Entre Cath'rina illustre , e Isabel sancta ;  
E já com alvoroço  
Técem teu elogio ,  
Quando à sphaera immortel vai tarde subis.

---

Lugduni Batatiphagorum

O D E

A O S E N H O R

FRANCISCO JOZÉ MARIA BRITO

No dia 23 de Dezembro de 1793, dia dos meus  
annos.

---

Credite me vobis folium recitare Sibyllæ.

Juvenal. Satyr. 8.

---

**Q**UE me rendeua vir cá morar na Hollanda ?  
Vermelhos ólhos, dentes abalados :  
E o do sizo, com tanta dôr nascido,  
Com tanta dôr tirado.  
Meus firmes dentes, meus agudos (1) ólhos,

---

(1) Não cuidem os mal intencionados, que eu tenho os olhos pontudos, como as pedras das *Cazas dos bicos* na ribeira velha; que ( graças a Deos ! ) minha Mãe, quando me deu os olhos pequenitos, que tenho, cuidou muito em m'os dar mui redondinhos. Se eu lhe chamo *agudos*, é porque antes tinhaõ aguda a vista, que hoje ( com pesar meu ) tem romba.

Tam miméssos de mim, tam prestadios,  
Hoje nutantés; — hoje enremelados

Amaldiçoães a Hollanda.

Que tinheis vós que vér, por estes bréjos?

Graças da Natureza? Primor da Arte?

A Primavera em flor? O Outono em fructo?

Sól claro? Limpos áres?

Todo o bom lhes negou Deos justiceiro. —

Frio sól, longa néve, escuros ares,

Máo fructo, e pécco, e pouco, com mil lidas

Extorquido às areias,

São dons, quães Jesus déra carrancudo

A Judas, e a Pilatos, se Pilatos,

E Judas convertidos lhe pedissem

Hospicio em Katwyk. (1)

Quantos ornatos vés pelas Cidades,

Por Sállas, por Jardins, Quintas, Aldeias

São cinzas da Alegria em mortas Urnas. (2)

---

(1) Katwyk é uma aldeya mui agréste entre os areaes, em que fenece o Rheno, que ama melhor sumir-se alli, que ir por diante, e passar-lhe pelas abas délla.

(2) Com effeito (fallando prosa) o enfeite ordinario de móveis, de caixas, de séges, quintas, cazas, etc. etc. são Urnas para os remates; e cordoés, para pendentés e apanhados; com que significação aos estrangeiros, que aqui morrem.

Oh sepulchral vivenda!

Pois se quereis com sons harmoniosos

Regalar os ouvidós delicados.....

Fugi daqui, do arripiado grásno

Que arranhando esganiçãõ. (1)

Là stã Itália; staõ as Lusas térras

Dótadas, pcla Deosa da Harmonia,

De meiga lingua, de celeste canto,

Que as almas vos enléva. —

Contaõ, que Apóllo, e as nóve Irmans, um dia,

Que vinhaõ de tomar seu régabófe,

Nas sállas de crystal, de búzio, e nácar,

Do barbi-longo Oceãno;

Pozeraõ pés nas prayas Batatiphagas,

Curiosós de vér com os seus ólhos

( Não crér *Jornaes*, e desmentir *Viagens* )

O refugo do Mundo.

Que haviaõ de elles ver? Viraõ areias,

Viraõ charcos, lagôas verdoengas,

Animáes de dous pés sem pluma, ou cáuda,

---

a Alegria, e que naquellas Úrnas estaõ as cinzas della; e os cordoës inoulcaõ, que com elles se deve strangular quem ( como já fez Judas, por não viver entre Judeos ) se não vái daqui, para se forrar despeito e enfadamento.

(1) Aconsélho-o assim a quem não quizer estragar os ouvidos.

Pasmados da visita.

Que ao vér caras (1) de gente; ouvir vóz meiga,  
Tal grito estrugidor, táes alaridos  
Levantaraõ as Rans, os verdes Sapos,  
E os trombudos Piúgas,

Que Apóllo, e as Musas, com voáz arranco,  
Trilharaõ estrada do ar, tapando ouvidos;  
E longe de táes bérros, táes bezérros

Se pozeraõ em salvo. —

Cobrados da assoada, allí Apollo  
Consultou as Piérides des-surdas:

Que castigo, que maldiçaõ cabia

A matúla azoinante?

O susto atroador entam depósto,

Thalia abriu os já-risonhos lábios,

E soltou a sentença em aureos dittos

De zombadora graça:

Sejaõ Sapos, e Koakem (2) seus cantares: (3)

---

(1) Os Piúgas, de quem falla o Poéta, em lugar de caras, tem outra cousa, que se não diz diante de gente de cutiliquê.

*Quello, che' abbiamo, e che non s'ha da dire,*  
Ricciardetto. cant. 26, est. 49.

(Nota do Editor.)

(2) Poesia imitativa lhe chama muita gente, que escreve livros, quando as vózes significantes imitaõ, com o som, o significado. Ora em

Sejão Saturnos, sem social deleite!

Fiquem mudos; ou rásquem voz tam ruda,

Que raspe, quando a empurrem.

que ouvi ao mesmo tempo cantar os tács Pidgas, e os Sapos tambem cantarem a sem modo, não deparei com verbo, que melhor imitasse os dous cantares. Nem a invenção é minha. Já o Roussetu poeta, que assistio algum tempo nêssas provincias baixas, o tinha usado na descripção dês ses cantares.

(3) Dans les réjouissances, leurs cris ou leurs hurlemens tiennent lieu de chansons. — *François Leguat, page 164, seconde partie.* — O certo é que tam inteirados estão os tács casmurros da zanga dos seus des-musicos cantares; que ao que nós chamamos modinhas, chamaõ elles, ás suas zanga. *Vid. Diccion. Holland. verb. zang.* — Já n'outras Odes que andaõ impressas, e que tocaõ este assumpto, me desculpei com os bons Hollandezes, a quem darei sempre o louvor merecido. Estes rasgos despeitosos nasceraõ d'umã melancholia exaltada: e como os que tem ictericia vem amarello, o que talvez é verde ou azul, assim os melanchólicos rabujentos vem de travéz quanto se lhes poem diante. Riaõ os bons Hollandezes desta destampação, como eu rio das satyras dos Francelhos.

---

## F A B U L A

• O DEOS PAN, E UM ALDEAÕ.

---

**U**M Aldeaõ tinha herdade , e mui rendosa. •

Mas ( por mal de peccado )

Visitada dos pássaros a miudo.

Lógo que à seára o Estio

Curvava a testa, e cabisbaixa a punha ;

Da colheita as primicias

Os Pardões vinhaõ desfructar lampeiros.

O Aldeaõ desadõrava

Bramando. E que nos présta ter-mos Deoses ,

( Pagaõ éra o tal rústico )

Que golósem effrendas , sacrificios ?

Que val dar culto a Numes ,

Que connosco naõ óbrãõ com justiça ?

Seus templos saõ celleiros ,

Saõ adégas, de vinho , e trigo , e bólos.

Ninguem com maõs vazias

Entra lá ; — mas ligeiro , e léve sahe.

E o galardaõ que jando !!!

Pedrisco, Incendios , Tempestades , Cheias ,

E maldiçoés que farte.

Que assim pagaõ ingrátas Divindades. . . .



Mas cumpre ser devoto ;  
 Ou parece-lo ao menos : que é boa arte ;  
 Bofé , sem tal mania ,  
 Não vira nenhum Deos , á minha custa ,  
 Assado no seu forno .  
 Mâis longo iria o bruto co' a parlenda...  
 Mas chiton ! que vio gente ;  
 E o que vio éra um Deos , um Deos humano ;  
 Que um Deos pagão às vezes  
 Nos pregou péça , com o tal disfarce .  
 Ouvira elle as blasphemias ;  
 Dissimulou porém ; vái seu caminho .  
 Mas eis que pára , e affavel  
 Diz : « Que ricco trigo ! Nunca eu vi máis grão ;  
 Déves de estar contente .  
 — Ah senhor ! ( lhe responde o meu Tartuffo )  
 — Mâis , que eu mereço , os Deoses  
 Me concedem , e eu só o instante aguardo  
 Da ceifa , em que as primicias  
 Lhe offerte . — O Deos despede-se ; e o Velhaco  
 Que o seu papél assenta  
 Ter bem comediado , e ser chapado  
 Na arte de bem dar ópios :  
 — Festeja-se à manhan , se eu bem me lembro  
 — O Deos Pan ; faz ao caso  
 — Deslumbra-lo com dádivas . — O hypocrita  
 A certo lôgro se arma ,  
 Que não lhe sahio bem . Rosnou consigo ,  
 Que os Deoses ter propiciois

Custa caro ; e que ponto nunca deraõ  
    ( Como os frades ) sem nó.  
E que é toleima himpa-los com offrendas ,  
    Que nos sáyaõ da bolsa ;  
— Mais val , que os convidemos com o alheio.  
    ( Dórme , que é noite velha )  
— O Visinho , e na vinha hà ricas uvas ;  
    — Demos-lhe uma saltada , — —  
Vai manso , e manso , e falseando o trilho....  
    Velhaco tólo , ignora.  
Que não ha para os Numes noite escura ?  
    Entra na vinha , apanha  
Os mais chorudos cachos... Ay do misero !  
    Que eis na mais clara gloria  
Se espéta ante ellè o Deos co'a dextra armada  
    D'um tanchaõ rechonchudo.  
« Dize , infame blasphemo , aqui te cólho —  
    ( Disse o Deos Pan severo ).  
» Do que os pássaros cómem fazes queixas ?  
    » Não sabes , que são todos.  
» Os animáes do Creador feitura ;  
    » Que herdaraõ o que apanhaõ ?  
» E que é sempre o Céu justo em seus decretos ?  
    » Queres que morra tudo.  
» Que Deos creou , e comaõ só os homens ?  
    » Vivaõ todos ; que às Aves.  
» Deu Deos os campos para seu sustento :  
    » Do seu comem sem culpa.  
» Não são bons os precalsos , quando as caças ,

- » E as lévas ao mercado ?  
Das Costellas , do visco tiras lucros ?  
Mas com que lei , malvado ,  
Tómas áuso de usar do bem alheo ?  
— Mui beato , mui concho  
— Lhe responde o Aldeaõ : Meu bom fidalgo ,  
— Se o fiz , foi para offrenda  
— Ao Deos Pan , que melhor , que algum dos Nu-  
— Merece o nosso culto. ( mes ,  
— E acatamento , e fê. — « Ah graõ velhaco »  
( Replica o Deos colérico )  
» Infame exemplo sejas para sempre !  
» O templo ornar com roubos !  
» Fazeres-lhe presentes de maldade ! »  
Disse Pan , e à mão-tente  
Chôve nelle bordoadas , como pédra.  
« Por dó ( diz ) não te matto.  
» Não dó de ti , mas dó dos teus crianças.  
» A elles o agradece.  
» Mas lembra-te da Lei que claro falla ;  
» E na alma está sculpida :  
» Téme os Numes , não faz a alguém aggravo.  
» Terás gradas searas  
» E do Deos Pan esta lição acceita. »
- 

Dos táes beatos anda o mundo inçado :  
Cuidado co' essa gente de olhos baixos ,

Mais daninhos mil vezes que os raposos,  
Mais ruins que o pulgão, e que a lagarta.  
Sanctos no parecer, por ahi andão  
Contas na mão, punhal na faldriqueira,  
Fallando em Deos a mim, a ti, a todos,  
Palavrinhas de mél, alma de canto. (1)  
Ao som de trompa espalhaõ as esmolas,  
Enfeitaõ sanctos, mandaõ dizer missas;  
Mas é muito a miudo, à custa alheia.

---

## EPIGRAMMA.

**S**OPRANDO os dedos Phebo assim gritava :  
« Morramos, Clio, que não temos fogo. »  
E Clio, que de frio tiritava :  
« Tens mais ( lhe diz ) que arder-meş ja e logo  
» Coplas, Romances, Epicos modernos,  
» E aquestar-me-nos bem por quatro Invernos? »

---

(1) *Alma de cantaro* dizem os que não sabem  
que *canto* significa pedra dura, d'onde vem pe-  
dra de *cantaria*, e *canteiro* o que a lavra.

Ora Leiaõ Camoës no primeiro Canto estancia:  
91, e acharaõ este verso :  
*A pedra, o pão, o Canto arremessandõ.*

---

## O D E

Ab Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor D. JOZÉ MARIA  
DE SOUZA E PORTUGAL.

---

— Nec tu pessima munerum

Ferres.

*Horat. lib. 4., od. 8.*

---

**Q**UAL vai honesta Virgem passeiando  
Pelo Campo esmaltado de boninas ;  
Aqui cõhe a flor branca , alli a roxa ;  
Que entrança no toucado ;  
Assim ando eu colhendo entre os Amigos  
As flores das virtudes , dos talentos ,  
A generosa acção , o espirito ardente ,  
Que entranço nos meus Hymnos  
Que emprego há hi mais digno dos bons versos !  
Apollo , e as Musas vem mui prèsto ao Vate ,  
Com águas da Castália , humedecer-lhe  
A desenvolta veyã.  
Tempêra-lhe uma a Lyra , outra lhe affina .  
A voz , que ha-de entoar sagrado Canto ;  
Phébo lhe inspira os sens que elle bebêra  
De Jupiter supremo .

Influxos tães senti, quando cantava

Araujo, Braamcamp, Brito, Bezerra;

E o bom Souza, que dá licor (que Baccho-  
Plantou na Lusitania,

Com suas mãos Divinas) para o brócio,

Com que entre Amigos, entre Damas bellas,

Celébros o dia, em que escapei às garras

De malévolos Bonzos.

Tambem sentia influxos tam Celestes?

Quando Marcia, ou Marfisa resoava:

Nas doces còrdas da suave Lyra,

Dicada à formosura.

Alli era meu gosto sobre humano

Cantar os seus agrados, os seus mimos,

Merecidos da minha fé constante,

De meu coração terno.

Hoje; que a mão do Tempo rigorosa,

Me esfriou os ardores da aurea Idade,

Só canto da Amizade os saõs louvores,

Com singéla Harmonia.

Nem tu, Morgado, (1) levarás menores

Os prémios de teu peito franco, e nobre,

Na Lyra de Filinto, grata aos Lusos

De índole não-esquiva.

---

(1) O Ill.mo e Ex.mo Senhor D. Jozé Maria  
de Souza e Portugal, Morgado de Matheos.

---

C O N T O.

---

**U**M certo Prégador de prósa guápa,  
Com unçaõ dava as nórmãs do Evangelho,  
Cortando o Vicio, a gólpes de montante,  
Ouvio-o um homem bom sco'a alma contrita,  
Vem a caza, e à Consorte dando parte,  
Diz, que por se salvar, dá maõ de tudo.

M U L H E R.

Maõ de tudo ?

M A R I D O.

De tudo. O Padre o disse:  
*«Tenha um vestido só quem quér salvar-se.»*  
Eu tenho dous : Vende um, léva o dinheiro.  
Aos póbres do Hospital.

M U L H E R.

Dessa sentença  
Não se-appellá ? — Vejamos, se o bizarro  
Prégador nos dá geito.... Vou-me a elle.

C R I A D O.

Quem é ?

M U L H E R.

Está em caza ?..

( 14 )

CRIADO.

Neste instante.

Começa a debicar na sobremesa.

MULHER.

Esperarei.

CRIADO.

Tem de esperar quatro horas :  
Que há-de vir o Caffé , o Rozasólis....

MULHER.

A' noite tornarei.

CRIADO.

A' noite sáhe

A jogar o Pacá co'as Confessadas.

MULHER.

Pois virei de manhan.

CRIADO.

Lá por dez horas ;

Que não tem de uso erguer-se co'a alvorada.

MULHER.

Ouvi dez horas : poderei fallar-lhe ?

CRIADO.

Um nadinha , e ve-lo-há.

MULHER.

Inda a téas horas.

Jaz na Cama ?



( 15 )

C R I A D O .

Oh ! que não. — Mas vái ao Campo,  
E madá de vestido.

M U L H E R .

De vestido !!!

Adeos. Já não preciso de fallar-lhe.  
Võu-me a Casa dizer a meu Marido,  
Que pois o Prégador, no seu Cabide,  
Tem vestido que muda; porque mude,  
Tambem guarde o meu home' os dbus vestidos. (1)

---

(1) Muito há já que os SS. PP. e os Concilios clamaõ, que mais que os Sermoës eloquentes, vale o bom exemplo do Prégador.



---

---

O D E

A O S E N H O R

ANTONIO MATHEVON DE CURNIEU.

---

— — Non ego sanius  
Bacchabor Edonis : recepto  
Dulce mihi furere est amico (1) *Horat.*

---

**J**A as Hyadas abraçaõ  
As Urnas tempestuosas,  
Que haõ-de entornar nas prolongadas noites.

\*  
\*\*

E o Bõreas já se ensaya:  
Para as refregas duras,  
Com que os mares açoita, os montes vêrga.

\*  
\*\*

Trava do thyrsos, Aõnio.  
Naõ ouves as Bacchantes  
Co' uyvo sagrado estremecer as selvas,

---

(1) Tinha-me este sempre constante, e muito honrado amigo promettido uma larga visita, que eu ansioso, depois de muitos annos esperava.

( 17 )

Que eo' a escaldada planta  
Seccon , mirrhon sedento ,  
O abafadiço , avermelhado Estão ?

\* \* \*

O ondado chamalôte ,  
Que a Nayade vestia ,  
Em baixa , se estreitou , mesquinha veyã ;

\* \* \*

E o Cravo , que não bebe  
Da Aurora o fresco prantô ,  
Na terra encôsta a languida cabeça.

\* \* \*

Esquece-se o Favonio  
De vir bejar o seyo  
Da desbotada , ressequida amante.

\* \* \*

Mas Pomona roliça ,  
De faces rubicundas ,  
Vale máis do que Flora delicada.

\* \* \*

Vamos ; que alto nos chama.  
Não a ves coroada ,  
( Lá no caramanchão ) , de uvas pendentes ?

\* \* \*

Olha as eyvadas mentes  
Das trépidas Bassarides ,  
Brandindo as impias hastes retorcidas.

los  
os,  
eridos



O/

A o

ANTONIO M

onio apu

Bacch  
outra sangria,  
eirosa espadana,  
aves, pelas bórdas verte:

\*  
\*\*

Evohé, Padre Baccho,  
Solta as sagradas fontes  
do alegrissimo nectar, succulento;

\*  
\*\*

Láva as impuras almas  
De cuidados, de enredos;  
De fastosa ambição, de avara industria:

\*  
\*\*

Vamos, vamos banhar-nos  
Na liquida doçura.  
Dà-me a mão. Vem comigo, Adnio; desce:

\*  
\*\*

Do cangiraõ grò, grò,  
Grita Baccho, sahindo,  
Eseumando, saltando pelos côpos.

Vê como  
E no peito  
Satyr

(1)

...oçada mal em

\*\*\*  
Ouves o riso imberbe  
Dos petalantes Faunos,  
Vendo o pando, orelhudo rocinante?

\*\*\*  
E o bibulo Sileno,  
A quem Lyeo gorgoeia  
Nas plenas fauces, que inda pede vinho?

\*\*\*  
Poem de parte as licofs  
Da sizuda Sapiencia,  
Que fécha a porta aos lépidos prazeres.

\*\*\*  
O Tempo de si nado,  
E seu proprio verdugo,  
Vem sobre nós, ja nos alcança os passos.

\*\*\*  
Veloz mais do que Eolo,  
A todos nos rebanha,  
E de nós dá despojo ottimo ás Parcas.

Aqui resoã trémulos  
Os sistros turbulentos ,  
De brancas , azoadas mãos feridos.

\* \* \*

Lá abaixo os gritos — Ouve —  
E os gemidos agudos  
Das roscas do lagar , que Bromio aperta

\* \* \*

Vê que loura sangria ,  
De cheirosa espadana,  
Corre nas caves , pelas bórdas verte!

\* \* \*

Evohé, Padre Baccho ,  
Sólta as sagradas fontes  
Do alegrissimo nectar , succulento ;

\* \* \*

Láva as impuras almas  
De cuidados, de enredos ;  
De fastosa ambição , de avara industria:

\* \* \*

Vamos , vamos banharmos  
Na liquida doçura.  
Dâ-me a mão. Vem comigo , Aônio ; desce:

\* \* \*

Do cangiraõ grò , grò ,  
Grita Baccho , sahindo ,  
Eseumando , saltando pelos côpos.

( 19 )

Vê como o abraça , e o beja ,  
E no peito o recosta ,  
O capripede Satyro , risonho ;

\* \* \*

E a Driade festiva ,  
Que as côxas de alabastro ;  
Na dança alvoroçada mal encobre.

\* \* \*

Ouves o riso imberbe  
Dos petalantes Faunos ,  
Vendo o pando , orelhudo rocinante ?

\* \* \*

E o bibulo Sileno ,  
A quem Lyeo gorgeia  
Nas plenas fauces , que inda pede vinho ?

\* \* \*

Poem de parte as liçõs  
Da sizuda Sapiencia ,  
Que fécha a porta aos lépidos prareres.

\* \* \*

O Tempo de si nãdo ,  
E seu proprio verdugo ,  
Vem sobre nós , ja nos alcança os passos.

\* \* \*

Veloz mais do que Edlo ,  
A todos nos rebanha ,  
E de nós dá despojo opimo às Parcaas.

( 20 )

Corta as demoras, desce,  
E heja o verde scéptro  
Do ardente Bassereu auri-crinito.

\*  
\*  
\*

Do Conquistador bravo  
Das indomadas Indias,  
Quem ser vassallo, rustico recusa?

\*  
\*  
\*

O Macedonio Moço,  
O aventureoso Gama,  
Bejaraõ-lhe os vestigios, reverentes.

\*  
\*  
\*

E as Musas, que o cantaraõ  
Vencedor vingativo  
De Pentheo insultuoso, e de Licurgo,

\*  
\*  
\*

Primeiro, n'uma dôrnã  
De ebrifestante sũmo,  
Os semblantes abstemios mergulharaõ,

\*  
\*  
\*

Que a crôa lhe tecessem  
De vivaz louro nãno,  
Quando sahio dos tenebrosos reinos;

\*  
\*  
\*

E as Furias indignadas,  
Que os olhos retorciaõ,  
Ao ver-lhe desandar do Orco as veredas,



Por entre ellas bizzarro,  
Sorrindo à linda Esposa,  
Duas vezes com tanto amor rendida. (1)

---

## ESFUZIO TE.

---

— — Nisi quód pede certo  
Differt sermoni sermo merus.

*Horat. satyr. 8, lib. 1;*

---

Os Deoses dos Pagaõs, no tempo antigo  
Desciaõ ás mortâes de lindo gésto;  
Qual ora em névoa Jove, ontróra em toure  
Se trocou por Calisto, ou por Europa;  
Ou qual Neptano, rinchador ginétte  
Se fez, para lograr a gorda (2) Céres.  
Agóra as Deosas de Lixboa descem  
Aos.... Naõ digas a quem Musa travéssa.  
Tanto pôde o desmancho dos costumes!  
Que diriaõ os nossos bons passados

---

(1) Baccho rendeu Ariadna, na ilha de Naxo, quando deixada por Theseo, a tomou por esposa; e depois quando, a pezar de Plutaõ e do Tartaro todo, a trouxe comsigo triumphante à luz do dia.

(2) *Lucretio, lib. 4.*

De venerandas barbas t<sup>o</sup> á cintá,  
 Se soubessem que as Nétas, em desdouro  
 Do recato e biôco Lusitano,  
 Assim sevandijávaõ seus soláres ?  
 O vicio, que lavrou por todo o mundo  
 Não tinha inda manchado taõ affouto  
 As camas castas dos Fidalgos Lusos :  
 E máis já nos palacios se sabia,  
 Que as nobres Damas da guerreira Roma,  
 Deixando um Senador, deixando um Consul,  
 Os olhos abattizõ amorosos  
 Ao Gladiador, que na tingida areia  
 As carnes descozia denodado  
 Dos astutos rivais. Sempre os valentes,  
 Bem o sabes, valéraõ máis co' as femeas,  
 Que os sabios Cidadãos, que os virtuosos.  
 Esta paixãõ privou com ellas sempre ;  
 Esta fez, que as Princezas das novellas  
 Prezassem máis que tudo, o ser amadas  
 Dos andantes basbáques Cavalleiros ;  
 Só por que eraõ brigoês, e promettiaõ  
 Lançar-lhe, por fineza, aos pés rendidas  
 Mil testas de Gigantes encantados :  
 E por que nos torneios, e nas justas  
 Fara a sua *Senhora* ter a palma  
 Da máis formosa, entre as Senhoras todas,  
 Faziaõ confessa-lo assim aos outros ;  
 Ou a bótes de lança, em lide honrada,  
 Lhes faziaõ morder ráyvando a terra.

Assim durou tégora incontestada  
 Esta razão de avaliar amantes,  
 Pelo Orbe todo, desde a mais dengosa,  
 Até á mais ridicula fregona.  
 Haja vista ás bandarras Alfamistas,  
 Que o amante official sizudo largaõ  
 Pelo Marajo bebado, bulhento,  
 Que có a fâca d'aljava, faz na Penha,  
 E Bedto, tumultos do Diabo.

Tu bem sentiste quanto he máo este uso,  
 Namorado Barroco; a tua Dama,  
 Que taõ grandes finezas te devia,  
 Trocou por hum soldado o amante Vate.  
 Não scube o que trocou; que a estas horas  
 Lhe teriaõ as cazas entulhado  
 Saccas de Odes, canastras de Sonettos  
 Aos seus annos, a ausencias, e saudades.

Tu o soffreste, por que assim se usáva.  
 Mas que hoje um... (Tapa o'bico Musa.) Suppra.  
 Não digo as vezes do tolaz Marido,  
 • Que cazou por negocio, ou fidalguia;  
 Mas as vezes do turgido Capucho,  
 Do Cadette infiel aperaltado,  
 Não he posto em razão. Sigaõ as couzas  
 Os seus termos cabâes. Tremaõ os leitos  
 C'os furtos dos adulteros usados;  
 Que assim, desde que Jove teve barbas, (1)

---

(1) *Juvenal. Satyr. 6.*

Este mundo foi sempre : E *outro sim* tire  
 Mancheas de moédas da algibeira  
 Hum mochilla brejeiro , só por que áta  
 Co' a liga preta hum *cótto* (1) desmarcado  
 Com que a Ama enfeitçou desde o noivado ,  
 Quem poderá soffre-lo ? *As longas éras*  
*Naõ mudaõ de costumes , mas de módas.*  
 ( Dizia hum estrangeiro meu vizinho. )  
 Quanto he máis ricca a Moça , e máis mimosa  
 De Pai , e do Marido , e das criadas ,  
 Máis fastio tomou ao que lhe é proprio ;  
 Os comeres de caza mal lhe sabem ;  
 As armaçoës , os trastes saõ sem gosto ,  
 Sem elegancia as joias e os vestidos ;  
 E tanto a enjoa tudo , e lhe aborrece ,  
 Que he para ella o marido o homem máis feyo ,  
 Bem que aposte co' Adonis gentileza.  
 Viste a nova pejada , que momenta  
 Despreza as iguarias saborosas  
 Da lanta meza , se o appetite ardente  
 Póz nas migas grosseiras dos pastores ,  
 Ou nas louras filhóses da taverna ?  
 Assim he toda a Dama : *applico el cuento.*  
 Ora tu que és Doutor , que foste a Coimbra ,  
 E gastate a teu Pai grosso dinheiro ;

---

(1) Rabicho curto e grosso , que nesse tempo era o primor da sécia. Haja vista ao *Entremez do Garçaõ.*

Tu que lês pelos livros de *fitinha*,  
Não me dirás quem dá este dezejo  
De amar o que he vedado ? e ter em pouco  
Tudo o que he proprio ? Dá-o a Natureza ?  
Vem da massa corrupta ? Vem das modas ?  
Que te responde a san Philosophia ?  
Virá ( como cá dizem ) de que o alheio  
Tenha em si de agradar virtude occulta,  
Para a sabor dos Phyzicos rancóros  
Se cumprir bem à lettra o velho adagio :  
— Que he máis gorda a gallinha da vizinha —  
Deixemys isso ás velhas dos *soalheiros*.  
Busquemos em nós mesmos o motivo  
Deste ignóto segredo. A variedade,  
Crê nisto, meu Barroco, vem com nosco ;  
É congenita à nossa Natureza.  
Cada instante mudamos de dezejos,  
Porque tambem se muda a cada instante  
Da nossa consistencia a forma inteira.  
Tu não és hoje o homem que éras hontem :  
De teu composto as máis pequenas partes  
Mudáráo de figura, e de lugares ;  
Pelas que transpirando evaporaste  
Outras, pela comida, se apossáráo  
Do lugar que ficou para ellas vago.  
Tudo anda em nós em incessante móto :  
Nós sentimos o menos das mudanças,  
Que dentro em nós se fazem, só co' a mente  
Rastreamos um tanto o giro interno

Dos espiritos vitais que nos abálaõ  
 Ora uma , ora outra parte da memoria.  
 A mudança de todo o nosso corpo  
 É facil de se crer , mal se contemple  
 No impulso que não pára ( em quanto a vida  
 Se não acaba ) e communica ao todo  
 Perpetuo movimento ; bem que em muitas  
 Partes se não perceba , é n'outras claro ;  
 E taõ claro , que faz que comprehendamos  
 Quanto o espirito delle participa ,  
 Para variar de idéas cada instante.  
 Sim , Barroco , sujeito o nosso espirito  
 Do corpo ás variedades , tambem sente  
 No modo com que opéra iguáes mudanças.  
 Tu não viste em rastilho tortuoso  
 A polvora accender-se ? Reparaste  
 Como o fogo , elemento espirituoso ,  
 Segue obediente os seios meandrosos ,  
 Que a infantil mão traçou a seu capricho ? —  
 Quando a *curva Bahia* demandavas ,  
 Não sentio a tua alma , *puro Espirito* ,  
 Todo o vaivem da Náo ? Pois dessa sorte  
 Se explica , bem que em grosso , o que eu te digo.  
 Os que andavaõ vestidos em Coimbra  
 De togas amarellas no teu tempo ,  
 C'um exemplo bem claro haõ-de abonar-te  
 Tudo o que eu discorri : dirãõ que attentes  
 No corpo o mais sadio , quando pérde  
 Este dom da benígua Natureza :

Mal nos orgãos se altera a consonancia,  
 Que nasce do equilibrio dos humores,  
 O rosto amarellece, as forças quebrão,  
 Os membros de pezados mal acódem  
 A's funcões mais devidas; mas — é corpo —  
 Me dirás tu — sujeito à intemperança  
 Das estações, e a mil diferentes cazos. —  
 Mas cresce a febre, atropellado o pulso  
 Batte sem tino, o sangue galopando,  
 Aguilhóa os espiritos, sobe á mente  
 A tropa acceleráda, a praça ássaltaõ,  
 As confusas idéas titubeaõ,  
 E em breve tempo o que era raciocinio  
 Dispára n'um delirio rematado.  
 E é tambem corpo o insano entendimento?  
 Muda-o, ou não, dos orgãos a desordem?  
 Confessemos, Barroco, e com lizura  
 Que somos varios, porque em nós varia  
 Co' giro do composto, a idéa, a ordem  
 Deste nosso querer; não ponhas culpa  
 A causas arvedadas de nós mesmos.  
 Queremos, não queremos, sem mais cauza,  
 Que a nossa involuntaria variedade.  
 A moça a mais gentil, a mais discreta,  
 Por quem, por consegui-la esmorecêmos,  
 Já não é tão gentil, nem tão discreta,  
 Mal a sorte a entregou em nossa posse:  
 A perdiz, o capão, o fresco lombo,  
 Do lodoso animal, se vem tres dias

A' opipara meza , ja enjoaõ.  
 Peem o exemplo em ti; lembrá-te , Amigo ,  
 Quantas vezes objectos cubiçaste .  
 Muito ancioso , que logo aborreceste ,  
 Uns mal possuidos , voutros naõ gozados ?  
 Nem tu foste assim só; assim saõ todos.  
 O coraçãõ faminto sôrve os gostos  
 Mal *trilhados* , e fita logo a vista  
 N'outros novos manjares , que a Esperança ,  
 Qual fome insaciavel lhe aloovita.

---

O tal Esfuziote é , ( como diz muito bem o  
 Epigraphe , ) prosa tal e que janda ; e se a  
 imprimo aqui é para que mais realce a resposta  
 seguinte , que é d'uma fidalga em quem os dotes  
 do animo supéraõ a antiquissima , e bem illus-  
 trada nobreza. Naõ ponho aqui seu nome  
 ( ainda que por muitos titulos o mereça ) por  
 que razões , que devo respeitar , me açalhaõ :  
 mas a belleza , e altiuez de seus versos , e da  
 sua imaginaçãõ a farãõ distinguir de quantos ,  
 e ainda de quautos sorrem a mesma verêda.

---



---

## E P I S T O L A

### A F I L I N T O .

---

A PENAS soltou Phebo a Lyra d'oiro,  
No teu dia primeiro, e tu, Filinto,  
Viste agitar do vento os seus cabellos,  
Sobre os despídos montes da Thessalia:  
As Deosas engraçadas do Permesse,  
D'alvos Cysnes um bando á terra enviam:  
Os prodigios de Delos renovando,  
Sette vezes, em torno do teu berço,  
Revoando, as Canções meigas soltaraõ:  
Sette vezes o vôo remontando,  
Battem nos ares musicas sublimes.  
Prenhe de sons da parte do seu Nome  
Co'a septi-corde Lyra te prendáram.

Entam as cordas d'oiro vendo abasorto  
Co'a tenra mão já feres huma, ou outra,  
Té que firme, qual novo Orpheo soltaste,  
Os poderes immensos da Harmonia.  
Novos prodigios cada dia surgeu.  
Se a meiga Vénus cantas, são das ondas  
O corpo, serenando os céos, a terra,

A espada cãe da mãõ ao rijo Marte ;  
 Os Numes se revêm na bella forma ;  
 E das Fihhas de Themis lêve dansa  
 Festeja em Chypre a Deosa dos Amores.  
 Se cantas a Virtude , os Eccos vagaõ  
 D'um orbe ao outro , os céos todos atroaõ ,  
 Vê-se o Nume despido , qual Meteóro ,  
 Que , brilhando , consola os Póvos tristes ,  
 De quem Delio não fia as luzes gratas ;  
 E os coraçõens auritos se desfazem  
 Em dezejos , que a Lyra te bafejaõ.

As Lemniades manhas vem dos pégos  
 Curiosas mostrar a verde tãsta :  
 É Filinto — É o Vate n'agõa sãa ;  
 E a crespã superficie se revõlta ,  
 Mandando o gosto espuma aos leves arcs.  
 Hamadria não há , que não conserve ,  
 Teus versos , matilando os proprios membros ,  
 Por entalhar no troneõ as Canções lindas ,  
 Que dos beiços colheste á branda Eutérpe.

Deste Valle as Napéas ( Valle agreste )  
 Quantas vezes , Filinto , a Lyra forçãõ ,  
 Porque diga um louvor digno a teus versos.  
 O comprido cabello aos ventos sóto ,  
 Entrelaçado de frondente louro ,  
 Cinjo á venda sagrada , o véo me cõbre ;  
 O rosto accezo em chãmmas Apollineas ,  
 Alternadas cantigas sóto e Daphne ,  
 Sem que arte , ou mestre reja os sons na Lyra :

É Phebo mesmo quem me inspira o canto ,  
Quem revolve o futuro , quem me brada :  
« Honra a Filinto , honra a copia minha. »  
E os esforços do Deos , que nos possui ,  
Quazi que a alma desprendem de seus laços.  
O Prophético sópro rompe as buccas ,  
Agouro , a teu favor , mil couzas bellas ;  
E depois de rasgar os véos da Noite ,  
Com raios , que em meus beiços lança Apollo ,  
Pallida , fatigada , ouço em silencio ,  
As Drias , que ao Luar formão coréas  
E com teu nome as Musicas adornaõ.

Como págas , Filinto , ao gentil sexo ?  
Ah ! que inda ardentes lágrimas me banhaõ  
O rosto descorádo pelo susto.  
A lyra , que cantar devia os Nomes  
Canta os erros das Tagides sinceras ?  
E as grinaldas virentes de assucenas ,  
Com secca maõ , a Satyra desfolha ?  
Ah Filinto , piedade ! naõ , naõ roubes  
Em versos immortaes , a immortal navem  
Com que abáfa a Cautéla melindrosa  
Do travesso Cupido insanos furtos.

Mas Tu , longe de ti , nada me escutas :  
Ao furor da Poezia o peito aberte ,  
Agitado , arquejando communicas  
O fogo , que te abraza , ao verso altivo ;  
A torrente de idéas pullullantes  
Dessa mente fecunda , onde combatem ,

D'onde opprimidas , fêrvidas se expulsãõ  
 Variadas pinturas da Desordem ,  
 Prodigamente aos olhos teus presentaõ.  
 Do enthusiasmo ardente conduzido  
 Ergues o panno à scena pavarosa ,  
 E arrazando segredos , me recordas  
 A onzada mão de Cezar derrubandõ  
 A floresta dos medos , respeitavel  
 Ao Druida , que a investiga desmaiado.  
 Dos misterios , que aos Luzos hoje escreves ,  
 Desviãraõ os olhos temeroses  
 Os Herões , que a Naçaõ inda celebra.  
 Bem como vendo a selva denegrada  
 Torcia o raio timido o caminho ,  
 Voava longe o passaro medroso ,  
 E os ventos fugitivos , lá distantes  
 Murmuravaõ temor com surdo sopro.  
 Applica a tócha Cezar atrevido,  
 E a chamma , que devora o altivo bosque ,  
 Mostra em lugar de Nume , um feio spectro ,  
 TEUTATIS , devorando entranhas cruas ,  
 Enroscados dragoens , que a si se mordem ,  
 Erinnes feias , Scyllas horrorosas ,  
 Cujos bramidos entre a chamma estallaõ.  
 Tais verdades no mundo que aproveitaõ ?  
 Feliz uma illuzãõ , quando é suave !  
 Feliz quem julga a candida Innocencia  
 Battendo as puras azas sobre os tectos.  
 Das donzellas ; quem crê que dos céos desce

De nacar puro um carro magestoso ,  
 Onde o Pudor com rozeas mãos dispende  
 Cestons ás Ninfás , gloria a seus costumes !  
 Bem como naufrago Ajax se segura  
 A um penhasco , que o mar emtorno açonta ,  
 Um gentil bando péga-se ao silencio :  
 Mas qual Neptuno fero parte a rocha  
 Com golpe do tridente , tu , Filinto  
 Divides esta penha ; assim naufraga  
 A Esperança das tristes Portuguezas ;  
 A Patria brada , a pudica Ulissea  
 Ante meus olhos surge enternecida  
 Cercaõ-ria os ais das miseras donzellas.  
 Qual vaga , como Cynthia , sem alinhô  
 A esconder-se no bosque envergonhada ,  
 Toda n'um feixe d'ouro a louro trança ,  
 Negligente lhe cae nos ombros alvos :  
 Qual mostra descorado o lindo rosto ,  
 Por onde em fio lagrimas serpeaõ ,  
 Arguindo c'os olhos cristalinos  
 A mão que o véo lhe rasga , o céo que o soffre.  
 Purpureos ais das boccas vem rompendo  
 Quaes fagulhas , que vontã vingadoras  
 A abraçar de Cupido as leves azas.  
 Em crespo fumo as plumas consumidas  
 Sóbem aos ares. Sóbem os suspiros  
 Férvidas queixas tornaõ-se em coriscos.  
 E quem sabe , Filinto , se este fogo  
 Colhido pelas aguias lá nos ares  
 Vira vingar as Ninfas Lusitanas ?

---

O D E  
AO TEMPO PASSADO.

---

— Vixere fortes ante Agamemnona:  
Multi. —

*Horat. lib. 4, od. 9.*

---

VIVEM nos campos bemaventurados,  
Descansados das bélicas fadigas,  
Os pugnaces Achilles, os Nu n'alvres,  
Impávidos Espantas: (1)  
Pelos vermelhos rostos, luzidios,  
Lhe entorna o nectar Hébe sempre-moça;  
E Orpheo lhes repinica, na aurea banza,  
Por pontos, a Amoróza.  
Coitados dos que, em ocio não-cantado,

---

(1) Os que não tem lido a Historia universal, e ainda a Historia particular do nosso Reino, não terão idéia clara deste Heróe, se não estudarem o Poema de Antonio Duarte Ferrão, que começa assim: « *Bella Cotovia quondam infestantia campos.* »

Nunca deraõ tapónas, nem maitaraõ ,  
Senaõ saltante pulga , ou mal-cheiroso ,  
Estivo persovejo !

Esquecimentos lívidos , seus nomes  
Abafaráõ , e as carnes não-valentes  
Passaráõ mudas às vindouras éras ,  
Sem Ode , sem lettreiro.

Diff'rente Fado espéra ao Graõ Talaya ;  
Ao curto Alpoim , ao ralhador Damazio ; (1)  
Heróes , e Pães de Heróes da loquaz Fama  
Esfalfaráõ a tuba :

Macédo comporá os Epinicios  
Em Zamperino mettro , e Hébe engilhada ,  
Já Maria da Costa (2) lhes confeita  
Sumarentas ambrosias.  
D'alem do Stygio pégo verde-negro ,

---

(1) Criado grave de Senhor D. P. B. assistente , nessa época , em Paris: Esqueceu ao Poéta ajuntar ao epitheto *Ralhador* , o de *Valentaõ* , que era elle uma ; e outra couza. Talvez que ao Poéta lhe não coubesse no verso , este segundo , muito energico epitheto.

*Nota do Editor.*

(2) Criada velha do ditto Senhor ; cujas recon-  
ditas receitas compunhaõ a mais assucarada-  
Livraria , que nenhum goloso Abbade possuio  
tégora.

O valente Roldaõ, indo a passeio,

A' formosa Floripes assim falla

A' sombra d'um castello. (1)

« Quanto é para iuvejar o Cavalleiro ,

» Que do aureo camarim d'uma Princeza ;

» Desce ao curvo toraõ , a mãs de quatro

» No róxa areia estende ?

» Oh tres, e quatro vezes venturosos ,

» Os que enfrascados em sanguineas guerras ,

» D'uma campal batalha empoeirados ,

» Vaõ entrar n'um duelo !

» Oh ditoso Oliveiros; que mão-grado

» Os dons barris de balsamo, venceste

» O enorme Ferrabrás! Oh feliz Duque,

» Que taõ bom murro deste! (2)

» E tu, Ricarte, astuto Paladino,

» Que, co'a cappa escarlata, encandeaste

» O manhoso Galafre, e de mergulho

» O mandaste a Mafoma!

---

(1) — — Quas cura nitentes

Pascere equos, eadem sequitur tellure repostos:

*Virg. Aneid. Lib. 6.*

(2) O Duque Nemé, no sobrinho do Almirante Balaõ, que veio mui lampeiro saber o que faziaõ os Pares de França no quarto da Princeza Floripes.

*Vide Historia do Emperador Carlos Magna.*



- » Estes sim , que occupavaõ desmedidos  
« As cem boccas da Fama , os nove plectros  
» Das Aónias donzellas , e os laúdes  
» De altisonos Homeros.  
» Eu com esta... ( e despio a Durindana )  
» Mas por que cõrto de Epica fadiga  
» Aos Ariostos óbra ? Assaz , e muito  
» Colhi de inclitos louros.  
» Só no rijo valor que abõla , e talha ,  
» Consiste a vèra gloria ; a boa fõlha ,  
» Que descõse nas carnes inimigas ,  
» Poem um Herõe nas nùvens..  
» Estes bonècos , que de nõs descendem ,  
» Naõ pòdem c'uma lança : apenas raya  
» No Momem de ferro do brigaõ Saõ Jorge ,  
» A dura força antiga.  
» Os sèclos degeneraõ. Quantos descem  
» Das humanas pouzadas , mal nos contaõ  
« Que um visinho, um parente há ja muito anno ;  
» Desembainhou a espada.  
» Arrõtaõ mõdas , sonhaõ ballarinos ;  
» Arreganhaõ fivellas octogonas ;  
» Em tufadas golillias , alporquentas  
» Empapaõ os pescõços.  
» Sõ nos fallaõ de Globos , de Travèssos.  
» Que vaõ com bandeirinhas pelos arez.  
» Quem tal crèra dos nètos de Oliveiros !  
» Dos do alto Carlos Magne ! »

## S O N E T O

Que sérvê de retrato d'um Squelêto  
poligloto , etc. , etc. , etc.

---

UMA cára chuclada das Caróchas,  
Tarraxada no esteyo d'um Cabide,  
Arcar de braços , que ao jantar preside,  
Ao pôr a sôpa , ao repartir garróchas :

Cazáca , véstia ; Borjacaõ — ( máóchas  
Que selhe assente em carne, a mais que lide!)  
Só lhe ajouja o arcabouço , onde reside ,  
Sob pélle , ossada sécca , como bróchas.

Descem-lhe do derrengo da cintura  
As vaquéttas esguias , d'onde ao claro  
Vertem signaes do quatorzeno schépio.

Quem vio désta armadilha, e má figura  
Sahir um chórro de ingrimanço raro ,  
Vio o meu Mestre-salla do Prezépio.

---

---

O D E

A M A R F I S A .

No dia 20 de Julho de 1785.

---

Chante ( me dit l'Amour ) sa grace et sa beauté ,  
Sa bouche , ses beaux yeux , sa douceur , sa bonté ;  
Je la garde pour toi , le sujet de ta plume .

Ronsard.

---

**P**ARA quem os nevados Lyrios teço.  
Em fragrantés capellas ?  
Para quem cubro de fumoso incenso  
Thuricremos altares ?  
E para quem discorro na aurea lyra  
Divina cantilena ?  
Senaõ para Máfisa , que os Amores  
No terno seyo abriga ,  
Quando indignados da perjura insania  
De amantes bandoleiros ,  
De Nymphas inconstantes , fementidas ,  
Trespasados de pena ,  
Vem depór no seu cõllo arcs trahidos ,  
E sétas embotadas .

Marfisa houve por sorte , em seu oriente ;  
Um coração composto  
Por mãos de amenas Fadas virtuosas ,  
Que sentadas em torno  
Do gracioso berço , estes annuncios  
Na mente lhe entornáraõ.  
« De estranhas terras , por austero Fado  
» A teu amor trazido ,  
» Filinto renderás c'os ternos olhos ,  
» C'o vencedor recato.  
» Tu no seu coração serás sobрана ;  
» No coração que nega  
» Entrada a novo ardor , quando o captiva  
» Dissellada Ternura. »  
Eisque a mais bella , a quem se accende o rosto  
De rayados rubores ,  
A quem furioso Deos no peito serve ,  
Subito o corpo erguendo  
Abalado e convulso , os olhos fita  
Na luz , que a fere , e assombra ,  
Nos arcanos patentes , e desata  
A voz entumecida :  
« Lá jaz na róxa relva , horrifada  
» De quentes espadanas ,  
» A desgraçada Procris ; com gemidos  
» As queixas entre-tece  
» Do mal-aconselhado vil ciúme :  
» Do seu fiel Esposo  
» Ouve ( E quam tarde ! ) o amante desengano.

- » Essa Aura tam mimosa ,
- » A quem tenras caricias desbarata ,
  - » Naõ é dos bosques Nympha ,
- » Nem das Cidades bella habitadera ;
  - » É doce refrigerio
- « De calmosos , cansados Caçadores ,
  - « Na abrazadora sêsta.
- » Quam ditosa que fôras , triste Procris ;
  - » Se aos conselhos dos zelos ,
- » Do coração , irada , ambas as portas
  - » Fechâras avisada !

---

## COMPARAÇÃO.

UM Author, (1) que de muitos é louvado,  
E de mui poucos lido,  
C'o estérco mal-cheiroso, o ouro luzido,  
Por pique, ou por desdem tem comparado.  
Que dizes tu do símile, Araujo?  
Vês por onde equivalem?  
Naõ creio. Que o primeiro é muito sujo;  
E pela nitidez louca, e ridente  
Os chicos muito valem.  
Ora ouve o meu conceito.  
É o ouro como o esterco: ambos proveite  
Daõ só, quando os espalha maõ prudente.

---

(1) Bacon.

---

O D E  
A D S O D A L E S.

---

— — Jure perhorrui  
Late conspicuum tollere verticem.  
*Horat. Lib. 3, Od. 16.*

---

**L**A' vem a Aurora, o manto apavonado  
Lançando pelas crôas dos outeiros ;  
Soprando os brandos Zephyros lhe ondea  
As faldas roçagantes :  
Orvalhadas boninas  
Cubição de enfeitada ;  
Do verde leito de enleada murta  
Se ergue a sauda-la o Rouxinol cândro.

\*  
\*  
\*

Campos , com que prazer , com que saudade  
Buscar-vos corro , Escravo fugidto  
Do império duro da violenta Côte !  
Sêde-me azylo , oh Bosques  
De affortunada sombra ,  
Contra as douradas magoas ,  
Contra o riso traidor da vil Lisonja ,  
Contra a voz indigente da Cubiça.

Verdes álamos trémulos, cubri-me  
De sombrio socego; e tu, ribeiro,  
Que entre pardos penedos te espedaças,  
Manda esquecido somno,  
Com teu ronco murmúrio,  
A' mente inda abalada  
Dos crebros sobressaltos, veladores,  
Dos turvos medos, subitas justiça.

\*  
\* \*

No seyo destas placidas campinas,  
Que borda Flora com mimoso estudo,  
Venho despir os trajes dos Desgostos.  
Aqui renasce o Sabio;  
Aqui, das mães graciosas  
Da alegre Liberdade,  
Bebo em rústica taça, escarmentado,  
Do tranquillo prazer o nectar puro.

\*  
\* \*

Naõ venha aqui com as servís riquezas  
Assoberbar-me ufano esse Valido,  
Que a' tantos cortezaõs azeda os dias;  
Que aos pés do idolo cego  
Da Privança, recuso  
Lançar dons, nem serviços.  
Fechada a estrada tenho de ser grande,  
Por que nunca aprendi a envilecer-me.

Vai, Avarento; vai, Ambicioso,  
No culpado regaço colhêr honras,  
Colhêr os dons, que arroja desvairada  
Sobre os mãos a Fortuna;  
Porque possas soberbo  
Calcar do virtuoso

A singélla confiança, e dar ao vulgo  
Mâis uma estatua, que insensato adore.

\*  
\* \*

Ama o vulgo a riqueza, inveja as honras;  
Porque esquivo da luz da Sapiencia,  
Dos verdadeiros bens não vê o trilho:

Por entre lidas, medos  
Se arroja extraviado,  
Apoz um bem nocivo,  
Apoz uma chimera enganadora,  
Que em pouco vai soltar-se em vago fumo.

\*  
\* \*

Eu, ao pé desta fonte sandosa;  
Deitando ao longe os repousados olhos;  
Por entre os arcos dos annosos freixos,  
Contente me divirto  
Co' cordeiro, que affaga  
A retezada evelha,  
Co' cabrito saltao, que pendurado  
Trême no agudo serro, aventureiro.



Em quanto espero pela branda Musa ,  
Que benevola os Céos às vezes deixa ,  
Por vir-me acompanhar neste retiro.

Então me adéstra os dedos  
Sobre as divinas cordas ,  
E me entôa as virtudes

Do honrado Mathevon , ou de Dorindo ,  
Ou de outro nome que ao Olvido arranca.

\* \* \*

Alguma vez Amor vem não-pensado ;  
Troca-me a Lyra , e poem-me inda defronte  
O rosto meigo da gentil Marfisa ;

E espertando , no peito  
Já quebrantado , e frio ,  
Adormecidas brazas ,

Revolve o cofre das amantes nôtas ,  
E manda à bocca deslembrados versos.

\* \* \*

Se , da cova de Caco , os bens roubados ,  
Me salva amiga mão de Hercules novo ;  
E pôsso nestas veigas nova chôça ,

Em aurea mediania ,  
Erguer desassombrado ;  
Em saô deleite e puro

Envolverei alégre os justos dias  
De benefica vida , descansada.

Porei por guarda à porta a 'Experiencia,  
C'uma longa alabarda, que affugente  
A cohorte importuna dos Cuidados,  
A Ambição insófrida,  
E os vesgos, longos olhos  
Da descarnada Inveja.  
Marfisa, amigos poucos, poucos livros  
Me ampararáo do ensosso Enfadamento.

---

## EPIGRAMMA.

**E**STE, que assim galopa afervorado  
Na doirada berlinda, é um Prelado,  
Que pôz de parte, com saber profundo,  
O antigo andar a pé,  
Por ir prégar a fé  
Mâis presto, às peccadoras deste mundo.

## TRADUCTION.

Vois-tu, dans ce char éclatant,  
Courir ce galant personnage ?  
C'est un Prelat qui sagement  
Renonçant à l'antique usage,  
Trotte, galope incessamment,  
Poussé d'une ardeur sans seconde,  
Pour convertir plus lestement  
Les pécheresses de ce monde.

*Ant. Math. de Curnieu.*

---

---

O D E

A O SENHOR DOUTOR

ANTONIO DE MORA'ES E SYLVA:

---

Quidquid statis retro est mors tenet.

*Senec.*

---

**C**OMO fôge , Morães , o veloz Tempo  
Unico bem , que não fostêm resgate :  
Das azas só lhe tráva quem se arroja ,  
Da Honra ao asp'ro cume ;  
Sò delle tira lucro  
Quem , como Tu , em sério estudo o emprêga :

\*  
\*\*

O invicto Domador do imperio Asiano ,  
Alexandre , os umbrais do negro Averno  
Descortinando na final Aurora ,  
Em que a Morte immatura  
Os olhos mal-abertos  
Lhe assustava co' a foice luzidã ,

\*  
\*\*

Que riquezas , que estados que não dera  
Ao sagaz , salutifero Esculapio ,  
Que lhe esquivaste , por escassos dias ,

A fronte sentenciada  
A Sumano avarento ,  
Do instante golpe de certo gume !

\*  
\*\*

Perdemos dias nós , perdemos annos ,  
E o tempo longo d'uma longa vida ,  
Irados contra o Sol , que não estende  
O distrahido açoitado  
A's enafadas ancas  
Dos ronceiros , quadrijugos cavallos.

\*  
\*\*

Vemos passar instante apoz instante  
Do fio que nos dóba a Parca austera ;  
Vemos cahir no pélago do Nada  
Nossa vida em pedaços ,  
E sem abalo vemos  
Como o melhor de nós nos sorve o gólfão.

\*  
\*\*

Assim , sentado á borda do ribeiro ,  
O mentecapto conta embasbacado  
Uma onda , que desliza apoz outra onda ; (1)  
E os brutos olhos cráva  
Nas agoas movediças ,  
Por ver se chega a vaga derradeira.

---

(1) Rusticus expectat dum defluat amnis : at ille  
Labitur , et labetur in omne volubilis ævum.

Horat. Lib. 1, Ep. 2.

---

---

# O D E

A

OLINDO (\*),

No dia 23 de Dezembro de 1864.

---

*Vixi diem celebrent.*

*Tibull. lib. 2, el. 1.*

---

**C**OMO é grato acordar na madrugada,  
Entre os gorgeios das pintadas aves,  
Abrir os olhos, ver no rizo Oriente  
Arder a luz Phebéa!

Como é grato o passeio entre boninas  
Aljofraçadas co' as lágrimas da Aurora!  
Colhêr os sezonados pómos de ouro  
Que assucarou Natura!

Tal me é grato lançar pela memoria  
Os olhos da Amizade, e ver virentes  
Imagens d'um Olindo generoso,  
No esmalte das virtudes.

Tambem me é grato olhar bem povoada  
De agradaveis Amigos esta mesa;

---

(\* ) O Ill.<sup>mo</sup>. e Ex.<sup>mo</sup> Commend. or A. d'Ar.  
d'Az. P. P. etc., etc., etc.

E as Damas, c'um sorriso hyroso e meigo  
Festejar este dia.

Que nem pótos, nem ouro os convidaraõ  
A celebrar meus annos com lisonjas :  
Meu proceder sem mancha, alma Amizade  
Lhe empenhaõ as saúdes.

Aqui é meu prazer, aqui me puiaõ  
Do seyo da alma a Gratidaõ, os Versos ;  
Chamo ditosas éstas cans, que alcançaõ  
Amiga companhia.

Nem me lembraõ os meus quatorze lustros ;  
E as mesmas cans da fronte se me arrêdaõ ;  
Vivido lume dà calor às cinzas  
Dos antigos talentos:

Quasi que é meu maior prazer ter vida,  
Em que conte cada anno um dia destes,  
Que desfiar um dia apoz um dia,

Por dizer : — VIVI MUITO. —

Vivo mais neste dia, que n'um século :  
Os mais dias me cahem da lembrança,  
Este crava os momentos na memoria  
Com riço diamante,

---

## LYRAS

### A' VIOLETA:

---

\*  
\*

QUANDO Adonis morreu, do eburneo dente  
Do javali cerdoso,  
Livida cor lavrou incontinente  
Pelo corpo formoso.

\*  
\*

Vénus, com prantos, com crâcis saudades  
A Terra enternecia,  
Enternecia as altas Divindades  
Da Olympia Monarchia.

\*  
\*

Jove, que amou, e que se compadece  
D'uma Vénus chorando,  
Mandou, que a Terra em torno floreceça  
Do Môço miserando;

( 4 )

\*\*

E a flor trouxe-se em si a cor escura,  
Que tanta pena dava  
Aos olhos da saudosa Formosura. —  
A terra, a quem regava

\*\*

A corrente de lágrimas mimosas,  
O seyo húmido abrindo,  
Violetas brotou, que naviosas  
Author lhe contou sentido.

\*\*

« Seréis entre os Amantes, e os Poetas,  
» Todo o tempo futuro  
( Vénus disse : ) « Oh ternissimas Violetas,  
« « Babelo de amor puro ».

---

Mais de trinta annos há, que as táes Lyra-  
sínhas foram escritas. Dizer agora se ellas são  
de minha colheita, ou traduzidas, a tanto  
não chega a minha memoria. Se agradarem a  
algumas almas dixeridas, o author, ou tra-  
ductos lhes não peça mais, que um suspiro,  
bem arrancado, lá dos entre folhos do coração.



---

## C A R T A

A O S E N H O R : \* \* \*

6 de Janeiro de 1788.

O Sábio, (1) deturinou-o a Natureza:  
Os filhos d'Arte, gárrulos profanos,  
Frustrados: grallias grámas  
A' avá Olympia de Jove.

*Pindaro: no 2. Gás Olympicas.*

---

Ingenium cui sit, cui mens divinitus, atque es:  
Magnæ constantis, deserviat in hoc us Honorum.

*Horat. lib. 1. Satyr. 4.*

---

Tu dizes, que meus versos são mercedos (2)  
D'um, e d'outro Censos, que márcas à unha  
• Este que é duro, a idéa é mal-ataca,  
• O sentido é difícil por escuro •.

---

(1) Pindaro dá aqui o nome de sábio ( *sophos* )  
por excellencia ao Poeta Lyrico, o qual no seu  
parecer, é o que tem uma imaginação capaz  
de produzir, sem estudo, um grande numero.

Dizes, que as Damas fazem meigo apreço  
 Dos molles versos do affectado Mevio,  
 E da prosa rimada de Medaço;  
 E enráyvas desse apreço, e dessas unhas?  
 Com bem pouce te férve na alma a Ira!  
 Por versos criticados te apaixonas?  
 E por versos não-teus? — Os pobres versos  
 Meus filhos são, Amigo, e eu não me dóo  
 Dos golpes, que lhes daõ. — « São d'um Amigo :  
 » São versos ( dizes tu ), que achei moldados ;

de idéas inteiramente novas, e dignas dos  
 Deoses, e Heróes. Os que á força de lectura e  
 arte, fazem Odes, recitaõ poemas alheos,  
 que decoraraõ; ou daõ, pelo assim dizer,  
 somente um novo vernis ás idéas poéticas de  
 outros, não são outra coisa mais, do que uns  
 garrulos atrevidos, cujos versos, ou canto,  
 Pindaro compara aqui, por desprezo, ao grasnido  
 frustrado, que levantaõ os Córvos, contra a po-  
 derosa voracidade da Aguia.

(2) Critiquer, selon eux, c'est ne pardonner rien,  
 Grossir toujours le mal, et déguiser le bien ;  
 Qui, faux aigles, et vrais butors,  
 S'imaginent, dans leur aveugle ivresse,  
 Planer sur les eaux du Permesse,  
 Dont ils n'ont jamais vu les bords.

Piron.

» Nas régras , que deixou o Vennino ;  
 » E magea-me o ver , que os abocanhaõ  
 » Os enfrestados dentes d'um Taréco. »

Espanca essa amargura despeitosa ,  
 Philosopho Avellar , deáfranze a testa ;  
 Mira-te ao bom espelho , a que eu me mire ,  
 Quando alimpo da Critica as mascarras :  
 Bébe da fonte , d'onde eu bebo a fio  
 O almo licor da jovial Pachorra.

Invejas não me agastaõ , daõ-me riso :  
 Inveja , antes que Lastima , procurõ.  
 Força é subir , co'a Inveja sempre ao lado ,  
 Do immortal Templo a alcantilada rócha :

A vida é curta , se as paixõs a rálaõ.  
 Zomba do Zoilõ , zombarei comtigo :  
 Que há muito neste arrimo estou seguro :

« Imita os bons , se queres iguala-los. »  
 » Despréza o Zoilo de empéstada lingua. »  
 Paixõs na saõ de lucro : as paixõs nossas  
 Saõ pratos , com que os Criticos engórdaõ.

Eu quando os escrevi , esses , que agóra ,  
 Versos niórdem ( meus filhos mal-fadados )  
 Foi porque quiz dar fõlga a muita idéa ,  
 Que na pejada tésta borbohlava ;  
 Quiz abrir campo à Gratidaõ , aos justos  
 Louvores da benévola Amizade ;  
 Quiz ornar meus poemas , com os nomes  
 De Marfisa , de Marcia , e de Delmira.  
 O Prazer os gérou , não a Vangloria :

Que bem sabes quam pouco es julgues digno  
Do tratado, ante quem sempre os compunha,  
Minhas delicias, meu prezado Mest're. (1)  
Sem soçóbro soltava entam os diques.

A' corrente Apollinea despenhada,  
Sem temer unhas, sem buscar louvores,  
Como quem d'uns, e d'outras se surriá.  
O verdor juvenil, o sancto lume  
Que as Musas poém no sprito digno dellas,  
E o fogo, que Amor lança nas entranhas,  
Nessa idade viçosa, e presumida,  
Rompea na labareda, que em Sonetos,  
Em Odes campanudas sahio fóra.

Mas não tam fóra, que deixasse o claustro  
Das gavétas do Vate, ou dos Amigos;  
Onde com medo do profano valgo,  
Quaes Virgens pudibundas se encerravaõ.

O Eraz'er os gerott, hoje a Penuria (2)  
(Mão Fado e quiz assim!) os poém na rua.  
Lá vaõ desamparados, sem valias  
Correr tormenta entre os baldões, e as mefias  
De má vêrsejadores assanhados.  
Que navilhas, (3) que gumes não se affiaõ

(1) Horácio.

(2) Paupertas impulit audax ut versus facerem.

Horat. lib. 2. Ep. 2.

(3) Molem at montes. Virg.

Contra o innocente buço barbi-fove  
 De meus coitados versos ? Zoilos, comprem-mos  
 Comprem-mos, e critiquem-mos embora.  
 Dinheiro, e não louvores necessito.  
 Qual, na Guiné, o Negro os filhos vende ;  
 Em tanto amor gerados, e nascidos, (1)  
 Para manter a Mãe ; muito-que saiba,  
 Que haõ ser açoutados, e pingados  
 Das brutas mãos do squalido Mineiro.  
 Tanto pôde a fatal Necessidade !

— São duros (2) Costumadas as orelhas  
 Ao molle Albano, à molle Damiana,  
 Ao molle semsabor de térnas glossas,  
 Não podem supportar guerreira Tuba,  
 Um Som alto, uma Furia sonora,  
 Qual Camoëa a pedia à sua Musa. —  
 Se têmem, que as orelhas se lhe estraguem  
 Co' a dureza dos meus. . . Ah ! não os leiaõ  
 Que eu c'um Vate (3) direi : « Não leio os seus. »  
 Contentar-me-hei com poucos de bom sizo,  
 De estudo, de critério delicado,  
 Que os lem, sem lhe arranharem os ouvidos.

(1) Camoëa.

(2) — Duri chiama i miei carmi  
 Ma che ? son duri, e pur son belli i marmi.  
 Torquato Tasso, In un Madrigale.

(3) Garçaõ, satyr. I.

O molle Cortezaõ , que veste Olandas ,  
 Que traja tafetás , calça pellicas ,  
 Fraquêa ao morrião , géme no ferro  
 Do rebatido arnez , prendem-no as grevas ,  
 De sópezar a grossa lança , sua.

Versos molles , ensossos , e aprosados  
 Nunca dô Pindo entraraõ nas balizas ;  
 C'um látego nas mãos , Pindaro , Horacio ,  
 Das fraldas da montanha , os affugentaõ.  
*Naõ soffre as altas Musas (1) meã-mente*  
*Serem tratadas.* Rojarás (2) por terra ,  
 Por pouco que da altura te desvies.

Muitos ( pelo adoçar ) suaõ , tres-suaõ ,  
 Roendo o triste verso , como traça ,  
 Sem sangue o deixaõ. Muito mimo  
*Empêce à tenra planta. Qual é a lingua*  
*Que em bem nascido verso prove os fios ?*  
*Verso primeiro vem , que às vezes tanta*  
*Natural graça traz , que uma das nove*  
*Deõsas , parece , que o inspira , e canta.*  
 Ferreira , Oh bom Ferreira , bem te queixas.  
*Destes juizos cegos , que igualmente*  
*Gostaõ da Musa doce , e Musa fria.*

Eu amo o verso brando e torneado ,

(1) Ferreira , lib. 1. carta 8. a Pero d'An-  
 d'ada Caminha.

(2) Horacio , na *Arte Poética* , ver. 378.

( E alguns se achão talvez em meus poemas )  
 Quando o requér o assumpto. Quando a caso  
 Sentado na sombria, e verde margem  
 D'um limpido ribeiro saudoso,  
 Olindo canta ao som, ao murmurio  
 Da branda veyra as mágoas d'uma ausencia:  
 Quando Tirso ós (1) auritos (2) arvoredos  
 Contente narra a chamma doce, e pura,  
 Que lhe accendeu no peito um olhar meiga.  
 Da formosa Amarillis. N'outro assumpto  
 Sempre terei em mófa, e menosprezo  
 Mulher cayada, e verso delambido (3).

(1) Em lugar de — aos — licença, que muitas vezes tomaraõ os nossos Classicos, que tinhaõ mais delicado ouvido, e mais familiaridade co'a Grammatica, de que os meus doutissimos Censores.

(2) Auritas dũcere quercus. — *Horat.*

(3) Multos, O juvenes, carmen decepit; nam ut quisque versum pedibus instruxit, sensumque teneriorem verborum ambitu intexuit, putavit se continuo in Heliconem venisse. Sic forensibus ministeriis exercitati, frequenter ad carminis tranquillitatem, tanquam ad portum faciliorem confugerunt: credentes facilius poema extrui posse quam controversiam sententiolis vibrare.

Quæro nos versos, quæ gustoso Ieyo,  
 Valentia de phrare, e de sentença;  
 Robustas eores no formoso rosto,  
 Meneio marcial, d'onde respire  
 Antes cheiro de pol'ra, que de amusear.

---

tibus pictam. Cæterum nequæ generosior spiritus  
 sanitatem amat, nequæ contempere aut edere  
 partum mens potest, nisi ingenti flamine litte-  
 rarum intundante. Effugiendum est ab omni ver-  
 borum, ut ita dicam, vilitate; et sumenda  
 voces à plebe summotæ, ut fiat: *Odi profanum  
 vulgus et arceo*. Præterea curandum est ne sen-  
 tentiæ emineant extra rationis modum expressæ,  
 sed interto versibus colore nitent. Homerus  
 testis et Lyrici, Romanusque Virgilius, Hora-  
 tiusque curiosa felicitas. Cæteri enim aut non  
 viderunt viam qua iretur ad carmen, aut visam  
 timuerunt calcare. Ecce belli Civilis ingens opus  
 quisquis attigerit, nisi plenus litteris, sub onere  
 labetur. Non enim res gestæ versibus compre-  
 hendendæ sunt, quod longe melius historici  
 faciunt quam Poetæ: Sed per ambages Deoram-  
 que ministeria, et fabulosam sententiarum  
 ornamentum præcipiendus est liber spiritus, ut  
 potius furentis animi vaticinatio appareat, quam  
 negligens orationis sub testibus fides.

Passon.



Outros prezão melhor versos de alfêlos (1)  
 Lá tem o Chagas, chapem-no, regalem-se  
 C'os seus doces romances de ovos molles,  
 E se inda o achão duro, têm o Zuziga;  
 Que em seus versos de fôfo caramêlo;  
 Não tem Elixir; (2) não tem Simul cadente  
 Simul soante; ou verbo, que não venha  
 Na Cartilha do Padre Mestre Ignacio.

Lá resmembra uma nódra; que segundo  
 O parecer dos Deutos meus Censores;  
 Que aprendem Portuguez pela Galla;  
 Uma nódra é; que affeia os meus escriptos,  
 Que enxovalha o melhor das minhas Odes.  
 Termos novos, em drogas da antigualha;  
 Que se achão só em Barros, em Laena,  
 Velhos Sebastianistas, que este mimo  
 Do fallar Luso-Gallico não provão:  
 Termos, de que jamais na Academia  
 Usou tanto Author sábio, e respeitavel,  
 Que tam vastos volumes compozerao  
 De estampas régias, de opulenta margem.  
 « Um Author de folhetos ( dizem elles )

(1) Quam citò id, quod valde dulce est, aspernatur et seipuit!

Oleer. 3.<sup>o</sup> de Oratione.

(2) Vid. a Approvação das obras de Domingos dos Reis Quita.

» Per quatro Odes , que fez , mal-alinhadas ,  
 » Quer mais authoridade ter , mais pezo ,  
 » Que tam dignos Varões ? Melhor lhe fora  
 » Escrever como nós (1). O Sapateiro  
 » A Rascôa , inda o mais boçal Mochilla  
 » Entendem nossos versos , e os decóraõ:  
 » Os seus , só o Diniz , só o Pezeira ,  
 » Ou algum dessa récova os descifra .  
 » O Mattos nunca usou de *sotto-postos* ,  
 » De *aferrolhar* , de *nitidos* , nem *fulgidos* ,  
 » Nem d'outros termos vis , avelhentados ,  
 » Carcómidos nas trovas Affonsinhas.  
 Tem razão ( lhes dirás ) dirás comigo :  
 » Para esses meus senhores nunca escrevo ,  
 » Nem para quem decóra táes refugos .  
 » Escrevo para mim , para Dorindo ,  
 » Para Ti , Avellar , que sem piedade  
 » Aqui córtas o ramo mui-viçoso ,  
 » Alli o pécco ; o escuro me esclareces ,  
 » E o baixo , e vil , me dizes que levante .  
 Assim Virgilio , Horacio poetavaõ  
 Para Augusto e Mecenas , para Vario ,  
 E com chuffas aos Mevios respondiaõ .

---

(1) Ecrire en vers pour les faire mauvais est  
 la plus haute de toutes les sottises. *Volt. frag-*  
*ment d'un discours histqr. et critiq. tom. 6 de*  
*l'édit. de Beaumarch.*

Os que como Diniz (1), Garçaõ, Ferreira-  
Meditaõ, folheando noite e dia (2),  
Os Gregos, e Romanos de alto preço,  
E daõ moldados versos nestes cunhos,  
Dignos de entrar no Templo do Bom Gosto;  
Saõ os que estimo só (3), de quem recebo  
Com gosto, e com respeito o bom reparo. (4)  
Que muitos há, que estudaõ com proveito;  
Mas faltos de escrever (ja de medrosos,  
Já de esquiva Perguiça avassallados)  
Como campos não tem, nem terras vinhas,  
Que o saltante granizo lhes pedreje (5).

---

(1) Pindarici fontis qui non expalluit haustus.  
*Horat. Epist. ad Jul. Pl.*

(2) Neque concipere, aut edere partum mens.  
potest, nisi ingenti flumine litterarum inundan-  
te. Petron.

(3) Cæteri autem aut non viderunt viam quæ  
iretur ad carmen, aut visam timuerunt cal-  
care. *Idem.*

(4) Cette flamme qui brûle au sein des grands  
auteurs,  
Doit être le flambeau qui guide les censeurs;  
Il faut également que le ciel les inspire,  
Les uns pour critiquer, les autres pour écrire.

(5) Dizemos juntar, sentar, levantar, e ajun-

Zombar das secas, zombar dos negrões,  
 E do pobre rendeiro, que anda á espreita  
 Do soaõ, da tormenta furiõsa, (cos :)  
 Que lhe creste os botões, lho arranque os tron-  
 Não tenham nos escritos tempestade,  
 Despedidamente nos mais ferent.  
 Por lui severos, estes os recuso; (1)  
 E aos que não têm; por Criticos rejeito; (2)  
 Quo são cegos, de cores não distinguem.  
 E quem não sabe d'arte, não a estima (3).

Quem escreve : quem sabe o quanto é árduo  
 Vestir de ricos trajo a idéa nôbre;

*ed, assentar, allevantar — pedrejar, e apedrejar.* — Ponho esta nota, porque não sei com quem fallo:

(1) *Cæteros pãdeat, si qui itã se litteris abdi-derunt ut nihil possint ex his neque ad com- muniã afferre fructum, neque in aspectum lucemque præferre. — Cicero pro Archia.*

(2) Há certos Criticos, que a tudo poẽm pê-cha, e que não escrevendo, nem sendo capazes de escrever, querem impedir que os outros escrevam. Eu não sei a comparação, que lhes quadre melhor; que a dos Eunuchos do actual. *Il n'y fait rien, et n'is a qui veut faire.*

(3) *Sanctus*

Com que appareça honrada, entre esse Vulgo,  
 Que, mais que na Virtude, e modo honesto,  
 Repara na riqueza, e no vestido : —  
 Que é penuria todo o ouro d'uma lingua,  
 Se alma (1) e feições dar queres ao Conceito :  
 Que se estranhas, antigas, novas vozes  
 No taboleiro escolhes, uma (2) apenas  
 Acha graça em teus olhos rabujentos. —  
 Que esta no verso é longa, aquella é curta,  
 Chócha não sóa, ou retinnindo estruge. —  
 Esse orna só c'o merecido louro  
 O verso cheio de uteis pensamentos,  
 Novos (3) na phrase, novos na substancia;  
 Esse arroja da banca estudiosa,  
 ( Costamada a leituras escolhidas )

(1) Vi em um manuscrito d'um Seráfico de Visy-  
 ra, onde para escolher a phrase. — Emborã  
 a setta no arco — havia 25. entre-linhas de 25.  
 phrases, que antes desta lhe desconteriam.

(2) Tout prend un corps, une ame, un esprit,  
 ( un visage.

*Boil. Art. Poëtiq. Chant II.*

(3) Dicant insigne, recens, adhuc  
 Indictum ore alio.

*Horat. I lib. III, Od. 25.*

Summenda voces à plebe sumpta, ut fiat :

*Odi profanum vulgus, et arceo. Petron.*

Dourado' livro de garridos versos ,  
 Cuja dicção trivial , ôcca harmonia (1)  
 Brillhou já nos corrilhos do Erario,  
 Ou trouxe-a do Brazil fôfa e confeita ,  
 N'um barril de melasso , um Carióca. (2)  
 Esse da banca arroja' os ( por alcunha )  
 Do' *Sentimento* deslavados versos ,  
 Que das paixões não vem , que não vem da alma ,  
 Nem poem à luz , em quadros falladores ,  
 De bem-sentido affecto os vivos rasgos :  
 Versos , que Apollo condemnou à queima ,  
 Por frijos , e enfeixados em má prosa ,  
 Que a Mòda , e não as Musas inspiraraõ.  
 Que thezouro não cumpre ter aberto  
 De opulenta linguagem , ante os olhos ,  
 O grandiloquo Vate , ás Musas caro ;  
 Ou que serras não còrta , minas rompe ,  
 Sangrando ricas veyas de ouro puro ,  
 Com que reléve , e enfeite a Ode altiva ,  
 Emuladora da Aguia ali-potente ,

---

(1) Fabula nullius veneris, sine pondere et arte ,  
 Versus inopes rerum , nugæque canoræ.

*Horat. de Art. V. 3ac*

(2) Sei que há muitos Bazileiros de bons es-  
 tudos , que desprezaõ os momos , e affectações  
 de quatro bandalhos , q ue por ellas campaõ :  
 com esses não fallo , antes os louvo , e os estimo.

Que fita o Sól na fulgida carreira,  
E na nuve enrolada esconde o vóo ;  
Ou , franqueando estreitas leis , devolve  
Dithyrambo atrevido , embriagado ,  
Dos outeiros do Ménalo ruidoso ,  
Rodeado de Férulas , de Thyrsos ,  
De capripedes Satyros saltantes ?

Aqui os transes são , aqui da fronte  
Do trabalhado Vate corre em fle  
O suor , que reluz na róxa face :  
Aqui . . . . mas lá lhe traz do verde Pindo  
Meigo socorro o affavel Soberano  
De altos versos . . . Lá franco lhe concede (1)  
Cartaz para a plebéa , que ennobreça  
Com fóro , e moradia ; á peregrina (2)  
Naturalize , e cidadão se chame ;

---

(1) Geralmente foi dada boa licença

A's linguas ; umas a outras se roubarão.

*Ferreira , Lib. 2 , carta 1.*

(2) AMAT PEREGRINA VERBA . . . .

*Latio fonte cadant parce detorta.*

*Horat. de Art. Poet.*

Na qual quando imagina ,  
Com pouca corrupção cre que é a Latina.

*Camões.*

Assente em tribunal ( entre as modernas  
Barbi-louras ) a antiga, (1) veneranda  
Pelas honradas castas, grandes serviços e  
Ou juntando em travado matrimonio  
( Estremado dizer-lhe ch'ama Flacco ). (2)  
Duas hem-conhecidas, fôrta a nova  
Com cunho Português, embora vinda,  
Com que a si, com que aos seus mais entiquêça.

Mas cá me venh' dos brêjos de Agamippe  
Um grasnido (3) rouquenho do Vulgêcho  
Arrumador dos ados, idos, e ovos, (4)  
Que o verso estimas só, que os consonantes

---

(1) *Multa renascentur quae jam cecidere.*

*Horat. de Art. Poet.*

(2) *Dixeris egregie, notum si callida verbum  
Reddiderit junctura novum.*

*Horat. de Art. Poet.*

(3) *Climore nupitiquae proci*

*Ranca crepant crocitantque corvi  
Contra ministrum fulminis alitem.*

(4) Si par hasard, en cherchant une rime, on  
trouve une pensée, on renonce souvent à em-  
ployer une pensée vive, délicate ou sublime,  
faute de pouvoir l'insérer dans les bornes  
du vers, ou de la faire sonner par le grelot  
de la rime.

*Voyag. Philos.*



Sacode, como guiso, na colleira. (1)

- « Não há um consoante nessas Odes,
  - Nesse escuro delirio. Abate, o vôo,
  - Desce do Bégaso. A' ta, as tuas troças,
  - Que não lhe achamos, pomba, nem estilho. » (2)
- Musa, que me prendeste com a Lyra  
Que Homcio declarara d'um lenheiro,  
Do Saço hecates, em frente do arno, throno;  
Em que Pindaro (3), e Orpheo, estão sentados :

(1) Solo per piacere all'occhio del comun popolo, che pago, e contento de quel semplice stillamento, e passito, non penetra addentro nel midollo, e nella sostanza della materia. — Prologo da traducção italiana de Cato de Adisson, impressa em Florença, no anno de 1745.

(2) — Mihi nunquam  
Dilem, saepe jecum vestri novae tumultus.  
*Horat. Lib. 1, Ep. 19.*

(3) Son caractère dominant est la noblesse, la sublimité, l'enthousiasme. C'est un homme, qui quand il a pris son essor, dédaigne de s'assujettir aux règles ordinaires, néglige les liaisons et les transitions dans le discours, s'élève comme un aigle dans la région des foudres et des tempêtes. Ce n'est plus le langage des hommes qu'il tient; c'est celui que notre imagination prête aux Dieux... Mais au même tems ce désordre même

Musa, que sobre as cordas sonerosas,  
 Quando a mão me adestravas, e influias  
 Canto divino em minha voz grosseira,  
 Me dizias mórmente : « Novo Alumna,  
 » Fôge, fôge do humano, humilde idioma,  
 » Que nascido na terra, a terra busca,  
 » Prezo caminha, preza ao lado a idéa.  
 » Tu estuda o fallar dos altos Numes,  
 » D'onde te vem o 'sprito : o rayo puro  
 » Que gera o Vate, gera alados versos,  
 » Que pelos soltos ares, soltos voaõ  
 » A chegar-se, nos Céos, à sua Origem. » (1)

est une des grandes beautés de l'Ode, laquelle se propose d'élever notre imagination, et non de nous former le jugement. Ses Ouvrages sont des modèles de la plus grande élévation et du plus grand enthousiasme, dont la Poésie soit capable. Ses pensées sont vives et fortes, son expression pompeuse, sa versification rapide.

*Abrégé de l'Hist. Grecq.*

(1) Majores ego spiritus

Gestans, sub pedibus degenerem metum

Projeci, et sola deserens

Ad cælum rapior plenus Apolline :

Indoctisque reconditos

Fontes Aemonis visere gestiens,

Magnum, orudus adhuc senex,

Flaccum pone sequar per nemora invia.

*J. B. D. S. R.*

Que mandas , Musa , que responda agora  
Aos baldoés , que em meu nome , a Ti disparaõ ?  
Permittes que o segredo lhes descubra ;  
Que a vereda escondida patentêe  
Por onde vóa o remontado Vate ,  
Quando em conselho radioso os Numes  
Vai escutar , e c'o elles gosta o nectar ,  
Na fatidica taça do alto Apollo ?

Qual pallido na Eleusis trême , e jura  
Guardar o Grego os mysticos Arcanos ;  
Tal eu jurei , nas tuas mãos mimosas ,  
Guardar o arcano dos sublimes versos ,  
Que me trouxeste da morada Olympia.  
Assim jurou o teu Rousseau divino :  
E bem ( como eu ) vexado por pedantes ,  
O vedado segredo encerrou na alma.

Ouvi , como este Vate mais - que-humano ,  
Tomado do furor que Apollo inspira ,  
Cresce no 'sprito , e ufano se agiganta :  
Subindo ao cume do partido monte ;  
Aos detractores do Estro sublimado ,  
Aos Criticos pygmeos abate o orgulho ;  
E sem que estrague o honrado juramento ,  
Os esconços juizos vexadores  
Co' a rocha do desprezo esmaga , e enterra.  
Ou qual Perseo no alado bruto monta ,  
E descobrindo a anguifera Gorgona ,  
C'o terrifico escudo assombra , im-pedra  
Esguios Zoilos de franzida fronte ,

« Fraco espirito (1) que a tórta senda ignoras  
 » Do-Pindo, e medir queres c' o de Euclides  
 » Compasso, o devaneio de meus versos,  
 » Aprende, que iguaes raptos deu Virgilio  
 » As Sicelides Musas. Tu só podes,  
 » Feliz Delirio, eternizar o canto  
 » Dos Mestres da alta Lyra. » — Emudeceste,  
 Marréco granador? Contigo falla,  
 Contigo, que vés tado escuro e solto,  
 Se não t' o poem à porta em taboleta,  
 Ou qual ramal de peros enfiado.

Quererás tu, que Pindaro ruidoso,  
 Quando mais ferve, (2) e da profunda bocca  
 Delirado desata a gran torrente  
 Por fragas, por barrancos despenhada. . .

Aqui alaga, alli vidento arranca  
 Rochedos e pinheiros. . . . vá a tento,  
 Com uma arte na mão, (3) costeando as regras

(1) Ode ao nascimento do Duque de Bretanha.

(2) Fervet, immensusque ruit profundo  
 Pindarus ore. — *Horat. Lib. 4, Od. 2.*

(3) Non enim res recte veribus comprehen-  
 denda sunt. . . . Sed per ambages, Deorumque  
 ministeria, et fabulosam sententiarum tormen-  
 tum precipitandus est liber spiritus; ut potius  
 furentis animi yaticinatio appareat, quam re-  
 ligiosæ orationis sub testibus fides. — *Petron.*

D'um ético roteiro de apprendizes ,  
Por não te molestar o çafio engenho ?  
Pisco Censor , que perdes de olhos a Aguiá ;  
Quando despréga as implumadas forças ,  
E accommette dos Ceos a azul barreira ,  
Não canta para ti Pindaro altivo.

O espirito séguez a Apollo , a Ovelha o trilhão  
O estylo impetuoso de uma Ode  
Atropella , não piza ; esconde a esteira ,  
Que talhou despedida , a turvos olhos.  
Os que criou Calliope divina  
Em seu inclyto seyo ; os que nascendo  
Bafejou Phebo com ardente sopro ,  
Podem sós , com a vista , rastrea-la.

O Venusino , imitador do Cysne  
Dirceo , que em alvo Cysne (1) transformado ,  
Maior que a Inveja , deixa Roma em baixo ,  
Para estender o vôo até os Pólos ;  
Que lidas , que suor (2) não deixou prestes  
A Salmasios , a causticos Lambinos ,  
Quando o laço escondem desta Ode egregia :

---

(1) Jam , jam residunt cruribus asperæ  
Pelles , et album mutor in alitem.  
Invidiæque major

Urbes relinquam. — *Horat. Lib. 2, Od. 2:*

(2) Quantus adest sudor !

*Horat. Lib. 1, Od. 15.*

*Ao Varaõ justo , e firme em seu propósito  
 Não lhe abulaõ a mente inçontrastavel  
 Injustas ordens de assomado Povo ,  
 Nem de Tyranno o rosto resolutto ,  
 Austro , revoltto Rei do Adria inquietto ,  
 Nem de Jove tonante a maõ ingente .  
 Cayo , sobre elle , espedaçado , o mundo ,  
 Feri-lo-haõ ; mas impdido ás ruínas .  
 Pollux nesta arte , e o vago Alcides fixos ,  
 Os alçaçares igneos alcançaraõ :  
 Entre elles bébe , com purpurea bocca ,  
 Augusto o nectar recostado ; nesta  
 Benemérito , Oh Baccho Páe , teus tigras  
 Te rodaraõ , tirando o indocil jugo ; —  
 Nesta arte fixo Romulo se escapa ,  
 Nos cavallo; de Marte , do Acheronte .  
 Aqui punha Scaligero as halizas ,  
 E o fim à Ode ; outra Ode lhe era o résto .  
 Não vio , nam c'o elle viraõ muitos outros ,  
 ( Com quem te envergonharas por-te à barba ,  
 Tu que enojosas criticas arrojás )  
 Que a soltura apparente , que o delirio ,  
 Que subito se appossa do Poeta ,  
 Não se deixa colher de olhos vulgares ;  
 Poucos , que Apollo amou , em cuja mente  
 Poz throno , poz morada ; e correr pôdem  
 ( Bem que de longe ) a estrada Venusina ,  
 Vem o fio , e vereda do sentido .  
 \* Muito sei , diz , que é peça de obra prima*

• A poetica falla , onde contra Ili  
 • Juno disfére o seu rancor inteiro ;  
 • Onde ( máo grado seu ) toda a grandezza  
 • Já , dos Romanos , ante-diz , futura.  
 • Mas onde prende , onde é que está o laço ,  
 • Que esta falla ao principio entronca , e nunc ?  
 • Eu não o vejo (1) ” — Horacio bem o via ;  
 Que via mais que tu , mais que Scaligero ,  
 Que os seus netos em critica , e os bis-netos ;  
 Mas vem comigo ainda ; aguçã a vista ,  
 Para véres prodigios mais occultos.  
 Wé se os listoés distingues , com que Pindaro.  
 As estrophes liberrimas enlaça ,  
 Quando se iguala ao Rei , (s) que illustre offrece ,  
 Na taça nupcial micante orvalho  
 Do rabido Lyco , ao genro egregio . . .  
*Assim brãdo eu , c'o a taça , os venedores ,  
 Do almo nectar da Fama transbordando ,  
 Doce fructo do engenho , dom das Musas.  
 Rhodes , Noiva de Sol ; de Venus Filha ,  
 Que longe-reinas nos cavados mares ,*

---

(1) M<sup>r</sup>. Le Fevre , pãe de Mad. Dacier , foi quem primeiro descubrio o sentido , e o nexo desta Ode. Os que não tem as obras deste erudito , podem ver as notas , que seu genro Mr. Dacier fez a Horacio.

(1) *Pind. Olymp. 7.*

*Teu Filho canto , coroado Athleta  
 Do Alpheo nas ribas , e Castalia fonte.  
 Quero pregoar no Orbe , que em Alcides,  
 Por Tleptólmo entronca o nascimento.  
 Quanto Error pende sobre o peito humano !  
 Censor , que buscas néxo , que investigas  
 Os fios , com que o Vate urde o delirio ,  
 Ségua a Pindaro agora extraviado  
 Por longes terras , por prolixas ondas ,  
 Prezo aos Fados do invicto Tleptolemo.  
 Do fatidico Apollo eis busca as áras ;  
 Eis peregrina a éssa Ilha affortunada ,  
 Onde Jove choven os fióccos de ouro ,  
 Quando , da frente , por Vulcaneas artes ,  
 Pallas lhe rebentou , gritando : « A l'arma ,  
 » A l'arma » , que abalava os Céos , e o mundo.  
 Entam o Deos , que os Orbes allumta  
 No carro chammejante , aos caros Rhodios  
 Manda erguer aras à guerreira Filha  
 Do ouri-chuvo Deos : Minerva grata  
 Arte , e engenho esparzio com mão profusa ;  
 E as , que , 'statuas nas praças lhes respiraõ ,  
 Daõ largo nome a Rhodes no Universo.  
 Enfezado (1) maisin do verso escuro ,  
 Espreita o ovante Pindaro , que bate  
 A's esculpidas portas da Memoria ;  
 Desta Ilha illustre os titulos consulta :*

---

(1) A. P. D. S. C.



Allí vê qual partilha os Deosos fazem  
Entre si , das Cidades que protegem ;  
Como o Sol ( vindo tarde ) é desherdado ?  
Mas Jove , Juiz recto , ao Sol concede  
Uma Ilha , que ( correndo a méta usada )  
Brilhar vira nos seyos de Neptuno.

*Sóbe Rhodes à flor da azul campina ;  
O Guia dos ignivomos ginettes  
Della ha sette mancebos ( despozando a )  
De gentil rosto , de estremado sizo ,  
De sette altas cidades fundadoras.  
Poz termo a seus errôres n'uma dellas  
Tleptolêmo , e das gentes , por virtudes ,  
Por trabalhos , qual Deos é adorado.*

Canta depois as crôas , as victorias ,  
Que Diágoras válido ganhara :  
Despêde a Jove poderosos rogos ,  
Que dê força , e virtude ao seu Athleta ;  
Olha de longe o grato regozijo  
Da vencedora Patria , o empenho alêgre  
Dos Rhodios Cidadaões , e fécha o Canto.

Onde a trama ves tu , onde a ordidura  
Da bem-tecida , bem-bordada tela !  
Se da crôada Élide avistar-te ,  
C'os teus atilhos , c'o teu claro e doce ,  
Pisao pygmeo , se Pindaro podêra ,  
Neste arredado século mesquinho ,  
Cuidas , que para ti baixando o voo ,  
Iria passo a passo pela estrada

Contando pelos dedos os successos ,  
Qual nos conta aponcado Gazeteiro  
Os navios que entraraõ pelo Sunda ?

« Que tenho eu cá com Pindaro ( responde. )

> Que Grego para os mais, para mim Turco ,

> Me falla desvairada algaravia ?

> Digo, que quero ler versinhos claros,

> E que os teus não entendo, por escuros. »

Tambem eu no Camoës, no bom Ferreira

No principio alguns li, sem que colhesse

Logo o sentido: mas re-leio, e estudo,

E o que era escuro, claro se me torna.

Tóma este meu costume por conselho,

E não serás por nescio reprehido.

Mas se de espirito bóto, e vista curta

Te amñas contra Pindaro, e Horacio,

Contra mim, que de longe os sigo, e canço ;

Não quero porfiar; façamos pazes.

Contigo assaz zombei, assaz fui duro.

Somos amigos : consolar-te quero.

Lá vejo vir, com rosto prazenteiro ,

Minha gonda Paxorra, amiga velha ;

Se ella ajudar-mé quér a dar-te gosto,

Não desconfio de compor-te uns versos

Claros, molles, versinhos para Freira ,

Recheados de affectos, de finezas,

De frautas, de surroës, e de cajados,

Atados com brillantes maravalhas,

Sonóros, bem farfantes, campanudos,

Com cascaveis de gnápos consoantes;  
E assucara-los-hei com palavrinhas  
De muito não-sentido *sentimento*, (1)  
Com que, lendo-os, de mim sejas contente,  
E eu, compõdo-tos deite nma can fóra....

Longe de mim, medrosos Consoanteiros,  
Fleumaticos na frágos dos furores,  
Que dictais, por capitulos, as Odes:  
Phebo seu fogo vos negou avaro.  
Amo o Poeta, que emboccando a Tuba:  
« Não sou mortal ( me diz ). Apollo, Apollo  
» Me revolve as idéas, m'as escolhe,  
» E ordenadas à lingua m'as envia. »  
Que assim cheia do Deos a Pythia alheada  
Pela bocca exhalava o vapor sancto,  
Que da tripode ao peito lhe batia,  
E insano lhe lavrava nas entranhas..... (2)

---

(r) On parle sans cesse dans notre siècle de *sentiment*; c'est un grand mot; et je soupçonne qu'on ne le repète si souvent, que parce qu'on ne l'entend pas.

*Geofr.*

(2) — Ubi vaticinos concepit mente furores  
Incaluit que Deo, quem clausum pectore habe-  
( bat.

*Ovid. Metamorph. v. 640.*

Alguns Amigos me dizem, que eu não faço

**Naõ tens tu, Avellar, — que eu sou ja longo,**  
**E que a minha Perguiça enfastiada**  
**Boceja, e quer dormir, de ver o sério,**  
**O estomagado texto d'uma carta,**  
**Que comecei por méro desfastio!**  
**Pois, boa noite : adeos (1); que vou deitar-me.**

---

dem em citar tanto os authores; e que é des-  
luzir os meus pensamentos, o apontar as palavras  
de outros, que já o tinhaõ ditto : mas eu que  
nessas tróvas, me naõ dou nunca por talento  
divino, que diz com sublimidade o que nin-  
guem antes d'elle disse, allégo o author, se elle  
me lembra, e as tróvas irãõ como podérem, à  
eternidade — ou à tenda para embrulhar adubos.

(1) Trop paresseux pour abréger.

Trop occupé pour corriger,  
Je vous livre mes rêveries.

. . . . .

J'abandonne l'exactitude

Aux gens qui riment par métier.

D'autres font des vers par étude,

J'en fais pour me desennuyer.

*Gresset.*

---

SONETTO. \*

**T**RISTES Cyprestes de agourada rama,  
Horror desta foyssima espessura,  
A vós me envia a minha Desventura,  
O meu mortal Destino a vós me chama.

Nesta rocha, em que o mar rébenta, e brams,  
Elejo abrir medonha sepultura,  
Em que entérre comigo a magoa dura, (ma:  
Com que a alma lotta, ausente do Bem que a-

Vós, Troncos inclinaí com dor sentida  
Maviosa sombra a meu penar sobejo:  
Frio punhal, que me atravessa a vida!

Ternas aves, cumpri com meu dezejo;  
Tristes cantai, na amarga despedida,  
Que ja vos dou, se Marcia vir não vejo.

---

\* E' muito usual na idade de 18 annos sentir as penas tam agudas da saudade; estaõ as carnes mais brandas, e o coração co' as pórtas abertas, para receber os tiros. Mas em 70 que já por mim passaraõ, foi-se endurecendo, e encorreiando o peito desórte, que para nelle abriu brecha o Amor, lhe fora necessario em lugar de arco, e flechas, disparar ballas de 24.

---

## ODE A VÊNUS.

---

Si . . . . mavis, Erycina ridens,  
Quem jocus circumvolat et Cupido.

*Horat. lib. 1, od. 2.*

---

**S**e ao teu Nume offreci , piedosa Vénus ,  
O coração estreito em prisões de aço ,  
E se amorosas lagrymas sentidas  
Verti em teus altares ;  
Se assiduo servo , em teu sonóro templo ,  
Maviosos hymnos te enviei alados ,  
Entre cheirosas , enroladas nuvens  
De estremados perfumes ;  
Se a bemaventurar baixaste outróra  
C'um almo riso , o'um divino beijo  
De requintado mimo , affavel , meiga ,  
Teus leais amadores . . .  
Lembre-te o lonro filho de Cinyras ,  
Quando as selvas pisaste em seu alcance ,  
E quando , só de o ver terçar um dardo ,  
Te estremecia o peito .  
Falle o Simoente , e os ulmos piedosos ,  
Que , curvados , os ramos enlaçavaõ  
Para acoutar os soffregos abraços  
Do miú-ditoso Anchises .  
No Ida ovante Páris te olhou-nua . . . ?

Possúe Anacreonte a vocal Pomba ,  
Que em galardão d'um hymno lhe cedeste ;  
Voluntaria servente. . . .

E eu , que antigo devoto me acobarde  
Ante esta tua imagem fria , escassa  
De teu meigo fallar , meneio airoso ,  
Teus bilhos derretidos !

Eu que a teu filho , e a seus sarpoes prolixos  
Abri no peito campo á aljava inteita ,  
Que a Ti , que ás tuas Nymphas, da aurea lyra  
Votei todas as cordas !

Porque não peço , que te a mim descubras ,  
Qual em Paphos reluzes , quando em torno  
Do césto poderoso te surriem  
As nuns, hizas Graças !

Mas sou eu digno ! . . . Dobrarei offrendas ,  
Votos pendurarei eheios de affecto ;  
Escreverei nas immortaes paredes  
Escravidão devota ;

Encurvando os joelhos importuns ,  
Teu Nume dobrarei. Que assim foi digno  
Esse esculptor rebelde aos teus festejos ,  
Quando te orou prostrado ,

Que , esquecida do atroce menosprezo ,  
Na fria estatua espiritos soprasses —  
Já se aquéce o marfim , azúes as veias  
Entre a pelle resaltaõ , . . .

Já a bocca se avermelha , os olhos luzem ,  
Lá se descurva o braço retardio. . . .

Na lingua inéste a voz atropellada.

Prova encetada a vida. —

Eu devaneio ! O dardo flammejante  
Que me varou o peito , Amor iniquo ,  
Em lágrimas de amantes deliriosos

O tinhas temperado.

Tanto não peço , oh Deosa , só supplico. . .

Oh Musas , ajudai-me. Aqui convosco

A dulcisona voz ameigadora

Trazei do brando Phebo :

Aquella mesma , que soltou suave  
Nas ribeiras do Amphryso , quando a Jove  
Derreteu as colericas vinganças

A quebrar-lhe o desterro.

Essa voz peço ; e se outra inda há mais doce ,

Essa requeiro. Co' ella intente , anhele

Supplicar , ameigar a Cytheréa

Que aos votos meus aspire.

Venus , Venus ! Oh Deosa da ternura ,

De branda compaixão perenne fonte ,

Senhora das benévolas florestas ,

Das sombras namoradas :

Desce a meus olhos das Olympias nuvens.

Faze feliz com teu divino rosto. . . .

Per Ti , oh Diva , endecado seja

Teu servo ardente , assiduo.

Não temas o sorriso malicioso

Das envejosos Deoses. Se o reccias

Toma a forma de Anarda ; que a mundo



Por Cypria a teve o Orbe:

Ella tem as douradas, molles tranças,  
Que Adonis tantas vezes, pelos bosques,  
Te desembaraçou de humida relva,

E de amassadas flores:

Seus olhos como os teus dardejão gosto,  
Que aquéce, que inquieta o assento da alma;  
Da bocca virginal correm-lhe algemas,

Como as com que tu prendes.

Dá-me que eu possa, em teu disfarce illuso,  
Beber dos labios seus o amante riso,  
E ás pudibundas rosas de seu rosto.

Chegar a accesa face:

Dá a meus famintos braços, que lhe cinjão  
O eburneo collo, voluptuoso golphão,  
Onde acerbos ondeão separados.

Os não teccados pommos.

Mas qual estranho som se ouve no templo?...  
Que encanto em meus sentidos!... Eis que as auras  
Mór perfume recendem!... (Que alto assombro!)

Volvem máis clara flamma!

Faustos sinais os ares alvoroçãõ;  
Despem os Céos as nevoas discontentes,  
O Sol accende em chamma aureo-rosada.

O festivo horisonte:

Os prados se ornaõ de matiz estranho;  
Nova esmeralda vestem as campinas,  
E os troncos desabrochaõ novas flores

Pela copada rama.

Que ouço ! Lá sóa a porta do alto Olympo ,  
Sobre os burnidos quicios bipatentes :  
As columnas avisto de diamante ,  
Os sólios de carbuncho.

Os Deoses assentados radiosos  
A attençaõ immortal com gosto inclinaõ  
A' celeste harmonia , a vista passem  
No subjacente mundo.

Levantaõ-se as menores Divindades ,  
E em longo fio aos pórticos caminhaõ :  
Toda a turba divina corre , vóa ,  
E correndo recresce.

Os atrios , as arcadas se povoaõ ;  
Mil fleiras de aligeros Cupidos ,  
Flóreos arcos travando , os ares rasgaõ ,  
Cortejo abrindo alegre ;

Por entre elles , em rápidas choréas ,  
Os Jocos , os Prazeres vem dançando.  
Diviso as Pombas , e o doirado coche ,  
Com a'bèlla Erycina.

Eis da alta concha assetteando airosa  
Vem , c'os rayos azuis dos olhos lindos ,  
Homens , e Numes. Que gentis feridas ! . . .  
O Filho desenvoltó ;

Aqui , alli o sceptro meneando ,  
Manda aos Amores despejar aljavas ,  
Sacudir pela esphera os fachos vivos ,  
Té que os ares se inflammem.

Como vem sobre nós a ardente chuva !

Amorosas fâscas nos reluzem ,  
Nos accendem , nos lavraõ pelo seyo ,

A dar rebate ao sangue !

Qual vívida influencia omni-parente  
Se espalha , e desce aos penetrâes anciosos  
Da Madre Terra ! Oh como aviva , e enfeitá-

A innumera progenie !

Retumbaõ nas lidadas officinas  
Eccos gostosos de nascentes almas ,  
Que nóvos corpos a habitar se espalhaõ :

Acóde vida aos gommos.

Nos dobradiços ramos balançando-se ,  
As ternas aves , enlaçando os bicos ,  
Ers-sentem já , no estremecido arrulho ,

Os propinqtos prazeres :

Co' as suri-verdes caudas escamosas  
Os Tritotés arrazando as ondas crespas ,  
Trás as bellas Neréas se arremessaõ ,

Em concertados pulos :

Os felpudos , capripedes Sylvanos ,  
Affittando as cornigeras orelhas ,  
Chammas os olhos , descomposto o passo ,

Se entranhaõ pelos bosques. —

Salvai-vos deste abrazador dezejo ,  
Nymphas , que os lizos membros de alabastro  
Banhais na lymphá pura , ou mal da vista

Os recatais dançando . . .

Aqui descem , ( Que instante deleitoso ! )

Os alegres Amores , que saltando

Se estremaõ pela relva , e com ligeiro ,  
Travesso riso me olhaõ.

Com mil sétas subtis , que humedeceraõ  
No mel Hymetto , e na Acidalia fonte ,  
Me emplumaõ todõ , embebem-me as entranhas  
De insólita doçura.

Eis desce contra mim , buscando a terra ,  
A Cypria concha... Amor ! que affavel me olhas !  
C'o a ponta da aza , a pomba do alvo jugo ,  
Me affaga meiga a face.

Amor , Amor ! Que vejo ! Quem conduzes !  
Vénus tomou de Anarda o gesto lindo ?  
Naõ. — É Anarda , Anarda. Saõ seus olhos :  
É seu grato sorriso.

Naõ sou em mim. Oh Deoses , acudi-me.  
Tanto prazer no seio naõ me cabe ;  
Pela alma me transborda ; à bocca estreita.  
Vem de tropel as vozes.

Ah ! que incerto naõ sei por onde encéte....  
A Gratidaõ... o Amor... tanta estranheza — —  
Vénus , no meu enleio , naõ nas fallas ,  
Vê meu santo respeito.

Jove a teus votos sempre amigo , affavel....  
Ah ! nunca Adonis , nunca Marte frios....  
Nunca o Sol vingativo te descubra  
Mal-roubados deleites.

Nova Psyquis , Amor , naõ-curiosa.  
Te abraçe eternamente affortunado....  
Cupidos , ajudai-me a agradecer-lhe.  
Favor taõ sem medida.

---

S E R M A Õ

COM SUA NOVIDADE.

---

**P**RÉGAVA um Cura; e em seu prégar dizia :  
« Tem meu sermão tres pontos, e declaro  
Que eu entendo o primeiro; mas vós nada.  
Eu do outro nada; e vós entendeis tudo.  
Ora (Deos me perdõe!) do terceiro  
Nem eu, nem vós pescamos cousa alguma.  
Vamos ver. O que eu muito entendo, e quero,  
E a que vós vos não dáes por entendidos,  
É cuidar nos concertos, que precisaõ  
As cazas em que móro. Ora o segundo,  
Que é pôr no ólho da rua eu a minha Ama,  
Vós o entendeis; mas nada entendo eu disso. —  
O terceiro.... tem dente de coélho!  
Nem eu, nem vós, Villoés, gente abrutada,  
Delle entendemos nada.  
Eu vo-lo digo já. — E' o Evangelho.

---

---

---

O D E.

Em 23 de dezembro 1784, dia de meus annos:

---

— Mea nec Falernæ,  
Temperant vites, nec Formiani  
Pocula colles —

*Horat, lib. 4, od. 2.*

---

**Q**UEM poderá dizer co' amigo Horacio :  
• Traze, Rapaz, decrépita botêlha,  
• Que sob o Consul Manlio foi lacrada,  
    » Para festivos bródios! »  
Mas quem perdeu, como eu, na ingrata Patria,  
Os não-culpados bens, não tem na adêga  
Preciosos Falérnos; da taverna  
    Bêbe as chilres surrapas.  
E quem me tolhe, de chrisma-las hoje!  
De as chamar Carcavéllos, Malvasia?  
Menos Bispo sou eu, que o Taverneiro,  
    Que o chrisinou por Borgonha?  
Brindo pois co' Borgonha ao meu Dorindo;  
Dorindo, que com Marcia, Anfriza e Alfêno,  
Honrou meus Lares, e tornou eterno  
    O dia de meus annos;  
Como Augusto, e Mecenas, (Grandes nomes!)  
Vinhaõ sentar-se à não-sobeja meza,  
E desfranzir as frentes negociosas  
    Co' pachorrento Vate.

A cõga Deosa, que barálha as sortes;  
Que sem tino arremessa os bens aos nescios,  
E os prudentes subjuga com desgraças,  
    Naõ me acurvou de todo.

Inda a meu lado os olhos me requébra,  
Co' a taça em punho, a nitida Marfisa;  
E risonhas, a escolha lhe engrandecem.

    As tres Irmans formosas.

Inda no coraçãõ fortificado  
Co' a san philosophia, larga brécha  
Naõ pode abrir, com todos os revêzes,  
    Que lhe asestou irosa.

Os corados amigos, que se espértaõ  
Co' picante vapor do accêso Baccho,  
Chamaõ as Graças, chamaõ a Alegria,  
    C'os polidos donaires.

Louros frécheiros, de malinos olhos,  
Aqui, alli os aroos encarando,  
Por virótes disparaõ bota-fôgos

    De namorado estrêmo:

E debatendo as azas de alvo arminho  
Em redór das entranhas (que encraváraõ  
C'os alados farpões) à labarêda

    Daõ sollicito alento.

Amor por entre os cópos adejando,  
Sacóde o facho, e cõbre de faiscas  
O almo licor de Baccho, que nos peitos  
    Vai atear incendios.

Rondando as boccas das gentis Donzellas.

Vejo os Risos, os Jócos prazenteiros,  
E Vénus, que lhes banha de caricias

Cada falla que sótaõ :

Mil azeos Derejos, despedidos  
De inquietas entrancas, se derramaõ  
Se crusaõ, se abalroaõ, té que espiraõ

Ante as frustradas portas : (1)

Dos olhos, que chammejaõ, sahem vistas  
Exploradoras, que calando a furto,  
Por empoladas cássas (2), vaõ sentar-se  
Sobre apressados peitos.

Tambem tu, se aqui fóras, meu Dorindo,  
( Bem que a táes golpes duro, e callejado )  
C'um pontapé de Amor, daria facil,  
Derretido suspiro.

Co' motim das saúdes, que retinnem,  
Esvoaçãõ es trépidos Amores,  
E os apertados animos se estendem,  
Para hospedar-te, oh Bromio.

Evoé, Nyctileu viti-comado,  
Tu de Vénus sustento, e companheiro,  
Vem alagar os coraçõs sedentos,  
Em máres de deleites.

As almas nos espérta, que enfraquecem,  
Com amantes branduras; saltem fóra  
Da molle bocca, em vez de vaõs requébro,  
Os cantos da Alegria.

---

(1) *Portas do coração.* Portas muito conhecidas dos suspiros. — (2) *Fichus menteurs.*



---

---

## S O N E T O

A uma Tia velha, Donzella, muito avarenta;  
que por sua morte deixou trinta moedas a ca-  
da uma de suas tres sobrinhas, Maria, Feli-  
cidade, e Margarida.

---

**A** LMA Christian, c'o bem-haver casada,  
Virgem e Martyr de carnal desejo;  
Que excepto algum abraço, ou algum bejo,  
Do folguedo viril foste privada.

Em dinheiro amuar toda empregada  
De hervas te alimentaste, e de abadejo;  
Cruél só contra a pulga, ou persevejo,  
Nunca a pintos por ti foi morte dada.

Anjos, e Cherubins á tua sahida  
Do corpo, a boa-vinda, com mesura  
Rasgada, te annuncião, mui devida :

Com repiques, o Céu na excelsa altura  
Do campanario seu, celebra a vida, (ra. (2)  
(Que abre a verba) (1) ás sobrinhas menos du-

---

(1) A verba da testamento.

(2) Vamos devagar, e entoado. Este *dura*  
concorda com a vida das sobrinhas, e não co's  
*Verba*.

---

## O D E.

Em a3 de dezembro de 1799 dia dos meus annos.

---

*Tardiora fata te votis manent.*

*Horat. ad Canid.*

---

**D**as ribeiras do Sena tam fallado,  
Se estendo da alma os olhos  
Até a branda Elysia deleitosa,  
Que assumptos tam-magoados  
Descubro à saudade sempre-viva,  
No centro de meu peito!  
O desterro, em que vivo desvalido,  
A's meigas formosuras,  
Que lá deixei na Elysia sempre-amada,  
Avulta a graça, as prendas.  
Assim parece mais frondoso, e verde,  
O Platano copado,  
Na ouréla viçosa de um ribeiro,  
Além de áridos êrmos.  
Alvas Nymphas do Téjo delicadas,  
Que, c'os brilhantes lumes  
De vossos lindos olhos engraçados  
Abrazáes tantas Troyas  
De almas esquivas, coraçãoes rebeldes,

Lembrai-vos de Filinto,  
Do Vate, em que influisteis Delio canto;  
Do Vate, que as primicias  
Vos offertou da mal-expérta Lyra.  
Oh vinde, vinde amenas  
Consolar neste dia de seus annos,  
Enójos de Filinto. —  
Depois que o Fado eterno consultarás  
Acerca de meus dias  
Essas tres desdentadas fiandeiras,  
Disse Atropos a Clotho :  
« Esta estriga que vês, na Styx mollhada  
Por um dos dous extremos,  
Pelo outro com caricias affagada  
Por Vénus, pelas Musas,  
Tal a tens de fiar para um Poéta  
Das margens là do Tejo.  
Assim m'a deu o Fado. Poém na róca  
Qual, máis te apráz, dos cabos.  
Se o Cabo da ventura logo fias,  
Serão annos ditosos  
Os que Filinto encetarà da vida,  
E os ultimos aziagos.  
O contrario será, se a estriga vóltas.  
Com tal sondaõ foi dada. »  
Clétho a cingio na róca por tal geito,  
Que fui feliz em quanto  
Logrei da Elysia os ares; desditoso,  
Mal que os perdi aquente.

---

---

## S O N E T T O

TRADUZIDO. (1)

- » Eu sou ( gritava Apóllo a Daphne um dia ,  
Atrás della , sem fôlego , correndo ,  
E a longa Ladainha descozendo  
Das raras perfeições , que possais . )
- » Sou sábio de nascença ; e da Poesia  
Deos. Ella aos versos o nariz torcendo ,  
Fugia ( Ap. ) Tócco a Lyra. ( Da. ) Não entendo.  
E , dando aos calcanhares , máis corria :
- » ( Ap. ) Sei o préstime à herva máis rasteira ;  
E sou da Medicina o Deos famoso.... »  
Mal tal palavra ouviu Daphne , voava.
- Dissesse : « Vé que perdes co' essa asneira  
» Um Deos galan , robusto , e grandioso. »  
Que Daphne ( apésto ) a cara lhe virava.
- 

(1) Este sonetto é traduzido d'um sonetto de Fontenelle , que o traduzio d'outro sonetto de Regnier des Marais , que coméça. — Ferma , diceva Apollo a Daphne bella.

---

# O D E

AO SENHOR M. J. DE C.

— — Neque fervidis  
Pars inclusa caloribus  
Mundi, nec Boreæ finitimum latus,  
Duratæque sole nives  
Mercatorem abigunt ! horrida callidi  
Vincunt æquora navitis ?

*Horat. lib. 3. od. 24.*

---

CYPRINA, ou louro néctar,  
Que do peito os cuidados affugenta ; (1)  
Trabalhados manjares, (2)  
Da Lyra os sons, das áves os gorgeios  
Não mattaõ sede de ouro,  
Que se afferra nas intimas éntranhas

---

(1) — — Neque  
Mortales aliter diffugiunt sollicitudines.

*Horat. lib. 3. od. 24.*

(2) — Non sicule dapes  
Dulcem elaborabant saporem. — *Idem*

( 2 )

Desse tórvo avarento  
A quem nunca, nos olhos sempre à l'érta ,  
Coou placido Somno :  
O Somno , que antes busca a chóça humilde  
Do simples Pegureiro , (1)  
Do que os dourados tectos dos Monarchas.  
O que em riqueza excédé  
Quanto Africa possue , e'inda aureas minas ,  
Que virgens guarda a Terra ,  
Bem que quasi dous terços da Cidade  
Abarque o seu alcaçar ;  
Se o Nume , que ás leis todas dá de rosto ,  
NECESSIDADE dura , (2)  
Os cravos de diamante nelle entérta ,  
Sua alma allí captiva  
De sustos senaõ salva , e a cerviz sua  
Curva sujeito ao laço ,  
Que , com certeira maõ lhe atira a Morte.  
Oh quanto com mais sizo

---

(1) — Somnus agrestium  
Lenis virorum non humiles domos  
Fastidit.  
*Horat. lib. 3. od. 24.*

(2) — Sæva Necessitas  
Clavos trabales , et cuneos manu  
Gestans ahena — *Idém. lib. 1. od. 35.*

O Scythá guia a casa vagabunda , (1)

Onde mais se lhe alvitra !

Quanto aprouve melhor à Natureza

Dar campinas sem-marcos , (2)

Lavouras d'um só anno , (3) aos duros Getas!

O mar erguido em sérras ,

Ou quando o Arcturo desce , ou sóbe o Capro

Ao sabio não demóve ,

Contente da sua aurea mediania : (4)

Pedrisco , o não assusta ,

Que as esperanças québra ao Vinhateiro ; (5)

Nem crestadas seáras ,

Nem burladas as árvores de fructos :

Arda o Sól , gele o Hynverno ,

Que há que enoja-lo possa? Os bens, que elle ama

---

(1) Quorum plaustra rite trahunt domos.

*Horat. lib. 3. od. 34.*

(2) Immetata quibus jugera. — *Idem.*

(3) Nec cultura placet longior anno. — *Idem;*

(4) Desiderantem quod satis est , neque

Tumultuosum sollicitat mare,

Nec sævus Arcturi cadentis

Impetus , aut orientis Hædi... — *Idem;*

(5) Non verberata grandine vineæ ,

Fundusque mendax. — *Idem.*

Immortaes são , como elle.  
 Homem só tu feliz ! Homem só ricco ! —  
 Se as honras ambiciosas ,  
 Se os Palacios , que roçaõ pelas nuvens ,  
 Se a ambrosia , e doce néctar  
 O peito não contentaõ , que se nutre  
 Só do tranquillo abono  
 Da consciencia san , do mal lavada , (1)  
 Com que fim solto o panno ,  
 A correr mares , à mercê de Eólo ?  
 Perigos apalpando ,  
 Por colher os thesouros de mil climas ?  
 Debl de himpaõ riquezas  
 Na alma , em que sófrega ansia a fio nasce. (2)  
 Tál a , ávido mercante ,  
 Desde a Aurora ao Poente , o mar iroso ;  
 Cerca do Norte ainda  
 Até à Maura areia , meio mundo ;  
 Com improba fadiga .

(1) *Integer vitæ , sceleris purus.*

*Horat. lib. 3. od. 24.*

(2) — *Scilicet improbae*

*Crescunt divitiæ ; tamen*

*Curta nescio quid semper ab est rei. — Id.*

*Crescit indulgens sibi dirus hydrops ,*

*Nec sitim pellit. — Idem.*



Vãi , se o pôdes , fugindo de ti mesmo.... (1)  
Mas fugir te é vedado  
Do Sobrosso , que te urge , e Sobresalto ,  
Que do baixel o léme  
Menea a bel prazer. Mas eu que a Musa  
Ama , farei que os ventos (2)

---

(1) — Patriæ quis exul

Se quoque fugit ?

Scandit æratas vitiosa naves

Cura. — *Horat. lib. 3. od. 24.*

(2) Musis amicus , tristitiam et metus

Tradam protervis in mare Creticum

Portare ventis. — *Horat. lib. 1. od. 26.*

---

Parece-me que os estou ouvindo , certos Dou-  
tores , dizerem com desdem : « Foi bazófia no  
« tal Filinto , alardear um chorrilho de citaçoës ;  
» metter-nos a cada instante , o seu Horacio á  
» cara , e . . . . » — *Dévem* ( lhes respondo )  
saber , meus Senhores Criticoës , que perdem  
comigo o desdem , e o feitiço delle. Não ha hi  
cousa que tanto me divirta como é o palhetar  
com certos Censores , como VV. mms ; e nisto de  
Horacio muito melhor , e com mais gosto. Já de

Por Albion semeiem meus pezarres:

Por Albion , que agora

Tisiphone atribula , e que esmorece

Com ver , oh C<sup>mo</sup> , os lenhos ;

Que apparelha o mimoso da Fortuna.

---

Há muito estão VV. mms informados , que ainda que sou máo discipulo, tomei por Mestre a Horacio; e cada vez que faço alguma trovinha , se depois a leio , e deparo nella com algum arremedo seu , fico máis satisfeito do arremedo, que da obrinha tal, e que janda. Honro-me tanto com esses arremedos, que o meu mór desejo fôra que tudo quanto eu escrevesse soubesse a Horacio. Se a VV. mms lhe não agrada , he por que há diferentes gostos neste mundo; uns gostões disto , outros *daquillo*.

---

---



---

## SONETTO.

---

**N**ASCI. — Lógo a meus Páes custou dinheiro  
 O baptismo, (1) que Deos nos dá de graça.  
 Tive uso de razaõ. — Perdi a graça —  
 Dei-me ao ról — chegou Pachoa — dei dinheiro.

Quiz cazar c'uma Moça. — Máis dinheiro.  
 Brinquei com ella. — Naõ brinquei de graça:  
 Que aos nóve mezes, me custou a graça  
 Para o Mergulhador (2) Cappa (3) e dinheiro (4)

---

(1) Les prêtres nous prennent en naissant, et ne nous quittent pas même en mourant; et tout cela, pour de l'argent. — *Le P. du C.*

(2) Mergulhavaõ (naõ sei se ainda hoje é a móda) as crianças na pia. Lembra-me, ter visto o *P. Manoel que é clérigo*, Cura extãm da minha freguezia, metter um filho de Joanna Rosatã atabalhoadamente na agua, que lhe amolgou os tístos c'um encontrãõ, que lhe deu na quista da pedra do baptisterio, de que o rapaz nunca sáron.

Morreu minha Mulher. — Não lho achei graça :  
E menos graça no árbitral (5) dinheiro  
Da Offérta; — que o Prior (6) não vai de graça.

Se o ser Christaõ requer sempre dinheiro, (7)  
Como cumprem com dar graças de graça (8)  
Os que as graças nos vendem por dinheiro ?

CLEMENTE DE OLIVEIRA E BASTOS.

---

(3) Quem quer Cappa máisricca : e todos a que-  
rem por se não exporem ao risinho do andador.

(4) Dinheiro pela Cappa ; em vez de Cappa e  
dinheiro. E' figura muito trivial nos Poetas ,  
como o *molem et montes* de Virgílio por *montes  
magna molis*.

(5) Não há hi regataõ, como um Prioste —  
dizia o Lobo moderno n'um Souetto.

(6) *Fertilibus Domino Priori* .. — Horat. lib.  
s. od. 15.

(7) *Quasi vulva mulieris quae numquam, etc.*  
Salomon in Proverb.

(8) *Quod gratis accepistis gratis date* —  
S. Paul.

(9) Vendem ? — Vendem, e re-vendem. — Se  
não diga-o eu.

---

## DESFECHO POÉTICO. (1)

— — Credat, Compadris, et istud  
Certum habeat, fertur quod vates nemo sobradi  
Levantasse cazas. Imo experientia moſtrat  
Andare hos miseros ſemper pingando, nec un-  
(quam,  
Qua matent fõmem, vel panis habere fatiam.  
*Queixumina.*

---

**E** Como vem sereno, ladeado,  
Das Musas, pelos ares deslizando,

---

(1) Ler a fio discursos sérios sò o uaõ profundos  
Estadistas, ou Philosophos de franzidas sobran-  
celhas. Ora eu (que a pezar de infortunios,  
desterros, e pobreza) escrevo para gentes de-  
senfastiadas, e escrevo para desenfastiar-me a  
mim mesmo, vou entremeando as Odes sérias com  
estes acepipes; se lhe não acharem graça, serãõ  
do meu parecer, que lhes não acho muita. *Para  
que a, axeste pois?* ( me dirã alguem ) Para ac-  
commodar aqui nesta nota ( lhe respondo ) um

O Senhor Phébo Apollo ! Pela pinta  
 O conheci , mal o avistei de longe .  
 Eis se apeiaõ da lâcida quadriga ,  
 Bâtem à porta , e entrados já no páteo ;  
 Enfiaõ a escadinha ao canto esquerdo ,  
 Sóbem de patuscada . — Eu de barréte ,  
 E os serrados chichellos arrastrando  
 Os recébo cortex , lhe offreço a Casa —  
 Ei - los sentados . — Mui sobr'ano , e dino  
 O Deos , que cria o ouro , e cria os vérsos  
 Assim se explica . . . Venho de propósito ,  
 Os dons offerecer - te , que possuo .  
 Que dezejas de mim ? Dize - o sem pejo ,  
 Naõ gósto de acanhados ; péde affouto ;  
 Que eise teu térmo honésto , e cans honradas ,  
 E mais que tudo , os gratos elogios ,  
 Que me tens dado , e às nóve Mocetonas ,  
 Muito hà que estaõ por ti mercés clamando .  
 — Eu , meu ricco Senhor , ( tórno em resposta )  
 Que lhe pôsso pedir ? — Dé - me dinheiro ,  
 Que é só quanto me falta : que os tács vérsos  
 Dé - os vossa mercé aquem lh'os péça ,  
 Para castigo seu , e inveja alheia . —

---

pedacinho de latim, que li n'um dos meus alfar-  
 rabios. — *Nec quisquam est illustrium poeta-  
 ram, qui non aliquid operibus seriis stilo re-  
 missiore præluserit.* — Statius, Stellæ, lib. 1.

Ficou mammado o Deos do verde Pindo;  
Que tal retruque, d'um Poéta vélho  
Nunca ouvi-lo cuidou. Mas disfarçando,  
Mudou conversaçãõ, e disse a Clio :  
« Tu, qui sábes que género mais ama  
De Poezia, e em que elle mais se exerce,  
Tira-o dessa algibeira, e da-lho a rôdo. »  
Mai lampeira à Mocinha desenrôla  
Odes, mais Odes, mais.... Deos nos acuda.  
Deito a fugir gritando ; — Senhor Phébo,  
Guarde as Odes, que de Odes já me enfado ;  
E máis do que eu, se enfadaõ meus Leitores. —  
Córre a Musa traz mim — pelo rabicho  
Me agarra eo' as maõsinhas de alabastro —  
« Escuta, escuta ( diz ) meu póbre vélho ;  
Olhá éstas guápas Odes, escolhidas,  
Entre mil de estrondosa bandarrice :  
São tres, para os teus grandes tres amigos ;  
Pinheiro, Britto, Olindo, que o salgado  
Neptuno vomitou do vérde bójo.... »  
— Adeos, Senhora Clio ; gratifico-a.  
C'um abraço, que eu dê em cada um delles,  
Bem rijo, avanço mais, que com dez Odes.

---

---

---

O D E

A' FELIZ INAUGURAÇÃO

DA ESTATUA EQUESTRE

DO FIDELISSIMO REY DE PORTUGAL

DOM JOSÉ I<sup>o</sup>.

*No dia 6 de Junho, de 1775.*

---

Non immerenti marmoribus super  
Ex ære signum Lysia consecrat ;  
Josephus ille est quem sonoro  
Per populos agit ore Fama :  
Cælo inserendus sic Patriæ Pater  
Princepsque terris incolumis diu  
Spectetur, æternumque regnet  
In domina Reparator Urbe.

*Ant. Mathevon de Curnieu.*

---

As correntes auríferas, que entorna  
Da Urna undosa o Tejo,



Na estrada , que soberbas enfiavaõ ,  
Se reprezaõ de assombro  
Ante a praça vaidosa de Ulissés.

Qual via o flavo Tibre laureado ,  
Na septicólle Roma ,  
De Anciaõs Herões magnanimas estatuas ,  
E , honrando-lhe as virtudes ,  
Bejava as bazes dos nfanos bronzes.

Naõ dá glorioso nome o Ocio brando :  
Por ingremes atalhos  
Rompe o Varaõ altivo , que procura  
Ter fama encanecida ,  
Que se onça nos vindouros mais distantes.

Assim os Decios , pródigos da vida ,  
E os Cecropios Monarchas ,  
Pela Patria animosos se votaraõ ;  
E , em pacifica empreza ,  
Assim lidou Solon , assim Licurgo.

O radiante esplendor da Majestade  
Acaba c'õ Reinante :  
Sõ à pezar dos annos brilha egregio  
Seu nome saudoso ,  
Se elle o soube esculpir em almas nobres.

No concavo da Tuba Mantuana  
Ondeã hoje ainda

Do pio Heròe os sempre claros feitos ;  
E , na sancta Solyma ,  
Guerrèa ainda o Capitão illustre.

Sim : dignos Filhos do immortal Tonante ,  
Vos demandáes meus versos.  
Eis sólto a voz , eis lanço mão da Lyra :  
Do bifrente Parnasso ,  
C'os dons das Musas , vos farei éternos.

Dái lugar , Antoninos , e Trajanos ,  
Ao novo Páe da Patria ;  
Com arrojado salto o vão transpondo  
Do Tartaro invejoso ,  
José , deixa apoz si os Alexandres.

José magnanimo entre vos sublime ,  
Entrando gósta o néctar ,  
E na aula marchetada alto repousa (1).  
As Musas apressadas  
A festeja-lo com os Hymnos correm.

---

(1) Hac arte Pollux , et vagus Hercules  
Innixus , arceis a tigit igneas :  
Quos inter Augustus recumbens  
Purpureo bibit ore nectar.

A Fama com cem linguas pregoeiras  
Atróa o azul convéxo.  
As Virtudes se alegrão , se gloreaõ  
No bem medrado Alunno  
Da sua sapiente, alma doutrina.

Todo o Templo do saõ Merecimento  
Se alvoroça, e revólve :  
Em tropas , uns aos outros se perguntaõ ,  
Os Varoës excellentes ,  
Quem dá tanto rumor ao manso templo ?

Erguem-se do alto assento , os degrãos descem ;  
Amiudando os passos ,  
João segundo , Manoel affortunado ,  
O justicoso Pedro ,  
O graõ Dinis , os bélicos Affonsos.

Musa, que ao brando Orpheo, no fausto Oriente,  
Em braços acolheste ,  
E a vos suave , donta modulaste ,  
Sostem meu canto agora ;  
Móve na lyra a trepidante dextra.

Alto Varaõ , de respeitada frente ,  
Os graves passos móve  
Ao novo Semi-deos encaminhado  
É João Quinto , o Grande ,  
A quem escuta o Valoroso Filho.

- » Fizéste o que não pude. Cinge o leuro , »
- » Que o Deos , que aqui nos rege ,
- » Guardado tinha , para quem , com brio
- » Os Monstros atterrasse ,
- » E á Virtude , e á Sciencia Altar erguesse.
  
- » Dos ditosos Vassallos Rei ditoso ,
- » Abre virtuoso exemplo
- » Para a tua Nação , para as estranhas ;
- » E longas éras vive ,
- » Adorado dos Bons , dos Máos temido . »

Assim disse : e Minerva que honrar traça  
O Heróe do seu ensino ,  
Depoem a desgrenhada Égide torva ;  
Ligeira Divindade  
Dà dois passos , e á porta Emyrean aponta.

N'uma aurea nuve eis desce ao ricco leito ,  
Em que o Tejo recósta  
A verde testa do diadema ornada ,  
E às Tagides , que escutaõ ,  
Sob'rana ordena heroicòs labores.

- » Tu , nas ( que eu te ensinei ) télas fallantes
- » Recamarás , Lagéa ,
- » De José Pio a pròvida Abundancia ;
- » O paternal carinho ,
- » Com que acudio á lugubre Lixboa ;

- » Quando rasgado o seio em mil voragens,
  - » De flammivomo alento ,
- » De Vulcano, e Neptuno acometida ,
  - » Tremeu nos duros eixos ,
- » E de cinza alastrou a coma de ouro.
  
- » Quero que Tu , Olmida , n'outro quadro
  - » M'o bôrdes destemido ,
- » Calcando com pé firme asp'ros abrólhos
  - » De malévolo Embuste :
- » Sâya radioso do vencido assalto.
  
- » E Tu, que em imitar-me te assinalas ;
  - » Destrissima Orythia ,
- » Co' a sabia agulha as cores enleando ;
  - » Tira na tela ao vivo
- » A Sciencia , voltando aos Reinos Lusos ;
  
- » Os Lyceos despejados de chiméras ,
  - » E de inuteis ambages ;
- » A clara luz no centro desparzida
  - » Dos penetraes escuros
- » Do recondito estudo , emmaranhado.
  
- » Vós dareis alma à seda auri-mesclada ,
  - » C'os duradouros feitos ,
- » Em quanto eu a mim tômo a empreza activa
  - » De inspirar novos cantos ,
- » Do novo Augusto , a novos Mantuanos. »

---

---

## S O N T T O.

### M O T T E

Tanto pôde um Ciûme atraçoado.

#### GLOSSA.

**D**ESPE a Neméa pelle, arrója a massa  
Alcídes, que na hervada véste ardía ;  
Lava-se em sangue, as carnes arrepia  
Grudadas c'o venéno, que as traspassa.

Eis uma fáya, eis um cypreste abraça,  
E arranca — agudos ais aos Céos envia :  
Batte rayvando a térra, que mugia ;  
E os rochédos c'os punhos despedaca.

Triste Lichas, pelo ár, da mão ingente  
Foste em gyro tres vezes volteado ;  
Hoje te açouta o mar, rócha innocente. (1)

---

( cavata. . . .

(1) Ecce Licham trepidum, latitantem rupe  
Corripit Alcides, et terque quaterque rotatum.  
Mittit in Euboicas tormento fortius undas.

*Ovid. Metam., lib. 3.*

( 19 )

O fogo em fim o Herculeo sp'rito alado  
Desatou d'outro fogo mais ardente.  
Tanto pôde um Cítme atraídoado.

---

---

Haya.

## O D E

No dia 4 de Julho de 1794.

Curam, metumque..., rerum juvenis  
*Lulci Lyæo solvere.*

*Horat Epod. id. 9.*

---

**Q**ue me vale ter sido em verdes annos  
Prendado por Polihymnia  
Com o dom do alaúde Venusino ,  
Se o deixo quédo , e mudo,  
No dia mais festivo dos meus dias ?  
Que ingrato sou a Apóllo !  
E que ingrato aos sollicitos amigos !  
Hoje das garras curvas  
Da assanhada superstição hedionda

Me esquivou , me esquivaraõ ,  
Amigos bons , e o meu risonho Fado.  
    Nas lôbregas masmórras ,  
( Onde tanto innocente martyrizaõ )  
    Se arrastra o Monstro , e raiva ,  
Mordendo as mãos , -d'onde escapou a prêza.  
    Moço ! Ligeiro , e préstes  
Traze aqui côpos , traze aqui garrafas :  
    Pelo lembréte escólhe  
Aquelle doce Baccho , que douraraõ  
    As cêpas de Araujo ,  
Junto à Ponte feliz do claro Lima.  
    Bêbe , Filinto , e alêgre  
Enfeita agóra com viçosos Lyrios  
    O sonóro instrumento ;  
Que naõ só tens de antigas amizades  
    Cantar ( salvo do p'rigo )  
Mas de nóvas (1) cantar à quem do Mõsa  
    O generoso peito.  
Quando mais prompto me cingia ao Canto ,  
    Me belisca na orélha  
Apóllo , e diz : « Escuta ; e nárra aos homens  
    » Como a Amizade honvéraõ.—  
» Jazia a humana próle bronca e dura ;  
    » Errantes , despegados ,  
» E sós , e sem amor , e sem Esposas

---

(1) Amizades.



- » Mais estranha que aos brutos  
» Lhe era ternura dos gerados filhos.  
» A pregénie dos róbres (1)  
» Só na enzinha , e em seu fructo affadigava: ]  
» Houve homem mais humano ,  
» Que ao bom Jove implorou céleste alivio  
» De tam sobejos males ;  
» Que a Jove commoveu. — Entam dos homens,  
» Dos Divos o Monarcha  
» Do mais nóbre , e mais intimo do Peito ,  
» Deu abérta à Amizade ,  
» ( Quál a Pallas Minérva lhe rompéra  
» Da fronte radiosa. )

---

(1) Gensque virum truncis, et duro robore nati.

*Virg. Æneid. 8. v. 315.*

Vivebant hominés , qui rupto robore nati  
Compositique luto nullos habuere parentes.

*Juvenalis Satyr. 6.*

---

---

---

## SONETTO

AO S.ra D. M. J. R. D.

---

**D**ESCE a meus braços , desce , alma Alegria  
Consolação de miseros amantes :  
De teu rosto , e teus olhos radiantes  
Me vem mais claro o Sól , mais claro o dia.

Trême de ansia a cruel Melancholla  
Só de te ouvir as vozes exultantes ,  
C'o passo enleiado , os peitos palpitanes ,  
Fóge a tarda Moléstia , a Dôr impia.

J'à sinto , pelos membros desgostosos ,  
Sacudir-me um vital Esprito ardente  
Do frio sangue os passos vagarosos ;

Já o prado ri , e este ár é mais luzente ;  
Que vem com Marcia os Rizes graciosos ,  
Com que a mim , com que ao mundo tras  
( contente.

O D E.

Unde nil maius generatur ipso  
Nec viget quidquam simile aut secundum;

*Horat. lib. 1. od. 12.*

Par toi la Vérité démasqua l'Imposture :  
Tu fus de nos tyrans la terreur et l'effroi,  
Et le vengeur de la Nature ,  
Et l'interprète de sa loi.

*A. M. de C.*

---

COMO quando ao descer da escura tréva ,  
Sobre o mudo horisonte ,  
Aqui luz uma strella , alem outro astro ;  
E logo vem rompendo  
Por cento , por milhares infinita  
Cópia de resplendores ,  
Pela abóbada azul circum-brilhante :  
Assim , quando a *He'loise*  
Desceu ás mãos da árdente juventude ,  
Aqui falsa um lume  
Alem outro : e ao passo da leitara ,

Vaõ com ella rayando ,  
 Luzeiros pelo *Emilio* , pelo *Pacto*  
 De social congresso.  
 Dezejadas virtudes resplandecem ,  
 Em chuveiro , na escripta  
 De Rousseau immortal. Toda estrellada .  
 A Liberdade raya ;  
 E o vulto do embruscado Despotismo  
 Se amargûra , e se encólhe.  
 Animoso Rousseau , tu deste a régra ,  
 Com que os homens se igualaõ ;  
 Tu clamaste por vicio o captiveiro (1) ;  
 Deste soltura á infancia ,  
 Dos laços, que rejeita a Natureza ;  
 Deste saudavel pejo ,  
 Com que se honre , e se enfeite a formosura ;  
 E aos homens apontaste  
 O rumo de ser livres , de ser homnes . . .  
 Em que péze aos Tyrannos !  
 LOURENÇO DA SYLVEIRA , E MATOS.

---

(1) On peut donc être surpris que la vérité ,  
 qui devait être si fatale à toutes les superstitions , ait pu traverser les siècles entourée des buchers de l'inquisition , et retenue dans les entraves que lui donnaient les Rois , et poser , enfin , dans notre âge , la borne où se briseront toutes les erreurs des hommes !

---

## M A N I F E S T O.

— Namque in malos asperimus  
Parata tollo cornua. — *Horat. Epod. 6.*

---

**A**h frades! frades! Ah relé maldita  
Da bocca da sagrada Natureza!  
Quando não fora o terem préza os frades,  
Nos céppos do P....., a nobre Barópa,  
Os Reinos da Asia, a América singéla,  
E de Africa os sertóes; o ter curvado  
Aos pés do Papa as coroadas frontes:  
Que ódio execrando, que cruel castigo  
Não péde ao Nume a desgraçada gente,  
Contra uns facinorosos, que inventarão  
O infame tribunal, que poem mordaçã  
Na bocca da allumiada sapiencia? (1)

---

(1) Sed qui nos damnant, histriones sunt maximi,  
Nam Curios simulant, vivunt Bacchanalia.  
Hi sunt præcipue quidam clamosi, leves,  
Cucullati, lignipedes, cincti funibus,  
Superciliosum, incurvicervicum pecus,

Desce, que é tempo, do Celeste Alcaçar,  
 Sancto Rayo dos Céos, Razaõ sublime,  
 Espálha o teu luzeiro, que affugente  
 Do cérebro dos homens ignorantes  
 As trévas, que tam pérfida tecêra  
 A Monachal superstição grosseira.  
 Hóje encontras c'um throno já erguido,  
 Por teus Alumnos na libérta França.  
 Tu és, Razaõ, a Lei, a Liberdade;  
 Tu és o cóffre das mãis sans virtudes.  
 Com tanto, que nas mãos tòpes a mente  
 Dos mortâes, e que à tua idéia a moldes  
 De curva, que éra co' asp'ro Despotismo,  
 De frouxa co' temor supersticioso,  
 Tu lhe altivas a frente.— O peito esférças,  
 A' captiva, gemente Christandade,  
 Que enfileirada em campo irá mui fouda  
 Desbaratar os bandos malfeitores;  
 E irá pizar, com mérito desprezo,  
 Do General o triplice Diadema.

CLEMENTE DE OLIVEIRA E BASTOS.

---

Qui, quod ab aliis habitu et cultu dissentiant,  
 Tristesque vultu vendunt sanctimonias  
 Censuram sibi quandam et tyrannidem occu-  
 pavidamque plebem territant minaciis. (pant,  
*Angel. Politian.*

*Lugduni Batatiphagorum ,  
11 de Novembro de 1796.*

## O D E.

Assim como em selvatica alagôa  
As rans , no tempo antigo, Lycia gente;  
*Camoés.*

---

**E** hei-de inda eu aturar , um méz prolixo,  
A vista casmurral destes Piúgas ?  
Terei de encasmurrar-me , à pura fôrça  
De residir entre elles ?

Oh que não , minha Clio !... Um teu abraço  
Divinamente dado , pode alçar-me  
Novo Cysne , e das azas c'o remigio ,  
Fender-me ares mais léves.

Pouco te péço . Em quanto apprésto o vôo ,  
Dá-me o rir de Demócrito ; que os thêmas  
Já Mómo m'os compôz cá nestes brêjos  
Da fedorenta Hollanda.

É certo o que em mim sinto ! Olhai , Amigos.  
Já Clio me escutou. — Já pelo peito  
Começãõ a empurrar-se as gargalhadas ,  
Que vem de escãla à bocca.

Naõ vèdes a Galhófa , que me tinge  
O rosto , os ólhos de folgáz despejo ?  
Oh dai-me os parabens ; que esmaiaõ , sumem-  
As tristezas , e enojos. ( se

Ah ! se Clio , que póde dar-me os vóos  
De novo Cysne , — dèsse *chocalhinho* !... (1)  
Mãis longe punha o fito , mãis ao largo  
Esprayava a galhófa.

Paciencia ! Dái , comtudo , ao baço ensanchas , (2)  
Que ençentes vem de riso. — Olhai compós-  
Desses focinhos as chorudas bêbas. ( tas  
C'um Nariz , e um Cachimbo

Que a táes caras tã m górdas , tam vermélhas  
Do ardor ginébro , da batáta himpante ,  
Naõ convem nome de avivado rosto ,  
Mas de focinho , e bêbas.

---

(1) Dinheirinho de N. S.<sup>a</sup> que choçalha as  
bolsa.

(2) A' maneira dos francezes , que dizem em  
casos tées ; *éprouvons la rats*.



Vistes vós, na panela, róxa coive,  
Que depois de ferver horas, e horas  
Deita à flor d'agua, lá dos ranços do unt o,  
Dous ólhos de gordura ?

Pois viste a effigie da Hollandez caraça,  
E o bólhão, que érgue as folhas na fervura  
Reméda o fumo, que as bochéchas lhe incha,  
Quando cachimba, e sórna. (1)

Com nudez emperrada a fälla açáima:  
E se algum monosyllabo lhe escápa,  
Poem cadeado aos outros, que não méxaõ,  
Mais do que um, — d'hóra em hóra.

Pois as bébas das caras das mulhéres; —  
Nem por mãis brancas, nem melhór-corádas  
Se salvaõ de mui mudas, de mui béstas (2)  
Sem sal, sem gèsto, ou gála.

---

(1) — — Trunco simillimus Herma  
Nullo quippe alio vincens discrimine, quam quod  
Illi marmoreum caput est, tua vivit imago.  
*Juvenal. sytir. 8.*

(2) Dizia dellas um homem, que todos conhe-  
cemos, que de todas as Hollandezas mãis graúdas

Se se impertiga um Bátavo Peralta ,  
Môno de mal-asséntes francezias ,  
Para entam quéro eu risos , e remóques  
De ameno des-fastio.

Como me lembrã entam o bom Fontaine ? ( 1 )  
Quando nos conta os ademaês bizzaros ,  
Com que o Burro da Fabula arreméda  
Gaifonas do fraldeiro ?

O Francez , bonifrate em seus meneios ,  
Dá graça a mil risiveis mogigangas ;  
Que o Bátavo pezado-mal-affécta  
Com sem-sabor nojoso.

Dos homens apupado , e escarneido ,  
Abhorrido dos Numes , e engeitado  
Mal poderá Saturno, a quem semélhaõ  
Salva-los d'embelêco.

---

com quem communicou, uma só não encontrou,  
que entretivesse uma conversação de 7 minutos,  
se d'outra cousa se fállasse , alem do governo de  
cara.

(1) Jamais un lourdaut , quoiqu'il fasse ,  
Ne saurait passer pour galant.

*La Fontaine — fable de l'âne  
et du petit chien.*

Talvez, que Jove, um dia, em que lhe ráo  
Juno olhi-toura os bófes, com ciúmes,  
Converta, de agastado, estes Lapúzes,  
Em verdenegros sápos.

Entam, (se a tanto se me alárga a vida ! )  
Dou por cá um rabiscó, a vér-lhe as cáras  
Mudadas em trombíferos focinhos,  
De que o cachimbo é tromba.

Tal pena cábe a embezerrados mónos,  
Esquivos da amigavel convivencia,  
A' qual Deos destinou os homens, quando  
Lhes deu a fállia em dóte. (1)

---

(1) Perdoem-me os bons Holandezes este chorrilho de destemperos : que estava eu, quando tal fiz tam agastado comigo de me ver só, e de não saber fallar Holandez, que destampeei nesse desafogo, dando no papel pancadas de cégo.

---

---

## S O N E T T O

*Dat veniam corvis, vexat Censura Columbam.*  
*Juvenal. satyr. 2.*

---

**Q**uiz pôr na scena a Oréstes , avexado  
Pelas sagradas Furias ( Lastimoso  
Spectaculo ! ) amostrando o braço iroso  
De sangue Maternal inda manchado.  
Quiz c'o este exemplo acs ólhos trasladado ,  
Assustar todo o filho despiedoso ,  
Foi meu trabalho vão , sobre pechôso.  
Dou-o à Censura , fica lá amuado.  
Que pôdem censurar de arte , ou sciencia  
Fr. Póvoas (1) Fr. Tris-tris (2) Fr. Flatulencia  
Com Fr. Mõffo (4) Fr. Fardo de avaria? (5) (5)  
Ou que cábe no seu boçal miólo ;  
A não ser Conclusões de Theologia ,  
Em que é sábio , o que em tudo o mais é tólo ?

---

(1) Frade conhecido para vergonha de quem o  
há poz. — (2) Fr. Luis de Monte Carmelo mais  
conhecido ainda pelos sonetos de Fr. Forjaz , e  
P. Braz. — (3) Fr. Matine que fallava a todos nos  
flatos que o per-seguiaõ. — (4) Certo P. Fe-  
dorento Sardo, e ruyvo. — (5) Fr. J... da R....  
mui conhecido pela avariada reputaçõ.

---

## ELEGIA D' OVIDIO

*Æstus erat , etc.*

---

**P**ARTIA o dia em meio o Sól calmoso ;  
 Reclino o corpo a descansar no leito ,  
 Mal abérta a janella , e mal-cerrada ;  
 Qual usa per-meiar a luz nos bósques,  
 Qual crepusculo deixa , ao despedir-se ,  
 Phebo, ou fôge a Noite, á vista da Alva :  
 Luz , que convem ás Moças vergonhosas ,  
 E em que o timido pêjo ache escondrijo.  
 Eis vem Corinna , em mal-cingidas roupas ,  
 ( Sólta a madeixa o niveo peito occulta )  
 Qual Semiramis ( diz-se ) ao leito fôra ,  
 Gentil ; e fôra Láis , de muitos Dama.  
 Dispo-lhe a roupa , ( que empecia pouco ,  
 De rara ! ) Ella pugnava por cubrir-se ;  
 Mas , como quem não quer vencer , pugnava.  
 Mal stêve ante meus ólhos toda nua ,  
 Não lhe vi um senão no corpo todo.  
 Quaes vi , quaes os palpei , hombros e braços !  
 Quaes maminhas tam guapas de empalma-las !

\*

Quam liso o ventre desce do alto peito !  
Que cintura, e infantis, roliças côxas !  
Que mais direi ? mimoso é quanto hei visto ,  
E toda o'o meu corpo a cingi nua.  
Que há mais que ouvir ? Cansámos ; descansámos ;  
Corraõ-me a fio tâes os meios dias.

GREGORIO DA SILVA PINTO.

---

## O D E

---

Dedimus profectò grande patientiæ documen-  
tum , et sicut vetus ætas vidit quid ultimum in  
libertate esset, ita nos quid in servitute, adempto  
per inquisitiones et loquendi audiendique com-  
mercio ; memoriã quoque ipsam cum voce  
perdidissemus ; si tam in nostra potestate esset  
oblivisci, quam tacere.

*Tacit. in vita Agricolæ.*

---

**Q**UAL , no cume do Cáucaso escarpado ,  
Despéde ao longe as ramas orgulhosas ,  
Membrudo tronco , vegetal gigante  
Entre áridos penhascos :

Negrejando esvoaçã os abútres  
Famintos , em redór do Rei alpéstre ;  
Azues-fiscáes serpentes se debruçã  
Das rayzes , silvando :

Tal se arrayga o medonho Despotismo  
N'um throuo descarnado ; aos pés , e aos lados  
Sóffregos Cortesaõs , vis Delatores  
Técem calumnias , roubos. (1)

Bando de infames máximas de escura,  
Perversa catadura , no ár librado ,  
C'o as longas , torpes azas estendidas  
Assombra , e em-noita o throno ;

---

(1) Il est avide , car il faut qu'il assouvisse les fantaisies cupides du Despote et de ses satellites. Il pille , il engloutit les biens et la subsistance de tous les esclaves qui rampent sous son empire ; une nouvelle spoliation signale chacun de ses progrès , parceque l'on y tient lieu de tout ; tous les ressorts sont corrodés : vertu , force , courage , émulation , génie ; tout se ressent de l'avilissement de l'ame : la corruption est la mesure de la puissance du Despote , et le gage de l'impunité le père de tous les vices.

*Essai sur le Despotisme.*

Seu hálito pestifero derrama ,  
Pela Corte , Cidades e Campinas ,  
Contagios de costumes des-regrados  
Que animos saõs definhaõ.

Iniquos Lémures ligeiros lévaõ  
Té ás rayas do Imperio , a fraude , o crime ,  
A pobreza , a rapina , o captiveiro ,  
E a pérftida lisonja.

Sacerdotes subtis , (1) soberbos nóbres  
Engórdaõ co'a substancia, e puro sangue  
Que dos mesquinhos maltratados Póvos  
Malvadas maõs esprémem.

---

(1) Os Astrólogos, e os Sacerdotes viveraõ sempre de enganar os Povos. Aquelles Com o futuro desta vida ; estes com o futuro da outra , e com a velhacaria de entreterem os homens de cousas alem do alcance humano , lhes desviaõ a vista da alma das cousas naturaes, e interesses civis , que máis importaõ : entenebraõ-nos com a ignorancia ; e assim vendados , e subjugados , lhe assentaõ o jugo, e os governaõ com vára de ferro. A philosophia nos desmascarou já as velhacadas dos Astrólogos. A Assembléa Nacional nos livrará dos outros.



Mil verdegos , que vivem das migalhás  
D'opiparos tyrannos , afivellaõ  
Nas bóccas dos Anthores destemidos  
Os freios , as mordaças.

Mas lá vem longe, c'um bastão de ferro ,  
A Desesperação (1) tardia e certa :  
Lá no throno, à mão cheia descarréga,  
O ruinoso golpe.

Cáhe o Tyranno , ou assustado cõrre  
A arredar-se dos ólhos da vingança ;  
E o negro bando, que embruscava o throno  
Fende medrosa estrada.

A culpa , à vossa inercia ponde , oh Povos ,  
Que deixáes reforçar-se em vosso sangue

---

(1) Diderot s'échauffait dans la conversation, et même il s'emportait jusqu'à la fureur, surtout quand il parlait des souverains oppresseurs de la tyrannie sacerdotale liguée avec eux; alors il passait les bornes: « Le genre humain » (criait-il) ne sera heureux, que quand on aura étranglé le dernier Roi avec les boyaux du dernier prêtre. » — *Mercier.*

Essa hydra , que com boccas cento e cento  
Vos chupa , e vos devóra ; (1)

E esses astutos Malandrins , que as mentes ,  
Com phósphoros theológicos vos cegaõ ,  
Para melhor as garras vos ferrarem  
Nas miserias cervizes ;

E vendados , e prezos arrastrar-vos ,  
Se tendes sangue , ao pasto dos abutres ;

---

(1) Oui , peuples de l'Europe , on se joue de votre crédulité ; on vous parle de *mystères de cabinet* , pour vous tenir à la chaîne , et dans le ténèbres. L'intérêt des nations , la gloire de l'espèce humaine , appellent parmi vous un grand changement : il vous suffit de vouloir , pour élever ou pour détruire ; osez , et vous verrez pâlir tous ces tyrans reverés ; osez , et proclamez le droit inaliénable de l'homme à la liberté : tout pouvoir légitime est dans le peuple. Le peuple qui veut est celui qui triomphe ; le propre du despotisme est de trembler quand une nation se lève.

Peuples de l'Europe , votre aveugle soumission doit cesser ; car elle engendre les *guerres* ; les *trahisons* , les *assassinats*. — Mercier!

Ou ao céppo do algóz , se tendes lingua ;  
Que os vicios lhe descubra. (1)

JOZÉ PINHEIRO DE CASTELLO BRANCO.

---

## ERROS DA VIDA.

---

**E**RRAMOS , lógo apenas que nascidos :  
Erramos inda máis , quando crescidos ;  
E nossos erros , na viril idade ,  
São de máis pezarosa qualidade.  
Quando velhos nosso erro é já tontice :  
E se a Razaõ nos luz lá na Velhice,  
É só para ( em máo grado ) arrepender-nos ;  
Mas lembraõ-me inda certos erros ternos ,  
Que me affagaõ , em quanto a vida dura ;  
E atalha esse erro o eu ir-me à sepultura.

---

(1) Este Poeta , que eu conheci em Londres ,  
é um moço de grandes estudos em Direito  
Publico : alguma veyta tinha para a Poesia , à  
qual se deu um tanto , pouco antes de morrer.  
Alguns versos conservo delle , que a seu tempo  
imprimirei.

*O Collector das trovas.*

---

## SONETTO.

---

**Q**UANDO, em Mâyo, as correntes debruçando,  
Pela encosta de fresca formosura,  
Arroyo de crystal órla a verdura  
Por entre rôtas quédas murmurando :

A candida assucena, aos áres dando  
O ricco traje de mimósa alvura,  
Quando ufana o formoso enfeite apura,  
De Flora o vario esmalte avassallando :

Ensayo foi de frívola ousadia,  
Que a Natureza deu; mas do arremêdo  
Zombou Amor, quando o teu gésto urdia.

Que ella te imite, afásta, oh Marcia, o médo.  
Artifice tam primo não confia  
A tóscas mãos seu divinal segredo.

---

(1) Estes encarecimentos não são novos nos Poetas. Verdade é que a tal Marcia, de que

---

---

## O D E

— — Naturaque mitior illis

Contigit; ut quædam, sic non manifesta videri  
Forma potest hominis.

— Ovid. *Métamorph. lib. 1.*

Quiconque est loup, agisse en loup.

*La Fontaine;*

---

**S**e, pelas Nacionaes, outróra régias  
Tuilerias passeio,  
E c'ó marmore tópo do Flautista,  
Que o multi-fore tubo  
C'ó sonoro sópro inchar parece,

---

Filinto faz tantos elogios, éra ( eu a vi algumas  
vezes ) uma Moça bastantemente alva e loura,  
com lindos ólhos, muito derretidos; mas eu que  
naõ a via com os ólhos amantes de Filinto, naõ  
fizéra por ella tanto Sonetto, e tanta dazia de  
Odes como o nosso Author compoz a seu res-  
peito. — *Nota do Editor.*

Digo entre mim reflexo :

« Este home' é Hollandez. » Este uma flauta  
Embócca, e não dá som.

Os Casmurros , que eu vi lá pelos bréjos ,  
Tem bocca , e não dão véz.

Os cachimbos tomáraõ por insignia ,  
Como este tomou flauta.

São signaes de mudez flauta, e cachimbos  
No marmore , e Casmurros.

Como vivem os Lóbos pelas tóccas ,  
Por negras espessuras ,

Vivem esses Casmurros pelas tristes  
Aldeias , e Cidades.

Como , de longe em longe , em seus presépes  
O Boi , o Pótro , o Burro

Sólta mugido , solta agudo rincho ,  
Ou zurro arrepiado :

Como outros brutos máis dão raros uyvos  
Dão elles (1) as palávras.

Tanto é potente o natural costume  
Da primitiva origem !

O Homem primeiro, que habitou, fugido (2).

---

(1) Os Casmurros.

(2) E' muito conducente a todo o Poéta cuidar  
que as suas obras não só deleitem , mas ins-  
truaõ ; *miscuit utile dulci* disse o Venusino. Se-  
guindo este preceito , folheou Filinto Elysio as

Essas fétidas práyas, —  
Que se vio só, perdida a confiança  
De humana companhia,  
Tanto rezou, e enjoou a Divindade,  
Com pedimento de *homens*,  
Que Deos, por dar um tálho a tal canseira  
Foi desbastando o bronco  
De alguns Ursos, de Lóbos, e de Sápos,  
E lhe deu *Hollandezes* (1).

---

Chronicas mais antigas de fundação, e povoação  
de Hollanda, e dellas tirou o que nesta e ou-  
tras Odes máis nos diz. — *Nota do Editor.*

(1) Como já déra os Mirmidones, formigas que  
forão convertidas em homens. O mesmo nome  
no-lo indica.

---

---

S O N E T T O.

---

**E**STA, que vés, Caverna triste e escura,  
Foi de Anfriso Pastor gentil morada;  
Tam gentil, quando foi delle habitada,  
Quam feya, óra, que é sua sepultura.

Uma Pastora, mais que as pênhas dura  
Foi ( por seu mal ! ) deste Pastor amada ;  
De surda à sua queixa namorada,  
Lhe fez perder a vida, de amargura.

Pastor, que o caso ouviste lastimoso,  
Beja esta Campa, chóra o bem Anfriso,  
Zagal, que nos será sempre saudoso.

Delle, para as Pastoras, tóma, aviso.  
Se Ellas te amaõ, desfructa amor gostoso ;  
Se te saõ desdenhosas, dá-lhe um riso (1).

---

(1) Bem creio eu, e talvez o crerãõ alguns dos meus amigos, que se eu tivesse a pachorra de



emendar essas tâes e que jandas Poesias , sahi-  
rião ellas mais desenxovalhadas à luz do Mundo ;  
mas o pouco caso, que eu dellas sempre fiz , e o  
firma conceito, em que sempre estive , e em que  
ainda hoje estou , de que nunca , nem por som-  
bras , arremedariaõ o modelo , que tenho diante  
dos olhos , fez , que se as fiz para meu desafogo,  
ou para me occupar neste des-occupado desterro ;  
nunca me mereceraõ , que as olhasse com ca-  
rinho. Muitas me viêraõ à mão já impressas ;  
para a correcção das próvas , que entam , e só  
entam as vi pela segunda vez , depois que as es-  
crevi ; e dellas há , que en compunha ao mesmo  
passo que se iaõ imprimindo , de que é abonada  
testemunha o Impressor. Digaõ embora que é  
bazofia ; que eu direi , que é descontentamento ,  
sobre preguiça. Achára-lhes eu aquella imita-  
ção de Horacio , que lhes eu dezejo , e que  
nunca consegui , que à fê vos juro , que entam  
poria peito ao trabalho , e lhesdaria boas roça-  
duras de lima. Tâes quâes são , bem valem as  
Poesias , que os Cegos vendem ; e com tanto que  
me rendaõ alguma vintens , darei por valioso o  
tempo , que despendi em escreve-las.

---

---

Paris , 4 de Julho 1797-

O D E.

Quò me, Bacche , rapis tui  
Plenum ? — *Horat. lib. 3. v. 15.*

---

**Q**UE tenho eu que fazer , em tam chuvoso  
Tam deslavado dia ? Não passeios ,  
Não vista de viçosas formosuras  
Pódem prender-me os olhos.

Irei dormir ? Não fôra máo , se um Dêmo  
De métrica relé não me azoara  
O revolto miollo , e a leve pluma  
Na mão não me embebêra. —

Dormi ; dormi a somno sóltô , oh Musas ,  
Que não irei , com voz estorvadora ,  
Quebrar-vos o descanso , como o atrévem (1)  
Tanto vate das duzias.

---

(1) Dêmos satisfação a Grammaticos perluxos.  
Assim é que o verbo *atréver* não rege accusativo e

Cá me irei remendando como póssa  
Com retalhos do Métrico Palito ,  
Co'as nêsgas de Malhaõ, dando-me as linhas  
O Venusino Méstre.

Virã Marfisa , e o roxo humor da vide  
Vertendo neste cópo transparente ,  
O nome lhe dará , dará a virtude  
Das ondas da Castalla.

Mas inda a mente não pario o assumpto ,  
Nem sabe o verso a quem descubra a mamma ,

---

assim é que *tanto vate* parece estar no singular, e reger o verbo *atrevem* no plural. Mas se ainda em algum recanto da minha vélha retentiva, conservo tal qual resquicio das regras da rudimenta, diz uma dellas que os nomes collectivos lévaõ o verbo ao plural. Em quanto ao dar accusativo aos verbos, que o não tem, bizarrria tem sido éssa, que muitos Clássicos exerceraõ, e nos déraõ a faculdade, com o seu exemplo, de ser-mos bizarros com os pobres verbos neutros. Se não daõ crédito à minha verdade, escrevaõ-me, e pelo correio seguinte lhes mandarei os abonos della. Fico para servir a VV.ms.

E ja na penna apanta a apoiadura ;  
Que cáhe pinga a pinga !

Hoje , quatro de Julho , foi o dia  
Em que os *Clérigos tristes* me mandavão  
*Citote* , e seu morcêgo me queriañ  
Nas tóccas do Rocio.

Oh Luz divina ! Oh Deos das providencias !  
Tu dás nos coraçõs cértas pancadas...  
Tu me salvaste ; e aos pés fizéste acêno  
De por-se em polverosa.

Soffri desterros , fômes , e as miserias ,  
De quem dobroésnaõ róda em terra estranha,  
Perdi amigos , e mui meigas Damas  
Na sandosa Patria ;

Mas fallei , sem mordaça inquisitoria ;  
Escrevi , sem temer malsins Censórics,  
Dei dous trincos bem rijos para os Bronzos ,  
E mais dous para os Nayres.

---

---

# DEBIQUE

OFFERECIDO

AO SENHOR H. J. B.....

---

*Compadecido de que a las hermasuras largas, por justos juicios se les aya revestido en el cuerpo tan estraña gerihabla, y viendo que los clamistas de noche, al son de campilla dicen: — Acuerdense hermanos de los que estan en pecado mortal, y de los que andan por la mar, y de aquellos, y aquellas que estan en poder de Francelhos. Por todas estas cosas he resuelto.....*

Quevedo.

---

**E**is que, como Quevedo, me resollo  
A debicar convosco, meus Francelhos,  
Que vos desempulháes de meus socátes,  
C'um baboso dizer — *Patraó da lancha*  
*Carregada das drogas da antigualha.*  
Cuidáes que me insultáes: e eu tenho em honra

Ter os Clássicos lido, e ter lembrança  
 De suas nobres phrazes, quando escrevo.  
 Que assim fazia Freire, assim Vicyra,  
 Dous lumes da eloquencia portugueza,  
 No século anterior. Que (por desgraça  
 Da lingua nossa!) os outros Escriptores  
 Imitar não souberão. Succedeu-lhes  
 Um phrazar mesquinho, um mui-poupado  
 Menção de palavras. — Já d'essa Era  
 Todo o termo por nescios não sabido  
 Era a dexterro injusto condemnado.  
 Entam se entrou a arremessar no Olvido  
*Sodr, quifá, máo grado, apraz, azinha,*  
 E outras vozes de enérgica estreiteza,  
 (Nébres na Castro, nébres nos Lusadas)  
 Para as substituir com termos óccos,  
 Com palavroés sesquipedaés, basofios,  
 Com adverbios de longo rabo-léva,  
 Como este, que d'um verso a casa occupa:  
**MISERICORDIOSISSIMAMENTE,**  
 Que se cantou por fecho d'um sonetto,  
 Impréssó n'umas festas muito régias.  
 Veio, por fado máo, fortuna insulsa,  
 Depois, para deshonra deste século,  
 Um fallar mascavadas francesias,  
 Que se apessou dos cascos dos Tarélos,  
 E pôs o peito á barra, muito ufano;  
 A enlabuzar a lingua Lusitana  
 Com certa mixtiforia frandulagem.

Vendo que não pegavaõ tães unturas ;  
 Mãis que em carinhas tolas , macaqueiras ,  
 Mãis que n'ans cértos Nayres , certos Bonzõs  
 N'algumas Mulherinhas de refago (1),  
 Ou Rapazes da fufia ; — e que homens lídos,  
 E os de juizo assente os apupavaõ ,  
 Deraõ-se entam a bafurar vapores  
 Com que o lustre da lingua marcessera ,  
 E assim se desforrassem dos remoques,  
 Com que o Dinit (2), e Elysio os chasqueavaõ.  
 Como vos engandes , meus badamécors!  
 A lingua Portuguesa pura, e clara  
 Vivirá quanto vivaõ amadores

---

(1) Não é minha intenção offender pessoa alguma em particular : e bem se vê , que me fóra impossivel ; pois que não conheço um só dos que em Portugal péebaõ em francezismo. Mostrar-lhes quanto é ridiculo o abuso em que cahem , indica só desejo de os ver sahir do máo caminho , e entrar na estrada real. — *Ceux qui se reconnoissent dans les descriptions générales ou dans des portraits , doivent se corriger , et ne se plaindre que des personnes assez méchantes pour faire des applications odieuses et contraires à l'esprit de société.*

L'empire des Zaziris.

(2) Hyssopo.

Da Latina facundia, Mãe da Lusa,  
 Quanto vivaõ Camoões, vivaõ Ferreiras:  
 E a vossa lingua, eyvada de Galeno,  
 Morrerá, como as modas dèssa Láya. —  
 Morrerão os *Telonios*, as *Mallrukas*;  
 Morrerão as *Condutas*, os *Affrosos*,  
 Com os máis da relé do *francesismo*.

Quando a primeira vez ouvi as fállas  
 Desses Francelhos, que na lingua Lusa  
 Meítiaõ Francesias, cismeí muito  
 D'onde esse destempéro acarretaraõ.  
 Cismeí, .... cismeí,..... e à força de cismar-lhõ,  
 Adormeci cismando. — Eis vem-me um sonho:  
 E como em sonho apprendo muito, agora  
 Dizei o que sonhei, que vem a pélo.

Vi um vasto Palacio, com feitiõ  
 De Alfandega Mourisca, onde as fazendas  
 Eraõ missangas, talcos, azeviches,  
 Toucados à francesa, schalls à Turca.  
 Mil Bonifrates, mil Turinas sécias  
 Rodeavaõ tapas fardos, e os cheiravaõ,  
 Namorados da guapa mercancia.....  
 Eis que se abre uma pórtã. — Vou entrando  
 Na salla, que éra térrea, e por parédes,  
 Por técto, e por caixillos das janellas,  
 Tinha papel pintado, sem máis náda,  
 Unido, e preso por painéis, por cantos  
 Com cordas de violã, sem máis pédras,  
 Máis cáil, máis táboas, máis ferrage, ou tórã.



( 5 )

Que o tal papel.... Eis vejo um Cavalheiro  
De mui pretos bigodes retorcidos,  
Castelhano no traje, e na postura,  
Com carinha de escarneo.... « Este é Quevedo  
( Disse eu logo entre mim ) Que bom encontro !

E U.

» Não me dirá que sitio é este ? »

Q U E V E D O.

Amigo ;

Este é o Reino da moda. Eu vim cá ve-la  
Para della contar as maravilhas  
Aos meus patáos; como é meu nao antigo ,  
Chasquea-los com sonhos de cáveyras,  
Chafurdas de Plutaõ, Latini-parla.....

E U.

Meu Senhor, meu Quevedo, Cavalheiro  
De Santiago, e Mómo do Parnasso,  
Ja que em Latini-parla aqui me tóca,  
Não me dirá ( des-que anda nestes sitios )  
Se oo' a Gallici-parla deu de acerto !

Q U E V E D O.

Que me diz lá. — Bésta é, que eu não conheço,  
A tal Gallici-parla. No meu tempo

Chamevãõ fallar culto o intermeado  
 De Latim na converaa, e na escriptura,  
 Mas entrançar francez, é mais asneira.  
 Que ao menos o *Latim* vislumbres dava  
 De quem aulas cursou, syntaxe soube;  
 Mas *francez*.... de que deu licões um birba,  
 Um...

E u.

« Meu senhor, vái o tiro inda mais longe.  
 No seu tempo o latim lá se fallava  
 Mettido em réstea com *atqui*, com *ergo*.  
 Hoja o *francez* se falla em *assembléas*  
 Mui de cutillimé, muito entonado,  
 Por quem nem stève, nem nasceu em França;  
 E inda os que mais gratdos se espanejãõ,  
 Não sabem e que tem, que não comprehendem  
 A allusaõ deste ditto, a força, o chiste  
 Daquella phrase, õrõ da accépçaõ genuina  
 Dos termes mais corrautes. Lem *Mellere*,  
*La Fontaine*, e jejusõ da finura,  
 Que encerra a voz, que lem a trõxe nõs. (1)

---

(1) Cá eston eu em Paris há mais de 26 annos, e ainda me envergonho do máo francez que fallo, e do que ainda peyor escrevo: Crêdo que é por falta de engenho.

## Q U E V E D O.

Eu inda não-entrei ness' outra salla,  
 Cujas pórtas, bem vê, que bipatentes  
 Tem quatro conclusões por almofadas:  
 Inculcaõ bem sabença. — Talvez dêmos  
 Lá dentro oo' a instrucção, que haver pertende.  
 Entremos.

Lanço a vista pela salla,  
 Onde, em pannos de Arraz traci-comidos,  
 Toda a Iliada em quadros entre-vejo  
 Lacerados, e n'outros só os fios  
 Despídos da lan tincta; os móveis eraõ  
 Os de Nestor... ou netos do Diluvio.  
 Deito-me logo a vér, com sério affinco,  
 Os géstos das Figuras, que compunhaõ  
 O conspicuo (1) auditorio. Vejo barbas,  
 E grisalhás melénas de Prophétas,  
 Quaes vaõ na Processão de S. Francisco;  
 Um que aponta c'o d'edro pó, e as cinzas,  
 Em que todos nos tamos de tornar,  
 Outro óssos descarnados, e a cáveyra  
 Despertadora do final arranco.  
 Mas o que mais lá vimos, nunca visto,

---

(1) Deste epitheto usou em caso semelhante o  
 Padre Mestre Fr. Perada no sermaõ, de que  
 dei conta na carta ao Marechal de C.

Foi umas tantas Vêlhas desdentadas  
Com caras de Sybillas. — Eraõ dóze ;  
No feitio , nos trajos differiaõ ,  
Uma da outra , mas todas eraõ vêlhas ,  
E um rôlo de papéis cada uma tinha  
Na mão direita : os ólhos tinhaõ fitos  
Na imagem do Futuro , que era um Vulto  
Annviado , e esquivo , e sós uns visos  
Dava , de vez em quando , pouco claros ,  
Que subito as Sybillas escreviaõ.

E σ.

« Não vejo aqui fazenda , que me quadre. —  
Em que haja de parar o Galliçismo  
Muito há que eu ja o sei. — Escarneos , váyas  
Espéraõ ajujar esses Tarelos ,  
Que trafficaõ language hermaphrodita.  
Vejamos , se há aqui salla do passado ,  
Que da Gallici-parla a móda asnática  
Descubra na'rayz.

Q U E V E D O.

— Vamos mais dentro

Aqui vejo uma pórtã acubertada  
De vêlhos manuscriptos quasi cegos ,  
Fosco é que haja dentro antigas cousas.

E υ.

> Não muito antiga é a móda. Já talada

Era eu, quando parlo na nossa Elysia  
 Cêta má Fada: o tal fallar mestiço.  
 Mas entremos, tal vez ache o que eu busco:

Q U E R V E D O.

— Não entre. — Que ouço além grande arruído  
 No çagoã. — Vejo muitos Petimétres,  
 Muitos Bonzos de buço amoladinho,  
 Damas a *la Titus*... Alli há mércia:  
 Que *çagoã de Francelhos* diz o rótulo.  
 Vamos lá. — Como tudo afestado  
 Está de Oréllhas d'asno !!! orelhas d'asno  
 Dá o Bedel a quantos vem sentar-se  
 Em frente do Orelhissimo francelho:  
 Oueçamos o que diz, que há de ser guapo.

FRANCELHO MOR.

*Elèves meus charmans*, eu sou gostoso  
 De ver quanto *foisonna* a nossa móda.  
 Graças vos dou da contumaz *conduta*;  
 Com que este nosso *affaire intéressant*  
*Puxaés* com nóbre ardor, e dáes *ressarça*  
 A Dantas, Bonzos, *pirouetantes* Nayres  
 De fallar *culto*, sem saber máis lingua,  
 Que nácos de livrinhos de fitinha.  
 Vêde quanto vos poupo de trabalho,  
 De estudos, de grammáticas prolixas,  
 De ler Barros, Lucenas, Britos, Freires,  
 .. E tantos alfarrebios.. affonsinhos,

Com que *Elphie*, *Caracé*, *Filinto*, *Alfeno*  
 Tem queimado as posturas: Vós entre elles  
 Campões nas mais brilhantes assembleas,  
 E os acanhães, *mystificais-los* todos. —  
 Quando quérem fallar, *moquamos* delles,  
 De modo que se callaõ; muito apenas  
 Lançãõ *um golpe de alha* do través .....  
 Sobre nós, que é *garante irrefragavel*  
 Do *interditos* que soã destas vózes,  
 Que lhes *frappas* no mais sensivel da alma  
 Pois se nós lho *stiramos* multredondos  
 C'um *sentimento*, (bem que escuro seja  
 A nós, e a muitos sem significado)  
 Entam vo-los dou ou per *concluidos*.  
 E olhando-se entre si, *lévaõ espadans* :  
 Eu os vi, que *hanaando-lha* um *ressort*,  
 Um bem gritado *affrose*, *estremeciaõ*,  
 Espantados da nossa vasta sciencia.  
 Elles não ousaõ *deployar* dos labios  
 Termo, ou phrase, que não lhes traga o canho  
 D'algum rançoso author, que nós não lémos;  
 E nós *pourvu* que do francez nos venha  
 A palavra, ou a phrase, temos gáudio  
 De lhes dar *corrimaça*, e *persiflage*.  
 Quem nos defende *afraacear* a lingua  
 C'os termos desse século *gabado* (1),

---

(1) Pois que estes Francezinhos são de que ven

De Luiz quatorze, e authores de alto rango,  
 Que estima toda a Europa, a Europa estada.  
 Se em francez são sublimes, mais sublimes  
 Darão ao Portuguez lustro *eclatante*.  
 Desterremos com elles esta *affrosa*  
*Platitude* da lingua seiscentista.  
 Toda a clássica phrase, que ignorarmos,  
 Gritemos logo — *Drogas da antigualha* —  
 Insultemos as Obras de Filinto,  
 As de Alfeno, Bocage, e outros sédiços.  
 Digamos, que o Garção, se elle apprendere  
 A fallar como nós, fóra um portento;  
 Fóra o melhor Poéta Lusitano,  
 Que nem o Camoëa mesmo lhe chegara  
 Ao bico do sapato. O Diniz... esse  
 Inteiro se perden co' a tal Arcadia.  
 Tomasse elle as lições da nossa schóla,  
 Talvez que com seus versos igualasse  
 Do Telémaco nósso a bella prósa,  
 E mesmo alguns sermões, nossos consocios.

---

de França fazem caso, porque não tomão a  
 móda dos francezes, em conservar com pureza  
 a lingua do nosso século augusto, como elles  
 punem por conservar a lingua do século de  
 Luiz XIV? Leiaõ as criticas, que nos Jornaes  
 apparecem contra os liyros, que se arredão de sua  
 pureza.

Ter-lhe-hiamos aqui *dressado* statua.  
 Verdade é, que *Escrivaas* temos bem poucos.  
 Que os *frns recuem* desta lingua sécia,  
 Mas o nosso Telemaco mil vale.  
 Se não teve atéqui *chalans* em barda,  
 Que acodissem à compra, *elle é* o motivo.  
 Que inda a lingua rançosa tinha muitos  
 Partidarios, e que o nosso fallar culto  
 Poucos adoradores tinha. — Poucos,  
 Desses amantes do fallar dos Barros,  
 Só para o criticar, de ódio banzando,  
 O lêraõ... mas acharaõ-se bem *dupes*;  
 Que o nosso *stylo*, a que *arrivar* não põdem.  
 Lhes fez perder o gosto de ir avante  
 De mãis de duas láudas. Em *reuanche*  
 Pelo Reino, e Colónias estendemos  
 Muito ao largo este nosso *séduisante*  
 Fallar *franccz*, que afflige esses rançosos,  
 Do seu *patois* puristas obstinados;  
 Assim fallou. Quevedo logrativo,  
 Voltando a mim o rosto. — Que tal ácha,  
 A destampada arenga?

E u.

Obra de nescios.

---

Houve pessoa dada a bons estudos, e affei-  
 çoadá á boa linguaem Portugueza, que repa-



sou no muito réchêo de francesismo, que havia  
 nesta falla, e que nenhum dos francelhos  
 usava attochar a conversação com tantos intru-  
 sos. O reparo é muito specioso, e quisera eu,  
 que a todas as minhas tróvas houvesse quem me  
 apontasse com juizo os defeitos dellas, que eu  
 prometto que com muito gosto, e proveito  
 meu, e dellas, as emendara. Por desgraça minha  
 e desgraça das minhas tróvas ninguem quis  
 tomar esse trabalho — Vamos ao reparo. Assim  
 pôde ser, que os francelhos, que hoje fazem  
 adulterio na lingua Portugueza, não sejam ainda  
 tam chapados na aaneira, como o Francelho  
 mór: mas pela mesma razão, que elle é Fran-  
 celho mor, mais fartas de francesismo devem  
 de ser as suas fallas. Os outros apenas são dis-  
 cipulos, elle é o Lente da Gallici-parla,

---

Amor da Patria, e desejos de que se não es-  
 cureça inteiramente a gloria, que nos gran-  
 gearão entre as nações estranhas os bons Autho-  
 res do nosso bom século litterario, e não outro  
 algum motivo, me incitárao a destruir ( se me  
 é possível ) com as armas do ridiculo, a seita  
 do francesismo, que tanto deshonra a clássica  
 linguagem Portugueza. Bem sinto em mim não  
 ter forças bastantes para a empresa, mas as-

sobre a pendão; e veni mestrando o seminho e  
 outros mais valentes do que eu. Eya, meus  
 estudiosos, amantes do bom Camoés, terçai a  
 lanças, e arremetei-me com esses espantalhos,  
 derrotai-me esse exército ingrato, que se re-  
 bella contra a Patria, e contra os que com suas  
 douradas pennas a illustrarã. Se soubessem os  
 estes Francalhões, a estimação que os estrangei-  
 ros doutos fazem da nossa lingua, quando a en-  
 tendem, e que lem os Lusíadas, ou algum dos  
 nossos Escriptores de bom século; e se soubes-  
 sem a razão que elles fazem dos que os não  
 sabem imitar, porque não sabem o preço av-  
 liar da lingua que ora fallaõ, e em que por des-  
 dourado esta agora occorrem, envergonhar-se  
 hão (se ainda de peje conservaõ algum res-  
 quicio) e se tivessem juizo, cuidariaõ em de-  
 sapprender essa giria da tal Gallici-parla.

---

S O N E T T O.

---

**D**E arco, flechas, e facho carregado,  
Venda nos olhos, pela Mãe cingida,  
Me entrou no sótao, (1) onde gasto a vida,  
O rapaz, que dá a todos grão cuidado.

« Rapaz (lhe digo) eu acho-te escusado  
» Esse facho a quem traz sempre impedida  
» A vista, como tu. » — Vista homicida  
(Tornou) me dá, por entre a venda, o Fado.

— E vé, se eu vejo, ou não. — Nisto o maldoso  
Poem mira na alma, e lá certoiro o lume  
Crava, cevado em amargor cioso.

— Assim págo (dir rindo o ruin Nume)  
« A quem zomba comigo, o mal-jotoso »  
— Me achas escusado o facho de Ciume. —

---

(1) Vide Ode a Pilaer. — Quando, etc.

---

E P O D O .

---

Illi robur, et es triplex  
Circa pectus erat, qui fragilem truci  
Commisit pelago ratem.

*Horat. lib. 3, od. 5.*

---

COM olhos não enchutos, caro Albano (1),  
As Tágidas tristonhas  
Te verão arrancar de seu regaço ;  
Verão a murta, o louro,  
Com que ellas te croavaõ à porfia,  
Mal-seguros na frente  
Descorarem, vergar com feio susto  
Do gigante *Infortiato*,  
Ordenação, Pandectas, PuTendorfios,  
E Guerreiros, e Pegas.  
Quanto entra, pelo Oceano, o Padre Tejo,  
Irão as verdes Nymphas

---

(1) O Senhor Desembargador Sebastião José  
Ferreira Barroço.

Accompanhando o teu baixel esquivo:

Os peitos fora da água,

E c'os erguidos braços acenando,

Daráo o extremo adeos.

Depois curvadas ante o Rei dos mares,

Ajudadas de Téthys,

Pedirão térnas, para o seu Poeta

Venturosa viagem.

E tu, perdido o amor à Patria, a Chéllas

(A Chéllas saudosa!)

Contra o gesto de Irmans, e dos Amigos,

Nos pinhos voadores

Co' as pandas ázas ao Galérno francas,

Desamoroso Albano,

Irás, rompendo as cóstas de Neptuno,

Vêr a curva Bahia.

Ante as áras de Némesis severa :

Irás pezar a culpa

Do bilingue Tapuya, ou çáño Negro,

Nas trémulas balanças.

Entre as rumas dos Feitos, entre as Crélas

Te esquecerás das Musas,

Dos Europeos Amigos saudosos,

Te esquecerás de A. ....

As Driadas queixosas deste Valle

Murmurarão de ti :

« Lá jaz Albano em feio esquecimento

» Nessa América terra,

« Nos braços da civil correspondencia,

- » Entre as fêrvidas Damas.  
 « A mui-formosa A.<sup>\*\*\*</sup> descorada  
 » C'os sépros da Doença  
 » Cansada chamará o sécco Albano;  
 » Quando lér seus Poemas.  
 » Quem fará resoar em rôda os montes  
 » C'os louvores de A.<sup>\*\*\*</sup>,  
 » Quando os applausos da Prelada eleita,  
 » Em nocturno Parnasso,  
 » Pozérem franca a *contumax* (1) janella,  
 » Côro das Musas Lysias?  
 » Não ouviremos máis, como *arrancava* (2)  
 » *Alcides o membrado*  
 » O ladrador trifauce a bocca abrindo,  
 » D'entré as exiles (3) sombras,  
 » Nem como a *Pythonissa rabeando*  
 » Na tripode sagrada

(1) A inveja, a superstição, a tyrannia formaraõ culpa d'um innocente divertimento; prohibiraõ por longo tempo a A.<sup>\*\*\*</sup> e D.<sup>\*\*\*</sup> chegarem a uma janella conventual, para dali darem mottes a Poetas escolhidos; e dahi veio o epitheto de *contumax* à tal janella.

(2) Toda a lettra ( aqui ) *grypha* pertence a sonettos desse outeiro de Ghellas.

(3) *Exiliodomas Plutonia*. Horat. lib. 1, od. 4

(Do fatidico Deos a mente cheia)

- » Convulsa pelos membros, (1)
- » Cabellos erriçados, rosto em brasa,
- » Alienada de si,
- » Borbotava enigmáticos furores.
- » Pela fumante bocca.
- » Gloria da Elysia, gloria do alto Pindo,
- » Formosa, e douda A.<sup>....</sup>,
- » Não terás quem te diga : — *Se estou triste,*
- » *Mal vólto a mente a vista,*
- » *Transtorao-me de triste em ser contente.*
- » Tu, Filinto queixoso,
- » Filinto triste, louvarás a D.<sup>....</sup>
- » Com raras tocos versos.

(1) Muitos exemplos há em Horacio, Virgilio, etc. de dar como os Gregos accusativo aos adjectivos verbáes : elegancia que imitaraõ os nossos Classicos; mas sem elipse. Os Leitorès que tiverem alargado os seus estudos além das tróvas dos Poétas de água doce, entenderão bem o que eu digo. Os outros, ainda com máis explicação me entenderiaõ menos.

*Nota do Editor.*

---

## F A B U L A.

### A LEOA, E O RAPOSO.

---

**C**OM ternura a Leóa a tétá dava  
Ao filhinho, que em todo esse contorno  
Tem de reinar um dia.

Diz comsigo o Raposo:

- Antes que um anno volva ( se elle vive )
- De todos nós fará franca iguaria.
- Com bom geito a catástrophe atalhemos.

Lógo vái em pessoa

Visitar a Celsissima (1) Leóa.

- Como, Senhora, ( diz com estranheza )
- Dá vossa Celsitude ao Régio Infante
  - Tam liviano sustento ?
  - E' criação de mimos.
- Córços, Cábras mentezas, górdos Párços,
- Bezerros alentados

---

(1) Titulo soberano que se dava aos Príncipes Bispos de Liege; e quando se fallava della se dizia *de sua Celsitude*.



— O manjar devem ser único, e forte  
— D'um Rei destas montanhas, e florestas.  
De sangue, e não de leite,  
— Se nutra quem do vosso Real ventre  
— Sahio para réinar. —  
Conselho, que lisonja, (1)  
Acha no nosso orgulho a pórtá aberta.  
Assi foi este pela Mãe cumprido;  
E a compleição do tenro Leãozinho,  
Que des-tetou do leite,  
Não resistindo ás forças da carniça.....  
Estourou.  
Tal lucro, da Lisonja, a Mãe tirou!

---

Quantos há que se esmerão  
Em aguçar o engenho de seus filhos!  
Páe há, que diz: « Meu filho tem sette annos:  
» Mas que grande memoria!  
» Sabe a fábula, a historia...  
» Que há hi, que elle não sáiba! »  
Nem há Páe, entre os Páes, que em pelle caiba  
C'o ouvir papaguear o seu pequeno;  
Que em vez de digerir  
O mai forte alimento,

---

(1) Vamos de vagar, e com sentido: que os leitores, que ainda não lerao Camoés, cuidarão que este *lisonja* é nome, e não é verbo. Pois é verbo que lh'o digo eu aqui muito em segredo.

Com que o estômago débil lhu abarróiaõ,  
Embaca, ou arreventa.  
Eis que a oriança tola  
Semelha ao Pão patola,

---

TROJANI BELLI SCRIPTOREM, MAXI-  
ME LOLLI, etc. etc.

*Epistola 2. do livro 1. de Horacio traduzida.*

**M**A XIMO Lollie, em quanto tu declamas  
Em Roma, repassei eu em Preneste  
Esse Scriptor de guerra de Troya,  
Que melhor que Grantor, e que Chrysippo  
E mais em cheio, diz o que é formoso (1),

---

(1) Chama-se aqui formoso, o que com todos  
os moralistas. Christoës, e Gentios se chama  
honêsto. E na verdade a genuina formosura da  
alma é a honestidade neste geral sentido. Ho-  
nesto, e honestidade não se toma aqui no sen-  
tido que lhe dão as velhas, em cuja intelli-  
gençia honêsta mulher é muitas vezes, o que  
os francezes chamam *femme prude*, mulheres  
de affectado recato, e alardeado biço, que en-  
tre ellas passa por honestidade.

O que é tórpe, o que é util, ou nocivo.  
 Porque eu assim o entenda ( a estares vago )  
 Dou meu motivo O Conto em que se narra,  
 Que em lenta guerra, pelo amor de París,  
 Se travara c'os barbaros (1) a Grecia,  
 Encerra éstos (2) de stultos Reis; e Póvos.

(1) Toda a gente sabe que tanto Gregos, como Romanos, chamavaõ barbaras todas as naçoës, que naõ eraõ Gregos, nem Romanos; mas a razaõ disso nem todos a sábem. Eu a perguntarei, e quando a sonber, lh'a direi.

(2) A palavra *æstus*, de que aqui usa Horacio com tanta energia para denotar os vayvens das paixoës, ou para melhor dizer as marés, que enchiaõ, e vazavaõ no peito dos Achivos, naõ tem correspondente (que eu saiba) em portuguez, senaõ a palavra *éstos* que é latina apor-tuguezada, e da qual usa Fr. Amador Arraes em varios lugares, e Fr. Manoel da Esperança (naõ despiciendo Author) na sua Chronica Se-raphica part. 2, pag. 459. Alem de affirmar Bluteau, que é usual no Riba-Tejo tomarem *ésto* por *maré*. Alem de saber eu de certo, que por todo o Minho maritimo se diz: *e ésto, é bom ésto, é alto ésto*. — Quando apprenderemos nós a lingua Portugueza de maneira, que por motivo desta, ou daquella palavra, naõ es-

Vóta Antenor, que a causa à guérta atilhem:  
 Mas, por salvo reinar, (1) viver a gôst,  
 Que dirá Paris? — *Não podeis forçar-me...* —  
 Dá-se préssa Nestór a compor pleitos  
 Entre Achilles, e o Atrida. Amor abraza  
 Este, e de mão commum a ambos Ira.  
 Os Gregos pagão quanto os Reis delirãõ.  
 Motins, dólo, ruindade, ira, e cubica  
 Dentro, e fóra dos muros de Ilion alta  
 São culpas lá coramuns. — Mais: do que pôde  
 A virtude (2), e o saher, util transumpto  
 Em Uliães nos poem. Depois que este honv  
 Domado Troya, sabedor previsto,  
 De muitos homens vio Cidades, Usos;  
 E em quanto appresta a volta a si, e aos outros  
 Muitas penas soffreu pelo mar largo,  
 Sem que as ondas aduersas dos trabalhos

---

seja a cada instante um desgraçado author à  
 batti-barba c'õo perlixo, ou ignorante leitor!

(1) *Reinar* não significa sempre *dominar como  
 Rei*; mas muitas, e muitas vezes os Latinos  
 dizem reinar por viver *a la grande*, regalar-se,  
 assoberbar os outros com seu luxo, com opi-  
 paparos jantares, com espedicadas riquezas, etc.

(2) *Virtus* entre os latinos quer dizer esforço  
 de animo, e daqui vem chamarmos *virtudes*  
 as forças que oppomos à violencia das paixões.

O submergissem. Sabes que as Sereyas  
 Lhe cantaõ , que co' a taça o brinda Circe ;  
 Que se sófrego , e párvvo , como os sócios ,  
 Tal bébe , agóra tórpe , e des-juizado  
 Avassallado á meretriz (1) jazêra ,  
 Qual Caõ immundo , ou Porco affécto ao lódo ;  
 Nós só viémos a fazer quantia ,  
 E a consumir seáras , quâes Amantes  
 De Penélope ruíns , ou quâes os Moços  
 De Alcinoo Cortesaõs , que se esmeravaõ  
 Em curar o caraõ mais do que é justo ,  
 Dormir té meio dia caprichavaõ ,  
 E pôr às lidas cábo ao som da Cythara.  
 Ladroës se érguem de noite a mattar homens (2) ;  
 Tu , por guardar-te , não é bem que acórdes ?  
 Se não córres , em quanto tens saúde ,

---

(1) *Circe*. Que atrevida insolencia a do sen-  
 hor Horacio , a de chamar meretriz a uma  
 filha do Sol ! *Sub demina meretricis*. Dado que  
 duas filhas engendrara o Sol , esta Circe , e a  
 senhora Pasiphae , que foraõ mãis castiças , que  
 castas. — Mas a uma nympha , a uma rainha ,  
 e ambas de tam esclarecida prosapia , é desa-  
 foro ! é desacató , por mãis que digaõ.

(2) Já desse tempo os Ladroës se não con-  
 tentavaõ com tirar a bolsa.

Correrás quando hydrópico; e se os livros  
E a luz não pèdes, antes que abra o dia;  
Se não fitas no estudo, e honestas cousas  
O teu animo, apenas que despèrtes,  
Tem de te dar tortura o Amor, a Inveja.  
Se' não dize : porque a tirar te appressas  
O que te empèce à vista, se demòras,  
Para alem do anno, o que a alma te consume?  
Metade avança de óbra o que a comêça.  
Arroja te a saber. — Encêta. Aquelle,  
Que furta o corpo a melhorar de vida,  
É bem como o Aldeaõ, na ába do rio,  
Que espèra que elle escòe; e o rio corre,  
E correrá volúvel éras, e éras.  
Toda a mira se aponta em ter dinheiro,  
Em ter mulher formosa, nèbre, e ricca, (1)  
Que lhe procrêe filhos; e a que o arado  
Doméstique (2) maninhos, e devezas.

---

(1) *Beata*, que vem no texto, e que entre nós quer dizer mulher de idade, papa-sanctos com contas na mão, borracha à cinta, significava entre os Latinos mulher, que por formosa, fidalga, e rica, e já bem-aventurada neste mundo, se dessas boas qualidades se aproveita.

(2) No caso que o verbo *domestique* scandalize alguns illustrissimos censores, ponhão

Não queira mais quem tem sufficiente :  
 Não Casas, não Herdades, nem Dinheiro  
 Despêdem febres, salvaõ de cuidados.  
 Convem que o possuidor ande sadio,  
 Se intenta dar bom uso a seu grangeio.  
 A quem cubiça, e téme tanto valem  
 Cazas, ou Cabedaes, quanto Pinturas  
 Aos ólhos emplastados, ou à góttá  
 Fomentações, ou Cythara a ouvidos  
 Doridos das matérias nelles podres.  
 Quanto deitas em çujo vaso azéda.  
 Desprêsa os appetites. Appetite  
 Que se compra com mágoas é damnosó.  
 Sempre vive em pobreza o Avarento..  
 Poem alvo abalisado a teus dezejós.  
 Definlia se o Invejoso, em vér o estraño  
 Medrado em bens. Os Siculos tyrannos  
 Mór tormento que a Inveja não traçaráõ.  
 Quizêra o que não foi a mão à Ira,  
 Não ter feito o que fez mal-conselhado.  
 Da dor, da mente ruin, se prepotente  
 Se assomou no punir com ódio inulto. (1)

---

em seu lugar *arrotée*, ou qualquer outro dos  
 que vem no Auto de Catharina Lopes Cris-  
 talleira, segundo melhor lhes contentar.

(1) Este *inulto* tem dente de coélho. Varios  
 expositores li n'uma livraria em que havia com-  
 mentadores às carradas: mas a genuina intel-

Insania brève é a Ira. Tu modéra  
 A vontade, que se érgue c'o domínio,  
 Se a não trazem sujeita ; esta soppèa  
 Com freio, com grilhões. Em quanto é dócil  
 O pôtro, e a cerviz tenra, o Mestre o adéstra  
 A seguir o caminho, que lhe ensina  
 O Cavalleiro. O Caçador cachorro,  
 Desque soube ladrar, na salla, à pelle (1)  
 Do Veado, guerréa pelas sélvas.  
 Recólhe agóra, oh Moço, estas palavras  
 No peito, que ainda é tempo ; e te offerece  
 A quem melhores, (2) saiba. Longos tempos  
 Conserva a infusa o cheiro, em que embedida  
 Foi, quando nóva. E, ou fiques, ou brioso  
 Te adiantes; ronçeiro, não te aguardo ;  
 Nem lido em me hobrear c'os que ante-cor-  
 rem. (3)

---

ligencia ainda para mim ficou no fundo do  
 sacco. Feliz quem dér com ella !

(1) Foi costume pendurar uma pelle de veado  
 diante dos caes, para os ensinar a ladrar-lhe,  
 quando os levassem à caça.

(2) Horacio não se gaba de dar a mais apa-  
 rada doutrina, antes aconselha, que sigão phi-  
 losophos avantajados a elle.

(3) Metaphora dos que em Roma corriaõ no  
 Circo para ganhar o prémio deparado para  
 quem primeiro tocasse a méta.



Dirá algum Critico, que esta traducção não iguala o original ; e eu direi que tem razão , e que esse defeito me descontentou sempre nella. — Mas para que a imprimiste ? ( me dirá elle ) Isso são outros quinhentos. Se eu estivesse lá ao pé do senhor Critico dir-lho-hia ao ouvido muito em segredo. Mas..... estamos tam longe !!!

---

OS NOVOS GAMAS.

O D E.

— Nil mortalibus arduum est ,  
Cælum ipsum petimus.....

*Horat. lib. 1. od. 3.*

---

**A**SSIM (1) deixou de Créta as cem Cidades  
O fabuloso Mestre, (2)

---

(1) A admiração deu o nascimento a esta Ode, e com effeito a grandeza, e a novidade do spectaculo déra assumpto a melhor canto, se a veyra do Poeta fôra de mais alta classe.

(2) Dædalus, ut fama est, fugiens Minoia regna  
Præpetibus pennis ausus se credere celo.

*Virgil.*

As estranhadas nuvens dividindo  
Com atrevidas pernas ;  
Assim nos ensinou, a ser Monarchas  
Do ligeiro elemento.  
Mas, do arrojo agastada a Natureza,  
Sob alcapão ferrado  
O temerario arcano pôz seguro,  
E aos séculos vindouros  
Com manto espesso de nublada *tréva*, (3)  
Lhe encobrio o jazigo.  
Que não vence indefesso, improbo estado,  
Que poem na gloria e fito!  
Que márcos não transpoem esporeado,  
Destemido dezejo!  
Viraõ da Morte a hedionda catadura

---

(3) Alguns meninos, ainda boçães em Poesia, me censuraraõ de ter eu usado *tréva* no singular; porque tal vez só se lembraraõ da quarta feira de trevas; aos táes lhes lembro aqui, além de outros, que não escrevo, estes tres lugares de Camoës, que tenho aqui à mão.

Acorda e vê ferida a escura *tréva*.

*Canto 2, est. 64*

Todos nus, e da cór da escura *tréva*.

*Canto 5, est. 30.*

Divina assim tiron da escura *tréva*.

*Canto 3, est. 15.*

( E com pausados olhos )  
Os Heróes arrojados, que na lança  
Levaraõ sanguinosa  
Conquistados Imperios, e deixaraõ  
Impávida memoria.  
E os que, seguindo as leis da ardua Virtude  
Calcaraõ denodados  
O collo insidioso da Calumaia,  
Dragaõ de átro veneno.  
Já tinha em fragil lenho submettido  
Os Reinos de Neptuno  
Mortal, desprezador de dubia morte ;  
E, alongando a carreyra,  
Da roxa Aurora visitado o leito ;  
Do tardio Boótes  
Penetrado os gelados escondrijos  
C'o sagaz Astrolabio.  
Já, devassando os términos de Mundo,  
Inquiétos humanos  
Tinhaõ sérras longinquas, invios érmos  
Trilhado aventureosos ;  
Com mão profana as lóbregas entranhas  
Da terra revolvido.....  
E tu, Vulcano, que as Lipáreas Ilhas  
Regias idomavel,  
Regido foste, e a sabias mãos sujeito,  
Para os humanos Jóves,  
Em dura schóla, trabalhaste os rayos,  
Que estalaõ com ruina

Nas cerradas phalanges, nos reparos  
Das munidas Cidades.  
As Estrellas, os Orbes despedidos  
Reconheceraõ régras; (1)  
E o Rayo assustador, que vago, e sólto  
Estendia, ou quebrava  
O roxo trilho do farpado incendio,  
Hoje a Franklin submisso, (2)  
Pela perita barra, (3) ingrata via,

---

(1) Não tinha animo, nem paciencia (nesta Ode, que primeira imprimi em França, como tambem n'outras que lhe seguiraõ as pegadas) de pôr nôtas em semelhantes bagatellas; mas como tanto me tem soado nos ouvidos, que achaõ escuros alguns lugares dellas, me sinto no lance de pôr mais patente, o que me parecia trivial, e claro. Assim direi que as régras de que fallo saõ as de Newton.

(2) De quem disse Targot: — *Eripuit caelo fulmen*, etc.

(3) A barra do *paratonnerre* não tem mais sciencia, que qualquér outra barra de ferro, mas foi perito Franklin, que ensinou com ella a dirigir o rayo, para onde queiraõ. Assim o pente de que falla o Garção na Ode ao Delfim, não éra mais déstro que qualquér outro pente de córno, e ainda mesmo da mais fina tartaruga, mas na mão de Gabillon fazia maravilhas.

Reluctante discorre:  
Só resistia ufano, e mal-soffrido  
Ao tentame frustrado,  
Do vasto Eólo o Imperio mal-seguro,  
Diaphanas campinas.  
Os rijos Aquiloés, Euros fogosos  
C'o sôpro amedrentavaõ.  
A progénie arriscada de Japêto:  
As aguas infamadas,  
C'o nome do Mancebo (1) mais-que-affeito,  
Com descorados médas  
A empresa ambiciosa reprezavaõ.  
Debalde a Natureza  
Ao pertinace esforço se esquivava,  
De sustos povoando  
O largo plaino dos desertos ares,  
Desamparadas quédas  
Oppondo, escarnecidas, por barreiras!  
O Disvéllo incansádo  
Que aguça a vista à Sensaçãõ reflecta,  
Arremessadq rompe  
Pelos montões de obstáculos, e invêste  
C'os penetráes vedados,  
A arrancar o segredo perigoso.  
Para escalar os Astros  
Intexê um Globo, imitador dos Orbes,  
Que giraõ no ar vazio.....

---

(1) Icaro.

**Eu mesmo o vi. (1) Obediente ao mando  
Deitou ayrôso a terra;  
Sobre as frentes dos homens assombrados  
Levantado Planeta,  
Sulcava as aras ondas magestoso :  
( Em soberbo triumpho  
A regradá Sciencia aos Céos subia )  
E furtando-se aos olhos  
A nóva Estrella prefazia o gyro.  
Tal Jupiter subido  
Tira bizarro, pelo ethéreo campo,  
Os satéllites fidôs,  
De um Pólo, ao outro Pólo (2) passeando,  
Na clara, estiva noite.**

---

(1) Em quanto o globo de messieurs Charles et Robert subia mui sereno entre acclamaçoës e assombro de todos os que o viaõ, técia eu esta Ode, quasi tal, que aqui vái impressa, salvo as correceçoës, que lhe fiz ao escreve-la.

(2) Não me amofinem com astronomias, nem com Pólos daqui, nem Pólos dalli, que muito bem se sabe que os planetas não correm de Pólo a Pólo. Leiaõ Camoës, e veráõ que elle mette Pólo a toda a casta de mólho.

## T R A D U C T I O N

De l'Ode précédente.

**C'**EST ainsi que jadis d'un vol audacieux,  
Dédale osa franchir l'immensité des cieux,  
Et que, planant soudain au-dessus des nuages,  
A ses pieds orgueilleux il foula les orages,  
De l'empire des airs il traça le chemin,  
Mais dans les noirs replis d'un vaste souterrain  
La nature, en courroux contre ce téméraire,  
Enferma son secret : et sa prudence austère  
Contre un desir fatal voulant nous prémunir,  
En déroba l'entrée aux races à venir,  
Et les enveloppa d'un voile de ténèbres.  
Mortels ambitieux ! pour que vos noms célèbres  
Passent de siècle en siècle à vos derniers neveux,  
Que ne surmontez-vous ? Quel précipice affreux  
A vos bouillans desirs peut servir de barrière ?  
Les héros, emportés par leur fureur guerrière,  
D'un regard intrépide, en volant à l'honneur,  
Ont fixé du trépas le glaive destructeur ;  
Ils ont, d'un fer sanglant dirigeant la victoire,  
De leurs noms redoutés éternisé la gloire.  
De l'austère vertu, d'autres suivant les lois,  
Ont de la calomnie étouffé les cent voix,

Et sans craindre l'effet de sa dent venimeuse ,  
 D'un pied hardi foulé sa tête insidieuse .  
 Méprisant les fureurs du perfide élément ,  
 L'homme avait asservi l'empire du trident .  
 Emporté vers les lieux où le jour vient d'éclorre ,  
 Il avait salué le berceau de l'aurore ,  
 Et l'astrolabe en main , le pied sur les glaçons ,  
 Parcouru des autans les sauvages prisons ;  
 Sur un mobile pin , faible jouet de l'onde ,  
 Des mortels inquiets , aux limites du monde ,  
 Avaient déjà porté le ravage et la mort ,  
 Et s'étaient confiés aux caprices du sort ,  
 Dans des climats lointains , où l'œil découvre à  
 peine

De quelqu'être vivant une trace incertaine .  
 La terre avait senti leur sacrilège main ,  
 Mesurer ses hauteurs et déchirer son sein .  
 Toi qui , dans Lipari , tenais le rang suprême ,  
 Indomptable Vuleain ; tu fus contraint toi-même  
 De fléchir sous la main d'un habile artisan ,  
 Dans un étroit fourneau , resserré , mugissant ,  
 Tu te vis obligé de forger le tonnerre ,  
 Pour en armer les bras de ces dieux de la terre ,  
 Qui dans les murs d'acier des bataillons pressés ,  
 Et les débris sanglans des palais renversés , ( ge.  
 Se font jour , et près d'eux font marcher le carna-  
 Bientôt on vit dans l'air suivre une règle sage ,  
 A ces corps dégagés , ces globes radieux , ( cieux .  
 Qui jusque-là semblaient être errans dans les



La foudre en vains éclats consumant sa puissance,  
 A nos fers aimantés soumit sa résistance.  
 Du vaste dieu des vents les fluides éclats  
 Résistaient glorieux à nos vains attentats ;  
 Ce dieu gouvernait seuls ses transparens domaines,  
 Des fiers enfans du nord les sifflantes haleines  
 Effrayaient de Japet les fils aventuriers.  
 Cet Archipel fameux, dont les flots meurtriers,  
 Ont hérité du nom du téméraire Icare,  
 A leurs projets hardis ouvraient un gouffre avare.  
 Pour dompter leurs desirs sans cesse renaissans,  
 La nature toujours prit des soins impuissans,  
 Des champs aériens peupla les vastes plaines,  
 De soucis dévorans et de chutes certaines,  
 Leur fit voir des rochers les sommets décharnés.  
 Leur trépas instruisant les peuples consternés....  
 Mais rien ne les retient, et, rompant les barrières,  
 De ces lieux interdits à leurs yeux téméraires,  
 En arrachent soudain les secrets dangereux.  
 Un globe, tel que ceux qui roulent dans les cieux,  
 Gonfle ses vastes flancs d'une vapeur légère,  
 Monte avec son auteur, et plane sur la terre.  
 Moi-même je l'ai vu, d'un air majestueux  
 A son ordre docile, étonnant tous les yeux ;  
 S'élever dans les airs, et, voguant avec grace,  
 Laisser loin après lui l'empreinte de sa trace.  
 C'est alors qu'emporté sur ce char glorieux  
 Le génie alla prendre un rang parmi les dieux ;  
 Puis en astre nouveau, loin de nos yeux profanes,

Décrire son orbite aux plaines diaphanes.  
Tel un beau soir d'été du Monarque des cieux,  
L'astre replendissant se soustrait à nos yeux,  
Et marchant entouré de ses gardes fidelles,  
Trace d'un pôle à l'autre un sillon d'étincelles.

---

## S O N E T T O .

**N**A O pesquizes , Leitor , com cenho austero  
Tôscos versos , às magoas arrancados ;  
Ao som de meus grilhoês foraõ cantados ,  
Em captiveiro de rigor severo.

Longe depuz o alinhio , longe o esmero ,  
Com que cantei favores delicados .  
Penas , rigores (1) sahem mal-limados  
Das fábricas d'um Nume duro , e fero.

---

(1) Alguns pretendem que não se possa repetir n'um soneto a mesma palavra , fundados em certa regra da poetica de Boileau. Não discuto a qui se teve , ou não bastante motivo para pôr mais esse encargo aos soneteiros de França. Lá se avenhaõ os soneteiros com Boileau , e Boileau e' os soneteiros. Eu stenho-me aos Italianos , que nestes poemas foraõ sempre os Mestres ; e que sonetos mui poéticos , e de quem

Mover a mágoa quiz com ays sentidos ; (to,  
A mão que me prendeu (1) com meigo encañ-  
Quando , por versos , entoei gemidos.

Para os que Amor condemna a amargo pranto ,  
Para os peitos de crus farpoes feridos ,  
Naõ para vós , Censores , sóto o canto.

---

com justas causas se pôde dizer que um bom so-  
neto vale um poema. Os Italianos não se estre-  
taõ , ( ainda os mais modernos como o Zappi , e  
outros Arcades de nome ) a tam miudas regras.  
Quanto mais , que semelhante regra destruiria  
uma das mais bellas , e as vezes , das mais pat-  
héticas figurás , qual é em lugar proprio a repe-  
tição da mesma palavra ; de que há tantos  
exemplos em Virg. etc. etc. Se , nada obstante  
prevalece o máo gosto , e vinga o constrangi-  
mento , que dá semelhantes escrupulos por pre-  
ceitos , cá os assentarei no meu cãnhão , com  
os *simul-cadentes* , *simul-soantes* e *lunares* do  
doutor Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

(1) Me juvat in gremio doctæ légisse Puellæ ,  
Auribus et puris scripta probasse mea.  
Hæc ubi contingerinti populi confusa valetō,  
Fabula : nam domina judice tutus pro.

*Propert. lib. 2 , eleg. 7.*

---

---

## H Y M N O A B A C C H O .

— Dulce periculum est,  
O Lenae, sequi Deum  
Cingentem viridi tempora pampino.  
*Horat. lib. 3, d.*

I.

VEM, vem, potente Baccho,  
Vem domador das Indias invencivel,  
Que os mosqueados,  
Rábidos tigres  
Reges sobrano,  
Cum açoit de vides dobradiças;  
Que a desdenhada cróa da Princeza  
( Antes que estrellas fosse )  
Com corymbos, com pampanos ornaste.

I I.

Tu, grande Rei, governas  
Os reinos da Alegria, e do Deleite;  
Nossos humores  
Rápidos, lentos,  
Punges, refreas:  
Tu animas as danças, os festejos,  
E ameigas no teu collo as lindas Graças,  
Que o riso airoso negão  
Aos ímpios, que os altares teus não bejaõ.

( 41 )

I I I.

Cáhe aos teus pés rasgado  
A teu aceno o sello do segredo ;  
    Francas as portas  
    Tens dos Ministros ,  
    Dos Reis cuidadosos ,  
Se entrar em seus defezos Paços dignas ;  
Tu, se co'a recedente, invicta dextra  
    O coração lhe espremes ,  
Pela bocca espirrar-lhe o arcano fizes.

I V.

Com branda , amiga força  
Despedes das contentes companhias  
    Rancor pezado ,  
    Secco silencio ,  
    Grave Etiquetta ;  
Tinges de meiga cór nossos costumes ,  
E a fronte do sizudo desencréspas.  
    Por ti , ri a Virtude  
Ao Amor , - e a seus brincos buliçosos.

V.

Vem , Baccho , de mãos dadas  
Co a molle Ociosidade voluptuosa ;  
    Vimineos cestos  
    De almas botélhas  
    Satyros leves

Dos hombros fulos ante mim deponhão ;  
Aqui vazem rubi, aqui topazio  
De trasbordada escuina,  
Aqui rindo o sedento seyo alaguem.

V I.

Oh Nyctileu valente,  
Só de entoar na lyra os teus louvores,  
Naõ sei que flamma  
Vívuda, fulgida  
Serpéa, e corre  
A assettear, c'os petulantes rayos.  
As costas encurvadas dos Pezares....  
Eis que trépa.... eis que sóbe  
A' каза da Razaõ, e m'a allumia.

V I I.

Novo discernimento  
Com novo rádio estréma idéas novas.  
Cruzaõ em bandos  
Gentis conceitos  
Louçaõs, garridos.  
Nõva série de aççoês de Heróes corados (1)

---

(1) Perguntei ao Poéta: porque razaõ chamou corados estes Heróes; e elle me respondeu, que nunca vira amante affincado do sumo da cépa, que não lhe sahisse pelas faces a côr do sumo. Ainda me disse mais, que conhecera

Essaõ mostra no espelho do Futuro :  
Outro Povo, outros Tempos  
Se me offrecem, me esperaõ, me convidaõ.

V I I I.

Que furor me arrebatã !  
Que nõvos Ceos descubro, novos Mundos !  
Tudo saõ vinhas !  
Tudo parreiras....  
Um mar vermelho  
Se estende, e ondeia , crespo de navios ,  
Sem flammalas, sem vélas.... Naõ , saõ dôrnas ;  
Saõ frótas, saõ armadas  
De undivagos toneis conquistadores.

I X.

Cã desdem dos montanhas  
Despenhadas correntes auri-dulces  
Do Carcavéllos ,  
Do bon Setubal ,  
Que aquece o seyo ,

---

elle certo Thesoureiro d'uma Freguezia de Lix-  
boa (que nunca bebia mais agua que a damissa)  
cujo suor lhe sahia do corpo tam vermelho ,  
que , no veraõ mormente , lhe pintava a ca-  
miza ; e tres-passando a lôba, lh'a roxeava.  
E perguntaios sabios de escriptura que segre-  
dos saõ estes da natura.

*Nota de Editor.*

Que ameiga , que aviventa a alma dos Velhos.  
Aqui dormentes sombras prazenteiras  
Se debrução das párras  
Sobre alastradas moitas de Bacchantes.

X.

Como ronca o Sileno  
Entre vazios pótes do cheiroso  
Nectar sadio !  
Pelos bigodes  
A crespa escuma  
Lhe ondeia ao som do fôlego cantante.  
Arrepiados, stridulos adufes  
Alli jazem cansados  
C'os pampinosos vingadores thyrsos.

X I.

Sobre esteyos nodosos  
Reponza , e estende os racimosos braços  
A alegre vide;  
C'o inchado bojo  
Regala a vista  
O bagó aceso; guápo as mãos convida ,  
Entre as viçosas folhas reluzindo.  
Que de enfeitados templos!  
De Devotos , que o bom Eván consola !

X I I.

Destemido me assento  
Ante esta ára divina , e rubicunda .....  
Como apressados



( 45 )

Mil sacerdotes  
De pés fendidos,  
Carregados de victimas undosas  
Vem ornar-me este altar! Ponde no meio  
A grande, a das quatro asas,  
A m'a adornai com bastiões de frascos.

X I I L

Pela micante borda  
Desta bojuda taça espanca-enfados  
Saltaõ Prazeres.....  
Vê como pulaõ,  
Vê como estoirãõ,  
C'os pés brinçõs, as apinhadas bólhas!  
E no meio do lago, que derrama,  
Olha nadando as Nymphas,  
As Nymphas da Alegria galhofeira.

X I V.

Olha, a través das ondas  
Que talhaõ co' alvo peito, lá no fundo  
Baccho risonho,  
Mui recostado  
N'um throno de éra,  
Que me acena co' thyrsos folheado.  
Eu vou, eu vou, Lenéo irresistivel.  
No palacios do seyo  
Men hospede serás. — Entra de golpe.

X V.

Oh como, um Deos é grande!

Onde quer que aposenta, occupa tudo.  
Os quartos da alma,  
Os da memoria,  
Té qui tão cheios  
De mordazes tristezas, de infortunios,  
Tudo desalojou, tudo acha estrecito  
Para a pouzada sua.  
Baccho embebeu-me todo, e eu sou um Baccho.

X V L

Em fogoses Etontes  
Nos léve a repellôes Apollo o dia;  
Come uns instantes  
As Horas voem;  
Tácita a Lua  
No carro argenteo acolha o fugaz Tempo:  
Que eu transbordando Baccho sembo e rio  
Do seu bater das aas,  
E lhes dou vayas c'o tinnir das cópos.

X V I E

Vayas lhe dou sonóras,  
Quando cheio de Ti, por Ti Poéta,  
Nos bordôes gróssos  
Da cáva Lyra  
Dou quatro gólpes,  
Com que este ar frême, atron, estruge,  
E vai pelas cavernas rimboimbando,  
Té que acórda a Marfisa,  
Que do folguêdo de honte iada-hoje dôrme.

( 47 )

X V I I I.

Onde foste esconder-te,  
Deslavado Dorindo, (1) que os mysterios  
Do augusto Bromio  
Celebrar hoje  
Foges esquivo!

Vem beber côres, vem beber saúde  
Nas sacras taças deste altar pereune:  
Affoga-me esses philtros  
Com que Esculapio te danou o peito.

X I X.

Tu por acazo julgas  
Que uma agoa sem sabor, sem côr, sem força,  
Nas froixas veias.  
Pinte, apressure  
Pallido sangue?

Encha de ardoz o coração: ensose,  
E discretas faiscas mande à testa,  
D'onde alegria aos olhos  
Desça, e desça a bocca o dicto agudo?

X X.

Só foi dado a Lyáo  
Povoar de altas idéas o juizo.  
No verde Pindo  
O douto Horacio  
Nunca vio Nymphas,

---

(1) O Snr D. P. B. chamo-lhe *deslavado*,  
naõ porque elle o seja, mas porque o deslavarão  
entam aqui com...

Sem que a mente primeiro confortasse  
Com sangue de bacello (1). Dalli versos  
De atrevida harmonia,  
Dalli Praser lhe vinha, vinha força.

X X I.

Cheio de ousado brio,  
Que esta crôa me dá de Louro, e de Éra,  
Aqui aguardo,  
E os desafio  
C'o côpo em punho,  
Os duros Valentoês famigerados  
Da viçosa Chamusca, ou Lavradio;  
Naõ ha hi desalmado  
Gigante, Encantador, que eu naõ arrote.

X X I I.

Accende em rêda os fachos  
De resinoso, crepitante pinho:  
Entre mil lumes  
Trémulos, rútilos  
Bebo esta grande  
Taça ao grande Évio, estoutra a ti, Marfisa,  
Que auri-crinante ohegas opportuna.....  
Ay como os campos dançaõ!  
Dança a meza! — Dobrados-veja os frascos:

---

(1) Satur erat cum dixit Horatius Evoé.

*Juvénal.*

Horace a bu son saoul quand il voit les Menades.

*Boileau, Art Poétique.*

**VERSOS**  
**DE**  
**FILINTO ELYSIO.**

THE  
OFFICE OF THE  
SECRETARY OF THE  
NAVY  
WASHINGTON, D. C.

**V E R S O S .**  
D E  
**F I L I N T O E L Y S I O .**

---

---

**Tomo VIII.º**

---

---

~~~~~  
**PARIS,**

**Chez BARROIS, Libraire, quai  
Voltaire N.º 5.**

---

**Anno de 1806.**

1944



---

## O NOVO POËTA (1)

### LAUREADO.

*Panditur interea domus omnipotentis Olympi*

Estava o Padre alli sublime e dino. . . .  
E em luzentes assentos, marchetados  
De ouro e de perlas, mais abaixo estava  
Os outros Deoses todos. — Camões.

---

**D**escrever Jove, arremessando à terra  
Trisulco rayo, vingador de crimes;  
Confiar à penna a roupa adamantina  
De Mavórte feróz; ou bem, tirada  
Por ufanos pavoês de olhudas plumas,  
Na celeste campina, a régia Juno;  
E as Graças co'a bellissima Dione  
Passeando airozas nos jardins de Idalia,  
Assumpto foi de Engenhos muito primos,  
Que o senso de seus rasgos engenhosos,

---

(1) O Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor D. José Maria de Souza, Enviado extraordinario, e Ministro plenipotenciario de S. Maj. Fid.ma em Paris.

E o segredo das tintas esconderaõ  
 Das mãs inéptas de enguiçados Vates ,  
 Por esquivar , ao destampado fluxo  
 Do mascavado Caldas , todo o intento  
 De ir desbotar , de ir devassar seu tino ,  
 Em prosissimas prósas deslavadas.

Nem eu serei tam atrevido , e louco ,  
 Que traõte pinceis táes , com mãõ profana ,  
 Quando o Vate José descrever quero  
 Latreado por todo o argél dos Numes.

Alli vieraõ , à funcão machucha ,  
 Todos os Deoses do luzente Olympto ;  
 Quantos o Austro tem , e as partes onde  
 A Aurora se érgue , e aonde o Sol se esconde.  
 Mas , de todo o Congresso endeosado ,  
 Só tres nomearei , que allí máis péto  
 Se sentaraõ de mim. Era o Deos Conso , (1)  
 Que em cõxins cramesis d'um sophã molle ,  
 Repatanando a sonsa mandriice ,  
 Pósta à Malbrucka a branca gõrra , os ólhõs  
 Pisca , à sombra da arcada sobráncelha.  
 Junto delle Esculapio (2) surrateiro ,

---

(1) Representado pelo Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor  
 Antonio de Araújo, e Azevedo, Pinto, Pereyra,  
 etc. etc. etc....

(2) O Doutor Benjamin de Sola.

**Goloso de bons chicos, bons boccados ,**  
**O medico bordaõ , sem cucurúto ,**  
**( Ou disforme serpente — de Epidauró )**  
**Adrede , e muito sono tinha occulto.**  
**Seguia-o Mómo , (1) em trajés do Gerundio ;**  
**Que com duas rodélas de vidraças ,**  
**Espreitava as palávras , que partiaõ ,**  
**Para as fréchar , com dardos de Capucho.**

**Mas já descia Apollo auri-crinito ,**  
**Das ianuptas Donzellas rodeadô.— (2)**  
**Ao comprido José fazem mesura ;**  
**E com a dignidade competente**  
**D'um Reitor de Coimbra embarretado ,**  
**A tecida Cappella lhe encaixaraõ ,**  
**Na frente , em versejar loura , e noviça ,**  
**Ao som do graõ Trombaõ , das curvas conchas**  
**Dos Tritoeís de Neptuno , da Harpa Eolia.**  
**Retinniaõ , no Conclave sondro ,**  
**As palmádas , os vivas , o arrepia**  
**Dos adu'les das Ménades , e os discrimés (3)**  
**De sette vozes , capadora Gáita**

(1) O Senhor Francisco José Maria Britto.

(2) *Utque viro Phaebi chorus assurrexerit  
omnis.* — Virgil. Eclog. 6,

(3) *Septem discrimina vocum.*

De Faunos, e Sylvanos : retumbavaõ ,  
Com eccho rebramante , óccos tamborea.

'Eis que Jupiter se érgue atordoado  
Da sublime assuada eбри-festiva ,  
E dando ùm grito , que ensurdece a sphera ;  
Cóze c'o chaõ , d'um tombo , a quantos bérraõ :  
« Que é isto aqui ? Olá ! Que bebedeira !  
» Sômos no Pindo , ou sômos na taverna ?  
» Quem gôsta de gritar désça lá abaixo ,  
» A' Opera , a Paris , ou bérra em Mafra.  
» Neste monte só canta Apollo , e as Musas ,  
» Ou Vates inspirados , e Divinos ;  
» E se ao meu parecér quereis dobrar-vos ,  
» Deixai que cantem sós as Raparigas  
» Algum triste Londun , que alégre a gente. —  
» Mas cantem cá do longe : ... que o tal Vate,  
» Que quereis celebrar , tem-me vidonho ,  
» ( Sé bem nos ólhos , no nariz lhe encarõ )  
» Que naõ viraõ de lá muito Donzellas. »

---

## H Y M N O D A S M U S A S .

Io triumpho , oh Vate , Io triumpho !  
Tam ditoso encetaste a árdua carreira ,  
Que vences os provéctos , e promettes  
Proézas máis preclaras.

Io triumpho, oh Vate, Io triumpho!  
Honra, e braço da esclarecida próle;  
Porás, primeira, no affadigoso monte,  
Poética baliza.

Cheios de inveja, attonitos da empreza,  
Todos os Souzas, em palmeiras letras,  
Assentarão o insolito talento,  
No Gentilicio livro.

Io triumpho, oh Vate, Io triumpho!  
Com respeitoso assombro lá, da campá,  
O Tio Embaixador olha os teus versos.

Bons, — *sem massacre, e Egidio.* (1)

---

(1) Muitas cousas escrevem os Poétas, que alludem a acontecimentos, que nem todos conhecem. Este *massacre*, e este *Egydio* são desse lote. Eu sei a allusão; mas prometto segredo. — *Nota do Editor.*

---

---

O D E  
A O D E S P E I T O ,

D E D I C A D A .

A O S Q U E F A L S A M E N T E <sup>(1)</sup> S E C H A M A V A O  
M E U S A M I G O S .

---

O Cives, cives, quaerenda pecunia primum est,  
Virtus post nummos. — *Horat. lib. 1, ep. 1.*

————— Omnis enim res  
Virtus, fama, decus, divina, humanaque pulchris  
Divitiis parent. — *Id. lib. 2. satyr. 3.*

---

**D**ivindade, que o templo teu sentaste  
Nos ultrajes do são merecimento,  
Na Amizade estragada, em seus devêres  
Tibios, ou não cumpridos:

---

(1) Vulgare amici nomen, sed rara est fides.  
*Phaedr.*

Tu ; que dar sábes ( quando cumpre ) a força  
A' Razaõ provocada , e ressentida ,  
Tu me dicta palavras espinhadas  
De exprobrador conceito.

Ou, se com Jóve tanto váles , e ousas ,  
Tóma-me affouto em teus irados braços ,  
E transfere-me aos muros de Ulysséa ,  
Ao ninho meu Patérno.

Quéro de pórtá em pórtá , ir , a teu lado ,  
Envergonhar os Lares (1) esquecidos  
Dos deseáes amigos ; da volúvel  
Fortuna, companheiros.

Quéro apontar-lhe , aos rostos insensíveis ,

---

Amicus res rara , quæ non alibi magis deest ,  
quam ubi creditur abundare. Atria hominibus  
plena sunt , amicis vacua. — *Senec.*

(1) Os Deoses Lares tinhaõ ( para com os  
antigos ) cuidado , naõ só da Caza , e Donos  
della ; máis ainda dos que a ella , por direito de  
hospitalidade , e convivencia , lhe eraõ annexos.

(2) Falsi amici sereno vitæ tempore præsto  
sunt ; simulatque adversam fortunam viderunt ,  
omnes avolant.

*Autor ad Herenn.*

A viva tócha da Amizade pura ;  
E se inda do Devér lhes pulsa o alento ,  
Ver-lhes córar as faces.

- » E podeis reclinar-vos saborosos ;
- » No grémio do prazer, e dos regalos ,
- » Debuxando na mente, em quadros nóvos  
» Vindouras alegrias ? (1)
- » Em quanto o bom Filinto, em seu desterro ,
- » Cravado com punhães de agudas penas ,
- » Géme c'ò dissabor, accurva ao pézo  
» Da perdida ventura ?
- » Elle enfermo, elle póbre , arcando em lotta
- » Com frios , fômes , québras da velhice ,
- » Vendo só nas carrancas do Futuro  
» Ameaças de Morte ?
- » Quando vós , empégados no superfluo ,
- » Deitáas a rôdo , pelas verdes bancas ,

---

(1) Consortium rerum omnium inter nos facit Amicitia ; nec secundi quisquam singulis est , nec adversi. In commune vivitur. Nec potest quisquam beate degere , qui se tantum intuetur, qui omnia ad utilitates suas convertit. Alteri vivas oportet , si vis tibi vivere. Omnia enim cum amico communia habebit , qui multa cum homine. — Senec. ep. 48.



- » Disperdícios culpados, que poderaõ  
» Ergué-lo do infortunio ! ...
- » Dispertái do descuido. Olhai o exemplo,  
» Que elle estampon nas almas desvalidas,  
» Quando, com maviosa, occulta dextra,  
» Lhes deu brando soccorro.
- » Sem esperar rubor de rôgo humilde,  
» Foi prêtes co' conselho, co' a abundancia;  
» Passos, valias disferindo activo,  
» Homem humano a todos.
- » Amigos, que dos visos da Disgraça  
» Vibrar não védes o Celeste lume  
» Da Virtude, e da Honra; e só quando arde  
» Em Candelabros de ouro;
- » Adorai o dinheiro: que a Virtude  
» Desdenha adorações de baixos peitos;  
» Tólhe, que o umbral Ingratidoês lhe cruzem,  
» Ou fálhas na Amizade. (1)

---

(1) Anaxágoras determinou-se a morrer de fome, quando vio, que seu amigo, e alumno Pericles, que tudo podia em Athenas, se descuidou de acndir-lhe com o preciso. — *Tanto fortior (diz Seneca de tranquillitate vitæ) tanto felicior: hominis effugisti casus, livorem, morbum: existi è custodia: non tu dignus*

\*

- » Pois que entregáes ás mãos do Desempare
  - » Um amigo fiel , temeí o golpe
  - » Da Mórte irreparável. Vede-a préstés ,  
» Que vo-lo rouba , ... e o vinga. (1)
- 

*mala fortuna Diis visus es; sed indignus in  
quem jam aliquid fortuna posset.*

(1) Vieyra, no sermaõ dos pretendentes, pregado diante de ElRei, na Cappella Real, aconselha ao soldado, que bem-serviu a Patria, que não lhe mostre mais as honradas cicatrizes, de que ella desviã ingratamente o rosto, por lhe não acudir com o premio: « *Mórta ... e vingue-se....* » Que mais perde a Patria, que elle. Este *Mórta, e vingue-se* me pareceu sublime, sempre que o li. E muitos rasgos tam sublimes como este, encontraríamos nos nossos Classicos Portuguezes, se os indagássemos, como nas Nações estranhas o fazem os Doutos, nos seus auctores, e como elles os assoalhássemos.

---

---

---

SONETTO.

---

Venus queixou-se a Jové que os mundanos  
Amavaõ o que amar é defendido ;  
Que negavaõ ao seu gentil Cupido  
Os cultos , e a valia os máos humanos :

Que as lisonjadas sállas dos Tyrannos  
Lhe roubavaõ o incenso a si devido ;  
Que as Riquezas, que o Mando appetecido  
Só eraõ Nomes — Nomes soberanos.

Mas Jové c'uns sorrisos amorosos  
A consolou : « Melhor que em outra era  
» Terás , oh Filha , cultos numerosos :

» A Divindade, que hoje em França impéra ,  
» Destruindo esses cultos viciosos ,  
» Toda em Venus servir, e amar se esmera.»

---

---

---

SONETTO,

MOTTE.

BELLEZA SINGULAR, E PEREGRINA.

---

**D**e marfim tranças, de carmim pestanas,  
De evano as faces, de coral os dentes,  
E os labios Lyrios: — pérolas pendentes  
Das fréstas do nariz pingão u'lanas.

Rubis os ólhos, crespas flagranas  
De azul sovâcos; unem transparentes  
Saphyras os fendidos entrementes,  
Das polpas, que c'o andar bambaõ maganas.

Eu, Poéta approundiz, busquei na schola,  
Dos Méstraços pintura a mais divina;  
Cada Méstre me deu a sua esmola.

Um deu ouro, outros pérolas, e a fina  
Gran, Lyrios, e rubis, que desenrola  
Belleza singular, e peregrina.

O ordinario dos retratos poéticos , feitos a senhoras, é metter nos versos muito rubi , muito ouro , muita perola , etc. etc. Ora a fina está em arruma-los. Um Mestraço pinta *secundum artem*, um apprendiz lança as côres, como Deos o ajuda. É o mesmissimo que me succedeu nesta glossa. Se a Pessoinha , a quem ella foi dedicada , entende melhor o ponto , do que o Poeta, póde, de seu vagar , assentar o que achar mal applicado, no sitio, que melhor lhe convier; e este retrato será entam igual , ou talvez melhor , que os outros , que por ahi andaõ.

---

---

## C A R T A.

Hoc maxime officii est, ut quisque magis opus  
indigeat, ita ei potissimum opitulari:

*Cicer. de offic. lib. 1. cap. 15.*

Et tant que quelqu'un manque du nécessaire,  
quel honnête homme a du superflu ?

*Rousseau, Nouvel. Héloïse.*

---

**D**e que vem. Mathevon, (1) que poucos hoje  
Tem lizo o coração ? tem a alma limpa  
De Ambição, de malévolas Invejas ? (2)  
Nascêmos para amar, e ser amados ;  
Servindo, (3) ser-mos uteis (4) uns aos outros :

---

(1) O Senhor Antonio Mathevon de Carnieu.

(2) Invejas há de tantas côres e feitios !

(3) En ce monde-il se faut l'un l'autre secourir ;  
Il se faut entr'aider, c'est la loi de Nature.

*La Fontaine.*

(4) Pérísse l'ame froide, insensible, stérile  
Que n'inflamma jamais le plaisir d'être utile.

*Dorat.*

E o n'osso amor só jáz , e o bom serviço  
Nas doces fállas , no charéo cortéz.  
Que o Rancor lávra dentro , lávra a Astucia  
Para rasgar a fama , e a innocencia ,  
Para roubar os bens do cortejado.

Quam poucos vi , no meu desastre duro ,  
Lastimar-me sincéros , dar-me alivio ,  
Com mavioso seyo , amiga sombra !  
Os mais se deslebraraõ... talvez fólgaõ  
Que os Satellites t'órvos da calunnia  
Me despójem... dos ólhos seus arrédem  
Um padrasto , que lhes travessa a vista ; ( 1 )  
Um exemplo daquella antiga , e rara  
Lealdadé , e Franqueza bem-feitora ,  
Que na alma , que no rosto bem parece ;  
Um refléxo sem mácula , e singélo  
Do saõ Merecimento , e san virtude ,  
Sem desdem , sem vanglória , — que reprende  
C'o puro obrar , as fé-perjuras ( 2 ) fállas  
Do vicio , do amor-proprio occulto , e torpe ;

---

(1) Invident ei , qui virtutem capere potuit,  
et inique ferunt id habere aliquem quod ipsi  
non habent. — *Lactanc.* 6. 4.

(2) Damiaõ de Goes , *Chronica d'ElRei D;  
Manoel.*

Que tanto com me vêr, se desprazia. ( 1 )  
Disséras , que os cortejos , e os protéstos  
( Douradura bem falsa de alma iniqua ! )  
Eraõ pérfida arágem , que ajuntava  
Nuvens , e dáva forças à tormenta ,  
Que disparou depois com rayos , pédra  
No misero baixel , que navegava  
Descuidado , inexperto , em mar de leite ,  
Entre infidas voragens ; e cachópos.

Ei-los contentes ! Derrubou-se a rócha  
Que aos olhos lhe empecía : desterrou-se  
A Lizura , que os peitos lhes cansava. ( 2 )

Como pódes tu vêr , tratar táes monstros  
Abrochados , de vésigo engano cheios ,  
Tilheiros de traiçóes , vasos de infamia !

---

( 1 ) Invidiæ præterea multitudinis , atque  
ob eas, benemeritorum sæpe civium expulsiones,  
calamitates, fugæ. — *Cicer. off. lib. 2. cap. 20.*

Urit enim fulgore suo , qui prægravat artes  
Infra se positas ; extinctus amabitur ipse.

*Horat. lib. 2. ep. 1.*

( 2 ) Expedit enim vobis neminem videri bo-  
num ; quasi aliena virtus exprobratio delictor-  
um vestrorum sit. — *Senec.*



Porque com névoa espéssa, e feya sombra  
Deos encubrio dos homens mal-guardados  
O escuro Livro dos fatáes Destinos?  
Se uma hóra só, na vida, aos mortáes fosse  
Concedido o podér de abri-lo, e lê-lo;  
Eu só quizéra, com lembrados ólhos  
Nas páginas vedadas lêr os nómes.  
Dos amigos fieis, e os dos fingidos. —

Quando, as vélas soltando, a fóz do Tejo  
Já atráz de si deixava o pio lenho,  
Que os Fados meus, comigo carregava;  
Subindo à tólda, e o tres-noitado córpo (1)  
Encostando ao debrum das amuradas,  
Para a fugiente Elysia os longos ólhos,  
Estendendo às moradas dos amigos,  
Comigo debuxava a saudade,  
Que lhes ansiava os peitos pezarósos;  
E pela minha dôr, media a sua.

Já dizia entre mim : « Agóra juntos,  
» O meu funésto cazo deplorando,  
» E os sobresaltos, e os bebidos sustos,  
» Se consólaõ, no meigo pensamento,  
» Que às mãos da Tyrannia, e inveja cruas,

---

(1) Nos onze dias que estive homiziado, nunca  
o socego de spirito foi tam sobejo, que desse  
largas ao somno.

*„ Salvou-se illésa a victima votada. „*

Da Virtude a Amizade e companheira,  
De si, como a Virtude é esteio, é prémio :  
Opposta ao Vicio, como a luz às trevas,  
Não entra em corações, que o Vicio enfusca.  
E é chrysol da Amizade o Des-fortunio,  
Que as fezes do Interêsse apura, e queima.  
No lance estreito o Amigo sobre-sahe,  
Disfere o vigor da alma, expoém o peito  
Ao pelouro, que silva, à setta hervada,  
Por cubrir o, que jaz por terra pôsto,  
Charo amigo, que os tiros derribaraõ.  
Entam no rijo encontro, nos refregas,  
No assomo de acudir com força, e brãos  
Ao prostrado valor, aos golpes dados  
Fela mão da ferrenha Desventura; —  
Entam o forte amigo, ao rijo assopro  
Que lhe espálua as quiétas, mudas cinzas,  
Lança a chamma de luz, que lhe dormia  
Nas brazas da feliz seguridade. (1)  
C'o rayo da Esperança bonançosa  
Córre, allumia, aquece, anima, espértia,  
Do desvalido amigo des-corçoado

---

(1) Vid. Addison *cato. Act. 2. scen. 4.*

*The Gods, in bounty work up storms about us  
that give, ect. etc:*

O lastimado peito escuro , e frio.

Táes no embate das ondas verde-negras  
Alastradas de escuma sonorosa,  
De entre os horrêndos roncões da tormenta,  
Que estála , que assovia , que ensurdece ,  
Se erguem , no irado mar , amigos lumes , (1)  
Que vão pouzar nas assustadas vérgas;  
Annuncio alegre aos marinheiros lassos ,  
Que fraquêa a borrasca , e cêde em pouco  
O equoreo campo (2) à plácida bonança.

Oh dom do Céu, delícias dos humanos,  
Amizade Divina, as tuas çhammas  
Ateia em coraçõs virtuosos , limpos ,  
( Raros , por nosso mal , no esquivo mundo ! )  
Homens humanos , dignos de os prendêres  
Com regalado cinto de venturas :  
As opulentas mãos sobre elles vérté

---

(1) O Espírito santo lhe chamaõ os marinheiros;  
outros lhe chamaõ Santélmo.

Concidant venti , fugiuntque nubes ,  
Et minax . . . . . ponto  
Unda recumbit.

*Horat. lib. 1. od. XII.*

(2) *Æquora campi.*

De almos, jucundos, fortunosos dias. (1)

Quando da Elysia os tectos alterosos,  
Co' a fuga do baixel, vaõ abatendo,  
E da alva Cynthia o pedregoso pico  
Apenas móstra, em mal-distincta sombra,  
A verde fralda de aspera espessura,  
Té que inteiro se esconde em roxas nuvens,  
Que o sol pintava, entrando sandoso  
No humido seyo do inquieto Oceano:  
Outra nuvem de lóbrega tristeza  
Os olhos me abafou desconsolados,  
E sobre o peito me pezou escura.

Entam, a mim tornado, revolvía  
Todas as folhas da loquaz Memória,  
E com prazer intèrno repassava  
As fállas, as caricias da Amizade:  
Prazer puro, na sequidaõ da ausencia,  
Irmaõ da Saudade, e seu alivio;  
Prazer, que só deleita almas egrégias,  
Que em seus braços prendeu mutua Virtude.

Ateado no fogo, que ella sópra  
Nos peitos bem-formados, dignos d'ella,  
Tómo na alégre maõ a prompta pluma,  
E, na folha estendida, fiel lanço  
Rápidos nomes, que effioaz Lembrança.

---

(1) *Amen ! amen !*

**Em rondaõ de seus cõffres me entornava:**

**Aqui meu gõsto, sem-igual, pendia  
Da leitura das Cartas; das respostas  
Tecidas de recíprocas saudades,  
Comque enchesse da ausencia as horas longas. (1)  
Que quadro tam formoso me eu pintava  
De constancia fiél, viváz lembrança!  
Que obras me promettia generosas,  
Abonadoras dos sentidos peitos  
Dos Lusitanos Pilades, e Oréstes;  
Iguáes das abundosas esperanças,  
De que trazia o seyo inchado, e ricco!  
Nésta doce Lisonja embelesado;  
Quando entrei em Paris, novo horisonte  
De bñllantes douradas ventoinhas  
Se me abriu ante os ólhos; e corádos  
Os grõssos véos do sobranceiro susto,  
Mais puro o ar, o Céu mais radioso,  
Se retratou à cubiçossa vista.  
Que é mui forçoso o encanto da Esperança,**

---

(1) Quando eu escrevia estes versos; tinha ainda de baixo do borrador, a lista, que entam tracei mui cuidadoso, na firme esperança, que teria mais de duzentas pessoas, que me escrevessem. Vinte e seis amos há, que escrevi a lista, e outros tantos há, que me é inutil.

Quando vem refinado nas proméssas,  
É adubado de prosa lisonjeira.  
Por moeda de lei o tóma, e guarda,  
A Amizade, encostada em sancta crença  
D'um innocente coração singelo,  
Limpo de ambiçiosa, tórpe nódoa,  
Que por génio óbra bem, e bem espéra.

Ah! quanto em meu conceito errei o prumo!(1)

Quanto aqui descontei do largo sonho,  
Que acordado tracei na meute ingénua!  
Que mal dos homens conhecia o peito  
Avarento, esquecido, refochado,  
Quando, por este meu, os seus media!

Entam sondei ao justo a differença,  
Que córre entre a Esperança lisonjeira,  
E o tardo Obrar, esquivo, e descontente.

Sim, Mathevon, a tárda Experiencia,  
Quando, c'o dédo mostrador, me aponta  
As grávadas figuras do passado,  
Me inteira bem da sua véra effigie.

Vejo o nosso Esperar, como um Menino  
Mui formoso, mui louro, e boqui-rabio,  
Borbotando assomados appetites;

---

(1) Pro superi! quantum mortalia pectora caeca  
Noctis habent!

*Ovid. Met. 6. v. 47a.*

Nada tem por defeso, nem custoso;  
 Quanto c'os olhos cerca, audáz cubiça,  
 E a abrange-lo o'os braços prompto acóde.  
 Dá-lhe uma canna : ufano cavalleiro,  
 Vai campeando airoso, e se contenta  
 Dos regos, que lavrou pela poeira.  
 Pendurado do altivo papagayo,  
 ( Senhor dos áres, precursor dos Globos! ) (1)  
 De vê-lo remontar tem regozijo,  
 Entam lhe solta mais folgadas rédeas,  
 Por que se entranhe pelas cégas nuvens,  
 E em perdê-lo de vista se recreia.

Naõ assim nosso Obrar. Pintaõ-no um Vêlho  
 De alva melêna raro-semeada,  
 Que ronceiro, e pezado tira a rojo  
 Ora uma péna ressequida, óra outra;  
 Curvo o córpo, e em molêtas derreado,  
 Traz perdida a vontade, os ólhos turvos,  
 Frôxas as mãos, geládos os sentidos;

(1) E' certo que ninguem preconizou aos homens, que algum dia peregrinariaõ pelos ares. Toda via já os papagayos lhes tinhaõ apontado o caminho; assim elles attentassem bem no módo, com que o ar sustentava materias mais pezadas que elle. Mas o acazo ensinou sempre aos homens, o que as Universidades ignoravaõ.

Sóbe um monte empinado, pedregoso,  
De intrincado sylvédo abastecido,  
Para ir colhér das pontas dos pinheiros  
Duro, mesquinho, aperreado fructo.

E como bem senti quanto discórdã  
Esperanças, e Obras! Quanto amárgo  
Me verteu pelo seyo esta Experiencia,  
Quando, assakado de improvisos golpes  
Do pungente pezar desmerécido,  
Envidou contra mim a Sorte crua,  
De suas iras a atraçoada força!

Bem poucos dos Amigos se lembrãõ,  
Que desterrado em França éra Filinto;  
A quem, quando presente, e venturoso  
Protestaraõ sincéros pensamentos.  
Poucos que ( em rãra escripta ) breve prazo  
Delle buscaraõ desleixadas novas:  
Os mais... ( Nem que o miserrimo Filinto  
Das crúas Parcas fora já despojo )  
A Amizade enterraraõ com a Ausencia,  
Na mesma deslebrada sepultura.

Viraõ com séccos ólhos, — e com surdas  
Oréllhas despiedosós escutaraõ,  
Que um innocente amigo, alvo das sétas  
Da Inveja pertinaz, e do Odio injusto,  
N'am tam prolixo hyhverno (1) rigoroso,

---

( 1 ) Não há memoria que se sentisse em



Vazia a bolsa , a guardaroupa nãa ;  
Passou , sem lume , as noites desbaridas ,  
E os dias com mesquinhos alimentos ,  
De acerbíssimas lágrimas molhados.  
Homens ingratos , infieis amigos  
Soubéraõ com desdem — mãis que descuido ,  
Que sobre as minhas câns desamparadas  
Rodou tres lustros o tardio Tempo  
O carro de pezados infortunios ;  
Que fome , e frio , e roedor Cuidado ,  
Desdouro , e desvalidas esquivanças  
Foraõ manjar usado em meu desterro. (1)  
Viraõ — e ouviraõ — Mathevon honrado ,  
Este fio tam longo de desditas , (2)

---

Paris tam rigoroso frio. Publicas saõ as desgraças , e mortes , que elle causou ; e sinalou o Thermómetro 18 grãos abaixo do gelo.

(1) Is locus officio, cum cessant prospera, cumque  
Dura ad opem Fortuna vocat. Nam læta fovere  
Haudquaquam magnanimi est decus.

*Sil. Ital. lib. XI. vers. 167.*

(2) En ego non paucis quondam munitus amicis  
Dum flavit velis aura secunda meis,  
Ut fera nimboris tremuerunt æquora ventis  
In mediis lacera nave relinquo aquis.

*Ovid. de Ponto. lib. 2. eleg. 3.*

Sem dar um passo, sem crear no peito  
Um só desejo de amansar o rijo  
Tezaõ da minha estrella deshumana. (1)  
Nem que eu, de homens, e Numes execrado,  
Sanguento malfeytor, facinoroso  
Roubára aos Cidadãos os bens, e a vida,  
E os ósaps de meus Pais aos caës lançára!  
Dái credito nos cortejos, às proméssas,  
A lisonjeiras, cavillosas fállas  
De amigos, sobre ingratos, esquecidos!  
A vossa ingratakaõ, feyo desprezo  
Apenas que eu a sinto, ou que eu o alcanço  
Grayades na lembrança vingativa,  
Quizera ser remórso, e a cada instante  
Morder-vos da alma as bárbaras medullas;  
Que, nem de abutres esfaimados, Ticio  
Devorado no inferno, padecesse  
Iatima dôr igual ao cru remórso.  
Amigos infieis, e ousaes sem pejo  
Profanos proferir o sacro-sancto  
Nome da fidelissima Amizade?  
Envergonhai vos! — Se ella as alvas nuvens  
Rasgando, aqui baixasse a criminar-vos....

---

(1) Oh quantum caliginis mentibus humanis  
objecit magna felicitas!

*Senec. de brev. vitae.*

Cuido , que ouço bater ázas de Génios  
Nas campinas dos ares , e de entre elles ,  
Descer à terra o Numen da Amizade....  
Cuido , que ouço romper-lhe a vóz do peito ;  
E ultrajada de vós , de vós queixar-se ,  
Exprobrando esse duro esquecimento :

« Já da Memória vos cahio Filiato ,  
» Aquelle , a quem chamaveis *charo amigo* ,  
» Sincero observador de meus preceitos ,  
» Objecto de cortezes rendimentos ,  
» De festejos annuaes , em quanto a áura  
» Lhe sopronda Ventura; que hoje (oh infamia!)  
» Objecto é de descuido, e desamparo ;  
» C'os bens que ahi perdeu, perdeu amigos? (1)  
» Acazo esperaes vós , que venha a Mórte (2)  
» ( Que a tristezas lhe appressaõ, lhe aguilhoaõ )  
» Cortar-lhe com a fria fouce o laço  
» De naviosos dias malogrados ; (2)

---

(1) Tendo respeito só a vivo interesse  
Inclinação perversa dentro escondem  
Nos peitos attéstados de malicia ;  
Amigos mostraõ ser nas apparencias.

*Naufr. do Sepulveda. Cant. 2.*

(2) Heu nefas !  
Virtutem incolumem odimus ,  
Sublatam ex oculis quærimus invidi.

*Horat. lib. 4. od. 24.*

- » Para acudir-lhe com tardio amparo;
- » Conço ao Vate Camoës , já n'outras éras,
- » Ingratos a deshóras accorrerão ?
  - » Como tendes de o pôr sobre as estrellas ,
  - » Quando morto de angustia e de miseria ,
  - » Do pezo do soccorro vos descargue ?
  - » Como haveis , entre os gâbos da Amizade ,
  - » Mostrar , na mão ufana , a Ode impressa ,
  - » Com que decóra o vosso ingrato nome ! —
  - » E vivo — ( oh ingraticidaõ ! ) não teve abrigo !
    - » Erguei ólhos aos meus altares puros ,
    - » Onde as amigas leis estão sculpidas ;
    - » Lêde o desdouro vil , as sévas penas ,
    - » Que ameação a Amigos negligentes ;
    - » Meditai figurados os exemplos ;
    - » Pelas parêdes de meu Templo illustre.
    - » Aqui por seu Oréstes aventura
    - » O seu amigo , a todo o custo , a vida :
    - » Alli Theseo , por outro amigo , desce
    - » Do Inferno as profundezas temerosas....
    - » Quanto efficazes sempre , quanto activos
    - » Vos devêra encontrar o desditoso !
    - » Sempre abértas as mãos ; abérto o peito ;
    - » Ellas para aparar no broquel de ouro
    - » As séttas da Pobreza , e da Disgraça
    - » Que ao saõ Merecimento o Odio atira ;
    - » Este para acolher com meigo affago ,
    - » A dôr , o pezadume do affligido....
    - » Amigos insensiveis , animai-vos ;

- » A' sérvida Amizade abri o seyo ,
  - » Té qui cerrado com ferrenhas pórtas ;
  - » De quem Philáncia torpe as chaves guarda.
  - » Imitai os dous (1) unicos amigos ,
  - » Que hoje de tantos , tam promettedores ,
  - » Fiéis consérva ; a quem com toda a ira
  - » De sua atróz , e negra catadura ,
  - » Naõ pôde affugentar iniqua estrella.
  - » Por elles poem Filinto , noite e dia ,
  - » Nas áras de meu Templo , agradecido ,
  - » Sagrados vótos de perenne affécto ;
  - » Porque lhe sejaõ táes no curso escasso
  - » Dos dias , que cansados mal-espéra ,
  - » Quáes téqui os seutio , leáes e honrados ,
  - » Nas improbas refregas do Infortunio. »
- Naõ póssó mais. (2) — O frio as mãos me gela,  
E poem atalho ao despenhado rio ,  
Que da alma despeitoso se despenha

---

(1) Vix duo vel tres de tot superestis amici  
Cætera Fortunæ , non mea turba fuit.

*Ovid. trist. lib. 1. eleg. 4.*

(2) A Amizade ainda ia com a ladainha por  
diante : mais eu fiz-me surdo , e metti as mãos  
debaixo dos braços. — *Apage ! Crescéria a Carta ,*  
além da medida de S. Christovaõ,

Não t'o encarêço : o frio é desmedido ;  
O vento corta a cara , e pica no osso ;  
Branços os tectos , brancas as campinas ,  
São 'as rúas um gèlo , o rio é estrada ,  
É praça , é còrro de homens , de carrôças , (1)

Como novo Moysés , a pé enoluto ,  
D'uma à outra ribeira atravessado ,  
Deixo , com secco passo , o duro Sêna ,  
Mais que o mar rôxo nomeado , e visto .  
E tu poderás crêr , que me alvejava  
Nas pestanas , e embuço do capôte ;  
O bafo , que recûa ao desferido  
Açoute do Nordêste arrepiado ?  
Ainda agóra ao pé de dous tiçóes ,  
Que se bejaõ na mórna cheminé ,  
C'os engelhados dédos , que sacudo ;  
Que es'rêgo uns pelos outros , por que aqueçaõ ;  
A mão entorpecida traça a troncos  
Éstas barbaras linhas , e c'o pállido ,

---

(1) Diante de mim , quando o atravessei , ia  
uma berlinda com um Bispo dentro , e atraz  
della um carro de pipas de vinho ; estava o gelo  
tam duro por baixo , como uma pederneira , e  
por cima c'o rodar das carruagens esmiudava-  
se em poeira .

C'o mal-tépido sópro, a tinta preza,  
Na inérte pluma descólho, e sólto.

---

Amigos meus me affirmaõ que grangeei com a minha Carta à cerca da pureza da nossa lingua, muitos inimigos. Naõ o posso erer. Eu achei ridiculo que quatro Tarclos, porque se enlabuzaraõ no Francez, mettaõ à queima-roupa, phrases d'um idioma, que elles entendem mal, n'uma lingua como a Portugueza, derivada da latina, onde phrases táes nem a murros entraõ. Virem-me dizer que Doutos Jurisconsultos, eloquentes Pregadores, elegantes Cortezaõs se amuaraõ comigo, é dar-me a ler o dictado de — *quem se queima álhos come* — E' possivel que esses Senhores ignorem, que para o officio, que tem, é principal encargo saber bem a propria lingua, se naõ querem que os que a apprenderaõ, delles zombem?

*Sans la langue, en un mot, l'Auteur le plus divin  
Est toujours, quiqu'il fasse, un méchant écri-*  
( *vain.* )

Deveraõ por seu bom callar-se, engolir a pirola, estudar os Clássicos, e fallar depois como compete ao seu estado; — agradecer-me o aviso, em vez dese amuarem, e dar exemplo aos outros, para que nos entendamos todos.

---

IN BRITANNOS  
BELLA RENOVANTES,

ANNO XI ( 1803 ),

CARMEN.

---

Facit INDIGNATIO versum;

**L**EGES Juraque proterat,  
Obscœnoque Fidem posthabeat lucro, et  
Turpi Justitiam utili!  
Et quœcumque ferat non satiabilem  
Auri atque imperii sitim!  
Et clamet licitum quod libuit nefas!  
Jactet se dominum œquoris  
**MERCATOR POPULUS**, nuper atrocium  
bellorum et scelerum artifex!  
Ille et gemmiferæ regna Mesoliæ,  
Et quas Sol oriens videt,  
Et quas occiduus Sol videt insulas;  
Extremumque nocentiùs



# O D E

## T R A D U Z I D A .

---

**L**EIS, e direitos pize ,  
Posponha ao torpe lucro a fé ; o honesto  
Por uteis vis quebrante ;  
Léve a todo Orbe a séde insaciavel  
De ouro, de predomínio ;  
Clame licito o mal, se é sen capricho ;  
Senhor do mar se ufane  
**MERCANTIL POVO.**, artifice de atrózes  
Guérras, e infames feitos.  
De Missoure gemmi-fera as provincias  
E as ilhas, que nascendo  
Vê o sol, e as que vé , quando vái por-se ,  
E mais culpado o Ganges

Gangem divitibus junxerit insulis ?  
     Orbisque arbiter impudens ,  
 Terras undivagis classibus ambiat ,  
     PRAEDATOR temerarius ! . . .  
 At quis Castaliis acrior haustibus  
     Mentem corripnit calor ?  
 Et quò proripiet me rapidi parens  
     INDIGNATIO carminis ?  
 Plerumque est avidis exitio fames :  
     Damno Nequitia est sibi ;  
 Casusque immodicis proximus imminet.  
     Oderunt Superi impias  
 Vires : quæque humiles prætereunt cassas  
     Turrim nubibus æmulam ,  
 Magno cum sonitu , fulgura prouunt :  
     In tuto salices virent ;  
 Celsas deiciant flamina fraxinos.  
     Virtus quas bene temperat  
 Vires ulterius Di quoque promovent :  
     Qui mundi gelidam latus  
 Regnator tenet , hinc et mare Caspium , hinc  
     Curvi littora Baltici ;  
 Et quæ non-humilis rura Sorysthenes ,  
     Et quæ Vistula præfluit ;  
 Dum leni populos arbitrio reget ,  
     Pacis cultor et Artium ,  
 Præsens ille suis Divus habebitur.  
     Blandus Te quoque , Gallia ,  
 Crescentem placido lumine respicit .

Lá remoto, junto inda às ilhas ricas ;  
Arbitro des-carado  
Com undivagas frótas o Orbe abranja  
Temerario PIRATA.....  
Com que pungente ardor Castalios sórvos  
A Mente me arrebatão ?  
Onde, me impelles, Mãe de versos rápidos ,  
Oh INDIGNAÇÃO ! A miúdo  
Sólta a fome ruína a Cubiçosos ;  
E o mal é a si n' civo :  
E se módo não tens, tens péto a quéda.  
Nunes tem odio às forças  
Impias : rayos , que as chóças humilhadas  
Perpassão , vão com ruido  
Alluir a torre, que co' as nuvens róça :  
Verdeja a silva, e zomba  
Dos sópros, que altos freixos desarraigão :  
E os Deoses favoneã  
As forças , que a Virtude bem governa.  
Esse que em plagas frias  
Do mundo impera , em Caspio mar, em Prayas  
Do baltico encurvado ,  
Em Campos, que o Morysthenes soberbo ,  
E o Vistula discorrem ;  
Regêdo os póvos seus com brando aceno ,  
Da paz honrando as artes ,  
Te-lo-hão por Divo os seus , aos seus presente.  
Tambem com meigos olhos  
Te vé medrar benigno , oh França , Jove

Cœli ex arce Diespiter :  
Adsit Mæoniâ qui celebret tubâ  
Victis gentibus additum  
Albim , et versa retrò , viribus integris ,  
Nullis cœdibus agmina ;  
Insanique DUCIS præcipitem fugam :  
Adsit qui Calabrâ fide  
Dementesque minas , ultimaque ebrisæ  
Dicat fata Britannis.....  
Ingens cura Deûm , Tu Juvenis , novi  
Tutela imperii et decus ;  
Tu vir Marte potens , pace potentior ,  
( Oh ! sis usque potens tui. )  
Te qualem Assyrii littoris incola , et  
Tellus inclyta Memnonis ;  
Et qui Danubium , quique Tybrim , et nives  
Volventem Eridanum bibunt ;  
Talem Te aspiciet qui Thamesim bibit.  
Hydræ colla tumentia  
Contundes opibus Herculeis : Tuae  
Quid non efficient manus  
Quas armat duplici Gallia fulmine ,  
Tanto non operi impares ,  
Quod seris recinat Famâ nepotibus.

---

De seu Celeste alcaçar.

Haja quem cante na Meonia Tuba

O Albis junto aos vencidos

Rios ; sem perder forças ; perder sangue

Retirados exércitos ,

Do insano Cabo a despenhada fuga.

Haja uma Lyra Ausoniã

Que ameaços loucos diga, e ultimos fados

Da attontada Britannia. . . .

Graõ disvello dos Numes , honra , e amparo

Do novo imperio , oh Joven ,

Grande , qual Marte , em guerra , em paz mais

( Oh grande a ti te venças ! ) ( grande

Qual te vio da Memnon a terra illustre ,

E o que ára Assyrias margens ,

O que o Tibre , o Danubio bebe , e o Paõo ,

Que os gelos vai volvendo ,

Tal te verá quem bebe ondas do Thamesis.

Tens de esmagar dessa hydra

A tumida cerviz , com planta Herculesa.

Que não cumpriráõ essas

Maõs , que arma a França com dobrado rayo ?

Maõs cabáes para o feito ,

Que a Fama há de cantar aos tardos néctos.

## SONETTO.

---

**V**i, que cansado de frechar, um dia  
Cupido, sobre a relva reclinado,  
N'um sêcco esgalho o côldre pendurado,  
Contente do amplo estrago alto-dormia.

**V**i, que Elia astuta, c'um listaõ, prendia  
Ambos os pulsos do Rapaz vendado :  
Arco, e sarpoês no joélho re curvado  
Quebrava, e a venda em tiras lhe fazia.

Acórda Amor; e — « Oh Elia, que fizeste ?  
» Eut'as levava, as armas, que quebraste,  
» Findoo sonmo, que incáuta me rompestes.

» Sabe, que nêssa venda, que rasgaste,  
» Librava o meu poder, tu m'o tolheste ;  
» Mas de vencer os Nomes te privaste. »

## O D E

Ao feliz nascimento do Real Infante, conseguido  
pela Intercessão de S. Antonio de Padua,  
nosso Patrioio.

*Jubilemus Deo.*

---

1.

**A**GÓRA, que da estragadora guerra  
Cessa o sanguineo brado,  
E já desassustado,  
Fende o cultor, com mansa arado, a terra;

2.

Quando farto de brigas Marte ocioso  
Nas paredes pendura  
A rútila (1) armadura,  
E o broquel gotejando sanguinoso,

---

(1) *Horat. lib. 1. Oda 6.*

( 40 )

3.

Quando , a frente cingindo co' a oliveira,  
Désce a Paz suspirada  
Da supérna pouzada ,  
E nos amostra a face prazenteira :

4.

Agóra, oh lyra de ouro , o dom, que houvéste  
Das Filhas da Memoria ,  
Vem desaparzir com gloria  
Neste Hymno mais que humano, antes celeste.

5.

Por longo tempo a dôr te soffreu muda ;  
Mas hoje a canto altivo  
Te chama graò motivo ;  
Sé nobre , déspe os sons de lyra ruda.

6.

Onça-te o Ganges, onça-te, do Sena ;  
O Téjo triumphante ;  
Sobre as ondas levante ,  
De limos coroadá, a azul melena.



7.

Bafeja este Hymno , oh Numen da harmonia ,  
Que com o assumpto iguale :  
Deusas do sacro valle ,  
Soprai-me illustres sons de gran valia.

8.

Lávre em meu peito o ardor desse Thebano  
Que os animos roubava ,  
Que as faces descorava  
Dos émulos , quando soltava ufano

9.

Cadencias de lei sóltas ; a Hyppocrene  
Nas veyas me discorra ;  
E a pura inveja morra  
O mesquinho , que os vãos meus condemne.

10.

Jà cheio de furor , rasgando os ares ,  
Vou transpondo as fronteiras ;  
Nas terras estrangeiras  
Aponto o fito , e nos remótos mares.

11.

Por onde quér que lanço a aguda vista  
Vejo a Patria estampada ;  
Na adusta , e temperada  
Zona , os padroës me clamaõ da conquista.

12.

Oh saudosas lembranças , quanto honrosas !  
Os feitos Portuguezes  
Dos Nunos , dos Menezes  
São flores do valor , sempre viçosas.

13.

Nem pode com a foice destruidora  
Inda o Tempo corta-los ;  
Inda ouço memora-los  
Mouros , Indios , que vem mais cedo a Aurora.

14.

Lá vos ergueis de escuro monumento ,  
Magnanimos Guerreiros ,  
Maduros Conselheiros  
Para ver este dia de contento.

15.

Albuquérquer terribil, que assentaste  
Valeroso, prudente  
Em Goa, o prehemimente  
Sólio do imperio Indiano, que fundaste;

16.

Vós Castros, Ataydes, e Bragança,  
Do sangue que vertesteis,  
Das leis, que aos Póvos désteis  
A gloria ao Reino, aos Lusos Reis alcança;

17.

As riquezas, que as ondas accurvaraõ  
Do Soberano Tejo,  
Saõ preço não-sobejo  
De braços, que batalhas não cansaraõ;

18.

As vassañagens de Orientaes Imperios,  
Muita Asia a Christo dada  
Vértem da lidã honrada,  
Com que dáes aos Pagaõs da Cruz mysterios:

19.

Vós pelejando , vós as leis trazendo  
A's gentês que vencieis ,  
As Ordens bem cumprieis  
Fieis , ao Rei fiél obedecendo.

20.

Que sempre os Lusos Reis transumptos foraõ  
Da Christian. Lealdade ;  
A Justiça , a Bondade  
Delles aos Nétoas vem , nos Nétoas móraõ.

21.

Contemplai neste Ramo florescente ,  
Neste Principe Augusto  
Um Páe benigno , e justo ,  
Que a guérra ao póvo evita , em paz contente.

22.

Alhanái-vos , caminhos des-campados  
Do Templo de Memoria.  
Com virtude notoriã  
João vos trilha a passos denodados.

23.

**Já publico o lá poz com justo affecto**  
    **Em bronzes esculpido**  
    **O povo agradecido**  
**E lá tem seu lugar quando provecto.**

24.

**Confirmarão gostosos os vindouros**  
    **Este abono avançado :**  
    **Merece ser louvado**  
**Quem nos faz beneficios duradouros.**

25.

**O Céu o vê propicio : e Deos envia**  
    **Seus Anjos protectores**  
    **Velar Reis bemfeitores ,**  
**A quem Religião , serve de guia.**

26.

**Do Céu com dextra pródiga derrama**  
    **Benções da alta ventura ;**  
    **Com graças assegura**  
**A Dita destes Reinos , que tanto ama,**

27.

Penhor de sua graça poderosa ,  
É o Régie novo Infante ,  
Que elle ao rôgo incessante  
Concedeu de Joaõ , da Real Esposa;

28.

Vinde , oh Sanctos Ministros dos altares ,  
Prostrar vos reverentes ;  
Vinde , piadosas gentes ,  
Por tal dom lhe dáí graças a nulhares.

29.

Tambem as dáí com affeição devôta  
A Antonio glorioso ,  
Sancto de Deos mimoso ,  
Que os thesouros do Céu por nos esgota.

30.

Sim , que d'um tal patricio nos honramos  
Nós todos Portuguezes ;  
De Vós , que quantas vezes  
Perdêmos , o perdido em Vós achamos.

( 47 )

31.

Vós este Infante , a Deos intercedendo ,  
Aos Pães benigno o destes ;  
Das mãos de Deos o houvestes ,  
Que a Dita nos dará , por Deos vivendo .

32.

Infante de benção serás traslado  
Da charidade acceza  
Déssa esmolér Princeza ,  
Quando as Virtúdes lhe hajas copiado .

33.

Verás , oh Povo Luso venturoso ,  
Quanto elle ao Páe imita ;  
Quanto à virtude o incita  
O exemplo de seu Páe tam virtuoso .

34.

Como elle serás sabio no Conselho ,  
Firme na fé sagrada ;  
Na alma ao bem inclinada  
Serás moço no ardor , nas obras vèlho .

35.

A's Sciencias darás, e às Artes nóbres  
Como teu Páe amparo;  
Serás do mal reparo,  
Alivio de Viúvas, Páe de Póbres.

36.

Musa, a quem hoje o assumpto sanctifica,  
Só canta d'óra em diante  
A Princeza constante,  
E o Principe, que a Antonio se dedica.

37.

E aos Principes, e a Antonio péde, e implora  
Te valhaõ no desterro,  
Aonde izento de erro  
Na fé, Filinto póbre sóffre, e chóra.

F I M.



---

---

# MOLHADURA

## DE CERTA OBRINHA. (\*)

---

...Barb'rous nations, and most barb'rous times  
Debas'd the maiesty of verse to rhimes.

Maudit soit le premier dont la verve insensée  
.....  
Voulut avec la rime enchaîner la raison.

*Boileau:*

Maldito consoante a quanto obrigas,  
Que fazes serem brancas as formigas!

---

**A**FFIGURAI-VOS um possante Váte,  
Que (naõ como quem busca, ou quem reflecte)  
Hardido corre, vóa, ségue, alcança,  
Nunca em seu vôo affrouxa; e se por caso

---

(\*) Muitos annos depois de correrem por esse mundo algumas trovas minhas, que primeiras imprimi, me veio à mão uma Satyra contra ellas, e o Amigo que m'a deu, nunca me quiz nonicar a pessoa, que a fez, sómente me disse

Diz da sphèra descer, logo atrevido  
 Fôrça as azas, e no Olympo as plantas pouza.  
 Nos ouvidos lhe trôa a voz de Apollo,  
 Que o chama; a que elle acòde, como a fiêcha,

---

(rindo) que a fizera uma mulher, e que a emendara um frade; que a mulher era velha, e tinha cara de Bruza, e que o frade era de corôa, porém leigo. Não fiz entam caso algum da Satyra, nem da velha, nem do frade: porque a *minha gorda Pachorra amiga velha* me aconsellhou sempre, que desprezasse todo o papél satyrico: alem de que tive por máxima usual, que o melhór môdo de responder a sátyras é envidar todo o engenho, em dar obras menos imperfeitas. Um Amigo porém, de quem eu respeito muito as advertencias, me intimou, que não para responder à Sâtyra, mas para desabusar os que todo o merecimento poético julgão nullo, se lhe fallece a rima (principal pédrada, que me atira a tal Satyra) devia eu dizer o que sentia na materia. Peguei na penna, e sahio isso, que ahi vêi. Não é com tudo minha intençãõ offender ninguem: e affirmo que se soubera o nome de quem me satyrison, não o derreara c'õ tal papél, e deixaria passar esse destempéro, como mil outros, que me tem vindo à noticia.

Bem disparada do arco, no alvo fere.  
Ora, coberto de poeira honrosa, (1)  
Do Laurifero Pindo baixa opimo,  
C'os despojos vocaes de Hymnos eternos,  
Com que o virtuoso amor da Patria c'roa.

Ey-lo que assento as Musas lhe franqueaõ  
No veloz carro; e eis que elle estende a dextra  
Acenando, co'a palma triumphante,  
Ao forte vencedor, que os inimigos  
Do Rei, da Patria destruiu com arte;  
Ao sapiente Juiz, que insubornavel  
Fécha à calumnia a peçonhenta bôcca,  
Doma a cerviz do maculoso vicio. (2)

Seus versos astros saõ, que a luz espalhaõ,  
Nos longinguos vindouros, penetrando  
Pelas sombras do Tempo esquivo, e cégo.  
Seus Cantos battem ázas, que os remontaõ  
Pela amplidaõ ethérea, e que os remessaõ  
D'um Pólo ao outro Rólo — des-medrosos  
Da Invéja, ou já do jugo de Pedantes.

Rompendo assim as nuvens; ólhos fitos  
No Olympo reluzente, ou já nas folhas  
Do austéro Fado, em que gravados jazem

---

(1) Non indecoro pulvere sordidum.

*Horat. lib. 2, od. 4.*

(2) Maculosum edomuit nefas.

*Horat.*

Da Era vindoura incógnitos successos,  
 Acaso cuida o desenvolto Vate,  
 Que há no mundo uma vélha Philaminta,  
 Que só conhece os versos, quando arrastaõ  
 Por rabo-léva, aguados consoantes? (1)

Maldito consoante, ensosso filho  
 Do bastardo saber presumptuoso,  
 Ind'-hoje por Poetastros perfilhado,  
 Para aleijado espéque de más tróvas,  
 Para entuffar Sonetto campanudo,  
 Ou d'um Outeiro a Décima rançosa.

Como sua, e tres-sua o triste Orate,  
 Quando teimosa, oh Rima, lhe escouoinhas  
 No peccante toutiço amuartellado!

---

(1) Los que introdixeron en el mundo poe-  
 tico la perversa secta de las rimas, ó de  
 los consonantes, que con su cola de dragon  
 arrastrò traz de si la tercera parte de las  
 estrellas, quiero decir, que ha sido la per-  
 dicion de tantos nobles ingenios, los quales  
 hubieron enriquecido à la posteridad con mil  
 Divindades; y por estos consonantes (Dios  
 me lo perdone) felizmente ignorados de toda  
 la antiguedad, la dexaron un tesoro inego-  
 table de pobrezas, de impropriedades, y de  
 ripios iusufribles.

*Histor. de Fr. Gerund. pag. mihi 16a.*

Quantas penas forrara, quanto enojo,  
 Com mandar à tabúa a Rima arisca,  
 Com gastar o desperdicio dessas horas,  
 Em bons versos, que soltos brilhariaõ!  
 Porque não dispendeu proficuo o tempo  
 Em traçar-tal ficção com gosto puro,  
 Em sólto verso, que contente os sabios,  
 Pela valente, e bem polida phraze?

Vi eu Poéta, obediente à Rima,  
 (Que com elle jogava as escondidas)  
 Dar maior torcedor ao pòbre engenho,  
 Que não dá trátos pícaro Alfayate  
 Ao panno escasso, co'a fiél medida,  
 Quando arma a surripiar ou manga, ou nésga,  
 Sem que o Dono o perçeba, o talhe o sinta.  
 Digaõ que usou Camoës, que usou Bernardes,  
 E Ferreira, e Caminha, e tanta gente  
 Pôr, nas fraldas do verso, esses cadilhcs  
 Pendurados; — que em Odes muito guapas  
 Do Diniz, do Garção campão colleiras  
 Mui garridas de chocalheiros guizos, —  
 Que eu direi, que os não louvo, nem reprendo.  
 Se esses Poétas bons, que eu amo, e estimo,  
 Inda, mão grado seu, grudaõ a rima  
 A bons versos, quem sabe se assim usaõ  
 Por ameigar, co' éssa lisonja, ouvidos  
 Estragados; ou se é que póz a penna,  
 Chocalhinhos no verso, affeita, há muito,

De usança antiga, a consonos badalos; (1)  
E por irem co'as turbas; ou por pejo,  
(Pejo máo!) que Tarélos, que Mulhéres  
Lhe arguaõ não ter pósses consoanteiras.  
Alguns há, que talvez poem, sem resguardo,  
(Tal já me succedeu) algumas rimas, (2)

---

(1) Rimas, que não são para comparar com as de que falla a Gazetta de Lisboa de 9 de Mayo de 1795, quando diz: « Alli foraõ *cantadas* em verso *sublime* por alguns dos *Generaes*, não somente aquellas virtudes das familias reaes *Fidelissima*, e *Catholica*, que excitão o amor dos seus vassallos; mas tambem o valor daquelles que derramaraõ o seu sangue para sustentar os *attributos d'onde emana a felicidade dos Povos..* »

(2) Muito poderosa é a força do exemplo! Os nossos vélhos, fundados na experiencia, o consignaraõ assim no Proverbio, que diz: « A raposa vái pela vinha, por onde vái a Mãe, vái a Filha. Ora eu fui testemunha do exemplo seguinte, que não vem no Báculo Pastoral. Um filho d'uma cristalleira minha vizinha (morava eu entam na rua dos Mercadores, por de traz da rua nóva dos ferros, ruas que lá se perderaõ em Lisboa, com o

Que imprevistas; e escondas lhe escaparaõ.  
 Que assim vá a Devóta, (em companhia  
 Da comadre, ou vizinha, a vida alheia  
 Des-cosendo, e trincando) uma traz outra,  
 Passando as contas do usual Rosario,  
 Sem cuidar, que convérsa, e que não réza.

« Tu fallas contra o bello consoante (1)

---

Calçado velho, Matta-pórcos, etc. etc. Tudo o bom se perde!) Tinha um gatinho, a quem elle chamava o *Bidaiquinho*. O triste gátto, de mui manso que elle éra, deixava fazer ao rapaz, (que hoje é Padre, e se chama A. J. G.) quantas judiarias lhe vinhaõ à vontade. Este rapaz, pelo uso que tinha de ver as ajudas, que a Mãe deitava a quantos se serviaõ do seu préstimo, tantas ajudas de agua fria deitou ao gátto, que este morreu empiemático. Que talvez que inda hoje vivera, se a Mãe do tal rapaz não fora cristalleira.

(1) Assim me arguo já Dona Fufia de Rebi-que, e Barambazes, n'uma Satyra, que fez, contra os primeiros versos que imprini; á qual ella (por maganice, ou por esturdia) poz o titulo de Apologia. Cá a tenho na gavéta, com as notas margináes, que lhe ajuntou o senhor Clemente de Oliveira e Bastos. Talvez que um dia lh'a remetta.

( Me diz dalli mui lépido um Peralta )

- » Porque veyá não tens ; não tens nos caseos  
 » Cabedal de Poeta ; e co' essa prósa  
 » Mal-amanhada , que alcunhaste VERSOS ,  
 » Nos desgostas da rima , que não trincas ;  
 » Como a Rapôza de uvas , *que são verdes.* »  
 — Delambido Peralta , ( lhe retruco )  
 — Não consiste , em vencer difficuldades ,  
 — O mérito d'um Váte , a Apollo acceito.  
 — Já , para ser corrente , e sonoro  
 — Tem que émpenhar sobejo esforço , e lida ,  
 — Sem lhe ajonjar da Rima o atréz trambolho.  
 — Não seja o Váte volantim de córda ,  
 — Que equilibre a maróma , e danse têzo ,  
 — C'os pés dentro d'um sáco , para gôzo  
 — De pretos , ou de pícaros basbaques. ( 1 )

---

( 1 ) The measure is english heroic verse without rhyme, as that of Homer in greek, and of Virgil in latin; rhyme being no necessary adjunct, or true ornament of poem, or good verse, in longer works especially : but the invention of a barbarous age, to set off wretched matter, and lame metre : grac'd indeed by the use of some famous modern Poets, carried away by custom; but much to their own vexation, hindrance, and constraint to express many things otherwise, and for the



- A rima, que te enléva, e que assim gábas,
  - Quando achada, depois de mil torturas,
  - Fez perder ao Poéta um pensamento,
  - De mais valor, que cem milhoês de rimas;
  - Deslavou toda a cor, mareou o brilho
  - Do verso, que ia enérgico sem ella.
- 

most part worse, than else would have express them. Not without cause therefore some both Italians and Spanish poets of prime note have rejected rhyme, both in longer and shorter works, as have also long since our best english tragedies; as a thing of it self, to all judicious ears, trivial, and of no true musical delight: which consists only in apt members, fit quantity of syllabes, and the sense variously drawn out from one verse into another; not in the jingling sound of like endings; a fault avoided by the learned ancients, both in poetry, and all good oratory. This neglect then of rhyme so litte is to be taken for a defect (though it may seem so perhaps to vulgar readers.) that it rather is to be esteem'd an exemple set, the first in english, of ancient liberty recover'd to heroic poem from the troublesome, and modern bondage of rhyming.

\*

- Como rompe da Aurora o alegre carro;
  - Trazendo a Luz, que as térras alluma,
  - Vinha rompendo na alma do Poeta
  - Uma ficção mui guapa, mui luzida....
  - Eis que emperrada a sarrazina rima
  - Deita à ficção um véo de esquecimento,
  - Que chupa, que desbóta, que desmancha
  - A pólpa, a côr, o fio bem traçado,
  - Dá com tudo a travéz, ou já des-médra,
  - Que é morte côr, o que era imagem viva.
  - Bem foi de certos Mócios a ufania
  - Tanager com garbo, no pandeiro Délphico,
  - As soalhas dos *ados, idos, osos*,
  - Cuidando tantas lanças metter na Africa
  - Do Pindo, quantas rimas garganteavaõ.
  - Mas luzio-lhe a Razaõ, quando maduros;
  - Sentiraõ que o *tim-tim* dos consoantes,
  - Em vez de modular, faziaõ grulha,
  - Contra as leis do bom gosto; e os proscree-
- (veraõ. (1))
- Para a Razaõ quadrar o'o consoante,
  - Éra força estirar o pensamento;
  - E o que n'um verso cabe, sem aperto,

(1) Il vero paragone di un Poeta pare esser dovessero i versi puri e spogliati dalla maschera della rima.

*Maffei, lettera sopra la Merope.*

- Tóma lugar sobejo em dous; que a Rima
- É desse desperdicio á causadora.
- Sentiraõ, que éra força pôr inuteis
- Epithetos, pôr cunhas, e máis cunhas,
- Para dar do repique as badaladas,
- No metrico-sonante campanario.

- Não vi eu tal Poeta consoanteiro
- Arrumar o enxadrez de *inos*, e *anos*,
- Antes que lhe apontasse o pensamento,
- Com que havia de encher as cazas vagas
- Do taboleiro seu? — Não vi por isso
- O sonette-sahir tal e que jando;
- Por ser, para o Patão metrificante,
- A rima tndo, e o pensamento nada?

- O pezado grilhaõ do consoante
- Arrastra as azas do Estro sempre altivo;
- E quebra o soffrimento, c'o aturado
- Cavar da rima; embóta-lhe a agudêza,
- Com que penetra no amago do assumpto;
- Destrêe a ideia, se não trouxe rima,
- Quando nasceu, ou não achou Padrinho,
- Que, ao baptismo, lh'a desse; e encaixa-lhe

( outra

- Idéia, em seu lugar, sem-saberona,
- Mui somenos, que lhe abortou rimada.
- Raz.õ, que só bastara a bons juizos
- Para a Rima enterrar no esquecimento:
- Que se conforme fóra da Poesia

- A' Natureza a Rima, a Natureza
- A déra a Gregos, e Latinos, quando
- Lhes deu benigna o métro harmonioso. —

« Mas (me direis) os Gregos, e os Latinos  
» Tinhaõ os espondeos, tinhaõ os dáctylos,  
» Com que a seus versos davaõ formosura. »

- Quem vos tólhe ( digo eu ) dar-lhes, como  
( elles,

- Medindo, e modulando o rythmo vosso,
- Igual canto, ou diverso no concerto,
- Tam mimoso aos ouvidos, que bem valha,
- Sem rima, o canto Grego, ou já Latino?
- Naõ deu a Italia canto harmonioso,
- Sem soccôrro de ensôços consoantes?
- Naõ o deu a Castella? E nós, os Luzos
- Naõ cantámos tambem sem essa rima?
- Inda o Milton, na sibilante lingua
- Da Britanna Albion, naõ deu Poéma,
- Em verso branco, que ganhou renome,
- Naç nações eruditas desta Europa,
- Ao seu Author? à Patria? Lêde, Lêde. —

Deixo já de fallar ( tempo perdido ! )

C'o tal Peralta, que me cansaõ nescios. —  
Eis me vem abafar os sons da c'rela  
Minha gorda Pachorra, amiga velha,  
E c'um tal segredinho, que me embórca  
Nos attentos ouvidos, me dá parte  
Da matreira intenção, porque esses Bichos

Pela patrôa Rima tanto punem.  
 Sabei, que esta os defeitos lhe disfarça  
 Co' a zanga (1) tonadilha; que sem ella,  
 A' vergonha do mundo appareceraõ:  
 E que o valente, e puro verso solto,  
 De que Milton usou, usaraõ Mestres  
 Na arte de poëta destros pintores,  
 Pêde vasto saber, pêde mestría  
 Na erudição da lingua, a fim que as vozes  
 Escolhidas com arte a luz espalhem  
 Na teia da ficção; essa é a causa  
 Porque no seu perdido Parayso,  
 Usa hyperbatos, usa latinismos,  
 Usa palavras, usa antigas phrazes  
 ( Que Addison (2) tanto louva em seu estylo )  
 Por desviar-se da commum loquêla,  
 Armazem dos pedantes consoanteiros.

Sim; que com sizo creu, que a pécca rima  
 Nunca appósito foi frisante, e guapo  
 Para ornar Poesias de árduo empenho;  
 Mas somente ouropel, que a triviâes trôvas  
 Dé guapice, com falsos luzes-luzes;  
 Ou mulêta, que ajude os aleijados  
 Versinhos de má morte. — Uso, e máo uso

---

(1) Chamaõ os Hollandezes *Zang* o que nós  
 chamamos modinhas, e os Franceses *air*.

(2) Remarks, art. Venise.

Lhes deu vóga; e correntes, e moentes  
 Tégora os deixou ir por esse mundo,  
 Para empecilho serem, serem sécca  
 Do genuino Váte. O Inglez Homéro  
 Jamáis imaginou, que desinencias  
 Tam sem-sabores fossera harmonias,  
 Que mimosos ouvidos deleitassem.  
 Sentia muito bem, que a quantidade  
 Das syllabas, saber bem alterna-las,  
 (Como as falsas, e consonas, na musica)  
 Varia-las n'um verso, e n'outro verso,  
 É quem dá boa musica à poesia.  
 Tanto máis, que antes que elle, o tinhaõ feito  
 Peritos Hespanhóes, e Italianos,  
 Tornando à antiga liberdade as Musas,  
 Sólto, o poéma heróico, dos cêpos.

Demos, que Homéro, vindo dos Elysios,  
 Dêsse cá vólta ao mundo, curioso  
 De saber como cantaõ cá os Cysnes  
 Descendentes de Godos, e Sicambros;  
 Demos, que encontre certa mulherinha,  
 Que faz beicinho a versos não-rimados. —  
 Como lhe vejo arcar a sobrançelha,  
 Olhar por cima do hombro, e com desprezo  
 Dizer-lhe : « Tóla! E quem te deu licença  
 » De fallar, ante mim, da poesia?  
 » Cuidas, que é ser poeta, a fraca industria  
 » De marchetar com rimas pécca prosa?

- » Péga na agalhá, os trapos arremenda
- » De teu Marido, e as ensinhaes rodilhas.
- » Deixa os vârsos a quem no sp'rito férve
- » Estro ardente, um Engenho alto, e facundo,
- » Què com sublimes sons enléva as almas,
- » Debuxa ao vivò, e as côres do conceito
- » Re-luz no coração, na idéia cála,
- » Onde abraze, estremeça, onde lastime.
- » Táes são da poesia os dons valiosos;
- » Táes, se soubéras ler-me, em mim os viras,
- » Em Pindaro, em Virgilio, e Horacio os viras,
- » Não rimas, e iguâes drôgas — atavios
- » Lidados, mal-assentes, e enojosos.
- » Mil consoanteiros tômos delambidos
- » De Academicas trôvas serãõ lixo,
- » Se concorrem c'uma Ode, onde rutilem
- » Os dotes da facundia ousada, e nobre,
- » Os rasgos do pincél, rayando vida,
- » Accãõ, affeitos, em seu breve quadro..... »

Mais fa por diante. — Eis que repara  
Que, com a bocca aberta, a Philaminta  
Ouvia tudo, e nada comprehendia. —  
Vai ter com quem o entenda, e deixa a vèlha.

E nós deixemos lá o Homero, amigos;  
Fallemos entre nós no nosso assumpto.  
Reflecti sem paixãõ na traquinada  
Do ajoujado zam-zam dos consoantes,  
( Traquinada pueril ) e achareis certo,

Que o que nelles disfarça o absurdo, é o uso  
Em que estás de os ouvir : que assim não fêrem  
Os ouvidos da antiga vizinhança,  
Do ferra for os mazorrâes martellos.

Ponde ante os olhos sempre este axioma,  
Que Estro é quem faz bons versos, não arima: (1)  
Que esta os versos tam pouco afformosâ,  
Que antes lhes é ridiculo flagello;  
E que é um frenesi disparatado  
Teimar contra a razão, que a desapprova,  
Contra o bom Gosto, e sancta Antiguidade,  
Que nunca conheceu tâes consoantes,  
E que, se os conhecera, os apupara.

Um crime ( e esse é bem grave ! ) bastaria  
Para a perpetuo exilio enviar a rima (2):

---

(1) Ce qui fait la poésie c'est la vivacité de la fiction, la magnificence des figures, la hardiesse des inversions, la beauté et la variété des images; c'est l'enthousiasme, le feu, l'impétuosité, la force, je ne sais quel tour de pensées et d'expressions que la nature seule peut donner.

*Sanados.*

(2) La rime rend souvent Corncille diffus, embarrassé, inintelligible; elle gâte plusieurs morceaux pleins de verve et d'élévation.

*Mercier.*



O enojo que ella dá a eximios Vates,  
E a tarefa de ata-la ao pensamento.  
Vede Corneille, tam diffuso às vezes,  
Tam enleiado em declarar a idéia,  
Que hardido (1) concebeu com estro activo,  
Quando encostado aos mais divinos quadros,  
Lhes reverbera a còr nos seus poemas.  
Quem foi ré desse enleio? Foi-o a rima. (2)

---

(1) Naõ sei porque motivo os nossos classicos, que tomaraõ a palavra *hardido* dos Franceses, lhe naõ conservaraõ o *h* em lembrança da etymologia.

(2) La rimaille ne passe point de mode; les cafés sont des endroits contagieux, où des poéteraux s'entichent réciproquement de cette puérilité. Il n'y a rien ensuite de plus ridicule, que la manière dont le Mercure annonce un concours académique. Le plat phrasier, au sujet de quelque rimaille, parle de la Grèce, des Jeux Olympiques, de la couronne flottante; et des Mirmidons s'imaginent bonnement qu'une médaille est de la gloire, et voilà leur cerveau gâte pour une majeure portion de leur vie. On ne voit que des rimailleurs qui s'entre-dévorent pour des hémistiches. Rien de plus dangereux que ces prix de poésie. Le gouvernement devrait les inter-

Dize-me, Apollo, que conceito fazes  
 Disto, que chamaõ rima uns melquetrêfes, -

---

dire. La moitié des jeunes gens fainéantisent, en disant qu'ils travaillent pour l'Académie.

Tous nos Poètes regardent la rime comme partie intégrante de la poésie; elle en est le ridicule et le fléau. Il est devenu impossible d'enfanter un long ouvrage, sans se briser sur l'écueil.

Cette rime tyrannique, cette ritournelle de consonances, ce tintement puérile, font perdre à la langue sa netteté, sa précision et sa flexibilité même. Cette coupe gênante étrangle la pensée, et par là le style devient uniforme et haché. Nulle rondeur, nulle plénitude, nulle majesté. La prose la plus commune a un caractère plus libre, et plaît d'avantage à tout homme sensé. Il faut être maniaque, ou Voltaire, pour faire des vers français après vingt-huit ans, lorsqu'ils sont si peu lus.

Je plains fort cette foule de jeunes gens qui s'adonnent à la rime; ils négligent tout le reste pour posséder leur *Richelot*; ils veulent mettre en vers tous les Poètes anciens: ce qui annonce d'abord un défaut de jugement. Ils se tourmentent en pure perte. Plein de compas-

Uns biltres , umas certas sabichonas,  
Regateiras de trovas burdalengas,

---

sion pour les tortures qu'ils éprouvent, j'admire en pitié leurs peines infructueuses.

Nos voisins se sont dérobes à ce joug barbare, que nous nous sommes stupidement imposé; et la poésie a commencée à naitre parmi eux.

Il me semblerait bien digne du siècle présent, de secouer le joug de la rime. Nos chefs-d'œuvres dramatiques me paraissent gâtés par ce faux agrément, que l'habitude soutient encore, tandis que nous gagnerions beaucoup à être affranchis de cette insupportable monotonie.

Les ouvrages en vers ont beau trébucher les uns sur les autres, preuve frappante du dégoût universel, la satiété ne corrige point les malheureux rimeurs; ils s'obstinent à mettre en vers alexandrins, lourds et pesans, Thompson, Zacharie, Télémaque, Gesner, Buffon, et puis ils appellent poème un salmigondis poétique, qui donne à tout un public une indigestion de vers pour dix années.

On n'imagine pas combien la rime coûte à la pensée, même dans nos plus grands poètes. On conçoit dans une pièce de théâtre un

Que ignorantes da sólida poesia,  
Do celeste fallar, do arrebatado  
Vão, que enfia o Estro ( desdenhando  
Preceitos de grammaticos magriços,  
De Autores de poéticas, que nunca  
Virão a luz de teus potentes rayos )  
Vái beber, no congresso dos celicolas,  
As lições da virtude, os saões louvores  
Dos Heróes, que orna o Váte com seu Canto. (1)  
Dize; e não me encareças a resposta;  
Que quero um piparote dar, com ella,  
A certo Bonzo, a certa Bruxa tonta, (2)

---

sentiment profond; on ne trouve pas de rime:  
il s'en présente une qui n'exprime qu'une  
idée ordinaire. On s'y refuse d'abord; on  
s'échauffe la tête pour allonger, raccourcir,  
tourner, retourner sa phrase; on torture son  
cerveau: l'inflexible langue ne présente aucun  
tour que la rebelle rime ne répudie. Celle qui  
s'ajuste au trait léger, est employée; et le  
personnage, qui allait voir une physionomie  
burinée, n'offrira qu'une figure sans caractère.

*Mercier.*

(1) Et centum potiore signis,  
Munere donat.

*Horat. lib. 4, od. 6.*

(2) Mécontente de ramper au bas de l'Hé-

Rebutalho do Pégaso enjoado.  
 Bruxa, que inchada, ao ver-se arrumadora  
 D'umas régras compridas, e outras curtas,  
 Em que, como atafães de arrieiro novo,  
 Entrançou ella alagartadas rimas,  
 Nos quer des-bautizar, do nome Dêlphico,  
 Quantos nos versos o zam-zam desprezaõ,  
 Quantos sabem ver versos, e bons versos,  
 Os que cantaraõ Gregos e Latinos,  
 E nãs línguas modernas mil poemas,  
 Que essa párvoa não leu, ou não entende.  
 Nem para ouvidos táes, de lição baldos,  
 Poetaraõ tam inclytos Engenhos.....

Mãis rédea ia u largando aos chascos;  
 Que tem largas ensanchas este assumpto....  
 ( D'outro gólpe virá, se não vem deste. )  
 Quando. — Eis me atálha um ronco strepitoso,  
 Com que se ábre a paréde, ao réz da banca,  
 Em que, por des-fastio, escrevo a miudo  
 As tróvas, que aqui vendo para ajuda  
 De comprar paõ, feijoës, e às vezes carne,  
 Nos dias domingueiros; e oh prodigio!  
 Eis que rôta (1) despêde um braço nu,  
 C'um bilhette na mão, e em Grêga nóta.

---

licon, elle décoche des flèches émoussées contre  
 ceux qui en occupent la cime.

*Lettre sur les œuvres et la vie du Chiabrera.*

(1) A parede, e não a banca. Entendamo-nos.

Foi gran ventura achar-se á minha ilharga ,  
N'outro lado da banca , estudioso  
Escrevendo stenógraphas rabiscoas ,  
O pacato P.<sup>....</sup> , que lê Grego.  
Elle me accerçoou , e deu sentido  
As greguices do escripto , as quaes rezavaõ :

« Ao vir ao mundo o Filho d'uma Virgem ,  
» Todo o Nume até entam Orac'li-parla  
» Perdeu a voz : Eterno cadeado  
» Lhes pôz o Deos Menino , que não gósta  
» De gente , que dá muito à taraméla.  
» Mas , como não tolheu a nota escripta ,  
» E como sei , d'há muito , que és mimoso  
» Das nóve Raparigas do Parnasso ,  
» Espéra um pouco , em quanto aqui te arrumo ,  
» N'outro papel , um conto acontecido  
» Nas fraldas desta blfida montanha. »

Em quanto espéro , tiro de algibeira  
O lenço , e lógo a caixa de tabáco ,  
Resólgo uma pitada retumbante ,  
E aguardo-lhe a resposta pachorrento ,  
Commentando o successo , c'o P.<sup>....</sup>.

Ei-lo , que tórna o mensageiro braço ,  
Ei-lo o P.<sup>....</sup> , que traduz , do Grego ,  
O promettido conto , e assim dizia :

« Quando Virgilio , à beira do Permesso (1)

---

(1) Segundo a antiga crença des Gregos ,

» Ouvio fallar de *rima*, e *consoante* ;  
» E que ninguem sem rima ousava agóra  
» Cantar Hymnos, fallar em seus amores ,  
» Nem Baccho saudar n'um Dithyrambo ;  
» Franzio lógo o nariz, e deu aos hombros,  
» Com desprezo de quem de tal usava. »  
— Que pifia poeta! — « Eis se despéde  
» Menencorio no rosto, e vai-se em busca  
» De Horacio, e de Catallo, a quem reconta  
» Assim o seu enojo. » — Vossés sabem  
— Que dróga é *consoante*? Ou tem ouvido  
— Desses, que désçem do canóro monte,  
— Do concelho das Musas, que mania  
— Prendeus nêssas Muchachas, para urdirem  
— Tal zigue-zague em mélicos labores?  
— Sem esses perendengues farfalhudos  
— Não eraõ nossos versos, e os dos Gregos

---

e Romanos, no Elysio achavaõ os bem-aventu-  
rados dessa Religiaõ, tade o que lhes podia  
contentar o animo, alli se exercitavaõ nas  
artes, a que se tinhaõ dado, em vida : os  
Atridas viaõ nova Troya, Edipo nova Sphinge,  
etc. etc. Leiaõ o 6º. livro da Eneida, e acharãõ  
a prova do que digo. Ora que muito é que  
Homero, que Virgilio encontrassem por là nova  
Agannippe, novo Pindo, novo Permissão, e  
outras cousinhas mãis?

- Bem lidos, bem presados ? E inda agora
- Os genuínos Vates não se illustraõ
- Co' a nossa imitação? Ou por ventura
- Cuidaõ esses Patáos, que a aguada rima
- Lhes dá a graça, que aos nossos versos falta?
- Como são néscios ! Que não stá na rima
- A Delphica donósa formosura,
- Na ficção nóva stá, e na urdidura,
- Na valentia, e côres do phrasesado,
- Na gala da allusaõ, no ousado trópo,
- Ousado, mas pedido, mas frizante,
- Que regale, que enlève, ouvido, ou lido. (1)
- Dem-lhe alma, dem-lhe rosto ao pensamento,
- Que elle singelo em seu formoso assoio (2),

(1) La parole animée par les vives images, par les grandes figures, par le transport des passions, et par le charme de l'harmonie, fut nommée le langage des dieux.... La rime ne nous donne que l'uniformité des finales, qui est ennuyeuse, et qu'on évite dans la prose, tant elle est loin de flater l'oreille. Cette répétition de syllabes finales lasse même dans les grands vers héroïques..... La rime est plus difficile elle seule que toutes leurs règles ensemble.

*Fénélon, lettre sur l'éloquence.*

(2) *Simplex munditiis.* Hor. lib. 1, od. 5.

— Rejeitará



- Rejeitará mal-postas maravilhas.
- E eu; d'antemão, bem frue o seguro;
- Que quem lhe ouvir seus versos, mal attente
- Se trazem guiso, ou não, de consoante. —
- « Acho, que tens razão (lhe diz Horacio)
- » Mas também acho, que com-nosco perdes
- » Tua eloquente-apóstola parlenda.
- » Razoões disséste lá, que nós na ponta
- » Da lingua temos, como tu, sabidas;
- » Que, por sabe-las bem, bem pratica-las,
- » Com deleite são lidos nossos versos,
- » E de cór os memóra quem bem sabe.
- » Mas dessa, com que vens seocar-nos, rima,
- » Não sei mais novas, que da vèlha Sérpe. (1)
- » Aqui péto, neste ambito de murtas,
- » Ouvimos conversar Chiabrera, e Tasso

---

(1) Não estranhem fallar Horacio na Sérpe; que enfeitava a nossa processão do corpo de Deos, nas éras atrasadas, como agora a enfeitão os cavallinhos de S. Jorge; que muito natural é aos que vivem no outro mundo cubiçar novas cá deste nosso; e Horacio que era curioso-curiosa, *felicitas*-perguntaria bem quanto por cá passa, aos poetas que morreraõ no tempo da Sérpe e do Drago; e talvez que àcerca da Sérpe esteja elle hoje melhor informado que nós.

« Mais modernas, que nós, talvez que não quem  
» Alguma mais, que te esclareça o ponto. »

— Bons dias, meus amigos ( diz Catalão  
Entrando o myrthes certo ) Que tal corte,

- Cá pelo sítio, a veyra Caballina?
- Há por hi nóvas Odes altateiras,
- Que o Carro a Phébo, a Jove o Rayo roubaõ,
- A Venus a Cintura, o Nô as Graças? (1)
- Há poemas de altisona escriptura?
- Nova Argos, novo Typhis sulcaõ mares,
- Estranhados das vélas atrevidas? .....

- Mas não — Vimos os tres de rexa vélha
- Saber de vós, que Bicho, ou que Aventesma
- Seja o que chamaõ rima, e qual influxo,
- Ou qual prestimo tenha. O bom Virgilio,
- Só de ouvir fallar nella, por acaso,
- Todo se estramunhou, depressa veio
- Tirar de nós, do enigma a quinta essencia;
- Mas nós, que estamos tam patinhos que elle
- No cazo, que a pedrinha no sapato
- Lhe deitou, aqui vimos que desates,
- Mui tin tin por tin tin o nó da conza. —

« Não direi o que é rima ( acode o Tasso )  
» Que enfiadou-me ella n'outro, e quis lança-la

---

(1) Seguesque nodum solvere Gratia.

Horat. lib. 3, od. 21.

- » A' margem, como mula des-serviça.  
» Bem o sabe o Chiabrera. » — Sim (diz este)  
— Mas eu t'a explicarei, sem ser diffuso: (1)  
— Sem que por tanto cuides que eu a estimo;  
— Antes sou da opiniaõ do amigo Tasso.  
— A rima é um cascavél, que os Trovadores (2)  
— Punhaõ na cãuda a certa prosa insulsa.  
— Ignorantes do verso harmonioso,  
— E pés cadentes dos poemas vossos;  
— (Como a quem negou Phébo o dom celeste,)  
— Capucharaõ discantes enfezados,  
— Fundados (quem o sabe) n'uns tâes versos  
— Leoninos chamados, porque davaõ,
- 

(1) Quanto a me *manet ultra mente repostum*, che con terze, ottave rime, o con altra maniera obbligata, non si possa fare narrazione poetica, con somma dignità; e pero io propongo a V. S. di esaminare questo articolo, e la consiglio a poetare in versi sciolti: e lealmente affermo, che Torquato-Tasso mi disse voler fare un poema in verso sciolto, non si soddisfacendo dell' ottave. La poesia eroica finora é imperfetta, e non si dispone di ridurla a perfezione; ed una delle cagione, onde ella si fa imperfetta é, non le dare il verso vero.

*Vita di Gabriello Chiabrera.*

(2) *Vid. Encyclopédie mot Troubadours.*

- Co' a desinencia , estálos nas ilhargas, (1)
- Como faz o Leão , quando co' a cãda
- Açouta os dous quadris para assanhar-se. (2)
- Aos homens e mulhéres dessa quadra,
- Meio-broncos, ou stupidos guerreiros,
- Lhes toou mui-gáiteira a chocalhada
- Da rima, e lhes fez eccho, no ócco da alma;
- Como o som dos badalos das garridas,
- Como o som da tremónha dos Moínhos,
- E o som da nóra, na calmosa sesta,
- Como o som dos chocalhos da *manada*,
- E outros mil de monótona *toada*.
- Ouviste este *ada, ada?* pois é rima:
- Que a fiz sem'o querer. Que gósto lhe achas,
- Catullo? — « *E' bem bestial sem-saboria.* »
- Como tu, Horacio, nos ouvidos tãcos,
- Nem tu, Catullo, brécha abrir podéras,
- Podéraõ bem entrar nelles a frôxo
- As verdoengas tróvas, colleiradas
- Co' chocalho da rima *sanga-sanga*.

---

(1) Os unicos versos Leoninos, que agora se lembraõ, são estes tãcs e quãcs:

*Brixia vestratis merdosa volumina vatis,  
Non sunt nostrates tergere digna nates.*

(2) *Vid. Histor. naturel. de Buffon,*

- Depois viemos nós, a quem foi cargo (1)
- Ornar de guizos a theórba nossa,
- E pôr negaça a gostos corrompidos,
- Para os colhêr na rêde, e doutrina-los (2)
- Na schola das virtudes, e altos feitos.
- Este é todo o mysterio, e o mais é pulha. —

« Mas, meu Chiabrera ( o Tasso lhe replica )  
» Não dizes tudo. Dize, que eu zangado  
» Co' a rima, quiz compor em verso sôlto;  
» Que ordinario clamei, que a consonancia  
» Da rima é dissonancia do bom senso.  
» Que se é por graõ Poeta celebrado  
» Pelo vulgo, e por sabichoês da môda,  
» Vencedor de barrancos consoanteiros  
» E volteador de côrda mui famoso,  
» Quem trôca os pés com graça, e quem ufano  
» Quiz ostentar instincto, e paciencia,  
» Apperreado à rima, e leis modérnas  
» De métro, nunca em Grécia, ou Roma usadas,  
» Um Achróstico máo, um bem suado  
» Máo labyrintho o páreo ganhariaõ,

---

(1) . . . . . Usque adeo de fonte leporum  
Surgit amari aliquid, quod in ipsis floribus angat.

(2) Lectorem delectando, pariter que monendo.

*Horat. de art.*

- » Em concurso c'uma Ode a mais formosa,
- » A qual faltasse a fufia tranqutana. (1)
- » Pois vái Philosophia cercando
- » A escravidão feudal, os desafios,
- » Des-medremos tambem os altos cantos
- » Do captiveiro do insensato emprêgo,
- » De andar ao faro da fugiente rima,
- » Como podengos rastreando Lébres.
- » Cortémos-lhe esses feyos barambazes
- » Dos consoantes, que nas mesmas éras,
- » A litteraria Europa accometeraõ,
- » C'os duélllos, de rondaõ; ferropendo,
- » Qual escrava, a Poesia, que libérta,
- » Desde o seu nascimento, campeara;
- » Naõ soffrendo mais leis, que as leis suaves,
- » Que lhe dictou, com gosto, a Natureza.
- » Québrem-se quantas péas, quantos laços
- » Nos pés, nas mãos das Musas tam-senhora,
- » Escolmados grammáticos ataraõ.
- » Passeiem, corraõ, voem as Caménas,

---

(1) La rime gêne plus qu'elle n'orne les vers; elle les charge d'épithètes, elle rend souvent la diction forcée, et pleine d'une vaine parure; en allongeant les discours elle les affaiblit. Souvent on a recours à un vers inutile pour en amener un bon.

*Le même Fénelon.*

- » Soldas, e ayrosa (\*) , ostentado no mundo,  
 » O'ra o rápido tiro de seu voo,  
 » O'ra o brío dos passos assegurados. »

(\*) La vérité est, dit le chevalier Temple, qu'il y a quelque chose de trop libre dans le génie de la poésie, pour être gêné et resserré par tant de règles; tout homme qui voudra manier son sujet, selon toute l'exactitude et la sévérité de ces règles, il lui fera perdre infailliblement cet esprit et cet agrément, qui sont purement naturels, et qu'on ne peut jamais apprendre des meilleurs maîtres; comme si, pour faire d'excellent miel, on venait à rogner les ailes des abeilles, et les réduire à se tenir dans leurs ruches, ou à ne s'en écarter que peu, et qu'on mit devant elle les fleurs qu'on jugerait être les plus douces, afin qu'elles en tirassent la substance ou la vertu la plus pure, après leur avoir ôté l'aiguillon et en avoir fait de véritables bourdons. Les abeilles veulent la liberté de s'étendre dans la campagne, aussi bien que dans les jardins, et choisir elles-mêmes les fleurs qui leur plaisent, et qu'elles savent distinguer par leurs propriétés et leurs odeurs. Elles aiment à travailler dans leurs petites cellules avec une adresse admirable; elles font l'extrait de leur miel avec un travail sans

- Eu sempre ri de mim (torna o Chábrera)
- Quando arrumei: no verso os consoantiaes:
- Fiz-me comparação c'o fogueteiro,
- Que arruma no cannudo os ingredientes,
- E os estouros, que haõ-de atroar os ares,
- C'o rompante foguete de respostas. —  
« Que frizante que vem o teu apodo!  
{Dis d'um canto o Garçaõ, que solapado  
Tinha ouvido a convérs. } « En assim sempre
- > Que ouvi stróphes Pindáricas do Pina
- > Ou Sonetto, à Tarouca, do Vahia, (1)
- > Bem campanudo, bem aconsentado,
- > Por bem fogueteada noite o tinha
- > Em arrayal bizarro, onde se espéra
- > Cirio de Nazareth, ou da Atalaya.
- > Vossés naõ viraõ tal. — Perderaõ muito.

---

relâche, et elles le séparent de la tête par des petites cloisons si bien concertées, qu'il n'appartient qu'à elles seules de le faire et d'en pouvoir juger.

(1) Lá me ficarão em Lisboa bastantes strophes do Pina, e d'outros, que mereciaõ bem tomar aqui assento, mas porei sómente um Sonetto de Fr. Jeronimo Vahia, que inda conservo na memoria, e diz assim.



SONETTO,  
A UM GYRASOL.

---

AMANTE Gyrasol, Aguia das flores,  
Que com *vista de bronze*, em olhos de ouro  
Cantas no louro Deos, no Deos do louro,  
Ignáes a suas luzes teus ardores:

Tu, que finezas mil, e mil rigores,  
Mostras sem premio, e véstes sem desdouro,  
Pállido pelo amor, pelo sol louro,  
Cores do teu amor, do teu sol cores:

Tambem pállido sou, tambem amante,  
Um sol amo tambem, pois amo Estélla,  
E *se foges veloz*, sigo constante.

Mas eu te venço a ti, vence ao sol Ella,  
Pois tu no amor pygmeo, eu sou gigante,  
E Estélla é sol na luz, e o sol estrella.

V I V A.

---

---

---

## A P O L O G I A

DAS OBRAS novamente publicadas por  
FRANCISCO MANOEL em Paris.

Ode, que quiz ser Ode, e quiz ser Satyra,  
e parou em cousinha desentxaibida: quiz sol-  
tar canto de Cysne, e destampou em grasnido  
de marréco.

---

**T**EMPÈRE a Lyra em tom alti-sonante,  
Com soberbo furor as córdas fira;  
Do celebrado Pindo,  
Veja sobre elle os rayos vir cahindo: (1)

Invóque as Musas, chame a seu soccorro,  
Grandes idéias (2) dos Heróes antigos;  
Do poetico fogo illuminado (3),  
Mande ao Céu seu espirito elevado. (4)

---

(1) Que bellos commentarios se podião fazer,  
sobre estes rayos do Pindo que vem cahindo.

(2) Que me dizem das idéias dos Heróes?

(3) Não lhe lembren a velha tonta, que na  
primeira strophe o terceiro verso que lá pôz,  
era verso curto.

(4) Se o Poeta manda ao Céu ó espirito elevado  
sca besta, ou ( quando muito ), corpo sem alma.

Busque no antigo Grego, ou no Romano ;  
    Não desprezando o Venusino Horacio, (1)  
    Um venturoso exempló ;  
    Que seguir possa da Memoria ao templo:

Ornada conte fabulosa Historia,  
    Conte da Patria os casos já sabidos. (2)  
    Mas seja por tal modo (3)  
Que possa comprehende-lo o mundo todo. (4)

Como habil pintor em quadro breve  
    Um todo faça de diversas partes, (5)

---

¶ (1) Dá a entender a tal arrumadora de consoantes ; que Horacio era Venusino, e não Romano.

(2) Se são *sabidos*, para que os hade contar ?

(3) Que elegancia ! Que atrevida, e poetica expressão !

(4) Menos que não tenha o dom dos Apostolos. — *Audiebat unusquisque lingua sua illos loquentes*, não sei como possa o mundo todo comprehende-lo.

(5) Mas de que partes ? Partes sei eu, que seriaõ bem do agrado da tal velha ; mas é velha, e como tal « adeos Luzes, que se apagaõ as candeas. »

Nas cores, na expressãõ, e no deessenho (1)  
Mostre feliz o Creador.enganho.

Deixe de parte a pompa apparatusa  
De palavras, que muitos não conhecem (2)  
Que se louvor pretende,  
Só o terá de quem o não entende. (3)

Julgue-se emfim no Olympo luminoso,  
Já pelas mãos da Fama coroado,  
Quando, para cobrir mil disparates, (4)  
O estylo imita dos obscuros vates, (5)

---

(1) Este verso desmandou-se da bitóla dos outros Irmãos terceiros; não quiz ser tam acanhado. Estes são os unicos delirios da tal ode por alcunha.

(2) Tam asnos são, que o dizem.

(3) Como é bêsta a tal velhorra! Cuida ella que os Lentos, e outros homens doutos que compraõ as obras de Filinto, que escrevem a Paris para que lhe mandem quanto poderem haver delle, são tam ignorantes como ella!

(4) Tambem este passou das marcas.

(5) Tam obscuro é Camoës, Ferreira, Bernardes, Garção, Diniz? Leia-os a tóla presumida, e lá achará as palavras, que são a pedra de scandalo para todo o batte-orelha do Par-

Das sibyllas os tempos já passaraõ : (1)

( Não illudem phantásticas idéias ; (2)

Inda que simples seja a Natureza (3)

Vem em si mesma sólida belleza. (4)

Se queres pois ( contigo agora fallo ) ,

Armazem novo de rebusco antigo , (5)

---

nasso. Mas não tarda quem vem. Lá se imprime em Paris um papelinho, que poem à viola a tal Philaminta, e outros maisconsoanteiros como ella.

(1) Não passaraõ : que ainda cá temos uma Sibylla, que sem ser tam propheta como ellas, as representa na idade, e no dar à taramela.

(2) *Idéias de phantasma* bem pôdem ser as suas, quando ellasáhe à noite vestida de branco.

(3) Philaminta, que engenhou esta mixordia, ou o Bonzo, que lh'a emendeu, tam atassalhados andavaõ de invejas, que a cada passo lhes esquecia a craveira, com que mediaõ os pontos ás strophes.

(4) Que quiz ellá dizer com o seu *vem em si* ?

(5) Este versinho estou bem certo que lhe deu no gôtto. Ora com effeito elle é como o *quoiqu'on die* da comedia *des femmes savantes*, e eu direi com Belisa :

Il vaut tout une pièce.

Il est vrai qu'il dit plus de choses qu'il n'est gros,

Act. 2, scén. 2.

Seguir sabio conselho,  
Para nada não faças apparelho. (1)  
Falla como fallarás teus passados,  
E se Poeta és, ajunta a rima; (2)  
Porém eu, que de ti penso o contrario  
Conselho-te a fazer (3) um Diccionario.  
Se os olhos não cantares de Marfisa  
E as ternas graças em *suave verso*, (4)  
Talvez que perras com melhor effeito (5)  
Adequirir (6) mais fama, e mais proveito.

---

(1) *Fazer apparelho* é novo. Creio que quiz dizer espalhafato; mas o diabo do consoante lhe poz embargos.

(2) A resposta a este verso ja a mandei buscar a Paris, e lá a mando, apenas se acabe de imprimir.

(3) *Conselho-te a fazer* nunca foi portuguez.

(4) *Suave verso* não é verso suave.

(5) *Com melhor effeito* é cunha.

(6) Falta uma ayllaba a este verso : e a tal Philaminta que não sabe latim, pronunciou *adequirir*, e cuidou encher o verso; e o Bonzo, que lho emendeou, não sabia mais orthographia que ella.

---

**E**u não sei fazer criticas anonymas. A quem me quizer responder, aqui ponho o meu nome, e a minha residencia.

*Clemente de Oliveira e Bastos.*

Boulogne sur mer, vis-à-vis la Paroisse.

---

# A VARIEDADE

GARATUJA POÉTICA

D E D I C A D A

A O SENHOR H. J. B.

*Il Variare é fonte*  
E de' trastulli, e degli uman piaceri.

---

**Q**UANDO me lembro ter entrado em Mafra, (1)  
N'um immenso sallaõ, vestido em rôda,  
D'alto-abaixo, de estantes ajoujadas  
De enfadonhos, chyméricos delirib's;

---

(1) Pois que fallo das grandezas de Mafra, não deixarei no tinteiro a grande paizaõ, e aiaço, com que o fundador daquelle convento obrigou os Arrabidos, a deixarem o canto da capucha de que usavaõ nos officios divinos, e a aprenderem o cantochaõ à Romana, que elle fundador sabia com tanta perfeiçaõ, que corrigia os descuidos dos cantores; como muitos dos que ainda vivem presenciaraõ : a mim m'o

Que apenas oá, e lá, luz um Sallustio,  
Entre as trévas de sabios embelecós,  
Máis lóngo um Píndaro, um Virgilio, um Tasso,  
Quasi quasi corridos de se verem  
Entre bruta, e enojosa companhia,  
Digo entre mim : « Oh quanto a melhor uso  
» O bom Gosto assentára aquí seu templo!  
» Com que ansia eu não iria requerer-lhe,  
» Que mandasse primeiro os seus Meirinhos  
» Fazer penhóra nestes gróssos fardos,

---

affirmou assim o Cantor mór Fr Domingos do Rosario, (que era um fradalhão de maço) e também o Mestre do Seminario Joáo Rodrigues Esteves. E era el rei tam devoto (digno Páe de D. Pedro 3.) que tinha sempre na tribuna (quando se achava em Mafra) um livro de cantochão com a réza do dia, para cantar com os frades, e mais apurado que elles.

*Hæc opera, atque hæc sunt generosi principis artes  
Gaudentis fædo peregrina ad pulpita cantu,  
Prostitui. Juvén. satyr. 8, v. 224.*

Vejaõ os curiosos a Historia da fundaçãõ do Convento de Mafra, livro *in-folio*, muito curioso, muito explicativo, e por muitas razões mui doutrinal.



- » E postos em leitaõ, no Pelourinho, os —
- » Comprassem, por dez reis de mez côado,
- » As tendas, para embralhos de alfazema,
- » Por *sécula* sem fim. Entam lustrando,
- » Com água benta da Castalia pura,
- » Estas pollutas, rancidas estantes,
- » Entrárás em triumpho a tomar pôsse
- » Da sadia morada. Alli, contigo,
- » Sentada em junto solio, mui graciosa,
- » Cortejada de Agrados, de Prazeres,
- » Viria enfeitar tudo a VARIEDADE,
- » Com leis fáceis, leis brandas, e agradaveis. »

Oh gracioso primor da Natureza,  
Attractiva, donosa Variedade,  
Que quanto *xyrosa* tóecas, formoseas!  
Tu, pelo Mundo informe, bruto, e feio,  
Lançaste, no principio, as ricas roupas  
Do vistoso matiz variegado:  
Tu és meu Nome, Nome dos que aspiraõ  
Ao renome immortal do Des-fastio.  
O tempo, que correndo atropellado,  
C'os pés arraza, ou com a fouce estraga  
Os soberbos, fundados Monumentos,  
A's leis do teu Imperio contribue,  
Co' as multimodas faces que renova,  
D'uma sp que arruinou. Tudo o que agrada,  
Tem na mudança, tem no vario aspecto  
Fundamento apprazivel. Sem a industria

Dessa tua inventora dextra, o Mando  
 De perduravel forma, sempre o mesmo,  
 Cansaria o desejo, mais que a vista;  
 E os homens morreirão desenhados,  
 Mais de enojo, que de árida (1) doença.

Ah! vem, oh deliciosa Variedade;  
 Acòde-me c'ò teu risonho enleio;  
 E borrija de agrado estas rabiças!  
 Quando tu desces do celeste Côre,  
 Onde, com diversissimos concertos,  
 Divértes os Celicolas ditosos,  
 Vem todos teus Ministros diligentes,  
 C'os cheios céffres de riqueza immaneta,  
 C'os artifices vahes de elegantes  
 Invençõe multicores, sequinitas  
 Aos teus joelhos vés prostrados logo,  
 Os Alunos das Artes elegantes;  
 Clio te vem pedir festivo enfeita,  
 Para o verso sublime, ou delicado,  
 Que na mente do Váte, seu mimoso,

---

(1) A muitos Médicos bem nomeados ouvi dizer que ninguém morria sem febre. Ora fundado nelles puz o epitheto *árida*; porque com effeito, na minha ultima doença, em que estive desesperado da vida, senti que não há cousa mais *árida* (ou séca) que a febre.

Com engenhosas mãos, traçou aguda ;  
E Urania um perfumado ramillete ,  
Com que dê gala, ajunte louçania  
A complicados cálculos austéros,  
Que alvo pó sinallou em negro mármore.

Se a tua mão viçosa não arruma  
Os quadros, na opulenta galaxia  
Do férvido Poeta, escravo do Estro,  
Na pomposa ficção alti-sonante, —  
Com tristonhos, pezados pés, o Tédio  
Vem tomar posse da peccante obrinha,  
Toma-a nas frias mãos, a apêrta, e gela ;  
Com desbotado accesso chega a Obrinha  
Ao sóffrego Leitor, que a cada láuda,  
Depára co'a incivil semsaboria :  
Boceja, as mãos lhe affrouxaõ, cáhe em terra  
O Livro, ou o Papel desenzaibido.

Como são para ver ! como recreiaõ  
Verdes Campinas de felpuda rélva,  
Quando as esmalta de coradas flores  
A liberal, vistosa Primavera !  
Táes são os Cantos d'um sublime Váte,  
Traçados por Calliope divina,  
Se vir borda-los queres engraçada,  
C'os teus garridos, lúcidos matizes.

Entam o Tédio, que anda sempre à Pértã  
De tudo quanto o Engenho em si revolve,

Mal vê, favóias, da venusta Deosa  
As mãos cheias, verter vivo ornato  
Nos versos de Garção, de Elpino, e Alfeno,  
Vólta as cóstas, e os olhos retorcendo,  
Murmura, em sua dôr, rayvosas pragas,  
Contra o Nume, que o seu Império estreita:  
Vái sentar-se, escumando, em amplo throno  
De dourados, não-lidos, larga-margem,  
Volumes Sylvianos (1), e Cujacios, (2)  
E os outros empoeirados bacamartes,  
Que pejaõ, com deshonra, as Livrarias.

Para ensóças espaldas do cadeira  
Das Cadavées. Exéquias (3) fez escolha,

---

(1) Todos sabem que na *Regia officina Sylviana* se imprimirão os volumaços Académico-  
Genealógicos, e outros soporíferos alfarrabios  
*ejusdem furfuris*.

(2) Neste nome quiz o Author comprehender  
toda a corja de mãos expositores de Direito,  
toda a farragem de mãos Casuistas, etc. et ue  
a san Philosophia mandavit *guardare cabras,*  
*atque ire tabuam.* Nota do Editor.

(3) Livro muito longo, muito largo, muito es-  
tampado, muito sermonado, muito versificado,  
etc. etc. de que se fez presente a todas as  
grandes Livrarias dos Conventos, e a fidalgos.

Com outros livros mais amplo-stampados  
Das Ceremonias da perluxa Roma.  
Com cappa carmesim de terciopelo,  
Brochas douradas de água, está acenando [  
Sem-saboraã eneósto, sobre a meza,  
A Henriqueida, empolas assoprando,  
Soporifero cóffre de fastio,  
Que entranha o somno, pelo cotovélo  
De quem nelle se encosta, e vái trepando  
Pelo braço, pescósso, e face acima,  
Té que entra nos retrétes das pestanas.

Que direi dos profundos volumaços  
De Lógica, aguçada de argumentos  
Em *Barbara*, em *Barroco*, em *Baralipton*?  
Que direi eu com vozes competentes  
De pontos melindrosos da Escripura,  
Tratados, discutidos, explicados,  
*Enucleados* (1) sempre, e sempre escuros?

---

(1) Palavrinha de preço em discurso de fidalgo Académico, e que me dá visos, pelo seu exquisito remeneio, de largos bófes engomados de preguinhas: faz-me lembrar do *Pungebat* para o arguente, e *Dispungebat* para o defen-  
dente, nas conclusões do padre Mestre Epiphania-vulgo-Gradil, que pregou em Lisboa na Igreja de S. Julião, umas tardes de Quarésma

Junte às paredes, em comprido fio,  
 Pórtos em rúmas, pelas mãos do Tédio,  
 Os Feitos, os Sermões, Genealogias  
 No pálido salão de enojo eterno,  
 Somnolentas fumaças vaporando,  
 Daõ vágados de illusa doutorice,  
 A Leitores de crassa catadura.

Pelo chaõ (gravunhadas alcatifas),  
 Se estendem longas Ecloqas de Albano,  
 Mil versinhos anoês, trovas de outeiro,  
 Poemas, sem poético chorume,  
 Farfalhudos de Ripios, e de Rimas,  
 Cabedal de Tarélos do Parnasso!

Nas caligantes (1) fréstas, léves pendem,

---

compostas de cinco prosopopeias cada uma de cinco quartos de hora : houve quem lhe advertisse, que as prosopopeyas eraõ difficéis em oratoria. Deu por resposta, que nada lhe era mais facil.

(1) Fallando Juvenal d'umas janellas tan altas, que perdía o lume dos olhos, quem dellas olhava para a rua, lhe chama *caligantes fenestras* na Satira 6. Ora nós que temos janellas abesse d'óte (por culpa do senado) não temos adjectivo portuguez, que as designe : eu aqui

Dando à lóbrega luz passage esquivã,  
As cortinas de fumo d'um magriço (1);  
Remendaõ de furtados braçoës de armas,  
Das muitas, que no tecto, em pergaminhos,  
Desenrolou o Tédia, ultimo emplastro,  
Com que amadorra o Esprito mais gaiteiro.

Aqui, muito a pedir de bocca, vinha  
Dar noticia cabal de Págens, Servos,  
De Conselheiros, Leis, Usos, Costumes  
Deste Anarcha, e de seus Estados môrns;  
E eu vos contára tudo por extenso,  
Se não fóra, que alguns dos que hoje vivem,  
( Por módéstos, à moda do Talaya )  
Não folgarãõ de ver seu nome escripto  
Andar ahí, por boccos desse mundo.

---

ponho este, que me não pareço despreciando,  
No caso que contente, de boa vontade lho dou  
de graça.

(1) J. C. de F. e S. C. de V. de S. Presidente  
que foi de certa Académia dos Povcos Ocultos,  
inventou as táes cortinas, para certo sállãõ de  
certo bangalé de Diabos, que servia de epódio  
a certo Poema saporifero. E' para que depois  
de tam recardita invençaõ, nos não deixasse  
em memoria de que laya enãõ destas cortinas  
os anneis, e os taroës, de que estávaõ pendentes.

Agradeçaõ-me o dó, que delles tenho:  
 Bem que muitos me tenhaõ merecido  
 ( Por inveja, ou malévola calumnia ),  
 Que, a barço, e pregaõ, eu os levasse  
 Pelas praças, e ruas litterarias.

A penna quer correr : que é vasto o assumpto  
 Quando os Authores máos entraõ em réstea ;  
 Mas máis que muito, oh Musa tagarella,  
 Péde fim a longuissima carreira ;  
 E já me olha jovial-malicio o Nome,  
 Que invoquei no rompante do Poema. (1)  
 C'am tòm de voz galante, e despejado,  
 Que aqui ponha o remate me aconselha,  
 Se ao Tédio naõ quizer pagar tributo :  
 E apontando umas lettras verde-scriptas, (2)  
 No campo da peanha em que preside,  
 Li dous versos, que um douto Amigo, há muito  
 ( Fructos de gosto saõ, lidaõ estudo ! )  
 Na affortunada Elysia me inculcava:  
**LONGOS VERSOS INFLUEM LONGO ENOJO.**  
**ESCARMENTA NAS ODES DO BEZERRA.**

---

(1) A. Variedade.

(2) As lettras de ouro para inscripções saõ hoje  
 tam corriqueiras já, que até nès rótulos das lo-  
 gés dos Remendoes as tenho visto. Justo era,  
 que a Variedade as tomasse de outra côr, e que  
 escolhesse a vêrde, que é côr alegre



---

# O D E

AO ILL.<sup>mo</sup> EX.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> JOAÕ PAULO  
BEZERRA.

— Nihil maius meliusve terris  
Fata donavere , bonique Dii :  
Nec dabunt , quamvis redeant in aurum  
Tempora priscum. (1).

*Horat. lib. 4. od. 2.*

---

QUAM formosa a Virtude resplandece  
No seu throno immortal ! A Honra , o Brio  
Oh quanto em nobres animos reluzem ,  
E estimaçãõ grangeaõ !

---

(1) Póde mui bem acontecer, que alguns Leitores, que de Livianos attentãõ só na casca do que lem, applichem o Epigraphe à pessoa , a quem a Ode é dedicada, e entãõ os dou por enganados de meio a meio. Tem muitas boas qualidades o Senhor, que tomei por assumpto , mas ninguem imaginará, que eu quisesse offender sua modestia com tal descaramento. Leyaõ os táes o principio da Ode , e concluirãõ, que à Virtude só cabem, e a mãis ninguem , as palavras de Horacio , dado que este as applicasse por exorbitante lisonja a Augusto.

Brilhaõ os Castros , brilhaõ os Menezes  
Na sempre viva Historia de seus feitos :  
Um na Africa inda os Mouros amedronta ,  
Outro a Cambaya assusta.

Vimos nos Campos da famosa Ourique  
De sangue Hispano outrora avermelhados ,  
Um illustre Joaõ , um claro Nuno  
Provar valor extremo.

Os Aleixos , os Sás quantos abonos  
D'um peito de sans maxims cingido ;  
Avassallando vicios , não deixaraõ

Aos Vindouros ! — Oh Clio ,  
Tu , que em folhas de bronze as accõs altas  
Dos Herões vás fiel dando a mil Eras ,  
Dize em que modo , e com que alcance os ho-  
Se abrem praça em teu Livro. (mens

» Por armas , ou por lettras ( me responde )  
» Se ganha a fama honrada — mas estéril ;  
» Se a Virtude , se o Bem da cara Patria  
» Lhes não arde no seyo.

» Magnanimo valor as armas pèdem ;  
» Pèdem ferrenho estudo as lettras ; pède  
» Mais que estudo , e valor , virtuoso lançaõ  
» Despido de interesse.

» Lá jaz a força , jaz valor subido  
» Na mão soccorredora , que se estende ,  
» Deixa o ouro cahir , fóge , e se esconde  
» Que a não veja o mendigo.

» Desta violencia contra os da Vangloria

*um fôlho, um Moniz contar arcaes,  
romper matias de Mouros valorosos,  
e nos fundar a Patria.  
P'isso... e a juliarrota os campos mostra*

» Estimulos pujantes só quizera  
» Ter eu da Historia as páginas enchido ;  
» Naõ de Ambiçãos , e Guérras ».  
Bezerra , quem quér ter , ou tem seu nóme ,  
Nessas folhas de bronze registrado :  
As Leis , que a Musa deu , se as tem no peito ,  
As siga , ou corra a have-las.

---

## MACHAVELICE

### D'UM PRÉGADOR SUÉCO.

---

No mór rigor do hynverno  
Prégava um Prégador , que era tam frio  
O vento , que assoprava pelo Inférno ,  
Que lá daria Estio  
Esse ar , com que o Auditorio tiritava ,  
( E o Prégador tambem ) — Mal que acabava ,  
Lhe puxa pela lóba um curioso :  
» Como pòdeis ( lhe diz ) prégar tam fria  
« A pousada do Inférno , que arde em braza ?  
« Tal bofetaõ dareis na Theologia ?  
» Dareis nas Escripturas ,  
» Que clamaõ labaredas , tismaduras ?

( 4 )

- Vossa objecção ( responde ) não me arraza;
  - Se eu lhe dizia à gente
  - Que o Inferno era tam quente,
  - Rebolindo , daqui , toda abalava
  - E, por se ir lá aquentar , só me deixava.
- 

## O D E

### A M Y R T I L L O ,

Laurea donandus Apollinari.

*Horat. lib. 4. od. 3.*

---

QUANDO desce do Ménalo sombrio  
O poderoso Bromio ,  
E que em róda os Tyrsigeras Bacchantes  
Redobrando no aduße  
Os rispídos rebates , dão abalo  
Aos circumstantes montes ;  
Myrtillo , sem temor , trépa os rochedos ,  
Salta de penha em penha ,  
E embandeirar-se vái na folgazona ,  
Ebri-festiva trópa.  
Canta co'as Menadas , c'os Faunos dança ;  
E agradável a Baccho ,

Baccho lhe escuta os novos Dithyrambos ,  
Com agazalho insólito ;  
Já manda convidar as nove Aónias ,  
De quem colher anseia  
Que novo stilo ao Vate novo influem.  
Eis que logo Polyhymnia  
Se adianta das mãos , e diz a Baccho :  
« Eu que amei Ulysséa  
» Sempre com gosto igual , como amei Grecia ,  
» Afieçoada aos Lusos  
» De generoso peito , e sprito ardente ;  
» -Eu , que sempre favónia  
« Dei canto a Sds , Bernades , e Ferreiras ;  
» Eu , que inspirei Elpino ,  
Alfeno , e Coridon , inspirar amo  
Assómos de Myrtillo ;  
Quiz-lhe abrir nóva róta , não trilhada  
Em teus hymnos , oh Bronio ;  
Novo exemplo penduro para Alumnos ,  
Que venhaõ pôr offrendas  
Em teu frondente altar. — O'lhame grato ,  
Viti-comado Nome :  
O'lhade quanto prémio sou crédora ;  
E a divida me paga ,  
De triumphaes Corymbos coroados  
A frente do meu Vate.

---

---

S O N E T T O .

---

P OR mais que ouvisse em grave Consistorio  
Encarecer a veyra de Poéta,  
Sempre assentei comigo, que era péta  
Esse seu tam gabado palavrório.

Pois Musas !... Pois Apolló !... E'mixtifório  
Com que o Pôvo coitado se encasquéta.  
Pois a alcunha de Vate !.. Ea de Propheta !...  
Nem do passado o sabem ser (1) — Irrório !

Fallar cantando, encher de êmphase a bocca;  
Resmungar pela rua, em *ido*, em *ado*;  
Não trazer nunca na algibeira sóca,

São cunhos de Poéta. — Um Poéta é nada;  
Pois que verseja Alpoim, Macedo embócca  
A gaita, em Zamperina farfalhada.

---

(1) Allude a um Epigramma de Owen  
*Prophetae et Poetae.*

Illi de rebus prædicere vera futuris,  
Hi de præteritis dicere falsa solent.

---

---

O D E

AO ILL.<sup>mo</sup> EX.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup> D. RODRIGO  
DE SOUZA COUTINHO.

Tu civitatem quis deceat status  
Curas.

*Horat. lib. 3. od. 29.*

---

S T R O P H E I.

**E**u nunca consenti , que a minha Lyra  
Fosse Lyra de Côrtes.  
**A** Verdade, a só unica Verdade  
Soube inspirar-me o Canto (1).

---

(1) Queixaõ-se; e com razãõ , os que lem as  
minhas trovas impressas em Paris, de que sa-  
hiraõ à luz minadas de erros, que muitas vezes  
transtornaõ o sentido. Pois posso-lhes certificar  
que puz todo o disvello, e que naõ consegui o  
que queria. Vejaõ o que eu digo no fim do pri-  
meiro fõmo, e terãõ paciencia, como eu tenho.  
Se se enfadaõ, e se naõ querem consolar conigo,  
venhaõ a Paris, tragaõ as suas obras Portuguezas,

Verdade foi meu Nume; e até Verdade  
Cantei em meus amores.

A N T I S T R O P H E I.

Dize-o , oh Marcia ; dizei-o vós , oh lindas  
Affortunadas almas ,  
Que gozáes das virtudes , là no Elysio :  
Quando vos cantei bellas ,  
Bellas vos preegoou brado universo  
De veridico alcance.

E P O D O I.

Vós me affinaste a Lyra ;  
Por vós surgi Poéta :  
E os myrthos , que inda a fronte me coroaõ ,  
Vossas mãos os teceraõ.

S T R O P H E I I.

Longe , longe de mim , torpe Lisonja ;  
Que te rejeita a Lyra.

---

fação-nas imprimir aqui , empréguem o seu di-  
nheiro , e toda a agudeza de suas attenções , e  
se a obra impressa lhes sahir limpa da tara  
( como diz um Amigo meu , que o entende bem )  
prometto-lhes uma figa de azeviche , ou um  
pucarinho da Maya.



( 9 )

Se nunca te invoquei para os amores ;  
Mais desabrido ainda  
Serei com-tigo para o digno prêmio  
Do Varaõ , que ama a Patria.

A N T I S T R O P H E I I .

Ser nôbre é acaso ; acaso é ter Engenho :  
Ser virtuoso é tudo.  
E empregar as virtudes , os talentos  
Em ser proficuo à Patria ,  
É levar a Virtude ao gráo supremo ,  
Além da commum gloria.

E P O D O I I .

Assim m'ô gravou firme ,  
Com letras indeleveis  
A Divina Minêrva , quando os passos  
Gúiei ao Templo da Honra.

S T R O P H E I I I .

No amor da cara Patria , toda a summa  
Das virtudes se abrange.  
Nun'alvres , que tomou sobre seus hombros  
A defensão do Reino ,  
Amou a Patria , o Rei , e poz o cume  
A's virtudes , n'um Claustro.

\*

**A N T I S T R O P H E I I I .**

Com Deos na bocca, e Deos no intimo peito  
Empunhou sempre a espada ,  
Que descorava as hôstes inimigas.  
Com Deos sempre ante a vista  
Dava saõs pareceres gloriosos,  
No Conselho, ao Rei Luso.

**E P O D O I I I .**

Sempre, co'a Patria em braços ,  
Buscava duro os p'rigos.  
Olhava o Céu , do Céu Ihe vinha a mente  
O acerto nos discursos.

**S T R O P H E I V .**

Servir a Patria ! Oh fama duradoura !  
Mâis firme que as estatuas !  
As pedras, bronzes são manjar do Tempo.  
Dos coraçõs dos homens ,  
Quando mana a memoria saudosa ,  
Perenne não se estanca.

**A N T I S T R O P H E I V .**

Assim cõrre inda agõra o ignoto Nilo ,  
E correrá perenne,  
Quando já consumidas , e enterradas

As Piramides forem.  
Lerãõ Homero os ultimos Vindouros,  
E o Patrio amor de Ulisses,

E P O D O I V.

Quando as pédras já gastas  
Do Sigeo monumento  
Nem mostrar possaõ onde o féro Achilles  
Jazeu em somno eterno.

S T R O P H E V.

Eu, que bebi as aguas de Hypocrene  
Em largo vaso de ouro;  
Que sempre com as Musas me accompanho,  
Deixo callada a Lyra,  
Quando um Varaõ, que tanto illustra a Patria  
Reclama os meus accentos ?

A N T I S T R O P H E V.

Vem, óh Clio, e com déstra pluma escreve  
Virtuosas fadigas  
De quem esteia as Artes, e as Sciencias  
Com munifica dextra;  
Quem, de terreno estranho, a sabia Pallas  
Convida a vir à Elysia.

( 12 )

E P O D O V.

Quem lhe aderêça os Templos ,  
Lhe acarêa os Ministros ,  
E c'o affago , e c'os dons da Magestade  
Lhe bafeja os trabalhos.

S T R O P H E V I.

Elysia lastimáva , escurecida  
Seus filhos mal-entrégues  
Aos punháes homicidas ; e os havêres  
Grangeados com suores ,  
Ganho injusto de sévos roubadores  
Na maléfica noite.

A N T I S T P O P H E V I.

Hoje à luz dos revêrberos , que espalhaõ  
Novo dia nas trévas,  
Contente a Elysia vê seus moradores  
Trilhar segura via  
No amparo de atalayas sempre a l'êrta ,  
Que amor da Patria armara.

E P O D O V I.

Os Cidadãos se encontraõ,  
Sem que um de outro se tema,

( 13 )

Que no trájo , e na falla não se esconda  
Quem lhe derrame o sangue.

S T R O P H E VII.

Naõ perde de seu preço , nem se avilta  
Do Bem-publico o anheio ,  
Que a esmiudada vista desce a empregos  
De não-ufanos nomes.  
Colbert , Sulli não desdenharaõ féros  
Lidas uteis à Patria.

A N T I S T R O P H E VII.

A Patria é grata , os Cidadaõs bem louvaõ  
Quem fadigas lhe apouca ;  
O Amigo , que o molesto enfadamento  
Quer ir depor no seyo  
Do brando Amigo , não pergunta errado  
Nem rua , nem pousada.

E P O D O VII.

Com caridozas letras  
A benéfica dextra  
Do Ministro sagaz lho-aponta , e encurta  
Rodeos enojosos.

S T R O P H E VIII.

Opprobrio das Naçoës , por mal-polida,

( 14 )

E infestada de abusos ,  
Se hoje essa fronte , oh Lysia , érgues ufana  
Na Europa , entre as Cidades  
Mâis luzidas , à minha Clio pede  
Que cante a quem o déves.

### ANTISTROPHE VIII.

A Musa o pregoará com almo agrado ;  
Que de adular contraria ,  
Sempre a vóz , sempre a Cythara tem prompta  
A celebrar sonora  
Quem lugar se procura , com virtudes  
Na lembrança da Patria.

### EPODO VIII.

Seu brado aqui resôa  
Nestas longinquas terras ,  
Costumadas a vêr Herôes mai-dignos ,  
Aos quâes tal nome ajunta.

### STROPHE IX.

Aqui se ouve com grato acolhimento  
O nome de RODRIGO :  
Aqui daõ por feliz o Reino Luso ,  
Que tal Varaõ possue ,  
E à sombra desse nome os Portuguezes  
Côbraõ mâis alta estima.

**A N T I S T R O P H E I X.**

Eu triste , eu desvalido sò dezejo  
Ter mór favor das Musas  
Para cantar tam alto o nobre Souza ,  
Que me ouça o Nilo, e o Ganges,  
Elà no seyo azul saiba o Oceano  
Que ainda hà Portuguezes ;

**E P O D O I X.**

Que Menezes, e Nunos  
E mil passados Souzas  
Vivem nesta vergonteza esclarecida  
De tam fecundo tronco.

---

E N I G M A.

---

**T**AL nunca vio humana creatura ,  
Nem verá quem a nós vindouro for ;  
Sahir , como em triumpho da clausura  
    Sonoro Prégador,  
Com sermaõ , que ninguem lhe encommenda.  
    Cheiro de Sancto ? — Naõ :  
Mas quadra o cheiro co'a harmonia rara  
    Do assumpto , e do sermaõ.  
A tal Musica , e a estranha Pregaçãõ  
    Sõ dira quem for louco ,  
    Que de Arte , e Engenho abasta.  
Algum ri à surrôlfã ; algum se agasta ,  
Mas tudo em vaõ : que o Prégador é mouco.

---



---

O D E

AO SENHOR ERNESTO BIESTER.

---

But happy they ! the happiest of their Kind !  
when gentler stars unite , and in one fate  
Their late, their fortunes, and their beings blend !

( will ,  
Thought meeting thought, and will preventing  
with boundless confidence : for nought but love  
can answer love , and render bliss secure.

*Thompson's Spring.*

---

QUAL Rio caudaloso vái a Vida,  
Nas vagas mil acasos revolvendo ;  
Aqui espraya, e réga ; alli arranca  
Corpulentos Carvalhos.  
Uma onda em nossos animos encosta  
Um Bem , um Mal, que outra onda logo  
( arrastra:

Léves casos , que ao Lethes , desdenhosa  
Arroja a mão do Tempo.

Feliz ! o que na somma de annos curtos ,  
Pareilha os bruscos dias c'os alégres ,  
E dizer pôde , com tranquillo rosto :  
— GOZEI de meya idade. —

Tens nos braços Marilia encantadora ,  
Affortunado Biester ; os Monarchas  
O'lha soberbo , na alma Primavera  
De gostos não-defezos.

O que os mimos logrou , e a vóz , e o canto  
Da ardente Sappho , na arenosa praya  
De Lesbos , em seu grénio recostado ,  
Não foi tam venturoso.

Tu discorrendo o mélico instrumento  
Abrias douto stadio à voz da Nympha ,  
A que em brando sussuro entrelaçavas  
Delicado elogio.

Nem debalde ( accorrendo a consola-la )  
Lhe tornaste mais leve o carrancudo  
Semblante da doença , o véo rasgando  
A's lágrimas furtivas ;

E seu doce sorriso mal-occulto  
Recompensou as timidas finezas ,  
E as lastimosas mágoas , que apertavaõ  
Teu peito enternecido.

Os dias bons , battendo as breves azas ,  
De nós , amigo , a vjo sólto fôgem ;

Apenas, na lembrança, o trilho deixaõ  
Do prazer saudoso.

O Prudente das horas se aproveita  
( Se da dextra da Parca lhe cahiraõ )  
Naõ manchadas de lividas trislezas,  
Nem de negros presagios.

---

## C O N T O .

---

**T**RAJADA de Beata, cértá Dona  
Mui contrita, n'um dia de Endoenças,  
Foi ter c'um Confessor, a quem deu parte  
De seus erros; dos erros de seus filhos,  
Dos erros do Marido, e das vizinhas.  
O Capucho lhe diz : *Tem jejuado ?*

*D O N A .*

- « Se jejuo ! Cousa é que se pergunte ?
- » Toda a Quaresma a fio, sem fallencia.
- » Acto em mim bem penoso, Senhor Padre !
- » Porque sou mui franzina, e mal-sadia.
- » Como à noite tres óvos, em memoria
- » Da Trindade sanctissima ; aos quães óvos
- » Junto, em cabal louvor das cinco Chagas,

- » Cinco peros; tambem quarenta ameixas
- » A' quarantena do jejum de Christo.
- » Sette góles de vinho em cima bebo
- » A' minha amada Mãe das sette dores. »

CAPUCHO.

*E mais nada?*

D O N A.

- » Accrescento néstas trévas
  - » Treze pão-de-lósinhos em lembrança
  - » Dos treze cirios do bemdito Gallo... »
- O Capucho agastado aqui a atalha :  
*Quem tal jejua , como — em honra , e gloria*  
*Das Virgens onze mil — de onze mil córnos*  
*Naõ órla a Consoada ?*

---

*Haya , 15 do Outubro de 1795.*

C A R T A

A O S.<sup>os</sup> D.<sup>s</sup> M A N O E L C. J. P.

A M I G O E S E N H O R ,

SINTO-ME melanchólico, e triste, porque só.  
Nesta Haya maldita não tenho com quem falle;

nem sei que módo busque para despedir de mim  
(que não passá-lo) o tempo. Passa-tempos aqui!  
São fructa desconhecida. Para espraiair o animo  
tómo a penna, e lhe darei parte d'um sonho,  
que tive um dia destes. A quanto chega o meu  
desamparo, que recorro a sonhos!

---

## S O N H O .

CONSIDERAVA comigo, que chegava o Hyn-  
vércio; entrei a cuidar em me reparar do frio.

---

PENDURO nas espáduas o capóte,  
Tómo o tópo da rua

Que entésta na *Parada* (1), e vai ao *Pote*; (2)

Entro na loge: — allí a imagem sua

Creio que pôz Minérva, em testemunho

De quam injusto, quam peitado, no Ida

Déra Páris, a Vénus delambida,

A maçan, à mais bella em dom devida.

Esta Minérva éra, sem mais nem menos, a Dona  
Da loge onde se vendiaõ papeis pintados.

---

(1) Praça da Haya, que chamaõ da Parada, pela  
que allí fazem as tropas da guarnição.

(2) Rua assim chamada pelo sitio em que pára.

---

DIALOGO

ENTRE MIM, E A DONA MINÉRVA.

---

*E U.*

**T**EM cobertores de papa?

*A DONA.*

Tenho-os excellentes.

( Dizendo e fazendo, tira a Dona d'uma gavetinha de contador 5 ou 6 cobertores de lan listados, mas tam finos, como lenços patavares.)

*E U.*

Naõ é isso o que lhe eu peço.

*A DONA.*

Ay, Senhor, naõ sabe como saõ quentes.

*E U.*

No veraõ, minha senhora!

( 23 )

A D O N A

Ay , não : no hynverno , digo ; que no veraõ abaffariaõ.

E U.

V. M. está zombando.

A D O N A.

Naõ zombo , tal naõ cuide.

E U.

Como póde um Cobertor tam franzino , e tam delgado . . . A menos de ser um hynverno tépido , ou de enroupar a cama , c'um cento delles ?

A D O N A.

Esse é o segredo da nõssa fãbrica. Tal tempera dãmos às nossas lans , que estendidos sobre o corpo , se embebem logo da quentura vivente ; incha a lan , encórpa de maneira , que de fina que éra , como um papél , tõma o fófo d'um colchaõ.

E U.

Jã naõ estamos no tempo das Fadas , e Varinhas de Condaõ. Encampe esse segredo às me-

minas da escola, e não a quem há 50 annos  
que se barbea.

A DONA.

Que duro é V. M. de crer em gente hon-  
rada! Ora experimente-o. Ah! esta um leito;  
dispa-se, que eu o cubro c'uma unica destas  
cobertas: e verá maravilhas.

---

INDA estes dittos seus no ar soavaõ,  
Que eu maõs, a despojar o fato, meitto;  
Como a palma da maõ, despido e nu,  
Nos lençoes me embainho, e a bella Dona  
Co' a fina cobertura me agasalha.  
Já me ia pelos membros recrescendo  
O calor promettido; eis que, com pasmo,  
Vejo mui despejada a tal Minérva  
Desunhar-se em despir todo o fatinho,  
E empêlo já, como Eva (há tempos) no Éden,<sup>(1)</sup>  
Entra n'um camarim, tira aguçosa  
Um menino gentil, louro e cabello,  
Descuidado em annéis, quães vaõ Anjinhos  
Nas processões, com Caliz, e martyrios.  
Ei la, que méde um pulo, e salta acima,  
Se me enfia na cama, c'o menino.

---

(1) Nome, que Milton, e outros dão ao Pa-  
rayso terreal.



Ay, que não sei de nojo como o conte!  
Vistes vós um tonnel, que desembucha  
( Desmentida a torneira ) um jorro de água;  
Alaga-se o sobrado, andaõ boyantes  
Os móveis, uns e'os outros, às marradas? —  
Pois assim succedeu c'o tal menino.  
Destapou o suspiro da arreigada,  
E, entre os lençoës, nos atolou tam alto,  
Que o perum, que no arrôz vái fôfo ao forno,  
Ou sanguineo presunto Lamecense,  
Que se solápa nas suaves massas,  
Não se vé, como nós, tam empapado.

E U.

« Mulher, mulhér, que destampado arrojo!... »

A D O N A.

Chiton! Como é travesso! Ay! não se mécha;  
Que é sabaõ de estragaõ, isso que o Olho,  
Distilla, do Rapaz. — Mui prestadiõ,  
Limpa as fézes a tudo; os membros todos,  
Em que o sabaõ tocar, ficarãõ puros,  
E cohrarãõ belleza, e mocidade,  
Como se no Jordaõ fossem lavados.

---

SENTI ( confesso ) lôgo um tal lethargo  
Esparsido por todos os sentidos,

E nelle um doce enlévo , assemelhado  
 Ao que a alma sente quando sáhe do Mundo,  
 E sóbe ao Parayso de Mafoma :  
 Do qual quando accordei , já tudo tinha ;  
 Mudado face , na árca do juizo :  
 Entam o Rapaz louro , empoleirado  
 No sobrecéo do leito , já chovia  
 Sobre nós ( de outra fonte ) tal diluvio ,  
 Que nos não só desensabocou , mas inda  
 Continha tal virtude a chuva sua ,  
 Que sobre dar , como o Jordaõ , lavagem  
 Das nódoas , das doenças , das velhices ,  
 Dourou luzente os corpos bem-chovidos.  
 Que no ricco Brasil , santinho de ouro  
 Não há , que mais que nós , co' ouro semélhe <sup>(1)</sup>.  
 Eis-nos dourados todos tres ; e a Lóge ,  
 N'um de mármore , e jaspes , Templo immenso  
 Transformada. Eis que vózes e instrumentos  
 Rompem concerto — ( Delphica Harmonia ! )  
 Eis , por arte não vista , collocado  
 Um altar , bem no meyo do Zimbório ,  
 Todo fêveras de ouro em alabastro ;  
 E em torno d'elle , em pinha , muita gente  
 De Lixboa , e Paris que en conhecia ,  
 C'um joelho no chaõ , venerabunda.  
 Mas eis que me acontece maravilha  
 Nunca atequí fingida , uem sonhada.

---

(1) — Puroque simillimus auro.

Cherubins, Seraphins, em quatro Chóros,  
Baixaõ das quatro fréstas do zimbório,  
Nos levantaõ da Cama, que de certa  
Varinha de Condaõ ao tóque súbito,  
Desparece, e a nós tres, assim dotrados,  
Assim nus, sobre o altar nos esbeltaraõ.

*Panditur interea domus omnipotentis Olympi.*

De pár em pár, do Templo as pórtas se ábrem,  
Entraõ, a dous e dous, paramentados  
( Segundo o rito a cada qual devido )  
Sacerdotes de quanto Culto e Crença  
Tráz prenhes os quadris este Unívsero.  
Vistosas, ricas são as vestimentas,  
Com amplo talhe de orgulhosa pompa;  
Tudo ouro, tudo pérlas, e diamantes  
Nos bordados, nas franjas, e alamares.  
Melchisedech, e Aaraõ vinhaõ no couce;  
Com elles o Muphti, e o Papa vinhaõ,  
E mais atrás Bramà, com Zoroastres,  
Dalay-lama, Dayrî, Bonzos, Faquires,  
E o mais bando, que engórda com embustes (1).  
Thuribulos de preço, aureas Caçoulas

---

(1) Bem se vê que fallo dos ultimos, e não dos primeiros, e não de Melchisedech, Aaraõ, nem do Papa. *Vade retro* heresia!

Nuvens no Templo exhalaó de perfumes. —  
 Chegados revérentes, e devótos  
 Ante nós, ( tres dourados simulachros )  
 Todos os Truchimoês, cá pela térra,  
 Da vontades de Deos, sobre as estrellas,  
 Uma Musica sóa delectósa  
 De flautas, e de Angelicas gargantas,  
 Discantando de Orpheo um Hymno Grego  
 Em toda a lingua, e gente intelligivel (1);  
 Como o já foraó os sermoês de Pedro,  
 E máis companha, em tempos atrazados.  
 A signal cérto os instrumentos páraó :  
 Prostra-se toda a corja Pontificia,  
 Com profundo-humilhado acatamento :  
 Por entre as duas náves, larga via  
 Vái do altar estendida até á praça ;  
 D'onde um Consul trajado de escarlata  
 ( Bastaó de General lhe peja a dextra, )  
 Cercado de Legados, de Centurios,  
 De Pendoês da Répública, e das Aguias  
 Tira apoz si Romana soldadesca,  
 Com ricas, reluzentes armaduras,  
 De prata escamas, pregaria de ouro ;  
 Elmos, broquéis, brasoês tem de relévo,

---

(1) Não é cousa nova. Leiaó o primeiro Capitulo dos Actos dos Apostolos; e veráó, que não é a primeira vez, que tal succede.

Que estanciaõ do Perú toda a riqueza :  
Marchaõ ao som dos pífaros, das trompas ,  
E c'os contos das lanças, c'os pés batten  
O militar compasso bem-medido.  
Alveja entre elles bando de Donzellas ,  
De setim branco em roçagantes ópas ,  
Que largas fitas tricolores cingem ;  
Nas mãos rampo de enzinha , louro , e palmas ;  
Longo tracto , apóz ellas , se agiganta  
O Homem de fêrro do brigaõ saõ Jorge ,  
Que traz a pino a Nacional Campana (1) :  
Séguem-no em Batalhoês lindos Meninos ,  
Guardas Nacionaes, de azul trajados ,  
Damasquinos alfanjes meneando. . . .

— Arréda. — Arréda !

Da Convençaõ de França é o Presidente.  
De plumas no chapéo cocár soberbo ,  
Que enxérta n'um chuveiro de brilhantes ,  
Lhe assombra , balançando , a altiva fronte :  
Dos hombros lhe descende um ricco manto ,  
Lhâmma de prata ; as órias saõ erguidas  
Pelas mãos de seis górdos Secretarios ,  
Com tógas de azul-claro terciopêlo :  
Com broslados de perlas, e topazios ;  
Riccas toucas Indianas na cabeça ,  
Com fiós de rubís , trancelins de ouro ,

---

(1) La sonnette du Président.

Adiante, e atraz, e deste, e de outro lado,  
Respeitoso cortejo lhe faziaõ  
As Porteiros da Canna da Assembléa,  
Com pendentés medalhas sobre o peito;  
Aureas medalhas cáem d'aureos colláres.  
Segue-os a Convenção com galas ricas.  
E quem a vista estende além do Templo,  
Vê pelos campos, muitas léguas lónge,  
Exércitos sem conto, e em frente os Cabos,  
As Insignias, a Musica, — áscua de ouro.  
Chega ante o nosso altar o Presidente,  
E, apenas chêga, sáe d'uma ala, e d'outra;  
O Papá Pio Sexto, e o Dalai-lama,  
Cada um c'nma aurea táça cravejada  
De rubis, da grossura d'uma nóz,  
Que presentaõ, com muito acatamento,  
A' Minérva dourada, que me fica  
A' direita no altar: esta dos peitos  
Espremendo um licor. — O'leo de rosas —  
Encheu as duas taças trasbordando.  
Entam o Presidente, grave ordena  
Que a mim as tragaõ, e que as bêba me óra.  
— Mas, para que! E quem sois vós ( pergunto )  
— Quem é ésta Mulhér, e esta Criança? —  
Aqui se fez no Templo alto silencio;  
E o Presidente, com despejo nobre,  
Tira, da profundissima algibeira,  
Uma flautinha de marfim lavrado,  
Pela qual, em falsete, assim me canta:

« **A**quella alta Senhora, que eu venéro,  
» **É** a Constituição sob'rana, e sancta;  
» **Tu**, Cidadão, Pentarcha Executivo,  
» **O** licor, que ella espréme, e que tu bébes,  
» **Succo** é das leis, que tu cumprir t'obrigas.  
» **E** esse almo, e bello, aditador Menino,  
» **Que**, entre vós ambos, nos recrea os ólhos,  
» **Das** Nações todas é o feliz Fado,  
» **Que** muito ha-de medrar à sombra vóssa. »

**Disse**; e ao metter a flauta na algibeira,  
**Dispara** uma festiva Symphonia;  
**Abalaõ-se** no Templo as alas ambas,  
**Dansa** o Papa, o Muphti, o Presidente,  
**Com** toda a Cõvenção; dansaõ soldados,  
**Dansaõ** as Mõças, dansa toda a turba;  
**E** dansando, outo a outo, de mãos dadas,  
**Bando** a bando, ante mim, vem todos vindo;  
**Cada** bando, ante si, traz o seu Preto  
**Da** Virgem do Rosario, co'a bacia;  
**E** a esmóla, que me pédem, são decretos  
**De** fião pergaminho, que enrolados,  
**Enfitados**, com sette séllos de ouro,  
**Aos** borbotoés me estouraõ do embigo,  
**Com** tal chorrilho, e tam precipitado;  
**Que** não ha hi poder-lhes dar vazãõ....

---

Ainda o Sonho iria por diante, se não me vem accordar o Ex<sup>mo</sup>. S<sup>or</sup>. A. d'Ar. para recomendar-me uma Carta para sua Prima, etc., etc., etc.

---

## SONETTO.

---

**P**ELOS campos hervosos vecejavã  
O verdor, que aljofrara a péria fina,  
Com que os ornou a Aurora matutina,  
Quando aos balcoês do Oriente se assomava.

E a lâmpada (1) dos Céos já acubertava

---

(1) *Postera quum primum lustrabat lampade  
terras. — Aeneid. 7. v. 148.*

Parece affectaçã de Latinorio acarretar um verso de Virgilio, para authorisar uma triste palavra d'um miseravel Sonetto. Ah, meus amigos, e Senhores; se a VV.mms (como a mim) lhe chovessem em caza as criticas; e os reparos de Censores bons e mãos e intermeados,

*Talvez que entam cobrisem  
Com mãis solidas telhas a morada.*

como ja cantou uma douta poenna.

Aquí me amanho eu sempre armado de espada e rodéla, e sempre de vigia, — olho atraz, olho



( 33 )

Os montes Ulisseos com luz divina :  
Já no ramo , que vêrga , o Melro afina  
A vóz , que ao Páe do dia saudava.

Entam Filinto triste , e saudoso  
Reclamava dos Numes a ventura ,  
Que da alma lhe arrancou o Fado iroso ;

Levando-lhe da vista a formosura  
De Marcia , e seu olhár terno , e mimoso ,  
Para a ir pôr nas mãos da Ausencia dura.

---

adiante — e nada basta contra esses malsins de  
palavras , que poem lógo as mãos em cima a al-  
guma pobrezinha , que apanhaõ desgarrada.

---

---

---

O D E.

— Et justa fides et plena pudoris  
Libertas, animusque mala ferrugine purus.

*Panegyric. ad Pison.*

---

**A** barba, e espessa grénha (1) penteando,  
Dos Hyperbóreos sérros desce o Hynvéerno:  
Eis das mãos engelhadas nos arrója  
Regélos passadores.

---

(1) Talvez se assemelhe esta Ode a outra, que começa — *Vejo apontar o Hynvéerno pelos cumes*, etc. etc. — O que vem de as ter eu ambas feito no Hynvéerno; e me lembrar nesse caso máis do frio, que sentia, que das Odes, que compozera. — Mas podia emenda-las no verão — (me dirá algum pronóstico, que me não conhece) . . Mas não m'o consente certo peccado velho, a que chamaõ perguiza (lhe respondo) nem o pouco caso, que fiz sempre dos meus versos. Deixo aos Meninos, que fazem décimas para freiras, o cuidado de pentear os versos, e lambe-los.

Sanhudo , as créspas azas sacodindo ,  
Ourica os troncos de espinhadas néves ;  
Alcatifadas de granizo agudo  
Alvejaõ os Campinas.

Em redór do Carvalho chammejante  
As Graças tiritando vem sentar-se ;  
E as torpecidas mãos, as frias plumas  
Aquécem os Amores :

Este alastra , co'as pinças , roxas brazas  
No rescaldado lár , aquelle céva  
As clari-rubras tremedoras flammás  
C'o sobre posto lenho.

Feliz , quem póde néstas quádras frias  
Aos Penates manter perpétuo fôgo :  
Da antigua Vêsta disvellado Guarda  
Velar , que não peréça.

Mas mâis feliz , quem como tu , M\*\*\*  
Góza d'um tepido , amoroso Clima ,  
Onde Apollo com franco mimo esparge  
A proficua madeixa.

Se te érgues com a Aurora , vês os Campos  
Orvalhados c'o aljofar buliçoso ;  
Nem todo o ramo , negrejando , chóra  
A verde vestidura.

Foraõ ditosas as Cimmerias turmas ,  
Que deixando as geladas serranias ,

Beberaõ, nas Hespanhas, longos tragos  
De Zephyros fragantes :

Quando trócaraõ, pe'la lande brava ;  
O cheiroso melaõ, a sumarenta ,  
Vermelha, assucarada melancia ,  
Os pêssegos felpudos ;

Gostando, em vèz da asperrima Cerveja ;  
O saboroso Baccho reluzente ,  
Que a padãr mãis mimoso, e regalado  
Plantara inocuta dextra.

Ay, misero ! quem longe de tães fructos ,  
Longe de ti, dos Lares saudosos ,  
Só conserva a tristissima lembrança ,  
Para asanhar-lhe a pena !

E, quando , anciado da affligida lotta ,  
Vái a voltar-se no deserto leito , (1)  
Em vèz da mórbida, aquecida Esposa,  
Tópa resfriados linhos.

---

(1) In me nostra Venus noctes exercet amaras.

*Propert. Monobibl. Eleg. 1.*

---

## PRODIGIOS

### DO ATREVIMENTO.

Audax omnia perpeti  
Gens humana ruit per vetitum nefas;  
*Horat. lib. 1, od. 5.*

---

Nenhum cometimento alto e nefando  
Por fogo, ferro, agua, calma è frio  
Deixa intentado a humana geraçõ.  
*Camoës. cant. 4. in fin.*

---

**P**ARA andar pela Terra a Natureza  
Nos deu pés; — bem dera ázas,  
Se pelo ar nos quizera dar passeio; —  
Bem dera barbatânas,  
Se a cortar máres fôramos nascidos;  
Inda a pelle nos dera  
Da Salamandra, se viver no fogo  
Fora nóso destino.  
Mas nós, que em tudo alem da raya vamos,

( 38 )

Trilhámos mar com quilhas ;  
Sulcámos com baloés líquidos ares ;  
Só no fogo falhámos.  
Falhámos ! — Como é uéscoio quem tal cuida ! —  
E esse Mancebo virgem ,  
Que entra, e vólve em Pombal n'um forno accésio,  
C'uma rosa na bôcca ,  
E delle illeso sáhe , e a rósa frêscia ,  
Naõ sábe andar no fogo ?

---

Lugduni Batatiphagorum 16 Nevembr. 1796.

O D E.

Conta bem Manoél Joaõ :  
Conta bem que vinte saõ.

*Auto da Paixão.*

---

**V**ENHA cá Nécker; venha o mais pintado  
Professor de Algarismo, que me arrume  
Nomen «*Déve e Hade haver*» por méz, por  
Os meus florins sessenta. ( dia,

Já abáto delles dóze , para as Cázas ;  
Mâis dóze , para a Vélha *Nighe-naghe*  
Que a çuja roupa , com lexivias çujas ,  
Restáura à prima alvura.

Do çujo rósto quem me córta o pélo ,  
Me arréda inda outros três da curta somma. —  
Conto entam as reliquias solitarias  
Do desfalcado embrulho : —

Embóra os (1) conto. Acanhaõ-se nos dédos  
Trinta e tres estafados corropios ,  
Que páрто em tres quinhoês. Cada um tomá  
Sem mâis um bazaruco. ( onze ;

Comei , comei batátas sem-sabores ,  
Bebeí água de póços fedorentos ,  
Marfisa , e Monge : — e tu , Filinto , agúça ;  
Que t'as tempére Horacio.

Rôlas , Perdizes , Pátos , Galinhólas ;  
Sab'rosa fructa , generoso vinho ,  
Naõ cóçaõ o padár de quem espreme  
Sette sôldos de gasto.

---

(1) *Os conto* refére-se a corropios. Naõ haja falcatura ; que inda me lembraõ as regras do Cartapacio. — Algumas , que naõ todas.

---

## L Y R A S.

---

1.

**N**ão ouvias cantar por esse prado ,  
Por onde a mim te appressas ,  
Marcia , o teu nome amado ,  
D'entre as folhas das árvores espessas ?

2.

As canóras pintadas Avezinhas  
Tanto aos rudes Sylvanos  
O ouviraõ , e às vizinhas  
Drias cantar , no dia de teus annos ,

3.

Que enchem com cantos repetidos  
Os ares sonórosos.  
De inveja , e amor , sentidos  
A'ys daõ Lydias , daõ Tyrsos amorórosos.

4.

Vái passear nas apraziveis prayas ;  
Tritoës espadatados ,  
E os peixes já des-mudos  
Te darão mais louvor , que as bellas Náyades



---

## S O N E T O

AOS ANNOS DA SENHORA MARG. CH.

---

**D**A nuvem transparente, que rasgava ;  
Vinha Venus formosa a nós descendo,  
Com ella o Filho iniquo, apperebendo  
Cruéis vinganças Venus, e este a aljava :

« Ah Cupido que affronta ! ( a Mãe clamava )  
» Desprezar-nos soberba !... ( Assim dizendo )  
— A Ti a accessa vista retorcendo ,  
— Ira a Mãe, sétta o filho disparava !

A sétta ao seio teu , Marfisa ayrosa  
As vingadoras farpas dirigia ,  
Co' as ázas , que lhe deu Dione irosa (1)

Naõ témas. O'lha a dextra que desvia  
A setta... Éa da Amizade! Oh Nympha, gôza  
( Venus raive ! ) o triumpho deste dia.

---

(1) Arbitrio matris de mille sagittis  
Unam seposuit, sed qua nec acutior ulla,  
Nec minus incerta est; nec que magis audiat  
*Ovid. Metamorph. 3.* ( arcum.

---

Lugduni Baltatiphagorum 1796. (\*)

O D E.

Hoc precor : hunc illum nobis Aurora nitentem  
Luciferum roseis candida portet equis.

*Tibul. lib. 4. Eleg. 3.*

---

**E**MPIM, já assoma às portas do Oriente  
O desejado dia,

---

(\*) Parece que devia o Author, escrevendo em Leyde, pôr *Lugduni Batavorum*; mas creio que por não ver meza Hollandeza sem batatas, e lembrado desse pouco de gregô, que apprendeu, cazou o verbo grego *phago* com as batatas, e apellidou-os comiloês de batatas. Nem têmhaõ a muito atrevimento metter o Author, n'uma data essa pequena greguice, quando eu vejo aqui em Paris, o quanto lavra nos livros nóvos a bazôfia de metter o grego à cara dos leitores: até nos editaes de theatros, e de curiosidades, anda tando minado de grego. E' um désamparo! Ahi vai

Em que terras , e már porei em meio  
Destes fétidos bréjos (1).  
Como acenar-me vejo lá de longe ,  
C'o alegre Desenfado ,  
O umbroso Sena , de cantada veyá !  
Lá me espéra a Saúde  
( A Filha da Alegria ) com risonho  
Prazenteiro agasalho.  
Lá vou despir o lutto , que trajava  
Meu peito há quazi um lustro ;

---

um , que hontem me embutiraõ á queimã-  
roupa. Dou-lho para amostra. — *Pyrofanto-*  
*phylie*. — Vejaõ se o adivinhaõ , e mandem-  
mo dizer.

*Nota do Editor:*

(1) Péço encarecidamente aos que lerem esta destampada arenga, que não imaginem, que eu assento no mesmo aranzel todos os Hol-landezes. Sei que há entre elles homens mui polidos, mui sabios, homens que honrariaõ a mais sociavel Patria. Foi desgraça minha não os encontrar: encontrei com o avesso delles. O despeito, o enojo, a solidaõ, a má saude, que logrei na Hollanda, foraõ as instigadores desta, e d'outras similhantes baforadas poéticas, que cá ficaõ na gavéta.

E comprar, nbs Bazáres do folguédo,  
Um traje cõr de rósa,  
Que faça rebentar de ira, e despeito  
O Casmurral enojo;  
Se inda não desgarrou inteiro as unhas  
Das magoadas entranhas. —  
Declaro eterno adeos às abhorridas  
Desconversaveis cáras (1),  
Do Sem-sabor hospicio sempiterno.  
Com ancia alvoroçada,  
A Sápos, e a Canáes, e a tães Piúgas  
Darei ligeiras cóstas.  
Já de mim se desprendem com lentura  
Os pegajosos áres,  
As mal-fazéjas névoas que prendiaõ,  
Com streito cingidonro,  
Dos animáes sentidos a pujança,  
E da alma o vóo hardido.  
Eu os vi (1); que subiaõ, com dealeixo,

---

(1) Chamo - lhe *Caras*, porqué o seu nome verdadeiro desmentia da medida do verso: e porque em Poesia se tóma a miúdo a licença de dizer uma cousa por outra.

(1) Tenhaõ paciencia. Vaõ lendo; que pelo aranzel adiante acharãõ uns *embryoés*, que são o accusativo deste verbo *vi*. Um pobre

Dos charcos Acheroncios (1)...

Quando, um dia, que, curvo de tristeza,

Sobre um mal-lido livro,

Clio me despertou, e foi subindo

Comigo à Torre da Haya.

Alli, co'a branca mão, co'a mão Divina,

Da humana sombra, os olhos

Me esclareceu; -- à origem Promethéa.

Tornou da mente o acume.

Entam vi claro erguer-se pela Hollanda;

De seus pañes infectos,

Um vapór, mal-distincto em seu principio;

Mas, que, afirmando a vista,

Vinha prenhe de embryoés(2) de Enfado, e Nojo,

Quaes, lógo que medraraõ

Ao cheiro *creador* de mil (3) Cachimbos,

---

Poéta se vê muitas vezes obrigado a des-locar os ossos do periodo, para lhe entrarem pela betésga do verso.

(1) Se não são os Charcos Acheroncios, que Virgilio nos descreveu, são ao menos primos com-irmãos delles.

(2) Eyo que chega o ronceiro accusativo. Deos o traga com bem!

(3) O Poeta poz *mil* e podéra, sem encarecimento, por Centenas de Milhar de Contos de Contos.

*Nota do Editor.*

As conheci de plano ; —  
Como a Devóta , às tentações affeita ,  
Conhece logo o Diabo.  
Eraõ ( que eu bem os vi ) como alforrecas  
Infórmes , peganentas,  
Que ao módo se estendiaõ de alvas óvas  
Estanhadas no Tejo ,  
No tempo , em que na veyra , as Mães des Sáveis  
Depoem o inchado ventre.  
Estes embryoës , com côres de *Icterjéia* ,  
Alando-se , estendendo-se ,  
Amarellando o sobreceõ dos Charcos ,  
Iaõ dando de empurra  
Com homens (1) , e animáes , e alli grudados  
Quáes cáusticos ferrenhos ,  
Chupavaõ a medulla da Alegria ,  
Murchando as côres da alma ;  
E o Gracéjo entam nú de sal , — só fica  
O ensósso da Batata.  
Adeos , adeos , ensósas Personagens ;  
Adeos , Rhinocerontes ,  
De escura , encantoada catadura (2).

---

(1) Fallo dos estrangeiros.

(2) As Cabelleiras dos seus *Domines* são retrato ( menos as bandas ) da Cabelleira de Custodio Nogueira Braga , que muitos dos que hoje vivem , conheceraõ. São uns gordos colchoês com

Adeos grasnantes Gansos ,  
Adeos cujos Canáes , adeos Canalha (1) ;  
Com que prazer vos deixo ,  
E vou longe de vós saudar o clima  
Da prazenteira gente !

---

settenta, ou outenta óvas de cabello, em palanques de muitos andares, que lhes vem affrontar a cara de maneira, que parece esta, uma castanha, que quér sahir do ouriço, e apenas dá móstra de si.

(1) Allude a uns versos, que lhes fez na despedida, um francez tam enjoado delles, como eu.

Adieu peuplade, à qui Voltaire  
A si bien su donner le nom ;  
Race que Dieu mit sur la terre  
A la requête du Démon.

Adieu canaux, adieu canaille,  
Adieu grenouilles, adieu marais,  
Je n'ai rien vu chez vous qui vaille  
Et je vous quitte sans regrets.

É muito para admirar, que estas coplas, e outras más de sua comitiva, as cantavaõ muy desenfadados, os rapazes pelas ruas.

---

---

## S O N E T T O

AOS ANOS DA S.ra D. E. V. M. J. M.

---

**O** TEMPO tragador , co' a foice afiada ,  
Córta annos em agraço , annos maduros ;  
Do seu cego furor não staõ seguros  
Letras , Valor , Belleza celebrada.

Móve as sórtes fataes co' a maõ pezada ,  
O Fado , surdo a vótos , e a conjuros ;  
Baralhando c'os nomes vis , e escuros ,  
Um Nano (1) impávido , uma Inez amada.

Somente fóge ás Parcas sanguinosas  
O nome honrado , o puro beneficio ;  
Illustre esforço de almas generosas.

Consagre-se o teu dia natalicio ,  
Eugenia , com festoés de vivas rosas :  
Dia ditoso , dom do Céu propicio !

---

(1) Nun'alvres Pereyra. — (2) Inez de Castro.



---

---

# SONHO, (\*)

DEDICADO

AO ILL<sup>MO</sup>. SNR. P. M. DE M.

L'aventure était drôle, aussi le Dieu moqueur  
En rit de tout son cœur.

*Grecourt.*

---

UMA noite do tres-loucado Entrudo,  
De alto barulho, e dançatriz farófia,  
De longo rabo-léva, e surriada,  
De pés, talco, filhós, peruns, carniça;  
Eu co'a cabeça quente, e nebulósa  
C'os vapóres de Baccho ebri-festante,  
A redonda barriga ainda himpando  
C'o saboroso-atóla-dente lombo,

---

(\*) Un rêve ! ah ! que je vous embrasse !  
Quelle bonne fortune ! Vous êtes auteur dans  
l'ame. Quoi ! jusques dans le sommeil ! Quand  
vous aurez contracté quelqu'habitude du métier,  
que sera-ce de vous dans la veille !

E certas trouxas de óvos comesinhas —  
 Embrulhado na réde , em Cáza aos passos  
 ( Não mui seguros ) punha a pontaria ;  
 E já Morpheo , das pontas dos cabellos  
 Se prendia , trepando-se á moleira ,  
 Para no leito me baquear d'um golpe ,  
 Mal que os Penates curto saudasse .

Dispo-me a troncos do prolixo fato . ( 1 )  
 Aquí me cáhe o lenço , allí se entórna  
 A caixa de tabáco ; — mal sostidos ,

( 1 ) Não sei porque razão não admittimos o traje dos Romanos tam decente , e magestoso : ou um coléte ajustado com calças marinharescas , cujos trajes em dois átomos se vestem , e se desvestem . Não esta bicharia de botoés , fivellas , ligas , alamares , que é um nunca acabar ao deitar , e ao erguer . Pois que direi de certas abus de cazacas , eto . inúteis , e pendentés , que nos transformão em bonifrates ? um chapéo que nos não resguarda da chuva , nem do Sol ? Et reliqua .

Oh tres , e quatro vezes fortanosos ,  
 Vós Gregos , vós Romanos , cujo trajo  
 Desprezava botoés , ligas , fivellas :  
 E mais que vós ; oh Negros , oh Tapuias ,  
 Que em trajo único andáes , qual do matérno  
 Ventre herdasteis , e vos ha-de herdar a terra !

No braço da cadeira , se debruçãõ  
Os calções c'o relógio; e da algibeira  
Pingão vintens , retinem no ladrilho ,  
E vaõ , em caracól , correndo ; — o Gáto  
Pula àquem , pula àlem ; — co'a garra léve  
Dá-lhe um bôfête , os tomba , e os atabáfa.

Dou pouco tino dos vintens rodantes  
Do subtil Gáto resonante preza ;  
Antes durmo , sem vér , sem ouvir sóca ;  
Como quem faz focinho ao mundo inteiro  
Comparãdo c'um bom dormir machucho ,  
Entre fôfos colchões aboborado ,  
De mortáes barafundas esquecido. (1)  
Dormir , e pèrguiçar foi já o systema  
Do mui-facêto imitador de Esópo (2)  
Dormir é Irmão de Cómo , e de Folguêdo ,  
Dôce remanso do cansado dia ;  
Da Natureza , e Baccho , é o Morgado ,  
Da vida esteyo , das tristêzas córte , (3)  
De todo o mal suave medecina , (4)

---

(1) Alma quies optata veni ; nam sic sine vita  
vivere quam suave est ; sic sine morte mori.

*Anonymo.*

(2) La Fontaine.

(3) Menti Deus utilis ægræ. — *Propert.*

(4) Havia aqui uma Greguice , que era bem  
comesinha ; mas faltavaõ nas cazas do Impressor  
letras competentes. Paciência !

E dos grandes negocios Conselheiro.

Quem nos diz, que da Mórte é o sommo imagem  
Nunca soube dormir : — resvála a doudo. (1)

Há ahí velar que affronte um sonho amante ,  
Repiniado de mimosas fallas ,  
Com seu posponto de intrincados bejos ,  
E travéssos folhados de Cupido ?

Quando é que um avarento mette em cóffres  
Cartuchos (2) de dobroés auri-luzentes ,

Como os que vio , em sonho regalado ,  
Pelas sóffregas mãos rodar-lhe a fróxo ?

Que Valido subiu a mór altura ?

Que Dama foi do amante máis servida ?

Quem foi jamais , no sécco da Verdade ,

Tam feliz , como na aurea d'um bom sonho ! (3)

Que digaõ , que da Morte é o Somno imagem—

(1) Homer. Iliad. 14. — Este náco de erudiçãõ veio à surrelfa embetesgar-se cá. — Pois que veio, fique ; que é consciencia risca-lo ; quando não fôra máis , que para contentar os que gostãõ de çitapoés.

(2) Deu-se-lhes este nome de Cartuchos , pela vida solitaria , e muda , que levaõ nos Claustros , e dormitorios d'uma burra.

(3) . . . . Or quando è il vero  
Si bello , che si possa a tè preporre ?

Tasso. Cant. 2.

Não soube o que é dormir quem deu tal motté..:

E eu, que estragando a náta dos meus versos,  
Com loucos, de chorudo Somno esquivos,  
Escornava a moéla do meu sonho! —

Viro de véla, méttto-me no rumo.

Quando pois mais profundo ressonava,  
Engolfado no pégo da modorra;  
Quando o grosso vapór, que a ideia embrusca,  
Começava a cahir, a esváecer-se,  
Despindo o véo aos quadros da Memoria.....  
Como o Sól, quando a pino em rayos arde,  
Transpassa a névoa com dourado lume,  
E derrôtada em flocos a affugenta,  
Que vá nos longes cumes enrolar-se: —  
Entam, a colcha azul o Céu desdobrá,  
O mar amostra as esprayadas ondas,  
Mostra o monte as madeixas de arvoredó,  
E os valles a alcatifa de verdura.

Assim, no vaõ da tésta (como no óccó  
D'uma Camara-Optica) apparecem  
Bicharia de fósmeas (1) sem feitio,

(1) Fósmeas intellectuâes chamava o meu  
Lente de philosophia a todas as concepções dis-  
paratadas, e inintelligíveis.

*Velut aegri somnia, vanae  
Fingentur species, ut nec pes nec caput uni  
Reddatur formae.*

Horat. de art.

Cardame atrápalhado de aventésmas.  
 Mas bem imagináes , que ponon a pouco  
 Esses inda-embriote forão cobrando  
 Figura , desbastando o enleado , o bronco. (1)  
 Bem presumo de vós , que haveis já lido  
 N'algun roto alfarrabio — ou que a vossa Ama  
 Junto do lar , no hyverno rigoroso ,  
 Lá pela noite vella , cabeceando ,  
 Ao som da estriga , que na roca ringe ,  
 Quando ao torcer na massaroca a enrols ;  
 Depois de vos contar mil casos braxos ,  
 Mil embelâcos de sabidas Fadas ,  
 Sédiças trayemaras de Duendes ,  
 Trouxesse como historia , vinda a pelo ,  
 Os seixos , e terroís , que mal-enchatos  
 Das porfiadas chuvas do Diluvio ,  
 Deucalidõ , e Pirrha arremessavaõ  
 Detraz de si , que em homens , e mulheres  
 Se forão convertendo ; (2) que ao principio

---

(1) Pela figura *Usteron-posteron* usão mui  
 famosos Poetas pôr antes o que deverão pôr de-  
 pois. Se aqui eu (sendo o minimo dos memores),  
 os imitel, fei-me nos muitos exemplos, que  
 apontarei na 15 edição deste rarissimo opus-  
 culo.

(2) *Paulatimque anima caluerunt mollia saxa.*  
*Juvenal. satyr. v.*

Tôscos, mal-amanhados, des-geitosos  
 Apenas confrontavaõ no pastrano,  
 C'os montanheiros Sanctos d'uma aldeia; (1)  
 Como é claro, e o expoz o exacto Ovidio. —  
 Lá tendes um rascunho do meu cazo.

Nesta Camara pois, nesta Marmóta  
 Do Cérebro, surdiaõ de malhada  
 As vistas já máis cláras, máis seguidas,  
 Do que vai, e não vai por esse mundo. —  
 Quanto me não lembrei da Mouraria,  
 De seu nóbre presépio divertido; (2)  
 Quando Luzbél com Saõ Miguel dançava  
 Uma briga ao compasso do Canario; (3)

(1) Rudibus simillima signis. — *Ovid. Meta-*  
*morph. lib. 1. v. 406.*

(2) Dizemos *homem divertido* o que *diverte*.  
 Estes adjectivos passivos, tomados activamente,  
 tem muita elegancia na lingua Portugueza.

(3) Era um Ontavado mui repinicado na viola,  
 e dansado com muitas posturas difficéis, e de  
 muita gravidade. Eraõ raros os que o dansavaõ  
 com perfeiçaõ: e o que máis admirava os bons  
 dansantes, éra vêr, com que destreza, os que  
 boliaõ os arames o executavaõ nos dous bonécos  
 de S. Miguel, e de Luzbel, com sciencia, e com  
 graça.

Té que , d'um gólpe de espadaõ vencido ,  
 De Luzbel que éra , em Satanaz trocado ,  
 Cahia c'os Diabrêtes nas profundas ! —  
 Ficava escuro, e mndo o Cháos , e o Nada ;  
 Depois vinha descendo o Padre Eterno ,  
 Com Opa rôxa , e Divinal triangulo ,  
 Fazia o Sól , e a Lua. — Oh, que éra um pasmo !  
 Que lindeza éra vér Sól , Lua , Estrellas ,  
 Vér , sem milagre , a Noite , e o Dia juntos !  
 Crear nos bambolins , nos bastidores ,  
 Nos pannos de espaldar , e no tablado ,  
 Tanta arvore com fructo , tanto bicho ,  
 Que se arrasta , que pula , ou se reméxe ,  
 Tanta ave , que voando os àres fende ;  
 Aquí mar , com golfinhos resfolgantes ,  
 Alli veigas , lagóas , lá máis longe  
 Cucurutos de sérras — Meus queridos ,  
 Meus prezados Leitores , perdoai-me  
 Resquicios de saudósa meninee .  
 Que me não deu Paris , com tódo o Luxo ,  
 Dessa O'pera talvez nimio-gabada ,  
 Gosto igual a aquelle éxtase , e arróbo , ( 1 )

---

( 1 ) Sempre achei tanta energia nésta palavra  
 Castelhana , que não me pude conter que não  
 usasse della. Quem lê em Hespanhol as vidas dos  
 Sanctos máis contemplativos , v. g. a da amantis-  
 sima Sancta Thereza , e a vê *arrobada* namáis  
 íntima contemplaçãõ , etc. etc. tal graça , tal



Com que o presépio me enlevou menino: —  
 A'lem de que , não dána à claridade  
 Um simile de máis , se veni frisando.

Vinhaõ , como em presépio , cá no Sonho  
 Sahindo à luz dos ricos promptuarios,  
 E armazens da Memória , a oito , a oito ,  
 As espécies , os móveis , as riquezas  
 A largo custo alli depositadas ;  
 Vinhaõ máres , sertões , vinhaõ Cidades  
 De erguidos téctos , cúpelas douradas ,  
 Nóbre adorno de praças sumptuosas ;  
 A'quem córre um regato serpeando  
 Por um jardim Inglês , e encima a ponte  
 Travada de arte em rusticos madeiros ;  
 A'lem campeaõ poderosos urcos ,  
 Volvendo ufanos fúlgidas berlindas ;  
 Máis longe um arvorédo , grato asylo  
 De sombrio silencio namorado ;  
 Ledos verdejaõ pampinosos combros ,  
 C'os dourados racimos , que reluzem  
 Entre o vergar das trémulas videiras.  
 Éra um regálo vêr desenrolar-se  
 Pelo sem-margens deste Mappa-mundo ,

---

valentia lhe acha , tal affeição lhe cóbra , que a  
 perfilha ainda que estranha. Naó é ella tam estra-  
 nha , que não usasse della Fr. Luiz de Souza na  
 vida de Suso , accrescentado-lhe um u.

Veigas, vergéis, despenhos de cascadas —  
 (Cascadas naturaes, alvi-spumantes,  
 Não mesquinhos embórcos de água ténue,  
 Com muito affan poupados, — e vertides  
 Com graó dispendio, em dias prima-classe);  
 Apavonadas nuvens no horizonte,  
 Com debruns de ouro, a vista afformoseaó  
 Doquadro, que varia, e que revéste  
 As Campiñas, e hêrvosas ribanceiras,  
 D' alvos rebanhos, de gentis Pastoras,  
 De choupapas, reds, rabeis, cajados,  
 Ampla matéria, em verso campesino,  
 De seis folgadas Élogas Albanas. (1)

Eis que toda ésta scena se retira.  
 Córre-me a Idéia novos bastidores;  
 Mal que meya modorra me deu azo  
 De embainhar nos lençóes certa vasilha,  
 Que o que foi já bebido em si recolhe.  
 Em véz de aldeans, humildes singellezas  
 Vém todo o orgulho, e fausto de altas Cortes,  
 Vém torreos, columnas, obeliscos,  
 Floreados jardins, alvas figuras  
 De Héroes de nome, de gentios Deoses. —

---

(1) Sempre tive cetrina cõ'a tal Ecloga de  
 Albanó e Damiana; não tanto porque ella não  
 vale nada; quanto porque pôz a parir tantos  
 engenhos, que nos inçaraó de Eclogas más.

Séhem rugindo , a arremedar o orvalho ,  
 Saltos de água , ás estrellas espremidos  
 Do garróte , e gargálo dos repuxos: —  
 Fóge a vista por entre as espaçósas  
 Alamédas sem fim , pelos passeios,  
 Onde a frôxo se enrufaõ , (1) se apavonaõ  
 Possantes Damas , lépidas Mucháchas  
 De altos telónios , (2) rúbidos rebiques ,

(1) Diz-se dos peruns , quando empavezaõ as pennas , e arrastaõ pelo chaõ a ponta da aza.

(2) Chamavaõ *telonios* aos toucados áltos , que se inventaraõ em Lisboa , depois do terremoto , quando as Moças iaõ descaradamente sem manto nem touca , açoutar os ares com o topéte. Este nome lhes veio de ter dito um Prégador no seu sermaõ , que aquelles telónios eraõ thronos do Demonio , como o éra o telónio de S. Matheus.—

Dans le corps humain , la tête y paraît ce qu'il y a de plus beau , et y occupe le plus haut bout. La Nature s'est épaissée , pour ainsi dire , a embellir le visage ; elle y a semé du vermillon , et planté un double rang d'osselets d'ivoire ; elle en a fait le siège des souris et de la pudeur ; elle y a répandu l'éclat et la vie par le brillant des yeux ; attaché , de l'un et de l'autre côté , le merveilleux organe d'un de nos sens , et distribué des airs et des graces qu'on ne saurait

As sedas ruge-ruge arrastrando  
Pela rodante — polverosa areia.

Alli Casquilhos mil , afrancezados ,  
Brinco na orélha — goélas abafadas  
C'um tuffado lençol , em rancho os guizos  
Pendem c'os farfalhudos perendengues  
De estiradas cadeias do relógio ;  
Quadrado é o talhe da cardada trunfã ,  
Dêngue a servilha prêta , luzidia ,

décrire ; elle l'a environné d'une chevelure qui relève toutes ces beautés , et qui les fait paraître dans tout leur jour ; en un mot , il semble qu'elle ait destiné la tête , à servir de comble au plus glorieux de ses ouvrages ; et lorsque nous l'accablons sous le poids des ornemens inutiles , nous détruisons la symétrie du corps humain , et nous détournons sottement la vue de grandes et réelles beautés , pour la fixer sur de niaiseries , de la dentelle , des rabans , etc.

*Spéctateur. tom. 2.*

Tot premit ordinibus , tot adhuc compagibus  
ædificat caput. (altum)

*Juvenal. satyr. 6.*

E é gigante à fivella róça-ruas (1). —  
 Seu livro de fitinha na algibeira,  
 N'outra a ponta do lenço debruçada,  
 Chamariz de cadimos ratoneiros.  
 E' rizo, é compaixão, é menosprezo  
 Vé-los em seu meneio, e desengonço!  
 Não movem pé, nem mão, não voltam olhos;  
 Que não seja affectada macaquice,  
 Consultada c'o espelho, arremedada  
 D'algun Maricas do Palacio ensosso.

Quem poderá narrar com claro stillo,  
 O que eu com pasmo alli presenciava?  
 As voltas, as gaifonas, nos encontros;  
 O rapapés, o derrengar do corpo,  
 Tremelhicando a apolvilhada grenha;  
 As safadas lisonjas delambidas? —  
*Polidos cumprimentos* — por alcunha.

(1) Com effeito (*credite posteri*) tam descompassadas as vi, que sobejavaõ por fóra dos beiços da sóla; e máis pareciaõ os sapatos appendix das fivellas, do que estas apérto dos sapatos. Podia-se dizer dellas, como o outro disse d'um nariz desmesurado. — *Era-se un hombre a una nariz pegado.* — Tam ridiculo foi sempre alargar com demazia as ensanchas ás módas!

*Epiphonema,*

Em tal tropél andêjo eu distrahido  
 Dava assumpto a jocoso passatempo;  
 Quando vejo luzir duas rodélas  
 De vidro, n'um nariz vermelho, e gróso  
 D'um tonél ambulante, que cingia,  
 Com estreito cordaõ, larga roupéta.  
 A basta barba branca se lhe espraya  
 Pelo peito; na tésta um curuchéo  
 D'uma fóta listada esguio sóbe;  
 Como pela Ascensãõ poem carapuça  
 Bicudo apagador ao Paschal Cirio.  
 Tráz verdes os debruns da ruyva béca,  
 Amaréllas as luvas, e os sapatos,  
 Com laços rôxos ao desdem prendidos,  
 Qual sandálha de arfante Xabregano.

Affinca-se ante mim este estafermo;  
 Segúra os grandes óculos, e encara  
 Nos meus ólhos, pregados n'um tarêlo,  
 Que máis, que os outros, estofara es crespos. —

Aqui, oh Musa, e teu auxilio invóco,  
 Neste, tam dosigual às minhas forças  
 Nunca narrado assumpto em prosa, ou verso.  
 Dize, oh Thalia, jovial Camêna,  
 Quanto prodigio obrou, quanto me disse  
 O homem do curuchéo; e o como a farça  
 Finton viva Morphéo, com maõ de méstre,  
 Na abóbada recóncava do cérebro.  
 Dize: que attento escrevo. — Ey-lo que entõna  
 A bicuda cachóla, e inteiro, e grave,

Me acotovéla, e diz : » Saber quizéras ,  
» ( Que no curioso olhar bem t'o adivinho )  
» Que tramóyas contem , que farelórios  
» Aquelle créspe ouriço apolvilhado ?  
» Esse appetite eu contenta-lo quero ,  
» E contentar-to já. — Que por impulso  
» De engenho bem-feitor , peregrinando  
» Por este mundo , ponho em praxe as raras  
» Profundezas do meu saber , co' a mira  
» Em contentar caprichos curiosos ,  
» E por-lhe , a seu maneio , o que impossível  
» Té-qui de alcançar fói — Nem tal te espante ;  
» Que , qual me vêz , sou Mágico d'arromba ,  
» Dos Mágicos do Egypto mil-bisneto  
» Por linha récta ; e de Merlin o sabio ,  
» Tenho ( sem que um só falte ) os livros todos :  
» Que os salvei juntos d'uma certa queima ,  
» Trocando-os , c'o Meirinho , por Diurnos .  
» Entre segredos mil , que em taés canhenhos  
» ( Autographos genuinos , bem sellados  
» C'o sinéte do occulto Trismegisto )  
» Lidei por descifrar , o dom passão  
» De armar , e desarmar cabeças vivas , ( 1 )

---

( 1 ) Esta idéia não é nova ; nem Deos permita ,  
que eu a dê por tal : antes haverá ( segundo  
minha lembrança ) obra de trinta annos , que a  
li n'um livro Inglez . Qual elle porem fosse ,

» Como faz , e desfaz qualquér relógia  
» O Pires , ou Pollet (1), quando os concérta:

Tira entam da saccóla de camurça ,  
Que ao ládo esquérdo cáhe a tiracóllo ,  
Um estojo de liza Liza verde ,  
Cheio de mil ferrinhos : » Aqui dentro  
» ( Me dizia ) há engenhos para tudo. »  
E arcando as cabelludas sobranceilhas ,  
Embochechando o rosto , continúa :  
» São sem conto ós prodigios estupendos ,  
» Que obraõ estes ferrinhos milagrosos ,

---

pergunte Deos por suas cousas. Talvez que se estivesse em meu poder a minha livraria, pelo tino iria acertar com elle , e com gosto citaria o seu Author. Bem sei ( e não faltará quem m'o diga ) que há muitas Bibliothécas em Paris , onde poderia acha-lo : mas tambem sabem todos, que sempre pôdc máis comigo a perguiça, que a gloria de citador. Alem de que , se a ideia é alheia, os atavios são todos meus. No cazo porem , que os perluxos Leitores encontrem c'o legitimo possuidor , tenhaõ a bondade de m'o apontar , que eu na segunda edição o citarei , e nas ancas da citação , irá um rasgado comprimento ao atilado e charitativo Apontador.

(1) Relogioeiros muito afreguezados em Lisboa.



- » C'uma déstas franzinas ferramentas  
» Armo eu um Galeão n'um sancti-âmen;  
» E com ésta agulhinha de nó-nada  
» Lhe urdo velame, enxárceas, e bandeiras. —  
» Vês este gancho de ouro? — E' bem delgado!  
» Pois com elle atoei, a salvo, ao pôrto,  
» Uma armada Turqueza, que ia a pique,  
» N'um vendaval de ventos assanhados,  
» Se não lhe acudo c'o bemdito gancho. —  
» Não há traste aqui dentro deste estojo,  
» Que não seja um compendio de sabença.  
» Tem máis préstimo, estudo, e máis juizo  
» Um férro destes, que não coube nunca  
» Na espéssa tēsta d'um Doutor dé bórta.  
» Tóma este vidro. — Bem dirás, que é vidro?  
» Não é vidro. — Do Rei dos Basiliscos  
» Foi já olho; por mim petrificado,  
» Polido, preparado com essencias  
» De aço, e óleo Oriental de diamante;  
» Sérve de óculo, e vé cousas não vistas  
» Quem por elle quér vér, — não sendo cégo. »  
E nisto subtilmente tócca em róda  
C'um ponteiro os encaixes do toutiço,  
E o Crâneo sobrecéo claro-destampa.  
Que pasmo foi o meu! que fito de ólhos!  
Que bocca escancarada! — O tal ferrinho....  
» Que dizes do ferrinho! ( me embatúca  
» A mágica aventesma ) Este instrumento  
» Não tem poder os Reis, não tem thesouros!

» Que a par do seu valor, não sejaõ curtos.  
Applica esse óculo, e em prodigios tantos,  
Que elle há-de descobrir, admira o engenho,  
» E o que, nelle empreguei, lidado estudo. »  
Que burundangas vi! que farfalhadas  
Ferviaõ em bólhaõ, nos reconcóvios,  
E sumiços daquella tóca aérea!  
Midlos; nada! — Havla em lugar delles  
Um volumoso, atrapalhado embrulho  
De escriptos, um fardél de versos térnos (1) —  
Uma fita de enágua, um crávo murcho,  
Que foi prenda — adorada, e mui-bejada  
D'uma guápa, que o pôs... á escaravélha.  
Um comprimento para as boas féstas,  
Com tómas, com ensanchas para tudo,  
E um de igual molde para dias de annos (2).

---

(1) Versinhos de Caldas, versinhos de Chagas, para Nerinas, para freirinhas, mui dóces, mui delambidos, mui óccos, mui mólles, e mui sonóros. — *Versus inopes rerum, nugaeque canorae*; ou como Quintiliano diz: *Similiter illa translucida et versicolor quorundam elocutio res ipsas effeminat, quae illorum habitu vestiuntur. Curam ego verborum rerum volo esse sollicitudinem.*

(2) Não é de invenção minha. Sujeito conheci eu, o Senhor J. Q. de M. que compoz um so-

O gosto, que encetei no tal embrulho,  
 Foi-me apontando o O'culo ladino  
 Para os máis recantinhos, e refolhos,  
 Daquella feira frívola da *Ladra*;  
 Qual ségüe a agulha (1) a mão, que empunha o  
 Por cima dos feis rayados rumos, (iman,  
 A cada vento, que lhe acéna em róda.  
 Aquí, além reluzem perendengues,  
 Diches, annéis — Encerraõ bocetinhas  
 Chesmininés d'alto primor, e chança,  
 Finezas, e requébros derretidos,  
 Melindres de sem-par chuchurrebio; (2)

netto com tal artificio, que trocando as quadra-  
 turas e terçarias, de outo maneiras differentes,  
 lhe servia com os mesmos Consoantes para outo  
 dias de annos. Estes findos, e bem usados, mu-  
 dava de consoantes, e tinha para outras tantas  
 despesas de dias de annos, *et sic de caeteris* :  
 conservando (observai bem!) o sentido primi-  
 tivo do sonetto; e os consoantes táes, que a cada  
 canto os deparava, e lhe vinhaõ justos ao cor-  
 po do Poema.

(1) Agulha de marsar. — Nota do Editor para  
 Casquilhos, que só viraõ o mar, do adro das  
 Chagas.

(2) *Chucharrebio* — Palavra a máis imitativa, e  
 pitteresca (e por isso a máis enérgica) de quan-

Quintas essencias — o bejinho, a náta  
 Do aperaltado, come-em-vaõ namóro:  
 Tudo arrumado, e fôfo, entre camilhas  
 De ambri-odóro algodão. — Vi n'outro cóffre,  
 De talco, encaixilhado em filagrana,  
 Fúndos suspiros (cascaveis das ansias!)  
 Da ausencia os ays, e os trémulos soluços;  
 Mólhos de phrases vans, com seus atilhos  
 De Mas, porém, oh Céos! Que dita e gloria!...  
 Fôra tam nunca-acabar, ir descrevendo  
 Todo o sarapatel, que o vaõ pejava  
 Da tál bóla, armazem da parvoice:  
 Só, para dar temate a tudo, digo,  
 Que em róda a vi por dentro afestoada  
 De espelhados, pendentés ayelórios,

---

tas inventou a redonda *Grecia quibus dedit ore  
 rotundo Musa loqui*; — De quantas ainda hoje  
 blasona a imaginativa Arabia. *Chuchurrebío* si-  
 gnifica pois o ultimo *quod sic* das cousas, que bem  
 se gostaõ, *Chuchando-as*, remexendo-as, re-  
 moendo-as, visitando com ellas, na pá da lingua,  
 toda a cúpola do paladar, e todos os gabinetes  
 dos gorgomilos; e como quando não têmós pa-  
 lavras, que supraõ o nosso encarecimento, nos  
 servimos d'um gésto admirativo, — e scholas-  
 ticamente, de um assobio, que diz às vezes máis  
 que uma Oraçãõ gratulatoria, consta por essa

Onde ufano e rizonho se revia,  
A cada instante, o instincto do Peralta:  
« Viste ( me disse o hómé habilidoso )  
» O que há lá dentro! — Fécho, e re-componho:  
» Que te quero mostrar, com igual arte,  
» O coração daquella Logrativa,  
» Que de tanto Casquilho os olhos léva,  
» E léva as affeições. — Ah insensatos!  
» Que chóros ameaçaõ, que despeitos  
» Aos que se enlévaõ no fallaz sorrizo!  
» Quanto tem que sentir iniquos Fados!  
» Nesse mar, que os embála, ( már de leite! )  
» Lógo empolado em náufragas montanhas,  
» Pasmaráõ de ir a pique. Incantos! na áurea  
» Bonança das caricias se enfunaráõ! —

---

razaõ a nossa palayra Chuchurrebto da mais  
ricca, e mais sonóra onomatopeya. — *Chuchu-*  
do verbo *chuchar*, de que só usamos para com  
as cousas que mais delicada, e golosa, e regala-  
damente nos saboreaõ; os dous *rr*, que são em  
cifra uma allusiva repetição do verbo regalar, re-  
crear, regozijar, e cujos *rr* denotaõ aquelle retor-  
neio, que a cousa regalada vai, como de roma-  
ria, fazendo pelas *ros*cas da garganta. E emfim  
aquelle *bto*, que é o somdo final do *assobio* sinétte  
de encarecida admiração, que serve de remate, e  
corça à preciosissima palayra *Chuchurrebto*.

- » Miseros, que assim ardem nesse lustre,  
» Com que intentada (1) engoda os inexpertos!  
» Mariposas, da luz que os matta, amantes!  
» Ah! se qual eu agora t'o descubro  
» Vissem o coração dessa, que adoraõ. . .  
» Como as costas voltaráõ aos agrados,  
» Que aquelle rosto vario lhes promette!  
» Mas antes que eu coméce a abrir os seyo  
» Dessa intrincada mina, é bem que saibas  
» Que nesse coração, que a o ver te inculco,  
» Há taes voltas, marânhas, labyrinthos,  
» Tanta dobréz, tam fementido enlejo,  
» Que não coube a Theseo, não deu Ariadna;  
» De fio guiador sabio novello,  
» Que ao máis ladino acérte co' a sahida.  
» Olha primeiro o empedernido, e nêgro  
» Cállo, que o cõbre, e escuda aos crebros tiros,  
» De que o véz d'alto abaixo espicaçado:  
» Saõ das fêchas do Amor frustrado impulso,  
» Perdidos gólpes, dádes n'um rochêdo.»

Quando elle erguet, com delicado engenho  
Essa códea durazia, e que olhei fito. . . .  
Oh meu Deos! (exclamei) Que torcicólos  
Que encruzilhadas, bécos, e Xancudos (2)

---

(1) Camoës, Cant. 4. ést. 104 v. 7. *Quibus intentata nites*. Horat. lib. 1. od. 5.

(2) Certo páteo, por detrás do Calçado velho, onde morava, antes do terremóto, uma Par-

(Obra mais que Dedálea) se enredavaõ,  
Sem nenhum ir cruzar co' as pórtas da alma.  
Sim, senhores, è assim. Que eu curioso,  
C'um subtil alfinête, achei que todos,  
Voltando sobre si, surgiaõ fóra.

De tam cêgo escondrijo os váos incluem  
Mãos de enfeites, vidros de posturas,  
Estójos guápos, óptimas pastilhas,  
Pintados léques, luvas perfumadas....

Se não me engano, zúne-me aos ouvidos  
Cêrta chacóta crítica; e diz ella :

« Como cábem, n'uma área tam pequêna,  
» Mãos, vidros, e tanta bugiganga,  
» Que apénas n'um báhu cabér podiaõ? »  
Mas eu, que ja em críticas fiz cálio, (1)

---

teira, muito conhecida, chamada Catherina  
Lópes; que cahindo em idade, e desviando-se-  
lhe por essa causa a freguezia de seu partejo,  
se metteu a Cristalleira, e dizia um auto de  
Catherina Lópes, que eu vi impresso, com as  
licenças necessarias. — *Que para perto se mu-  
dou.* — *O tal Auto, que me não deixarámentir,*  
*traz na face o retrato da Cristalleira, com seus*  
*óculos mui magistráes, e nas mãos o fólle, e o*  
*tachiño. Vista faz fé.*

(1) Spiritum Graie tenuem camens

Parca non mendax dedit, et malignum

Spernere vulgus. *Horat. lib. 2. od. 18.*

Não me empácho c'o mofador zumbido.  
 Co' as vistas da Marmóta lhe respondo.  
 Como cabe París, Veneza, Londres,  
 Em tam mesquinho quadro? E mais pergunto  
 Como cábem dos ólhos na retina  
 Déz léguas de alto mar, armadas frótas,  
 Mil objectos de vástá perspectiva?  
 E é nos ólhos ò espaço inda mais curto  
 Que o vaõ do coração. — Quináo. Léve essa,  
 Senhor critico, e sirva-lhe de ensino —  
 Eá-lo que abaixa a próa; Eá-lo basbaque;  
 E a critica em pantána. Dei retruque,  
 Por esta véz, não mais; que as maravilhas  
 Quéro ir ensiando do meu sônho.

Lá, n'um retréte avisto um mafaméde  
 De miúdas garridas gavetinhas,  
 Enfeitadas de fulgidos lettreiros. —  
 Eu nunca vi botica encharolada (1)

---

(1) Se já não vem pela quarésma a Charóla da Ajuda dár um descante ao Divino, pelas rúas de Lisboa, necessario será contar aos rapazes de agóra a composiçaõ della. Pelo pouco que me recórdo, creio que era um andorsinho assentado em dous varapáos, cangado nos hombros de dous saloyos, acubertado c'uma toálha de mãos, como carro de romagem, com muitos senhorinhos dos passos, muitos penitentes





- » Contém, para braço, esta gaveta
- » Mil corações amantes, envolvidos
- » Em escriptos de lânguidos amores;
- » O rótulo por fóra indica os nomes
- » De seus esperdiçados. Olha attento
- » ( E este é o mór prodigio dos prodigios! )
- » No largo coração, que tanto abrange,
- » Esse espelho, que é cúpola do Templo
- » Da presumçosa Deosa, com que industria,
- » Com que ladina subtileza móstra
- » As offrendas, que na ára são acceitas. —
- » Arfantes cruces, saltos encarnados,
- » Cláros diamantes, chicos (1) reluzentes,
- » Bófes tuffados, ouriçadas trunfas,
- » Tem franca entrada, reservado assento;
- » Tanto mais alto, tanto mais vistoso
- » Quanto o Dôno é mais fófo, ou mais basbaque..

Mas nisto tal zóada, tal balburdia  
De máscaras, de bêbados, de gózos  
Se levantou na rua alvoroçada,  
Que o sonho tam egrégio me quebrou.  
Sobresaltado accórdo, e tómo susto;  
Nem que a cidade fóra por assalto  
Entrada de improvisos inimigos;

---

(1) Como há 26 annos que sahi de Lisboa, não sei se ainda chamaõ, como entam *chicas* as meias dobras de 6400.

Ou que ardêra de ponta a ponta, a rua,  
Em fumi-flavi-ruyvas (1) labaredas.

(1) Como um Portuguez Poéta bem conhecido, e de ajuzado voto na matéria, me deu o exemplo de palavra quadri-compôsta à imitação dos Gregos, eu que não sou nem grande Poeta, nem tam affouto, contento-me com uma tri-composta; a unica talvez, que se achará em meus rascunhos. A quadri-composta de que fallei, chama-se — *Doce-ambri-fogo-ondeante*, e se acha no Dithyrambo à S. D. M. etc. etc. Mathevon.

Se depois da minha morte se imprimirem estes meus destempéros, como imprimirão as semsaborias de Fernão Alvres d'Oriente, e as senequices acconsoantadas do Caminha, e se ainda houverem prolixos ociosos editores, como o da Lusitania transformada, pôdem já desde aqui dar-se os parabens algumas palavras minhas, que acharão Editor grammaticaõ, que m'as approve, e as appóye com razoês machuxas, e authorisados exemplos. Alegrai-vos; tripudiai, versinhos meus; que até, para vos parecer-des c'o Virgilio de Maswicio, vos honrarão com um index locupletissimo, que vos sirva de repórtorio, e de recâmara. Léve o Diabo paixoês. — Deixai palrar os criticos.

---

---

# CARTA, (\*)

AO MAL. LUIZ DE C.

Neque enim concludere versum  
Dixeris esse satis : neque si quis scribat uti nos  
Sermoni propiora , putes hunc esse poetam.

*Horat. lib. 1, satyr. 4.*

---

**T**U sabes o que vai? Houve cá hoje  
Uma tal Processão, que é mui bonita.  
Léva tanto santinho!!! Tanta gente!!!

---

(1) Devo advertir os senhores, que me lêrem, que esta carta foi feita ao correr da pena; e que é a resposta d'outra, com que nessa mesma noite me honrara o ditto Senr. Marec.; e que alem disso o pertador partia no outro dia de madrugada. Mas *objicies primo* tempo teve o Autor para a emendar depois. *Concedo*. Mas a perguiza, que advoga mui persuasiva a sua causa para comigo.... *Objicies secundo* : não há necessidade de imprimir os primeiros borrões..... *Concedo etiam*. E confesso ainda, que mesmo eu lhe não acho desculpa, nem má, nem boa. Fe-

E gasta a preparar-se tanto tempo,  
 Que já, do anno passado, cuidão nella.  
 Na ante-véspera já da grande fésta,  
 Promptos os sanctos, promptos os andores,  
 Janéllas já pedidas, fátos feitos,  
 Moças alvoroçadas, e Peraltas —  
 Tomava aos Irmaões (1) sécios graõ disgosto,  
 Que o prazer da Função desenxaibia.  
 Vinha a ser grandes nuvens de poeira,  
 Que tam guápo festejo enxovalhassem :  
 De lá véрте o disgosto *ingente, infandó.*  
 Vái nisto o céo cortéz, e compassivo  
 Manda chuva, que abate o pó das rúas,  
 E des-tristece o rósto à afflictá gente.  
 Graças ao Céo, que assim nos é benigno!

ção os Leitores de conta, que não está impressa;  
 voltem folha, e passem adiante.

*Objicies tertio* : Demos o nosso dinheiro, e  
 queremos mercadoria que sirva, e não obra de  
 pôr ao canto. Respondo : Lem Ums. a Bulla,  
 pela qual pagaõ tantos reis? Lem Ums. o pape-  
 linho de S. Lazaro? Lem Ums. etc. etc. E mais  
 custaõ lhe dinheiro. E ainda mais; os que lhes  
 encampaõ Bullas são mais ricos do que eu, que  
 fiz muitas dessas tróvas, para me darem viutens  
 para a tenda, e para o pádeiro.

(1) Irmaões terceiros.

Bons rosarios mammáraõ, boas missas  
Do Purgatorio as Almas prestadias.

Remidas da poeira, e láma as ruas,  
Chega o dia feliz, e suspirado.  
Começaõ lógo, c'o 'a alvorada, as Mõças  
A edificar no monte sem mióllo (1)  
Castellos váos de flores, e de fitas,  
A vestir galas, a pregar cambráyas. —  
Os Peraltas tambem não se descuidaõ:  
Jantaõ de pé, vestidos, penteados;  
Da mesa passaõ présto o corpo à rua.

Daõ tres hóras. — Coméça-se o fadário : (2)  
Espreitaõ-se as Janelas, povoadas  
De Deosas, Nymphas, Damas e Rascoas:  
A rua entra a ferver de ponta a ponta  
Com soldados, com frades, com Lacayos,  
Com garótos, com caës, com ratoneiros. —  
Crésce o tropél. — Vem vindo as carruagens —  
( ) Arréda ( ) Arréda ( ) \*Ay, Ay, que me pizáraõ.  
( Pára — Pára — Não mátte éssa criança. )  
) : Oh Joaõ, — anda cá. — O'ha éssa sége :

---

(1) . . . . . Tanta est querendi cura decoris  
Tot premit ordinibus, tot adhuc compagibus  
Edificat caput. ( altum,

*Juvén. satyr. 6, vers. 500.*

(2) A scena se representa na rua Augusta,  
pérto da rua dos Retrozeiros.

† Em má hora eu cá vim. † | Quem traz consigo  
Crianças, não vem vêr funções de apêrto. |

*Tiririn, Tiririn*, retine ao longe  
O agudo som das louras charamélas,  
C'os ruffos dos Tinbáales rebatidos. —

« *Lá rebenta o Pendaõ, juncto ao Rocío.* »

Grita a chusma de squalidos marmanjos;

E a Mãe, muito devôta, intima à Filha:

( ) Não te arrédes de mim. — Não dês mais tréla ( )

« Ao Peralta, e se acazo o pé te piza,

» Assenta-lhe à mão-tente um tápa-olho.

» Péga nas contas, vái rezando aos sanctos.

» Lá vem cinco — e tam lindos. — Olha o Mouro

» Com o alfanje! — Ah cachorro! — Está mattando

» Os santinhos, que mórrem pela fé. »

( ) *Não morrem pela fé, mas por teimosos.* ( )

( Diz dalli um Inglez arreminado;

Desses que em *Flos sanctorum* crem mui ponco.)

» Lá vem máis n'outro andor Nossa senhora.

» Francisca, quantos são? — Tóma sentido. —

» Conta bem. — Até-quê são tres andores. — »

( ) Não senhor. — São só dous — Este e mais, o outro.

( ) E o Menino Jezus vem feito Archeiro! (1)

---

( 1 ) Houvé razão para assim vir; porque quem o vestio para ir na Processão, éra mulher de Archeiro, e o andor, e o Menino Jezus eraõ da confraria dos Archeiros. Já um anno antes

( ) Mae-zinha! — Vem bonito. — E' um sancto  
( Prêto!!!

( ) Como vem luzidio!!! E este sanctinho

( ) Pôde entrar todo negro assim no Céu? ( )

Tem alma branca os sanctos, e a alma é que

( Diz muito reverenda a Mãe à Filha ) ( entra.

( ) Ay, Mãe, tanto Paé-zinho, e tam porquinho!!! ( )

| *Há-há-tchi; pássa fora , cansoada. |*

( Vinha a apupada erguida là de longe

Da multi-moda gáffa rapazia. ) —

Mas, nisto.... se levanta um reboliço....:

Mêche se a gente toda.... | Apánha — Apánha —

| Que é um ladraõ, que léva dous relógios |

): Cá me falta o meu lenço. :( † Ay, minha  
( bolsa! †

\* *Eis ahí o de que éstas funcõs sêrvem! .*

(Dizia um vèlho mui poucado, e ricco)

\* Eu, quando venho vé-las, deixo em casa

\* Fechado na gavéta — até o còbre. .

† Mas, com que hei-de apontar ao *Whist*, à  
( noite? †

• — Là vem um grande andor, que é no feitio,

— Bargantim, se meu ólho me não mente. —

---

na Processão do corpo de Deos da freguezia da  
Pena, o Menino Jesus. ia n'um andor vestido  
de Cadete de verde; porque a Freira de Sancta  
Anna, que o vestio gostava de Cadetes da Armada.



- .. Que diz, senhor Heréje ? (lhe retruca  
Um alti-magro, muito explicativo.)
- .. Que diz, senhor Heréje ? Faz escárneo
- .. De Deos? dos seus-mysterios ? dos seus sanctos?
- .. Olhe, que não stá longe a sancta casa,
- .. Onde blasphemias táes se págaõ caro. —
- .. O que vem de joélhos adiante
- .. É o senhor sancto Escóto, o mayór sábio,
- .. Que o Mundo conheceu, desde que é Mundo.
- .. E' o grande Defensor da Conceição,
- .. Contra todo o tropél dos Dominicos.
- .. Elles o sábem bem os *Azeiteiros* :
- .. Que, por não vér passar o seu flagello,
- .. De chélera, as janéllas, que tem vista
- .. Para o Rocío, himpando, lhe fecharaõ.
- .. Désta banda o segundo é sancto André,
- .. Vestido de saéta azul e róxa,
- .. Côres, que trajou sempre nas Missõs
- .. De seu acceso, e longo Apostolado.
- .. Lá traz na maõ, escripto em pergaminho,
- .. O summario do que prégon, ácerca
- .. Da intacta Conceição *in primo instanti*.
- .. Este Padre daqui, da cabelleira
- .. Loura, cóvinhado das bexigas,
- .. Que vai ao pé do Irmão do habito ricco,
- .. É quem fez este andor. — E' muito douto!
- .. Elle é, que deu a idéia disto tudo;
- .. E é que achou as palávras, que escrevera

- .. O Apost'lo sancto André. — Trabalhou muito  
 .. Para as achar, que faltaõ na Escriptura. —  
 .. Mas tanto-esgravatou, que deu com ellas. ..

Eis que um vélho de aspeito venerando,  
 Que lhes ficara ao pé, entre a máis gente,  
 Pósto, nos dous, os ólhos, meneando  
 Tres vezes, a cabeça, descontente,  
 O nariz grosso um pouco arrebitando,  
 Que os dous, de péto, viraõ claramente;  
 C'um saber só de experiencias feito,  
 Sorrio-se, e o mais callou no expérto peito. (1)

† Lá vem o Pallio já. — Ajoelhémós. —  
 † E os frades vem marchando, a osom dos Pifres!!  
 † Está galante!!! E o como marchaõ cértos!!!  
 † Asneiras foraõ frades! — Saõ Francisco,  
 † Se os vira assim marchar; tanto a compasso,

---

(1) Esta Outava de Camoës veio-me aqui  
 (com pouca mudança) tanto a pélo, que não  
 pude conter-me, que a não escarrasse toda in-  
 teira. Além de que, ella é a pintura genuina  
 do Sr. \*\*\*\*\* que por motivos bem sizudos não  
 nomeio; elle se achava à minha ilharga, e via  
 passar a processão, sem dizer palavra; e o  
 gésto, que me fez, ouvindo as explicações *acima-*  
*dittas*, não me esquecerá em quanto eu viva.

(†) Os diferentes signaes † ( ) ( . ) : | ..  
 ..) . \* denotaõ as diferentes pessoas, que fallaõ  
 no entreméz.

† Bordados pluvias bamboleando,  
† Que não escumaria lá no Céu,  
† De vér tornados em galans bonécos  
† Os modélos da róta penitencia. †  
Deu fim este entremez. Vai-se indo a gente;  
Vaõ descendo as visitas. Finda a fésta;  
E tambem finda a carta E' meia noite,  
Saõ horas de dormir; e vou deitar-me. (1)

---

S O N E T T O.

**N**A véspera timbales, e fogueiras,  
No dia de manhan, na Igreja armada,  
Vélas a arder, Mordomos na bancada,  
Vestidos sécios, crespas cabelleiras.  
No chorétto as rebeccas grunhideiras,  
E os musicos começaõ a assuada;  
Sóbe em tanto um Burél a estreita estrada  
A vazar do alto gral sacco de asneiras.  
Férve o namoro, anda alvo lenço em quente,  
Todo o Peralta, e toda a Moça boa  
Pisca seu olho, ou arreganha o dente.  
Escarrinho daqui, dalli resóa  
A trompa do nariz.... E é o Céu conténte  
Deste culto de Deos cá de Lixboa?

---

(1) Opere in longo fas est obrepere somnum.

*Horat. de Art.*

---

---

C A R T A,  
AO MAL. LUIZ DE C.

Nigrorumque memor, dum licet, ignium  
Misce stultitiam consiliis brevem.

*Horat. lib. 4, od. 12.*

---

**P**ÉDES novas em vão, Amigo, em tempos  
Tam escassos de guápas aventuras.  
Estão séccas as fontes das noticias,  
Co' as calmas do politico ciúme.  
Não campa o Stráws com rijas luminarias,  
Nem sinos com repiques repinicão.  
Que a nossa corte pósta na retranca  
Nem quer cazar, nem quer parir, teimosa.  
No ricco Oriente, na Africa guerreira  
Já não peleja o Lusitano brio,  
E as Náos que vão e vem da Europa à India,  
E as Náos que vem e vão da India à Europa,  
Em vez de trazer novas de conquistas,  
E tributos de Reis avassallados,  
Como em tempos de Castro e de Albuquerque,  
Vem preñhes de futuro coscorrinho  
Em proveito de Caldas, e Bandeiras,

E outros chineiros mais de grosso amanho:  
 Do Brazil vem melásso, vem assucar,  
 Vem ouro e diamantes, não vem nóvas;  
 Que as gentes molles déssas térras quentes  
 Não lem (1) R....., R....., V.....;  
 Festas, comédias, musica, namôro (2)  
 O sprito, como os membros lhes derreiaõ,  
 E lhes roubaõ o tempo melhor-dado.  
 A cuidados civiz, ao justo cõbro  
 Da dignidade de homem, tam perdida  
 Tam descuidada de uns, tam preza em outros:  
 Os Mineiros riccassos se ennobreceem  
 De ao Visorei compôr luzida cõrte;  
 Mui contentes que os õlhos, de relance,  
 Quando entra, ou sãhe o Visorei lhes ponha;  
 Ufanos se lhes falla, ou os saõda.  
 Defêzo é virem de estrangeiros climas  
 Relaçõs de Politicas maranhas:  
 Fallar no gabinéte astucioso  
 Da refinada França, é já ferréte  
 De génio espreitador, que agudo sonda  
 Mystérios diplomáticos. — Coitado!... —  
 Que à Junqueira irá ser longo inquietino!  
 Castélla é como nós. — Dos outros Reinos

(1) Alguns, mas poucos.

(2) *Et ce qui s'en suit:*

(Molière, *Précieuses ridicules.*)

Nada se alcança; e o que as gazettas páltraõ,  
É falso, — ou de tal módo o desfiguraõ,  
Que pérde o parecer claro e nativo,  
Com que ao mundo sahio; — como o Evangelho  
Pérde as feições n'um bom sermaõ Capucho.

Pois que fallo em sermaõ, e que ésta murcho  
O ramo das noticias, sermaõ seja  
A nova, que eu te possa dár mais frésca;  
Que em Lixboa (a Deos graças!) só se cuida  
Em Processoës, em Bullas da cruzada,  
Em *Te Deums*, em musicas de estrondo,  
Em Valentins, em Marra, em Lourencinho.

Fui pois ouvir um tal sermaõ vasado  
Do púlpito das Chagas milagrosas.  
Lá stáva o Gabriél, Pregador louro,  
E o pulchro Monsenhor dom Dominguinhos,  
Brazaõ da Patriarchal mais adamada,  
E que eu não minto abonsraõ contéstes.  
Guinchavaõ más Rebeccas no chorétto,  
Fungava o Rebeccaõ, roncavaõ Trompas,  
E no meio da Orchéstra, entabaccado  
Cantava o Fanha (1) um squálido Mottéto.  
Eis sóbe garanhaõ pela escadinha  
Do púlpito o tremendo Padre Mestres  
*Perada*, Lente mór de Thèologia.

---

(1) Musico daquelle tempo, empregado nas festas de menos póрте.

Em quanto elle ajoelha, entuffa o cóllo  
Nas dóbras do Seráphico gargálo,  
E daõ fim do Mottêto as Allelúyas,  
Te encampo o figurãõ do Reverendo,  
O seu alto saber, dástrá inventiva,  
E o que Arte e a Natureza obraraõ nell'e,  
Quando um chapado Pregador moldavaõ.

Este frade ( se bem me lembro agóra )  
É douto Irmaõ d'um lépido Alfayate,  
Que alto móra na rúa de saõ Bento;  
Que Alfayate da sécia é nomeado  
Por quantos bebem da água de Ulysséa.  
Contaõ inda hoje, as vélhas do seu bairro,  
Que em estudos, em térmo, o rapáz ( 1 ) fôra  
Um perfeito exemplar de Frei Gerundio. ( 2 )

---

( 1 ) Assim chamavaõ as vélhas ao M. R. P. M. Perada, quando estudante; e algumas ainda ( sem respeito à sua dignidade ) quando já P. M. Tanto póde nas mulheres, e nos homens o uso, e o vézo.

( 2 ) Aqui se enganou o Author; porque por máis diligencias que fiz nunca achei noticia entre as mulhéres da rua de S. Bento, que alguma déssas vélhas tivesse lido a engenhosa vida do prodigioso Pregador de Campazas. — E' contudo muito provavel que o author combinando os ditos dessas vélhas com os succéssos

De quanto ouvia, e via a seu vizinhos  
 Pedreiros, taverneiros, algibêbes,  
 Tirava appontamentos, que escrevia  
 Com sollicita penna : alto peculio,  
 E mina de carôço, destinada  
 A ser de bons sermoes pingue recheio.  
 Quando via o Irmao, para um capote  
 ( Capote azul com viva cor de rosa,  
 Garrido ferro de arfador Marujo )  
 Talhar sizudo c'os sonoros ferros  
 Tres grandes cabeços, co' a bocca à ilharga,  
 Já gizava dalli os seus tres pontos  
 Para um sermao de arromba, que devia  
 Machucho, acreditar toda a seraphica.  
 Quando via embutir pontudas nêsgas,  
 Pelas dôbras das bifidas cazacas,  
 Logo, em tropel, à tésta lhe acudiaõ  
 Pontudos textos de sizida prova,  
 Com que enviosar da prédica os peneiros. (1)

---

de Frei Gerundio, os achasse tam confôrmes,  
 que por antonomasia, ou qualquer outra figura  
 de rethorica, que aqui venha mais a pélo,  
 o pozésse aqui.

*Nota do Editor.*

(1) Por atrevimento poético tomou o autor  
 aqui os peneiros, com que se refastellavaõ anti-  
 gamente as abas das cazas, pelas abas mesmas.



Em fim, mil outras prendas, que não conto,  
Por não ser mais perluxa a narrativa. —

Ey-lo, que estende as mangas, compoem prégas;  
Derrama um douto olhar pelo auditório;  
E inculca nos affagos do circúlio,  
No remenear a goéla, estar dizendo :  
« Aqui está Salomaõ; aqui quem campa ,  
» E a nata dos sermoes mais puro estréma. »

Benze-se, escárta, e o texto deita aos mares,  
E o cabeçalho do sermaõ empurra.

Que cuidas tu que encaixa por exórdio?  
Rifaõ sedição em trajes de sentença?  
Allusão de Escriptura? Os Alexandres,  
Os Césares, çafadas estallagens  
Das laudatórias do loquaz Macédo?

Palavras sem chorume, e sem sentido,  
Que encadeou com barafundos néxos,  
Um phantasma strambótico, rançoso  
Que em França *Galimatthias* s'appellida;  
De cuja emmaranhada tecidura

---

Alguma figura achou o meu Poéta no seu  
Quintiliano, ou no seu Vieyra, a que se en-  
costou; por quanto eu sempre o conheci mui  
appaixonado de figuras, e sem ellas (dizia)  
que se não podia fallar bem, nem escrever.  
Talvez que tivesse razão para o sentir assim.

*Nota do Editor.*

Te dou contente uma amostrinha guápa :  
Ei-la : — e bem comesinha : « *Santo Antonio*  
» *Deste rotundo globo circumdando*  
» *A sphera orbicular.* » Tudo isto é delle.  
São palavras formáes do seu exordio.  
Não minto : tenho boas testemunhas ;  
De que já te citei duas não-péccas.

Vai se não quando , o Pregador se assóa  
Com estrondo de Lente jubilado,  
Mette o lenço na manga ; e d'outra manga  
Tira outro lenço de subtil cambráya,  
Com que o suor enchuga do Evángelho ;  
E embetesgando-o, com desdem, no bôlso,  
Nós sólta em pézo a gróssa baforada  
Dos tres pontos , mui nóvos , mui do trinque.

Dizer-te os pontos só, dà mais que rizo :  
Dá chólera, e despeito. Que tal soffraõ  
Gentes que tem juizo ; em tal cidade !  
Em tal éra ! um tal Rei (1), um tal Ministro !

Promettia provar que sancto Antonio  
Fóra , quantos no Céo blazonaõ sanctos :  
Por que a algum baptizou fora Baptista ;  
Fóra Estévaõ , Vicente , Sóter , Cayo ,

---

(1) Advirto que éra entam rei D. Jozé primeiro , e secretario de Estado o marquez de Pombal Paé , naõ este de hoje.

Porque fôra à Mourama a ser là Martyr;  
Fôra Inez, fôra Oláya, e Catherina,  
Fôra as onze mil Virgens, porque téve  
A graça de ignorar como foi feito.

Desta boa relé foraõ as próvas  
Deste ponto, e dos outros dous seguintes.

No segundo dizia : « *Que por isso,*  
» *Que todos sanctos junctos éra Antonio,*  
» *Éra Antonio o maior dos sanctos todos.* »  
Disse-o, e provou-o. A próva é d'igual laya.

Onde elle porém máis deitou ufano  
Vélas ao vento no sermaõ de arromba,  
Foi em provar no seu terceiro ponto,  
*Que éra o seu sancto Antonio uma pessoa*  
*Da Trindade sanctissima.* — Oh prodigio  
Da prédica rançosa! — Se tu viras  
Como dentro do gral se espanjava,  
Bracejando vermélho, em gróssas máres  
D'apócrifos milagres, flos-sanctórios,  
E outras lendas de crédito fallido!....  
Oh meu Deos! — Aqui vinha o bom repáro,  
O frizante. — *Oh deixai.* — Vinha o meneio  
Do pescóço, os affágos das preguinhas,  
E puxar o cordaõ juncto das mammas;  
Vinha o dengue da maõ, com garbo abérta,  
Os olhos requebrados, o debruço  
Do peito a meia esguélha, sobre as filhas

De Jórzálém (1), fréguezas da Parróchia...  
 Mas querer-te eu contar os gatimanhos,  
 As franjas predicães, com que broslava  
 O meu bom Pregador o seu discurso,  
 Fóra encher mais papél, que a carta péde;  
 Fóra moêr-te os óssos da pachorra.  
 Assim acabo, com te dar o fêcho,  
 Que épilogo chamou, que eu chamo couce  
 Da longa processão de parvoíces,  
 Que nos desembéstou do catavento  
 Do seu çujo bestundo avêso, e esconço.  
 Citem-me, quanto queiraõ, com a Biblia  
 C'o — *Nil in sole novum*. — Zombo, e rio:  
 Que o meu fradépio deu-nos novidade  
 A pezár de citadas escripturas.  
 Deu-nos do sáculo, onde amaõ bons engenhos  
 Achar conceito novo, ou nova phrase;  
 Onde amava tirar o Ventusino  
 Cousa nóva, não ditta de outra bocca (1);  
 Mas deu o Frade o avesso á novidade  
 ( Que achou estérco, onde outros achão pérlas )

---

(1) Assim o diz o Povo em lugar de Jerusalem, como Joaõ de Barros, e outros dizem *esnoga* em vez de *synagoga*.

(1) Dicam insigne novum indictum ore alio.  
*Herat. Lib. 3, od. 25.*

Deu nova asneira, em todo o ponto nóva:

« E como tenho ( são palavras suas  
Fielmente retidas na memoria )  
» Um tam douto auditorio, e tam conspicuo ,  
» Quéro acabar com um conceito novo ,  
» Que atégora não veyo à douta mente  
» De Prégador algum. — Fez Deos a graça  
» Ao nosso thaumaturgo sancto Antonio ,  
» De lho reproduzir nos céos á lárgea  
» Em tantos sant'-Antonios gloriosos ,  
» Quantos sant'-Antoninhos cá na térra  
» Em évano, em marfim, em pédra, em barro,  
» Em estampas, paineis, em bordaduras  
» A grata devoção parisse ao mundo.  
» Que graça! que favor! que maravilha!  
» Nunca ontorgada ao mais pintado sancto!  
Exclamava o meu Padre, farfalhudo.

E exclamo-te eu tambem : ( ) Manda-zoar-me,  
( ) Manda-me esses perluxos, que me néguem  
( ) Poder-se inda forjar asneiras nóvas; ( ) ( 1 )  
Que eu bem sei onde tenho de manda-los : —  
Mando-os lógo aos sermoes de frei Perada.  
Quando o meu Padre levantou a lébre

---

(1) Croire tout découvert c'est une erreur  
(profonde ,  
C'est prendre l'horison pour les bornes du  
(monde.

Deste conceitarrax estou seguro ,  
Que deu pulos na célula, de contente.  
Pouco faltou, que não corresse em fraldá  
Pelos largos contornos de Xabregas ,  
Qual o grande philosopho de Samos ,  
( ) *Inveni* ( ) *Inveni* ( ) quando deu co' a méstra  
Demonstração da quadra Hypotenusa.

---

## O D E,

Em 23 de dezembro de 1800 dia dos meus annos.

Non, le bonheur des plus grands rois .  
A mon sort n'est point comparable ,  
Quand je vois briller à-la-fois  
Le vin, et mon Iris à table.

---

**E**SCAPEI, escapei; (1) mas não sem custo  
Do meus sessenta e seis; e bem disposto  
Encéto ainda outro anno, c'os auspicios  
De melhorada sorte.

---

(1) Uma velha, das muitas que em Paris  
abriraõ logea de Cartomancia, me annunciou

Apezar de defluxos enfadonhos ;  
Darei passagem franca à vóz, ao canto  
( Canto de velho ) e temperando a Lyra,  
Celebrarei meus annos.

Madama Alix, Marfisa c'o bom Monge  
Empinarão risonhos ao Poéta,  
Revezadas saúdes, que dão brilho,  
Dão alma alegre aos olhos.

Com gosto entoarão os sons festivos  
As constantes Irmans, em quanto o Esposo  
C'os ólhos em Nenilly, (1) traça projectos  
De vaccas, e coelhos :

E coçando a grisalha do toutiço  
Cerrando os beiços, e o nariz franzindo,  
A *Polar da*, as Eirózes nos promette,  
Com mólho à *la Tartara*.

Mas vós não vedes uma branca nuvem,  
Que a mim direita vem ? Não sentis cheiro  
Sobre humano ? e uma musica donosa  
Que em torno de nós sôa ?

---

que a minha sina me prognosticava grandes  
desastres para o anno 66 de minha idade ;  
e que se eu delles escapasse, bem me podia  
pendurar de cera.

(1) Há nesta Ode allusões, que explica-las  
mui longo fóra.

Eu creio ver este ar todo povoado  
De angelicos meninos, sacudindo,  
Das azas de ouro e azul, nítido orvalho  
De jubilo, incessante?

Eis que a Amizade, que dos Céos bem rara  
A' terra desce, e que só peitos lisos,  
Sacrarior de virtudes, quér por throno,  
Se nos descobre à vista.

Que a nuvem, que a cubria, pouco a pouco  
Se nos foi ante es olhos dissipando:  
Como ao nascer da aurora, a turva sombra  
Se descóse, e esvaéce.

Já deleitosas flammias desparzindo  
Nos cópos trasbordantes de almo Baccho,  
Cobre a mesa de Lyrios, e de rozas,  
Colhidas com mão lãrga.

Abre depois o próvido regaço,  
E as frentes nos corôa com grinaldas  
Sempre frescas, gentis, sempre cheirosas,  
Symbolos de tal Nume.

« Sereis felizes ( diz ) em quanto os laços  
» Sagrados não quebrardes, com que agora  
» Os coraçóes vos cinjo, em grato applauso  
» Dos annos de Filinto. »



---

---

Londres , 29 de gbro de 1791.

## EPISTOLA

Ao Mto. Revdo. Snr. Fr. JOZÉ  
DO CARMÉLO.

---

**E**M quanto punes pelos sacros fóros  
Da lésa humanidade , e te malquistas ,  
Famoso Pregador , co' essés esteyos  
Da nutante-assombrada Tyrannia ,  
Indignado Salicio estes lançava  
Rápidos rasgos de aquocida veyá  
No borrador iaculto , que te envia.

Deixa , oh Ministro ignaro ; deixa livre  
Ao pensamento , á pluma o stadio abérto ,  
Onde desfira a rapidez , a força  
Das sublimes lembranças arrojadas.  
Se lhe encólhes o voo ; a força atálhas ,  
Mâis riço , mâis violento rompe os ferros ,  
Mâis irado dispara trovejando.

Não ; vil algóz da candida Verdade ,  
 Não foi dado téqui ao Despotismo  
 Algemar o alvedrio , que sobrano  
 Dentro de seu sacrario zomba , e môfa  
 De satellites vis , de escrãvas ordena .  
 Se lhe enérvã a lingua , a mão lhe prendes ,  
 Em quanto habita o chaõ , que tórvo opprimes ,  
 Vé como solta es laços feiticeiros  
 Da suspirada Patria , e vai ao longe  
 Beber , nos ares livres , largo alento .

Debalde entam poréas as fronteiras  
 De esfaimados malsins , pouzas vexamos ,  
 Na Cidade , na Aldeia , nos caminhos ,  
 Levantas tribunães devassadores .  
 Da palávra , attributo innato de homem .  
 Como se a livre voz , que nos é dada  
 Pará entreter commercio de alma e alma ;  
 Navegando nas azas do ar corrente ,  
 Da plena bocca aos ávidos ouvidos ,  
 Fóra campéche , ou sórdido tabáco ,  
 Mercancia de cáuto contrabando .

Em vão profanas o sagrado sello  
 Das Cartas , que reclamaõ violadas .  
 O publico foral , publico asylo .  
 A verdade ( que engrossa n' outro elima . )  
 Estendendo seus rayos luminosos ,  
 Vem chegando , e ja batte nas muneilhas .

Nas masmorras — que tremem c'os pavores,  
C'os vayvens do Futuro escurécido.

Estas piedosas terras, que rodeias  
Com triple cinto de venaes espias,  
Tem de ser (e quanto antes!) libertadas  
Do jugo vil da tábida Ignorancia.

A longa experiencia, que prevista  
No ante-mural dos séculos se encosta,  
Nos aponta o pharol, que a Natureza  
Ergueu para guiança á Ventura:  
Nem podem (que não valem seus poderes)  
Tolher-nos os Tyrannos, os lazeiros,  
Que as sombras dos enganos licos des-tacem:  
Como quando, arrastando nos cabeços  
Das mais altas montanhas, a luz geyta  
O Sol os véos da Noite denegriou,  
E mette o dia pelo largo mundo.

N'um mar de erros fluctua o nosso engenho,  
Em quanto aos olhos fumentados Bónos  
Da opiniaõ as vendas nos apertão.  
Mas um deizajo, que de ser fábulo  
No centro da alma bõta, e sempre creve,  
Rodando por montões de altos embustes,  
De despenho em despenho, dá de acerto  
Por fim, com a verezã da Verdade.  
Entam, nãa sorte que os cerrados cêrcos;

Que astucia vil lhe oppoem, sobre-pujando ;  
Atropellando obstáculos absurdos,  
Derribará as áras da Mentira ,  
Inda tinctas do sangue da Innocenciã.

Se , dos golpes dos Déspotas azéda ,  
A Natureza erguesse o véo antigo ,  
Que cõbre tantos crimes , tanto engano ,  
Que inferno de attentados , commettidos  
Contra a singéla fé da liberdade,  
Patente fóra aos olhos té-qui cegos  
C'o lenço , que a superstição-lhes panha !

Sempre o Philosopho , a travez do manto  
Sagrado, que lançara em todo o tempo  
O Tyranno por cima das cruezas ,  
Vio luzir o punhal acicalado ,  
Os fachoõ , as dolósas labaredas ,  
Que queimaõ da Verdade as sacras folhas :  
Ouvio pizar as hérvas venenosas ,  
As cicutas dos Socrates modernos ;  
E passando enojado a mão affouta  
Na préga da vedada cobertura ,  
Põde o tronco empunhar envenenado  
Da arvore , que alimenta os ruins fructos.

Jã subida em seu lucido oriente ,  
As flammigeras ondas a Verdade  
Derramando no Pólo , aclára o mundo ,

Rompe a tréva ferrenha , raya luzes  
 Nos juizos ; que os Erros emboitaraõ :  
 Todos os dias cresce , e vem correndo  
 A tomar pãsto na central-esphera.  
 Tal vem Phebo , nos ultimos Dezembrõs ,  
 Subindo ao frio Aquario , e medrar bucha :  
 Na zõna mais amena , até que vingue  
 Ao cume do Zenith , e espalhe a frõza ,  
 Limpa de nuvens , a dourada coma .

Faquires , Talapoës , Bonzos , Dervizes ;  
 Temei , aréstas vis do Despotismo :  
 Canalha multi-fórme hoje temida ,  
 Mas pizada amanhã , e destruida .  
 Temei o nobre esforço da Virtude ,  
 Das curvadas té-qui Lettras , Talentos .  
 Temei , oh Charlataes supersticiosos ,  
 As sétas da sciencia penetrantes ,  
 Bem dirigidas por sagaz despeito ,  
 Quães já soaõ na fórja , e já se aguçãõ  
 Na moral Philósophica Officina .  
 Já se atezãõ os arcos recurvados ,  
 Que poem a mira no damnado peito  
 Da devõta Calumnia , e sancto Orgulho .

Naõ ouviz a stridente e reforçada  
 Trombeta da Razaõ , que perto sóa ?  
 Que abalados os montes , e as floréstas  
 Já retumbaõ , já trémem , já pregoaõ

A sentença toras, que vinga o insulto  
 Contra as livres ideias commettido ?  
 Consumir ameaças ao vivo ingente  
 Toda a turba de Edictos vedadores,  
 Deixando apenas a mordaz lembrança  
 Para labéo dos Reis — Reis que os passastes,  
 Cuidaveis que eréis Reis, e escravos eréis  
 Dos Bonzos, por quem stultos peregrinastes  
 Os mais puros, os mais fieis vassallos,  
 Os sequazes da lúcida Verdade,  
 Inguata ao falso zelo, ao fanatismo,  
 A' Lucrosa Ignorancia — Já lá assoma,  
 Montando Augusta um carro de ouro puro  
 A sublime Buzão, acompanhada  
 De séveros Ministros, que ante os filhos  
 Da celeste Rainha irad julgando  
 Estólidos vedugos, que esprezavam  
 Toda a crua officina dos tormentos  
 Nos membros da Verdade, e pertenciam  
 Privar de mais cabal de seus direitos  
 O Homem, que nasceu para ser livre,  
 Livre em suas ações, em seus conceitos,  
 E livre em largamente derrama-dos,  
 Quando a social Ventura não empicem.

Mórta o tempo Inoportor, que os sem astute  
 Do Author profuso e-guilhoar a pluma,  
 Que esclarecem dos homens os juizes,  
 As hypócritas guérras, e segredo.

Morre quem alvitrou ir persuadido  
 Assim os parvos Reis com feyo engano.  
 Falla assim a Razaõ. Mas diz o Erro:

- » Quem disse aos Reis que os Bonzos embruteceñ
- » Os Póvos para haver delles riquezas
- » Com que adquiraaõ poderes , e regãos
- » É impio , e blasfemou das Escripturas :
- » Quem dos Póvos defende os saõs direitos ,
- » Ou quer embrandecer o sceptro de aço ,
- » Protector da Ignorancia , e Tyrannia ,
- » É mais que Barrabãs , é ruivo Judas ».

Sábios, mostrai-lhe aos õlhos enganados  
 O escuro horror , o detestando Crime  
 Dessa alma apodrecida na maldade.

América feliz ! Naçaõ briosa

Que rompestes os grilhoes do captiveiro !  
 Tu os fochos viste , viste as labaredas ,  
 Que os livres pensamentos , que os da pluma  
 Rasgos mais nobres , linhas mais valentes  
 Com soffrega violencia consumiaõ.  
 O sancto lume da commun Ventura  
 Vos rutilou na mente : « Erguei ( vos disse )  
 » Nestas plácidas terras avisadas ,  
 » O pendaõ da celeste Tolerancia :  
 » Vêde , quaes vos daqui mostro patentes ,  
 » Que horrendos saõ os penetrães occultos  
 » Da sagrada Vingança enraivecida ,  
 » Que aflõga , e queima a prõvida Verdade ;

- » Mal que ella (em damno seu) no Orbe apparece.
- » Que tristes ! que piedosas são as térras
- » Em que ella o tórvo seu império exerce !
- » Vê seus Póvos mesquinhos , desprezados
- » Faltos da luz do Sól da Liberdade ;
- » Da Mãe das Artes , do Saber sublime.
- » Como arrastraõ nos brejos da Ignorancia
- » Duas tam gróssas , tam brutaes cadeias ;
- » Que atou Superstiçaõ , e Despotismo !
- » Esse estandarte que arvoræes prudentes ,
- » Tecido por Francklin com maõ divina ,
- » Será phanal , que avise dos baixios ,
- » Em que tantas Provincias naufragaraõ.
- » Seja brazaõ , que honrando a humanidade,
- » Desperte invejas , afervóre as gentes
- » ( Té-qui cégas , e frouxas ) a imitar-vos ».

Oh ditosos ! oh bons Americanos ,  
Porque o tam venturoso exemplo vósso ,  
As protectoras ázas despregando ,  
Naõ visita , e empenhado naõ consola ;  
Com seu vôo , os impérios desastrosos ,  
As miserandas gentes opprimidas  
Da fradesca relé tyranna , e nescia !

! Oh França illustre , das Naçoés Rainha ,  
Tu saçudiste o vergonhoso encargo ,  
Que à imprensa abafava o claro grito :  
Tu a remiste , ella hoje te liberta.



Indocil re-mordias duro freio ,  
 E o Despeito aldavadas já mui-rijas  
 Dáa às portas do Brio esperguiçado ,  
 Quando as armas , que em torno de teus muros ,  
 Começã a luzir , e os ameaços  
 Da escravidão mais dura , e mais estreita  
 Erguem na alma as lembranças desabridas  
 De extorções , de tributos , de masmorras  
 Abertas para os bons , para os zelosos  
 Do bem da Pátria , os Escriutores claros ,  
 Descubriões de verdades uteis ,  
 Victimias de sagrados impostores ,  
 De inertes Cortezaões , de in-castas Damas :  
 Nos magnanimos peitos ferve , e estoura  
 Ancia briosa de metter os hombros  
 A' Conquista da clara Liberdade.  
 Escravos hontem , são Romanos hoje !  
 Cerraõ c'os muros , co'as horrendas portas  
 Da armada Tyrannia ; — Aq despeitozo  
 Vayvem de anciana vinganças assestadas ,  
 Ródaõ por terra allaidos baluartes ,  
 Descobre-se a hedionda bruta face  
 Do maléfico irado Despotismo.  
 Sôa no aureo sallaõ do luxo impuro  
 O estrondo das masmorras arrasadas ;  
 E o voraz Monstro , do covil sahindo  
 Torpe do negro sangue mal-coalhado  
 Das victimias , Serpente enorme e squalida ,  
 Torcendo , e detorcendo a longa cauda ,

Vai rojando o squabeo largo ventar,  
E, olhando para tras, silva zaiuda.

Des Despotas, nos patcos assustados,  
Clama vinganças, e impetentes iras.  
Eis logo os braçes, que usava o Orgulho,  
Para desbarregar pesada açoute,  
Co'a triste nôva desmayados câhem,  
Tam dêbeis, quanto auroza corajosos  
C'o esteyo dos canhoes, e bayonetas.  
De encolhidos, a'o susto, não são vistos:  
Que se vão pouco a pouco desfuzendo  
Aquellas pélas de vaidoso vento. —  
Eis que arrancao a rápida fugida,  
E o som da Liberdade, que os atrôa,  
Métte espôras no bojo dos cavalios.

Pova feliz, que resgataste os fóros  
Da Liberdade, a tantos des-vestida!  
Só vós sois homens. Sim, que os mais quâtes  
Enfreados por mães de Despôtismo, (brutos)  
De ócca Superficiao, de Euredo eêgo,  
De tantas leis dolosas, e oppressivas,  
Sentem nas curvas, fatigadas oetas  
Do açoute despizado em vergoas rúcos,  
Por mãos imperiosas sacudido,  
Se bôto o engenho, com vendados olhos  
Não vão calçando a re-trilhada senda,  
Que lhes traçoa, profundo, a Astucia altiva.

Ay dô escravo infeliz , se dos açoutes  
Se dôe , desprêga a voz , ou rasga a venda !  
Apertão-flhe os grilhões , em calabouços  
Lhe agravao mór tormento , e là na praça  
Lhe estaõ tecendo undi - flammis fogueiras —  
Estremeço do horror ! bravejo de ira !

Quem forjará na nossa Elysia ) oh Patria ,  
Oh Patria , que soubeste ambos os jugos  
Sacudir , do Hespanhol , do Mouro , e dar-te  
Claro nome ! ) quem forjará os rayos  
De livre idea , que de Deos vem livre ,  
E livre a Deos , de si , razaõ só deve ,  
Rayos , que assustem pállidos Tyrannos ?

De vós nos venha , oh Povo generoso ,  
Que em vós achou asylo , em vós impéra  
A Verdade , a Razaõ , a Estima , o Brio ,  
Avexados no mundo , e foragidos.  
De vós nos venha o rúbido ferréte ,  
Que assinala de hypocritas a fronte ,  
Lançados , por miserrimo ludibrio ,  
A's pragas , aos baldões tam merecidos.

de V. Reverencia

amigo , e muito venerador criado

Ignacio de Sequeira Mascareles.

---

## DENUNCIA.

Venit summa dies et ineluctabile tempus.

*Virgil. Æneid. lib. 2.*

---

**A** PAGADAS com crenças, com chyméras  
As luzes da Razaõ, que a Natureza  
Cauta nos accenden no intimo da alma ;  
Veio Superstiçaõ pôr em destroço  
Os dompreciosos, que os mortaes gozavaõ :  
A' sublime moral simples, e pura  
Sobrepoz' devoçoẽs, miúdas rézas,  
Romarias, alampadas, verónicas,  
Ritos risiveis, sumptuosos nádas,  
Baldáõ, e escarne de homens sabedores,  
Baldáõ de Protestantes ; que tomando  
O Evangelho por nórtte, o acharaõ mudo  
Em Rosarios, Bentinhos, e Irmãdades,  
Penitentes de açoute, andôres, bullas ;  
Obra de frades, como é nóto ao Mundo !  
Se os Reis tivessem tino, houvéraõ rôto  
Em todas as tyrannicas clausuras  
Seus vótos imprudentes, ou matreiros ;  
E dado à Pátria Cidadoes — baldados  
Em rezas vans, ridiculos tregeitos.

Os Reis tem toda a culpa ; que accolherão ,  
Em seus Reinos , ruíns abelharucos  
Que o mel da sociedade Colmeia cõmem ,  
Naõ lidando no Bem , mas na Maldade ;  
Accurvando a cerviz do ignaro Povo ,  
E inda a cerviz dos Reis ao duro jugo  
Dos Dèspotas de Roma , e seus meirinhos ,  
Frades de toda a cõr , de todo o lóte .

Que tinhaõ que dever os Reis , c'os Papas ?  
Que bem lhes vinha à Christandade , aos Reinos ,  
De virem Cardeães , virem Legados  
Sorver thesouros , com que Roma engõrde ,  
Por dispensas , annãtas ; indulgencias ?  
Quebrar da sociedade íntimos laços ,  
Erguer Inquições , pôrem mordaças ,  
Dar tratos , confiscar , armar fogueiras  
A quem lhes conheceu o vicio , a astucia ,  
E póde descubri-lo ao Povo simples ? ( \* )

---

(\*) L'abbé Brizard , Massacre de la St.-Barthelémi , vol. 2 , pag. 189.

Depuis la renaissance des lettres , et sur-tout depuis la mort de Léon X , qui comme Pape avait été assez impolitique pour les favoriser , ses successeurs avaient senti le besoin du Tribunal de l'Inquisition pour arrêter le progrès des lumières ; aussi avaient-ils donné une nouvelle activité en Italie , et cherché à l'étendre dans

Dos homens de valor , e de alto senso  
 Escravos , comperasão , delatores ;  
 Ignorante reth , que arrastra o peso  
 Dos grilhões , que lhe atou algos fradesco.

Vós Reis tendes a culpa , que estes lobos  
 Não espancões de meio das ovelhas ;  
 Vós que o sabeis de infanda experiencia  
 De tanto Rei apunhalado , ou morto  
 Com veneno subtil , traidoramente ,  
 Por mãos sagradas dado , em sacro rito ;  
 Quam pouco vossas c'roas resguardarão  
 Esses facinorosos , quantos crimes  
 A mui cruel sacerdotal vingança  
 Designa commetter , se lhes dáes tempo ,  
 E não lhes preparaes tam justo estrago ,  
 Que , para commum mal , nunca re-nasçã.

*Anonymo.*

tous les Royaumes de leur dépendance. Ce Tri-  
 bunal était sur-tout érigé contre les hommes  
 éclairés, les gens de lettres, tous ceux qui avaient  
 peine à soumettre leur raison aux réveries des  
 Moines, et leur liberté au despotisme de Rome ;  
 et à mesure que l'univers faisait des efforts pour  
 se débarrasser des langues de l'ignorance et de la  
 superstition, ce Tribunal redoublait de vigilance  
 pour éteindre les lumières et dégrader la rai-  
 son.

---

## O D E. \*

Extremum , Arcthusa , mihi concede laborem ;  
Pauca meo Gallo. . . . .  
Carmina sunt dicenda : neget quis carmina Gallo ?

*Virg. Eclog. X.*

Concede , oh Musa este ultimo trabalho ,  
Que a Gratidão te pede.  
Ao *difficil* Tiburcio poucos versos ,  
Só de nova arte agradao :  
Mas quem pode a Tiburcio negar versos ,

---

\* Esta ode títua riscado o titulo da pessoa a quem foi dedicada. Eu sei que o Author foi infeliz , dedicando algumas das suas obras a ingratos que as desmereciao ; e esta foi uma das odes mal-empregadas. O Author que a riscou , soube , mas tarde , que fizera versos a um néscio porque só néscios podem ser insensaveis a obsequios de tal valia. Toutes les fois qu'un homme de le tres bon un Ministre ou un Prince , il conserve le droit d'effacer ses éloges , s'ils cessent de les mériter. — Volt.

*Nota do Editor.*

Que o coração inspira !  
Canta este dia, (1) fausto à Liberdade ;  
E às cívicas coroas (2) ;  
Fausto dia , em que incolume Filinto  
Se desprendeu das garras  
Do hórrido truculento Fanatismo.  
Eu vi o infando Monstro  
Sopezado nas azas sanguinosas ,  
Amedrontando torvo  
Da enfiada Elysia as cúpulas soberbas ,  
Rebanhar a seu lado  
Com penetrantes, assanhados sylvos ,  
O negro bando infame  
Dos satellites seus , (3) com voz pezada

---

(1) Anniversario de 4 julho de 1778.

(2) Que só se davaõ em Roma aos que salvavaõ a vida aos cidadãos.

(3) Sans les lois tyranniques ... et le glaive du Despotisme, comment des Prêtres intolérans et fanatiques forceraient-ils tout un peuple de se soumettre à des déguës, à des pratiques qui blessent la raison et revoltent l'humanité? Mais le Despote ordonne, menace ... et soutient l'autel et la chaire par des échafauds et des bûchers. La liguë de ces deux monstres impies a souillé de crimes toutes les pages de l'histoire

*Nota do Editor.*



Designar a masmorra:  
Os fuzis dos grilhões já os ouvia  
Rugirem arrastados ,  
Ranger equuleos , e os ministros duros  
Entrançar os cordéis. . . .  
Já lá se ergue a despótica fogueira (1)  
Que convence a Innocencia  
Com cem linguas de fogo abrazadoras....  
Quam falsas , quam diversas  
Das linguas, que um Deos justo, um Deos piedoso  
Mandava (2) aos varões brandos ;

---

(1) En même tems s'éleva un tribunal de sang chargé de faire les recherches les plus rigoureuses , ayant pour loi de regarder le soupçon comme crime , et traîner des malheureux au bûcher sur la déposition du plus vil délateur. C'est à cette occasion que se forma cette Inquisition que la France , qui la vit naître dans son sein , a rejetée avec horreur ; mais qui , révérée en Italie et en Espagne , y a exercé long-tems les plus grandes fureurs , sous la bannière d'un Dieu de clémence.

*Tableau de l'Histoire moderne.*

(2) No Cenáculo , aos Apostolos no dia de Pentecostes.

Que com vozes de mansidão veneraõ  
—O relictante mundo!  
Eu te vejo... Eu te vejo, oh Deus clemente,  
Entre rangidas navens  
De azul e branco, recortadas de ouro,  
Sentado magestoso,  
Arvorar o signal da Piedade,  
O redempçõr Madsiro.  
Da tua doce falla estes me souõ  
Naviosos quixotes:  
» E pôde quem Ministro meu (1) se chama  
» Armar-se co' as seguras  
» Da séva tyrannia? (2) Assim se imita

---

(1) *Heu prima scelerum causã mortaliõs agris  
Naturam necõis Deum*

*Sil. Ital. lib. 4. vers 794.*

(2) Estas palavras são dignas de Jesus-Christo, que com os exemplos de toda a sua vida, proveu que a mansidão e a charidade são o character do Christo. Que a Religião deve ser livre, como o são todos os actos da vontade. Se a fé pôde tudo em nós, que necessidade há de armar de lanças, e espadas os Ministros da Religião? *As armas sim ferem e mattaõ; mas não mudaõ, nem obrigaõ os animos: as fogueiras pôdem queimar os corpos, mas não persuadem.* A Religião christan é mansa e humilde, como

» Um Deus, que deu o sangue  
» Por dar das culpas o resgate aos servos? »

Subito accena affavel

A' serena Amizade, que do seyo

Eterno à luz sahira,

E que a seus pés, no throno, tem assento,

Vá salvar de Fútilto

Os não-culpados, sempre-ingénitos dias;

E a Compaixão ordena

Que dos últimos seus tentos disvele.

Eu vi, Tibarcio, a Deosa

Pelos liquidos ares vir descendo,

Guiar a mim o vôo,

---

o seu Author; e os Ministros della querem ser  
Déspotas soberbos, cruéis, e vingativos. São ab-  
surdos e impios os que imaginaõ tam fraco o Deus  
supremo, que não pôde suster a Religiaõ,  
se elles lhe não acódem com o braço do  
carrasco. Deshonraõ a Religiaõ os que assim  
pertendem defende-la. Prêguem, não prendaõ.  
Brilhem com o ouro do bom exemplo, não  
com o ouro do Fisco. Persuadaõ, não mattem.  
Porque, quando clamarem. — *Viva a Religiaõ* —  
Se não sub-entenda ( com discredito seu, e  
della. ) — *Reine o Interesse.* —

*Nota do Editor:*

Alvas e roxas desfraldando ao vento  
As infunadas roupas....  
Que brandura no gesto lhe vertia!  
Que doces, meigas fallas!  
Que cuidado benigno a des-socéga  
A' vista de affligidos!  
Eu não sei... Ou me engana a vista absorta  
Em tantos resplandores,  
Que das abertas nuvens vem aos olhos;  
Mas vi em seu semblante  
Tuas nobres feições, tua brandura  
~~No gesto meigo.~~

AGOSTINHO SOARES  
DE VILHENA E SYLVA.

---

---

## O D E.

Quippe ita formido mortaleis continet omneis  
Quod multa in terris fieri cœloque tuentur,  
Quorum operum causas nulla ratione videre  
Possunt, ac fieri divino numine rentur.

*Lucret.*

---

**C**OSTUMADOS a vér descer dos áres  
Granizo, raios, séccas, e diluvios,  
A um morador d'além dos áres déraõ

Do Universo o dominio

Os homens, (1) e óra ao sól, óra à chiméras  
Nascidas na ócca idéia de embusteiros  
Levantaráõ altares, em que noyos  
Verteraõ leite, e fructos. (2)

---

(1) Fallo dos adoradores de falsas Divindades.

(2) Nulla res efficacius multitudinem regit  
quam superstitio. *Quint. Curt. lib. 4.*

Medrou c'ò médo o Engáno, e a Barbaria  
Tingiraõ , ante o Deos ignoto, os impios  
Cutélos nas gargantas innocentes

De pallidas Donzellas : (1)  
Os dons da Natureza deamentindo,  
Bessidos Bonzes, dos mortaes a dita  
A' sugiraõ, de victimas, a crénça:

Astutes-a attribuem.

Nem saõ, se tréme a Terrá , ou Volcaõ rompe ,  
Séccaõ seáras, ou se alagaõ campos ,  
Crises deste Orbe , mas ultrices penas

Do desacato aos Numes.

Insulto atroz commette o que investiga  
Physico arcano, causa dos successos:  
Querer ser como Deos sabio e previsto

Contra embustes de Bonzos.

« Póvos são ignorantes e submissos »  
( Vos clama a fé , vos clama o sacerdocio )  
« Dai-nos honras, dai vidas, e fazendas  
» Dar-vos-hemos valla ,

---

(1) *Tantum Religio potest sceleris malorum.*  
*Lucret. li. 2.*

» Co'as Divindades , que nos céos tratamos ;  
» Que nos daõ o poder , que os bons adita ;  
» Nos daõ o aqonte , que no ousado vinga  
» Mal-curioso Engenho. » (1)

Que crimes se pouparaõ ! Que Hyerophantas  
No Nada se sumiraõ , se alcançassem  
Os mortáes , que da térra se levanta  
O Rayo , que os assusta ! (2)

DO MESMO AUTHOR.

---

(1) Nè encor ti scuoti onnipotenza ultrice ?  
Ed oziosa ancor ti resti e dormi ?  
Ed ancor l'ira tua sterminatrice  
Lascia impunite le bestemmie enormi  
Che di religion tentan con velo  
Associare ai gran delitti il cielo ?  
(2) Timor fecit esse Deos.

---

Como achei , entre os papeis , que um amigo  
me remetteu , o anno passado , de Lisboa , ou-  
tros Poemas do lote da Epistola , quiz junta-los  
a ella ; que dado sejaõ de Authores differentes ,  
trataõ todavia parecido assumpto.

O Editor Joaõ Charlos ROBINOT.

F I M.

T III





